

fielmente fiz aqui registrar com o theor da propria a que me reporto, em poder da parte. Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1831. E eu, Joaquim José de Castro, a subscrevi e assignei.— *Joaquim José de Castro.*

Requerimento para Vistoria —1736

Domingos Rodrigues Tavora, escrivão da Correição e ouvidoria geral desta cidade do Rio de Janeiro, por Sua Magestade, que Deos guarde, etc.: Certifico que em meu poder e cartorio se achão uns autos de vistoria, que requereo o syndico geral desta provincia da Conceição dos Capuchos desta cidade, dos quaes autos o seu theor é o seguinte:

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1736 annos, aos 16 do mez de Maio do dito anno, nesta cidade do Rio de Janeiro empousadas de mim escrivão, me foi apresentada a petição adiante junta, a qual tomei e autoei de que ao diante se segue e de que fiz este termo; que eu Domingos Rodrigues Tavora, escrivão, o escrevi.

Diz o syndico geral desta provincia da Conceição dos Capuchos do Rio de Janeiro, que o padre Fr. Manoel de Santo Antonio, Esmoller de Jerusalém, está na rua de Nossa Senhora da Ajuda levantando umas casas de sobrado de pedra e cal, e até o presente *esticerão embargadas*, por ordem do Sr. governador Gomes Freire de Andrada, por se dizer era hospicio, ainda que o dito Fr. Manoel dizia serem sómente as ditas casas para recolher Esmoleres de Jerusalém; as ditas casas não têm forma alguma de armazem, tanto por fóra como por dentro, mostram serem hospicio, e principio de convento, por terem frontespicio, com porta magnifica, e sobre ella as armas de Jerusalém, e nas ilhar-gas *oculos abertos*, em correspondencia por cima da porta do sobrado com janellas a modo de côro de convento, por dentro em forma de dormitorio, cellas, e refeitório, cozinha, com outras officinas, proximas do hospicio ou convento; finalmente, com duas grandes cercas fechadas com muros altos e fortes, o que tudo tem custado mais de mil cruzados. Junto do muro fez o dito Fr. Manoel duas moradas de casas, que administra, de que cobra o rendimento, e não é crível fazer-se senão para hospicio, ou convento, porque para recolher as esmollas mais volumosas, que são caixas de assucar, qualquer casa de pouco custo bastaria, quanto mais que áquella paragem se não podem levar, por ser apartado da praia, effeitos alguns, sem grande detrimento e despeza, sendo toda desnecessaria, porque nos trapiches desta cidade se costumão recolher as esmollas de Jerusalem; e além disso, tendo o convento de Santo Antonio armazem d'onde se pôde recolher as ditas esmollas de Jerusalem; e porque todo o referido é feito contra as ordens d'El-Rei, ordens do padre geral, e contra a regra do padre S. Francisco, que o Vmc. lbe faça vistoria na dita obra, declarando-se nulla a

forma das ditas obras exteriores e interiormente, e que da dita vistoria lbe mande passar certidão, pelas vias que pedir. Pede a Vmc. lbe faça mercê fazer a dita vistoria, como pede, e receberá mercê. — Ponhão promptos os juizes e escrivães dos officios de carpinteiro e pedreiro, para se fazer com elles a vistoria requerida, segunda-feira á tarde. Rio, 14 de Janeiro de 1736.

Vistoria

Acto de vistoria que manda fazer o medidor geral Agostinho Pacheco Telles, a requerimento do syndico geral desta provincia da Conceição. — Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1736, aos 16 dias do mez de Janeiro do dito anno, nesta cidade do Rio de Janeiro, e sitio que vai de Nossa Senhora da Ajuda, para o de Nossa Senhora do Desterro, onde se estão concluindo umas casas, que mandou fazer o padre Fr. Manoel de Santo Antonio, vice-commissario da Terra Santa, onde foi vindo o ouvidor o Dr. Agostinho Pacheco Telles, commigo escrivão, e ahi mandou vir á sua presença Manoel de Dias Pereira, juiz do officio de carpinteiro, e o seu escrivão Manoel Ribeiro da Silva, e José Diniz Roza, juiz do officio de pedreiro, e o seu escrivão Domingos de Oliveira, aos quaes todos deu juramento dos Santos Evangelhos sob cargo do qual lhes encarregou que vendo as ditas casas, declarassem a sua formalidade, e a architectura, e os commodos que tinham, e o tempo que mostravão *serem principiadas*, e o estado em que se achavão, e se tinham excedido a área em que forão principiadas, e se tinham forma de hospicio ou convento; se tinham capacidade para se recolher nellas caixas de assucar; se tinham algumas cercas, com casas de aluguel, e declarassem tudo que achassem, bem e na verdade, e recebido delles o dito juramento de que dou fé assim o prometterão fazer, — vendo e examinando as ditas casas — acharão que estas têm sua frontaria para a rua chamada da Ajuda, com uma porta de 7 palmos de largo, e 14 de alto, de pedra da terra; e em cima 3 janellas, com hobreiras de páu, e grades do mesmo páu; e uma sobre a porta, e outra de cada lado, e por baixo destas dos lados tem 2 oculos de palmo e meio de vão, que servem para dar luz á escada, que fica dentro, e de frente da dita porta.

No andar de baixo segue um corredor com 4 casinhas ao lado esquerdo, 3 para o direito, d'onde fica uma casinha livre para a entrada e subida para cima e as outras 3 do mesmo lado direito, se mostra a primeira ser a despensa, e a segunda refeitório, e a terceira cozinha. As 4 do lado esquerdo poderão servir para recolhimento de escravos e de esmolas, e outras cousas que nellas se quizerem metter. Umas e outras estão com suas portas fechadas, e têm as ditas casas seu sobrado, que

se anda preparando para soalhar, já tendo o vigamento, e demonstra que nelle se pôde fazer um corredor, pela mesma fórma do quarto de baixo, com 3 casinhas, para cada lado, fóra as duas primeiras para dar luz as 2 janellas dos lados, gradeadas, e do meio para o dito corredor; no fim deste corredor fica lugar para uma varanda. Nos fundos das ditas casas sobre o dito quintal, com escada para se descer para o mesmo quintal, para a serventia do quarto de baixo, e pela sua formatura, mostra ser casa para residencia de religiosos, ainda que sem commodidade para igreja, nem capella, pelo que se mostra da mesma casa, e se não tem excedido a area, e o ambito em que foi principiada, *haverá 2 annos*, e por ora se anda madeirando para se cobrir de telhas, que é o que faltava para se concluir, por ter sido embargada, a tempo, que já estava feito o augmento, e levantados os pilares de tijolos, menos alguns perto da fronteira, e a mesma fronteira do sobrado para cima se fez depois do dito embargo levantado; e são as paredes das ditas casas, e fronteira de pedra e cal, e a parede do lado direito para a parte do Desterro, até o vigamento de pedra e cal, e todas as mais paredes são de frontaes de tijolo, e o quintal das ditas casas se acha levantado com paredes de pau a pique, armadas sobre pilares de tijolo, que é o quintal, que fica contiguo ás ditas casas. Por fóra deste, para a parte da Ajuda, tinha outro quintal, tapado da mesma fórma, com 2 casinhas, uma para a rua da Ajuda, e outra para a praia do Boqueirão, junto dos *Arcoz Velhos da Carioca*, cujas casinhas e quintal constou terem vendido o dito padre commissario e seu syndico por dous mil cruzados, em 30 de Dezembro de 1735, por escriptura feita na nota do tabellião desta cidade Custodio da Costa Gouvêa, que apresentarão a elle ouvidor geral, e declararão os ditos louvados que no dito quarto baixo se podem recolher as esmolos que se dessem para a Terra Santa, e ainda caixas de assucar, com mais ou menos commodidade, e de como assim o'declararão, mandou fazer este auto, que assignou com os ditos louvados. E eu Domingos Rodrigues Tavora, escrivão o escrevi e assignei.— *Pacheco.*—*Domingos Rodrigues Tavora.*—*Domingos de Oliveira.*—*Manoel de Deus Pereira.*—*Manoel Ribeiro da Silva.*—*José Dini: Roza.*—E nada mais se continha nos ditos autos, etc. etc. Rio de Janeiro, aos 16 de Janeiro de 1736.

Licença para vender os terrenos da Terra Santa em frente ao Passeio Publico

Fr. Leonardo da Encarnação Santa Anna, commissario geral da Terra Santa, tendo de impetrar da Santa Sé, Breve de dispensa para poder vender não só a metade da chacara do Hospicio da Côte, que faz frente ao Passeio Publico, como todas aquellas terras e Hospicios,

que sejam inuteis, e desnecessarios a commissão geral da Terra Santa, no Imperio do Brazil, pede ao governo licença, para o fazer. O Imperador mandou pelo Ministerio da Justiça, conceder á licença pedida em 23 de Maio de 1854, precedendo a consulta do Procurador da coroa, que não oppoz duvida.

Igreja

A igreja consagrada á Senhora Sant'Anna é mui pequena, mas dourada e muito decente para os Officios Divinos, tendo capella-mór, duas tribunas e côro.

Consta, que ahi se enterrarão alguns bemfeitores; e o que me mostrou o Sr. José Pastorino foi por detraz do altar-mor e em um pequeno quarto, uma urna de marmore branco, contendo uma ossada de adulto com a inscripção seguinte:

*O cavalheiro professo da ordem do Santo Sepulchro.
Aqui repousão em paz os restos mortaes do conselheiro José Ricardo da Costa Aguiar de Andrade, deixando sua esposa e filha entregue a uma eterna saudade e vivas lembranças das de suas virtudes e boas qualidades de que era dotado.
Nasceu a 15 de Outubro de 1778 e falleceu a 25 de Junho de 1846.*

Avaliação do Hospicio de Jerusalem, do Rio de Janeiro, em 22 de Julho de 1831.

Por uma certidão original, passada por Joaquim Coelho Marinho, mestre pedreiro, e Erancisco do Couto Landim, carpinteiro, passada a 22 de Julho de 1831, a requerimento do padre commissario da Terra Santa de Jerusalem, Fr. Francisco de S. José Belém, affirmão que o Hospicio tem 59 palmos de frente e 105 de fundos, feito de pedra e cal, com um portão largo e janella de grade de ferro, e 2 janellas mais pequenas, tudo de cantaria, com selas, varanda nos fundos, um terraço, uma meia-agua, que serve de senzala, 10 escravos; um oratorio, em que se celebra missa, forrado e azulejado, com seu terreno até á rua do Passeio Publico, d'onde se acha murado, tanto á sua frente, como pelos lados, com seu pço e o seu Hospicio. Todo esse terreno, dêsde a rua dos Barbons até á frente da rua do Passeio Publico, segundo foi dito, avaliárão em dous contos de réis (2:000\$000).

Joaquim Coelho Marinho, pedreiro.

Francisco do Couto Landim, carpinteiro.

Terrenos onde está fundado o convento das Religiosas da Ajuda era uma sesmaria que passou ao ermitão Caminha, 1573 e 1595.

Os terrenos onde está fundado o convento da Nossa Senhora da Ajuda pertencerão ao ermitão Antonio Caminha. Estes terrenos, depois da fundação da cidade, forão sesmarias dadas em 11 de Setembro de 1573, a Nuno Tavares e a Francisco Cardoso, mercadores, e como os não cultivarão, cahirão em commisso, e forão de novo cedidas as mesmas sesmarias em 5 de Julho de 1595 a Lopo Fernandes Carneiro, que as cultivou, e por sua morte os seus herdeiros vendêrão a João Caminha e a sua mulher, em 17 de Junho de 1621, e destes passárão a seu filho o ermitão padre Antonio Caminha, herdeira e testamenteiro. Antonio Caminha, que se não empregava em lavoura, as vendeu a Sebastião Mendes do Rosario, que as deu em dote a Manoel Fernandes da Costa, por occasião de casar-se com a filha Marianna Rosa da Silva.

As primitivas sesmarias constavão, uma de 60 braças, dadas a Nuno Tavares, e a outra de 50 braças, concedidas a Francisco Raposo, que incorporadas torão dadas a Lopo Fernandes Carneiro, e passárão aos Caminhas, e destes á Manoel Fernandes da Costa.

Existia, logo depois da fundação da cidade, uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda, com a frente para o morro de S. Sebastião, e é tradição, conforme li em um documento unido em uns autos antigos, que fôra fundada essa ermida por christãos novos (judeos) em obsequio á uma Maria de Judá. Em 1600 foi a ermida reedificada, para receber os capuchos francezes, e com a retirada destes, recebeu os Italianos da invocação de Santo Antonio, porém sendo varia a sorte dos tempos, e desejando o povo a fundação de um convento de freiras, sob os auspícios dos prelados ecclesiasticos, e do administrador da jurisdição ecclesiastica, Francisco da Silva Dias, construiu um dormitorio, e outras obras, como consta do archivo da camara, que no tempo do prelado Manoel de Souza Almada, a viuva do governador Luiz Barbalho Bezerra, D. Cicilia, com suas filhas, alli se recolherão em 1676. O novo convento pedido, e instado, com subscrição dos povos, dada a licença pela provisão de 19 de Fevereiro de 1705, para o ingresso de 50 freiras, entrando as conversas daquella ermida, foi fundado o novo convento um pouco mais abaixo, e no mesmo correr e face da ermida pelo bispo D. João da Cruz, lançando a primeira pedra em 1745, cujo convento o concluiu o bispo Dr. Fr. Antonio do Desterro.

O terreno para a fundação do novo convento da Ajuda, foi comprado pelo bispo D. João da Cruz, a Manoel Fernandes da Costa,

que o demarcou para este fim, em 1742, e era o da sesmaria do ermitão Antonio Caminha, constante de 73 braças, das quaes, depois de fundado o convento, Manoel Fernandes da Costa, reclamou o importe de 30 braças, onde estavam fundados o côro e dormitorio das religiosas, dizendo não estarem comprehendidas na venda que havia feito, e terem entrado nellas, na fuctura do convento, e por isso sustentou com as freiras uma renhida demanda por tempo de 60 annos, até que depois da sua morte, a filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, viuva de Alexandre Tavares da Silva, terminou a questão, vendendo os terrenos até ao mar, ás religiosas da Ajuda, em 10 de Julho de 1811.

Escreptura de composição que fez a Madre Abbadeça e Discretas do Convento da Ajuda, com D. Anna Joaquina de Jesus.

Saibão quantos este publico Instrumento de Escreptura de transacção e amigavel composição virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1811, aos 10 dias do mez de Julho, do dito anno, nesta cidade do Rio de Janeiro, em a grade do Convento da Ajuda, onde eu Escrivão adiante nomeado fui vindo, ahi apparecerão perante mim, justos e contratados, como outorgante Anna Joaquina de Jesus, filha legitima, e unica herdeira do fallecido Manoel Fernandes da Costa, moradora na rua do Piolho, e como outorgadas, a Reverenda Abbadeça do dito convento da Ajuda, Helena Maria da Cruz, e as mais Discretas do mesmo Convento, todas reconhecidas de mim tabellião, e das testemunhas adiante nomeadas e assignadas, perante as quaes pela outorgante me foi dito, que ella é senhora e possuidora de toda a terra, que possui ou lhe deva pertencer no campo denominado de Nossa Senhora da Ajuda, segundo consta de uma sesmaria, que obtiverão os ditos fallecidos seus Paes, da parte do mar do dito Convento, dado o correamento do cunhal do côro em linha recta, a praia do mar, e de extensão até os muros do Passeio Publico, sobre que havião pleitos ha 60 annos, entre o fallecido Pai da outorgante, e as ditas religiosas, na ouvidoria geral do civil desta côrte, de que presentemente é escrivão José Gomes da Silva, nos quaes houverão sentenças a favor de uma e outra parte, e ultimamente a favor do Pai da outorgante, dito Manoel Fernandes da Costa, na casa da supplicação de Lisboa, que mandou liquidar, o que a elle pertencia, e que pondo-se em execução, forão as outorgadas condemnadas, a pagarem as braças que estiverem de mais, debaixo dos edificios do dito convento, havendo medição, para este effeito, em 13

de Setembro de 1782, e pela qual foi a outorgante paga de 14 braças e 8 palmos e meio, controvertidos debaixo dos edificios, de que deu quitação nos autos, com sua irmã, que então era viva, *Helena Maria da Assumpção*, e por não saber, nem vir ao conhecimento della outorgante o verdadeiro lugar dende deveria partir e de marcar com as terras, que no mesmo campo da Ajuda, comprarão as outorgadas, aos religiosos do convento do Carmo desta cidade, por escriptura lavrada em 3 de Setembro de 1750, nesta nota, pelo tabellião Bento Pinto da Fonseca, e sobre que ainda continuavão os pleitos, com grande prejuizo da outorgante, e outorgadas, por não poderem cultivar, e nem arrendar a terra do mencionado campo, dando entretanto lugar, a que algumas pessoas o considerassem devoluto, sem senhorio, nem possuidor legitimo, para de uma vez, cortarem tão antigas discussões, despezas e prejuizos, tem presentemente entre si tratado, convencionado e estipulado, de suas livres vontades, fazerem por este instrumento, como com effeito fazem, publica desistencia do referido pleito e execução, e liquidação, contra as outorgadas, a respeito do resto das terras que lhe toca, ou possa tocar, no mencionado Campo da Ajuda, desde o cordeamento da parede do convento, direito ao mar, em linha recta, ficando em meio a rua, que está designada, com todo o vão e extensão aos muros do Passeio Publico, para nelle verificar-se aquella compra feita aos religiosos do Carmo, e gozarem de toda essa terra, como sua que fica sendo de hoje em diante, sem duvida, contradição, ou embaraço algum, da parte da outorgante, que lhe cede e transfere, todo e qualquer dominio, que nelle tivesse em todo ou em parte, assim como tambem cede o seu antigo dominio, que sempre tiverão na pequena porção de terra de largo de S. José, entre as ruas da Ajuda e dos Barbonos, que ella outorgante, por inadvertida vendeu, a D. Maria José, viuva do intendente do ouro, que foi desta cidade, por vir no conhecimento que lhe não pertence, a vista daquella medição feita nos autos de execução de liquidação, em 13 de Setembro de 1782, pela qual consta, que a terra do pai della outorgante, principiou debaixo do primeiro dormitorio do convento, para a parte do mar, e nada tem no lugar daquelle terreno, vendido, que devia as outorgadas haver a si; e as outorgadas igualmente desistem de todo o melhoramento, que pelo ultimo accordão dão a seu favor, sobre o melhoramento da avaliação daquellas 14 braças, 7 palmos e meio, havião obtido, e de toda e qualquer desta pretensão que a seu favor allegar possão no referido pleito, em satisfação e remuneração da outorgante, lhe dão uma morada de casas terreas de tres portas, sita defronte do seu convento, em chãos proprios, com seu quintal murado, que partem pela parte do mar, com casas de padre João da Silveira, e pelo outro lado, com Ignacio Rangel

de Azeredo Coutinho, livres e desembargadas, que estão reparadas de novo, no estado em que está alugada, a Joaquim Bernardo, cujos muros são proprios, da referida casa, sem dependencia dos vizinhos confrontantes, para com o valor da referida morada de casas, ressarcirem qualquer indemnisação ou prejuizo que a outorgante possa ter nesta composição amigavel, que portanto, por esta davão quitação, e fazião transacção e amigavel composição. E assim justas e contratadas, pedirão a mim tabellião, lhes lavrasse este instrumento, nesta nota, que sendo-lhes lido, disserão estar ás suas vontades, de que dou fé, dizendo cada uma estar a sua vontade, de que dou fé, e de me ser distribuida pelo bilhete seguinte:—Distribuida a Pires.— *Anna Joaquina de Jesus*, por escriptura de amigavel composição, paga e quitação a Madre Abbadessa e discretas do convento da Ajuda, em 10 de Julho de 1811.— *Prates*. E assignarão, sendo testemunhas presentes Bernardino de Souza Chaves, e Manoel José Marques Dias, reconhecidos de mim tabellião José Pires Garcia o escrevi. — *Anna Joaquina de Jesus*.— Helena Maria da Cruz, Abbadessa.— Barbora Francisca do Amor Divino.— Ignacia Mariana de Santa Clara Braga.— Catharina Narcisa da Conceição.— Angela de Santa Rosa.— Antonia do Salvador.— Maria Ignacia.— Bernardino de Sena e Almeida.— Manoel José Marques Dias Guimarães. »

Dentro da demarcação destes terrenos ficavão terras de dezoito casinhas, com seus quintaes, pertencentes a Manoel Fernandes da Costa, e a outros, que forão avaliadas e pagas, conforme a avaliação dos peritos do tempo.

Terrenos da cêrca do convento da Ajuda

Os terrenos para a cerca do convento das religiosas da Ajuda, pertencião ao convento de Nossa Senhora do Carmo, por doação feita ao mesmo convento por Fr. Chispim da Cunha, em 5 de Junho de 1653, oujas terras no campo da Ajuda, o mesmo convento do Carmo vendeu ao bispo D. Fr. Antonio do Desterro, para logradouro do convento das freiras, pelo preço de 800\$, por escriptura do dia 3 de Setembro de 1750.

Compra dos terrenos para a cerca do convento da Ajuda

Escriptura de venda de terras, que fazem os religiosos de Nossa Senhora do Carmo, do convento desta cidade, ao Illm. e Exm. bispo, e convento de Nossa Senhora da Ajuda, e quitação; e como comprador o padre Antonio de Souza Carvalho.

Saibão quantos este publico instrumento de escriptura de venda

de terras, e quitação, ou como em direito melhor lugar haja virem, que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1750, aos 3 dias do mez de Setembro do dito anno, nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em o convento de Nossa Senhora do Carmo desta cidade, onde eu tabellião ao diante nomeado fui chamado, sendo ahi, apparecêrão presentes em capitulo, o Rev. padre prior da dita ordem, Fr. João Moreira, e os Revs. padres Clavarios, que para isso forão chamados ao som da campã, tangida, neste instrumento assignados; e logo por elles me foi dito que, em presença das testemunhas ao diante nomeadas e assignadas, que entre os mais bens de raiz que têm e possuem, bem assim são umas terras, sitas aonde ao diante se declara neste instrumento; e da outra parte appareceu como comprador, o Rev. padre Antonio de Souza de Carvalho, como procurador bastante, que mostrou ser do Illm. e Exm. bispo desta cidade, como fundador e protector do convento de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda, e como procurador do dito convento da dita Ajuda, com procuração feita neste meu cartorio, de que dou fé; todos vendedores e compradores serem pessoas reconhecidas de mim tabellião ao diante nomeado; e logo como dito fica, pelos ditos reverendos vendedores foi dito que, entre os mais bens de raiz que possui esta religião, bem assim são umas terras que tem e possui no campo de Nossa Senhora da Ajuda, e são existentes pelas frentes e detraz do novo convento das religiosas da mesma Ajuda, as quaes terras as houverão elles reverendos vendedores, por doação que dellas fez Fr. Christim da Cunha, e dellas se empossarão judicialmente em o anno de 1653, de que se fez auto de posse, cujo teor é o seguinte:

Posse. — Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1653 annos, aos 5 dias do mez de Junho do dito anno, nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, no campo de Nossa Senhora da Ajuda, d'onde o procurador e contador da fazenda de Sua Magestade, o capitão Thomé Corrêa de Alvarenga, commigo escrevião, abaixo nomeado, e o meirinho da provedoria, Francisco de Araujo, e o piloto Manoel Vieira, fomos, e sendo lá, pelo Rev. D. prior de Nossa Senhora do Monte do Carmo, o padre Fr. Manoel da Natividade, foi requerido ao dito procurador que lhe mandasse fazer ratificação, medição, de umas terras que se achão havidas de Christim da Cunha, conforme consta da carta de doação, e auto de posse, o que visto pelo dito provedor, mandou ao piloto, debaixo de juramento, que lhe foi dado arrumasse os ditos chãos, na conformidade do auto de posse; e logo o dito piloto começou a medir do sitio das casas que forão de Sebastião Baldez, d'onde se

metteu um marco de pedra, de cantaria, que tem um C. e um R. e do dito marco se começou a medir a testada, até intestar com a Lagôa, onde se metteu outro marco, com as mesmas letras; e d'ahi se fez a quadra, e se forão medindo as 60 braças, e no cabo dellas, se veio buscar o travessão do primeiro marco, e se forão medindo outras 60 braças, pela fralda do outeiro acima, que occupou um pomar, e algumas arvores de espinhos, no calvo das quaes se metteu outro marco de pedra; e por esta maneira houve o dito provedor aos ditos chãos pôr medidos e demarcados, e teve juntamente por ratificada a posse, que os reverendos de Nossa Senhora do Monte do Carmo havião tomado, sem contradicção de pessoa alguma: de que fiz este auto, em que assignou o dito provedor, e o Rev. padre prior, meirinho, e mais testemunhas, o licenciado Simão Caldeira, e João de Castilhos Pinto, e o dito piloto, pessoas de mim escrevião conhecidas, cujos signaes são os mesmos abaixo, e de que fiz este auto; e eu João Dias de Castro, escrevião do juizo da provedoria, fazenda de Sua Magestade, e da gente de guerra nesta cidade, que escrevi. — Fr. Manoel da Natividade, prior; João Dias da Costa, João de Castilho Pinto, Manoel Vieira, Francisco de Araujo. E não se continha mais no dito auto de medição, e ratificação, que bem fielmente aqui trasladei do livro do tombo do dito convento, á que me reporto, segundo o parecer de mim tabellião verdadeiro; e assim disserão elles reverendos vendedores, que da mesma maneira que as tem, pelo dito titulo vendem, como com effeito logo vendem de hoje para todo o sempre, á elle reverendo comprador, o padre Antonio Corrêa de Souza, como procurador bastante, como dito fica, de S. Ex. Revma., e do dito convento de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda, com procuração neste mesmo cartorio, que dou fé, tel-os, por preço e quantia as sobre ditas terras de 800\$ em dinheiro de contado, moeda corrente, que eu tabellião dou fé, ver contar elle reverendo comprador, e receberem elles reverendos vendedores, de cuja quantia recebida de 800\$, preço das referidas terras aqui declaradas, disserão lhe davão plena e geral quitação, para nunca mais lhe ser pedida, nem repetido cousa alguma della, por si, nem seus successores, por realmente estarem pagos e satisfeitos; e que de si, e do dito seu convento tirão toda a posse, acção, e dominio, que nas sobre ditas terras até o presente tinham, e tudo cedem e traspassão na pessoa do procurador bastante, para que as logrem, gozem e possuão como cousa sua propria, que fica sendo, por virtude deste instrumento, pelo que o hão impossado desde já, e da clausula constituinte, e que pelos bens da dita sua religião se obrigão a fazer boa esta venda, firme e valiosa, para que em nenhum tempo, nunca irem contra o estipulado neste instrumento; e de tirarem a paz e a

salvo o dito comprador de qualquer duvida, que se lhe offereça, pelo qual foi dito que em nome do muito Exm. e Revm. Sr. Bispo Fr. Antonio do Desterro, e do dito convento da Conceição da Ajuda, aceitavam esta venda. E assim havidos e ajustados uns e outros, se obrigaram a cumprir e guardar tudo aqui estipulado neste instrumento, cada um na parte que lhe tocar.

E para firmeza de tudo nos pedirão lhes lavrasse esta escriptura, nesta nota, que lhes fiz e aceitarão, e disserão estar as suas vontades, aliás a seus contentos, e assignarão, sendo testemunhas presentes Francisco Xavier Corrêa, e Manoel da Silva Coutinho, todos uns e outras testemunhas, outorgantes reconhecidos de mim tabellião Bento Pinto da Fonseca, que o escrevi: — Fr. Miguel de Santa Aguida, *thesoureiro*. — Fr. Aleixo de Santo Angelo Almada, *clavario*. — Fr. José de Moura do Monte Carmello, *clavario*. — Antonio Carvalho de Souza, *procurador*. — Francisco Xavier Corrêa. — Manoel da Silva Coutinho. Nada mais contém a dita escriptura, que se acha lançada no mencionado livro findo de notas, ao qual me reporto; que eu tabellião, abaixo assignado, aqui bem e fielmente fiz extrahir a presente certidão, por bem do meu officio, e autoridade judicial, e pedimento da parte que conferi, subcrevi e assignei nesta córte do Rio de Janeiro aos 29 dias do mez de Agosto de 1818.

E eu José Pires Garcia, tabellião que o subcrevi e assignei. — José Pires Garcia.

Os terrenos do Campo da Ajuda

Os terrenos do Campo da Ajuda desde o cunhal do couro do convento das Freiras da Ajuda, face da rua, até ao gradil do passeio publico, para o mar, foi a sesmaria dada a um *capinheiro*, que passou a ser incorporada aos terrenos de Sebastião Mendes do Rosario, que com as outras terras deu em 26 de Novembro de 1737 em dote a sua filha Marianna Rosa da Silva, quando a casou com Manoel Fernandes da Costa.

Sendo estes terrenos causa da grande demanda que Manoel Fernandes da Costa teve com as Freiras da Ajuda, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, os vendeo ao convento, recebendo uma casa, defronte do mesmo convento, em indemnisação, por escriptura de 10 de Julho de 1811.

A edificação do Campo da Ajuda principiou perto da praia sendo Francisco Rodrigues Ferreira um dos que construirão as casas nobres que fazem frente para o convento da Ajuda, e face da rua do Luiz de Vasconcellos, e a Travessa do Maia.

Declaração do bispo D. Fr. Antonio do Desterro (1)

Declaro que o dinheiro que o Seminario de S. José devia a capella da Ajuda, todo quanto devia lhe perdoei de justiça, por ser em satisfação das terras em que ficou prejudicado: e declaro mais que este dinheiro era do rendimento antigo dos bens da capella velha de Nossa Senhora da Ajuda, cuja administração pertencia ao ordinario, e podia applicar para obra pia que lhe parecesse, quanto mais para esta, que appliquei, que é satisfatoria de justiça, e divida real, que se devia pagar. E para que isto em todo o tempo conste, mandei passar este por mim assignado. Rio de Janeiro, em 18 de Setembro de 1765. — Frei Bispo do Rio de Janeiro.

Terrenos da Praia de Santa Luzia e fundação do Matadouro publico do gado, 1775

Como já contei, os terrenos da praia de Santa Luzia desde pouco adiante, onde foi o matadouro e curral do gado, e hoje está construido o estabelecimento da Companhia City Improvement, foi o da sesmaria, que Christovão de Barros concedeu a Nuno Tavares, em 11 de setembro de 1573, mercador, no Rio de Janeiro com 60 braças de frente e fundos correspondentes, que prescrevendo, como a que concedeu no mesmo dia a Francisco Raposo, para a banda da Lagoa Grande, onde está assentado o Passeio Publico, forão dadas a Lopo Gonçalves Carneiro em 5 de Janeiro de 1595, e por sua morte os herdeiros venderão a João Caminha, em 17 de Junho de 1721, e seu filho e herdeiro o Ermitão padre Antonio Caminha, vendeu a Sebastião Mendes do Rosario, e este em 26 de Novembro de 1737, deu em dote a sua filha Marianna Rosa da Silva ao casar-se com Manoel Fernandes da Costa.

Manoel Fernandes da Costa vendeu em 1742 a sesmaria de Nuno Tavares e Francisco Raposo ao Bispo, para a fundação do novo convento da Ajuda, e se suppondo legado, moveu ao convento renhida demanda, que foi terminada, com a morte de Manoel Fernandes.

A camara municipal desde 1721, tentou appossar-se dos terrenos da praia de Santa Luzia, para fundar o matadouro, e não podendo conseguir, aforou em 1775 a Manoel Fernandes da Costa o terreno preciso, para *curral* e *matadouro* do gado, e mandou construir a casa e curral, que servio até 1850, tempo em que se construiu o matadouro da rua de S. Christovão, e foi para elle transferida a matança do gado. O edificio ou pardiouro da praia de Santa Luzia, depois de servir de matadouro, foi cedido pela camara municipal á policia da córte, para asylo

(1) Este documento o extrahi do original que está em meu poder.

dos mendigos, sendo chefe de policia o conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, pagando o fôro aos herdeiros de Luiz Gomes Anjo.

Por morte de Manoel Fernandes da Costa, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, vendeo os terrenos a Luiz Gomes Anjo, pela quantia de 300\$. Os herdeiros de Luiz Gomes Anjo venderão o dominio que tinham ao terreno do matadouro, a Joaquim Soares Guimarães, e este o transferio a Companhia de esgoto City Improvement.

Com a morte de Manoel Fernandes da Costa, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, vendeo os terrenos a Luiz Gomes Anjo, pela quantia de 300\$. Os herdeiros de Luiz Gomes Anjo venderão o dominio que tinham ao terreno do matadouro, a Joaquim Soares Guimarães, e este o transferio a Companhia de esgoto City Improvement.

Com a morte de Manoel Fernandes da Costa, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, vendeo os terrenos a Luiz Gomes Anjo, pela quantia de 300\$. Os herdeiros de Luiz Gomes Anjo venderão o dominio que tinham ao terreno do matadouro, a Joaquim Soares Guimarães, e este o transferio a Companhia de esgoto City Improvement.

Com a morte de Manoel Fernandes da Costa, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, vendeo os terrenos a Luiz Gomes Anjo, pela quantia de 300\$. Os herdeiros de Luiz Gomes Anjo venderão o dominio que tinham ao terreno do matadouro, a Joaquim Soares Guimarães, e este o transferio a Companhia de esgoto City Improvement.

FIM

Com a morte de Manoel Fernandes da Costa, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, vendeo os terrenos a Luiz Gomes Anjo, pela quantia de 300\$. Os herdeiros de Luiz Gomes Anjo venderão o dominio que tinham ao terreno do matadouro, a Joaquim Soares Guimarães, e este o transferio a Companhia de esgoto City Improvement.

Com a morte de Manoel Fernandes da Costa, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, vendeo os terrenos a Luiz Gomes Anjo, pela quantia de 300\$. Os herdeiros de Luiz Gomes Anjo venderão o dominio que tinham ao terreno do matadouro, a Joaquim Soares Guimarães, e este o transferio a Companhia de esgoto City Improvement.

Com a morte de Manoel Fernandes da Costa, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, vendeo os terrenos a Luiz Gomes Anjo, pela quantia de 300\$. Os herdeiros de Luiz Gomes Anjo venderão o dominio que tinham ao terreno do matadouro, a Joaquim Soares Guimarães, e este o transferio a Companhia de esgoto City Improvement.

Com a morte de Manoel Fernandes da Costa, sua filha e herdeira D. Anna Joaquina de Jesus, vendeo os terrenos a Luiz Gomes Anjo, pela quantia de 300\$. Os herdeiros de Luiz Gomes Anjo venderão o dominio que tinham ao terreno do matadouro, a Joaquim Soares Guimarães, e este o transferio a Companhia de esgoto City Improvement.



Vieira, fallando das injustiças do seu tempo no Brazil, que sem justiça não ha reino, nem provincia, nem cidade, nem ainda companhia de ladrões, que possa conservar-se.

Os que tem governado o Brazil, cuidão da politica, e esta é tão tacanha e miseravel que só se empenhão por eleições, emquanto que deixam o paiz sem industria, sem agricultura, sem commercio, sem navegação nacional e sem nada (1), e apenas com um pessoal enorme de juizes e empregados publicos, que absorvendo toda a seiva do Estado, nada possuímos que preste, porque tudo nos vem do estrangeiro.

Não temos tido um homem de Estado, um financeiro, e nem politico; o que temos tido são *patradores inexperientes, ignorantes perfeitos do paiz e da sua historia*, e por isso é que matam os tempos legislativos com o *dize tu e dirai eu*, sem nada fazer-se que utilise ao Brazil

Na impossibilidade de continuar na publicação da minha *Corographia Historica* &, confeccionei outra obra, menos volumosa, mas não menos noticiosa, e pensei imprimil-a por meio de subscrição popular, e recorrendo a Ilma Camara Municipal da Corte solicitando o favor de 200 assignaturas, lhe inderecei a minha petição e até hoje (15 de Janeiro de 1879), não tive diferimento. Fiz igual petição ao Governo para mandar imprimir a obra na Typographia Nacional e teve o mesmo resultado o meu pedido; e como será provavel que em vista do grande despendio não a imprima, para senão perderem as noticias minuciosas do passado do Brazil, resumi os factos em uma chronica para deixal-os impresso. O conteúdo da obra que confeccionei e o meu pedido á Camara Municipal do Rio de Janeiro aqui publicarei para em todo o tempo confirmar-se o que disse Camões.

O favor com que mais se accende o engenho
Não o dá a Patria, não.....

Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1879.

Dr. Metello Moraes.

(1) Para este meu trabalho muitas notas importantes me forneceu o meu comprovinciano e amigo o illustrado sr. Pedro Paulino da Fonseca, o mais habilitado Estatístico que possuímos.

(1) Vide o meu livro o Brazil social e politico, e o artigo physionomia do Rio de Janeiro na minha *Corographia Historica* &, e o meu livro sobre a independencia do Brazil.

ILLMS. E EXMS. SRS.

Presidente e Vereadores da Ilma. Camara Municipal da Côte

O abaixo assignado, tendo consumido a maior parte da sua existencia na terra, no estudo, e em proveito das letras patrias, e principalmente nas investigações historica d'este abençoado paiz, reconhecendo que, si se não salvarem dos estragos do tempo os documentos preciosos que ainda restam ignorados, assaz carcomidos e estragados pelo deileixo, os quaes conservam intactas as noticias do longo periodo colonial, os estudiosos das coisas patrias, não acharão no futuro, onde se instruir com segurança, nos acontecimentos d'esse passado historico, completamente desconhecido, em que tanto figuraram os nossos maiores.

Esta falta será por elles lamentada, e sem remedio, se a geração actual lhes não proporcionar os meios. Ainda bem: para este empenho de novo o abaixo assignado embrenhou-se nos archivos publicos e particulares, e foi descobrir os monumentos escriptos, completamente carcomidos pelos bichos, e dilacerados pelo tempo, que só a sua paciente investigação os pôde salvar, com fidelidade, e d'elles extrahiua historia circumstanciada da descoberta da bahia do Rio de Janeiro, seguida da invasão franceza por Willegaignon em 1555, e fortificação Coligny, em 1556, que ficou concluida em 1557, as desordens n'ella em 1558, e expulsão dos invasores em 1560, pelo governador Mem de Sá: nova invasão e nova guerra, e expulsão definitiva dos francezes por Estacio de Sá, e Mem de Sá em Janeiro de 1567.

Já em Março de 1555, Estacio de Sá havia começado a fundação da primeira povoação portuguesa, junto ao Pão de Assucar, que ficou com a denominação de *Villa Velha*, e finda a guerra dêo começo Mem de Sá a fundação da cidade no continente fronteiro sobre o morro de S. Sebastião, cuja cidade foi concluída em 1567; e no dia 1º de Julho d'aquelle mesmo anno de 1555 o jesuita *Gonçalo de Oliveira*, que tinha vindo com Estacio de Sá, de S. Vicente, ainda no Pão de Assucar, pediu ao capitão-mór a 1ª sesmaria de duas leguas de terras, desde *Inhaúma*, ao noroeste, até o rio *Iguassú* (hoje rio Comprido,) ao sudoeste do continente fronteiro, que lhe foi concedida! Este periodo historico, é representado em uma *estampa* ou *gravura* extrahida das obras do historiador Lery e Villegaignon, na qual se vê o que era a bahia de Nitherohy, com o forte Coligny sòmente, e as Aldêas dos indios tamoyos, no continente, desde a Gavea até o interior da bahia, onde hoje existem lindas chacaras, e passam as ruas d'esta grande capital. Consagra uma *estampa* com um grupo de indios tamoyos, copiada da 1ª edição da obra de Lery, que esteve no Rio do Janeiro com Villegaignon em 1558.

Com a morte do valente capitão-mór Estacio de Sá, em Fevereiro de 1567, e transferida de todo a primeira povoação fluminense por Mem de Sá, depois de concluída a nova cidade no morro de S. Sebastião, onde tambem depois de muráda, e nomeado o pessoal civil administrativo, e o judiciario, e ter concedido seis leguas de terras de sesmaria a camara, por pedido d'ella, e do povo, para rocios, logradouros, pastagens dos gados e agricultura dos povos, retirou-se para a Bahia, fazendo antes eleger quem o substituisse na governança da nova cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que se havia fundado em nome d'el-rei.

A este periodo segue-se uma noticia topographica, circumstanciada, dos terrenos, lagôas, charcos e pantanos por onde passam as ruas da cidade; bem como, igualmente onde foram os engenhos, olarias, costumes, pastos dos gados, roças, canaviaes e logradouros; e assim tambem, uma noticia dos primeiros povoadores do Rio de Janeiro, do lado do sudoeste, desde a *Gavea* até Mata-Porcos, hoje Estacio de Sá; extrahida dos livros do tombo da Illma camara d'esta côrte; e pelo noroeste desde *Inhaúma* até Mata-Porcos, extrahida do livro original dos arrendamentos das terras do collegio, feitos pelos proprios jesuitas.

O trabalho do abaixo assignado encerra os *tombo*s das terras do senado da camara, dos jesuitas, que comprehendem as fazendas de Santa Cruz, Engenho-Velho e Novo, S. Christovão, campos dos Goaytacazes, Macahé, Capitania do Espirito Santo, e bem o sequestro, inventario e arrematações d'esses terrenos, mandados fazer em virtude

das ordenanças de 21 de julho, e 12 de Novembro de 1758, no Rio de Janeiro e na Bahia. Ainda mais contém as demarcações das sesmarias das terras do senado da camara, das da mitra e das dos Jesuitas, etc.

Na historia das ruas, dos edificios publicos e particulares, o abaixo assignado faz menção de todas as circumstancias, que houveram bem como os diversos nomes que tiveram em diferentes epochas; e para o que, apresenta uma planta da cidade levantada em 1769, pelo brigadeiro Jacques Funck, para as trincheiras e fortificações ligeiras; seguida d'outra levantada pelo major de engenheiros João Roscio em 1770; e mais outra não menos importante, levantada pelo engenheiro João Corrêa Rangel de Bulhões, em 1796, por ordem do conde de Rezende, onde se vê o extenso *pantanal* de Pedro Dias, sobre o qual se abriram as ruas do Lavradio, Invalidos, Rezende e Arcos.

Para confrontação dos tempos no progresso da cidade, o abaixo assignado, em vista dos livros de lançamento para a cobrança da decima urbana, que se mandou fazer em virtude do alvará de 27 de junho de 1808, confeccionou a *cadastro da cidade*, indicando o numero de casas, que continham as ruas, até esse anno existentes; e o mesmo fez, com mais ampliações, em vista dos relatorios da Illm. camara, até o anno de 1852.

As fortificações da cidade, merecendo-lhe cuidadosa attenção, as memora, desde a primeira feita por Francisco Pereira Coutinho na Bahia, e por Villegaignon no Rio de Janeiro, demolida por Mem de Sá, e por este mesmo reconstruida, até as ultimas reparadas em presença do conflicto inglez, em 1862 n'esta cidade.

Para conservar os monumentos historicos, o abaixo assignado offerece ao seu leitor, como complemento aos 2 tomos da historia dos Jesuitas que vem na sua *Corographia historica*, etc., um estudo circumstanciado sobre esses padres, suas riquezas, seus crimes, suas maximas tenebrosas e muitos episodios dignos de memoria; bem como uma noticia dos aldeamentos dos indios, que tiveram em varias partes do Brazil, intercalando n'este historico retratos dos mais famosos jesuitas, que possuio a companhia de Jesus.

Além d'estas noticias, o abaixo assignado dá o cathalogo historico e circumstanciado dos governadores do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, desde Estacio de Sá em 1565, até o conde dos Arcos em 1808 que entregou ao principe regente os poderes que tinha, o dos governadores da Bahia, desde Thomé de Souza, em 1549, até o conde de Palma, que deixou a administração da capitania em 10 de Fevereiro de 1821; o dos de Pernambuco, desde Duarte Coelho Pereira em 1590, até Luiz do Rego Barreto, que governou até 26 de Outubro de 1822,

em que foi substituído pela junta do governo provisório. N'este período histórico, o abaixo assignado offerecerá intercalados os retratos de de muitos governadores dos tempos coloniaes.

Finalmente, completa o seu laborioso estudo com a *Historia Genealogica* e nobiliaria das antigas familias do Brazil. Este trabalho assim minucioso e enriquecido de monumentos historicos, que estavam ignorados, ou antes perdidos, pelo estado em que se achavam, não pôde ser impresso só com os recursos da clinica medica do abaixo assignado, que se tem esgotado com a publicação de numerosas obras, que correm impressas, e hoje muitas d'ellas figuram nas principaes bibliothecas publicas e das universidades da Europa, e da America: necessita do auxilio e dos favores do Illm. senado da camara d'esta côrte, para imprimir o seu trabalho, não só de utilidade municipal como interesse real para os ministerios, em presença do seu conteúdo, e por isso vem solicitar a assignatura de 200 exemplares, a razão de 38 por cada tomo, do Illm. senado da camara; e ao mesmo tempo, por seu intermedio, lhe pede que solicite dos Poderes do Estado o mesmo numero de assignaturas, ou quando não, lhe mandar imprimir na typographia nacional a sua obra, em larga edição, para que possa ser adquirida pelos leitores por um preço o mais commodo possível.

Pelo seu improbo trabalho, o abaixo assignado nada quer por paga, apenas repetirá com o poeta Antonio Ferreira:

« Eu desta gloria só fico contente,
« Que a minha terra ameí, e a minha gente. »

Dr. Alexandre José de Mello Moraes.

Rio de Janeiro, 5 de Agosto de 1878.

CHRONICA GERAL E MINUCIOSA DO BRAZIL

DESCOBERTA DO NOVO MUNDO OU DA AMERICA 1490

HISTORICO

Affonso Sanches, mestre de uma caravella de Cascaes, que conduzia assucares e outros generos da Ilha da Madeira para Lisboa no anno de 1490, pouco mais ou menos, na volta para a Madeira sendo acossado por uma furiosa tormenta de muitos dias, no fim dos quaes, descobrio terras nas Ilhas do Golfo do Mexico, tendo-as mui bem arrumado, voltou para a Ilha da Madeira, onde chegou tão doente e maltratado que senão podia pôr em pé. Desembarcando, foi recolher-se em casa de Christovão Colombo, que era um genovez que vivia na cidade de Funchal, e ganhava a sua vida com o ter casa de pasto e pintar cartas de marear. Agravando-se-lhe a enfermidade, e reconhecendo que morria, para se mostrar agradecido, chamou a Colombo e lhe deu as suas cartas, e o roteiro que havia feito desde as terras que elle tinha descoberto, até a Ilha da Madeira, dizendo-lhe *que nellas lhe dava o maior morgado que se podia dar neste mundo*— a descoberta de um novo mundo.

Christovão Colombo de posse do roteiro e seus segredos, foi á Genova, á Florença, á Lisboa e á Inglaterra, offerecer-se para o descobrimento do Novo Mundo e nenhum dos governos o attendeo. Por

fim valendo-se da protecção de Frei João Pires (franciscano) (1) confessor da rainha Izabel, mulher de Fernando V, o catholico rei de Hespanha, conseguiu proporcionar-lhe os meios, com que pode armar tres caravellas (2).

Partida de Christovão Colombo para o Novo Mundo em 1492

Prompta a expedição sahio Christovão Colombo do porto de Palos de Muger, com tres caravellas no dia 3 de Agosto de 1492, em demanda das Canárias, navegando ao Poente, até que em 11 de Outubro do mesmo anno chegou a Ilha *Guanahany*, que é uma das Lucayas, a qual pôz o nome de S. Salvador.

Embarços na viagem que sobreveio a Colombo

A falta que a tripulação já ia sentindo de mantimentos e a incerteza de encontrar terra, causava murmuração na equipagem, e desejo de amotinar-se; mas Colombo confiado no roteiro de Affonso Sanches, os tranquilisou dizendo-lhes que na distancia de 750 leguas arredadas das Canárias, para o Poente, achariam terra, o que effectivamente aconteceu.

Terras que descobrio Christovão Colombo, 1492—1493

Na Ilha *Guanahany* teve noticias do continente da America, e proseguindo na viagem descobrio a Ilha de Cuba, e a Hespanhola, hoje S. Domingos, a que os indigenas chamavão Hayty, onde deixou 38 homens em um forte de madeira; e fazendo-se na volta da Europa, conchando alguns insulares e objectos do paiz, entrou em Lisboa no dia 6 de Março de 1493, blazonando ter achado a Ilha *Cypango* ou Japão.

No dia 3 de Abril chegou a Madrid, e pelo que foi recebido com extraordinaria alegria, e particularmente por Fernando V e por Izabel a Catholica.

(1) Ha quem diga que a America era ja conhecida na Escandinavia, por te-la descoberto navegadores turcos e noruegueses, que se estabelecerão nella, deixando vestigios de sua existencia no norte da America. Escriptores nacionaes e estrangeiros são concordes em dizerem que foi o portuguez Affonso Sanches o descobridor da America; e o jesuita Manoel Fialho na sua obra *Evora Gloriosa*, escripta 40 annos depois da descoberta da America, e impressa em Roma no anno de 1730 as pags. 124 e 125 afirma, que Sanches foi o descobridor do Novo Mundo ou America. Vid. o 1º tomo da minha *Corographia Historica*, etc.

(2) Outros dizem que Colombo se valeu da protecção do Arcebispo de Toledo, Gonçalo de Mendonça, e do Thesoureiro-Mór Affonso Quintanilha.

Christovão Colombo faz mais tres viagens ao Novo Mundo

Na segunda viagem sahio de Cadix á 25 de Setembro de 1493; na terceira em 1498, e avistou no 1º de Agosto a embocadura do rio *Orenoque*, e a Ilha da Trindade. Na quarta viagem sahio de Cadix no dia 9 de Maio de 1502, e avistou a costa do continente Americano, voltando á Hespanha sem esperanças de reconhecimento por seus serviços.

Soffrimentos de Christovão Colombo

A inveja, lepra chronica do mundo, indispoz contra Christovão Colombo os animos de Fernando V e de Izabel; e os commissarios que o acompanhavão em viagem, arrastados pela maldade o trouxerão a Hespanha carregado de ferros, entrando elle para a cadeia onde, esteve quatro annos, sem que se podesse justificar.

Novo Mundo e depois America

O vasto continente americano não tinha em sua totalidade nome particular. Depois de sua descoberta por Affonso Sanches, era chamado Novo Mundo (1) Americo Vespucio, nascido em Florença em 1451, dado a astromia, a cosmographia e a navegação invejando a gloria do navegador Genovez veio se pôr ao serviço da Hespanha depois da volta de Christovão Colombo em 1492 de sua primeira viagem do Novo Mundo. Fernando V prestando-lhe quatro embarções partio de Cadix em 1497, com Alonso de Ojeda em busca do paiz descoberto por Colombo e gastando 18 mezes, percorreo a terra firme do golfo do Mexico, deixando a Christovão Colombo a gloria de haver descoberto as ilhas. Fez segunda viagem e voltou a Hespanha em 1500. Americo fez publicar a relação de suas viagens, encarecendo os seus serviços, sendo esta descripção a primeira que appareceu na Europa a respeito do Novo Mundo, e por isso foi pouco a pouco o povo se acostumando a dar ao Novo Mundo, por não haver outro, o nome de America, cuja denominação foi assim passando, por suppor-se ter sido Americo Vespucio o seu descobridor.

Descoberta do Brazil

Pedro Alvares Cabral sahindo de Lisboa no dia 9 de Março de 1500 com destino á India, descobrio o Brazil no dia 21 de Abril, no qual plantou no dia 3 de Maio uma cruz em Porto Seguro e pelo que chamou

(1) Diz o padre Francisco do Nascimento Silveira, no seu *Apparato Corographico*, que antes que Colon descobrisse a America a tinham descoberto quatro pilotos portuguezes: Pedro Corrêa, Vicente Dias, Affonso Sanches e Martin Vicente.

ao paiz descoberto, Terra da *Vera-Cruz*; e antes de continuar a viagem, mandou o capitão Gaspar Lemos á Lisboa, com a noticia da descoberta do novo continente, á el-rei D. Manoel. (Vide a pag. 74 do T. 1.^a da 2.^a serie do meu Brazil Historico e o 1.^o T. da minha corographia.)

Descoberta do Rio Amazonas.— 1500

Em Setembro deste mesmo anno Vicente Yanes Pinzon achou a embocadura do rio Amazonas, ao qual denominou *Mar Doce*.

E' convidado Americo Vespucio ao serviço de Portugal 1501

Fernando V não galardou os serviços de Americo Vespucio e estando elle desgostoso em Sevilha el-rei D. Manoel o mandou convidar para Portugal, e se apresentando logo, lhe mandou apromptar tres navios com os quaes sahio de Lisboa para o Brazil no dia 10 de Maio de 1501, e percorrendo alguns logares da costa, voltou á Lisboa, onde chegou em Julho de 1502. Desta viagem só resultou ficar o Brazil considerado um vasto continente.

Explorações da costa do Brazil e descoberta da Bahia de Todos os Santos em 1501 a 1503

El-rei D. Manoel animado pelas informações de Americo Vespucio fez apromptar nova expedição e mandou Gonçalo Coelho, com seis cavallias, em Maio de 1503, em uma das quaes veio por commandante Americo Vespucio, explorar a costa do Brazil, e a 16 de Agosto avistaram a ponta de terra, no Rio Grande do Norte a que denominarão *Cabo de S. Roque*, e seguindo para o sul forão dando aos portos e rios que avistavam o nome do santo do dia e a ponta de terra que avistaram no dia 28 de Agosto, chamarão *Cabo de Santo Agostinho* (Pernambuco): ao rio que avistaram no dia 29 Setembro chamarão *Rio de S. Miguel* (Alagoas); ao outro que avistaram no dia 30 chamarão *Rio de S. Jeronymo*; e o grande rio que encontrarão no dia 4 de Outubro denominarão *Rio de S. Francisco*. No dia 1.^o de Novembro deste mesmo anno entraram em uma espaçosa *Bahia* a que chamarão de *Todos os Santos*. (1)

(1) Sobre a descoberta da Bahia veja-se a pag. 74 do 1.^a tomo da segunda serie do meu Brazil Historico do anno de 1866, o que escrevi e publiquei.

El-rei D. Manoel dá parte aos Reis Catholicos da descoberta do Brazil 1501

Em 29 de Julho de 1501 El-rei D. Manoel, de Portugal, escreve aos reis catholicos dando-lhes conta de todo o succedido na viagem de Pedro Alvares Cabral, descobrindo a Terra da *Santa Cruz*, na qual achou gente nua, como na primeira infancia. Pedro Alvares Cabral chegou de volta da sua viagem á Lisboa no dia 31 de Julho deste mesmo anno de 1501.

Nasce D. João III em 1502

No dia 6 de Junho nasce em Lisboa D. João III, sendo elle depois o fundador e organisador da colonisação e governo colonial do Brazil.

E' recompensado Pedro Alvares Cabral por ter descoberto o Brazil 1502

El-rei D. Manoel em virtude de duas cartas Regias de 1502, expedidas ao recebedor da caça damarçaria de Lisboa, para dar a Pedro Alvares Cabral dos rendimentos della 138, de tença, e ao recebedor da siza, e ao escrivão da marçaria, que desse ao mesmo 30\$ de tença. Estas cartas regias foram expedidas no dia 4 de Abril de 1502. (Vid. o 1.^o tomo da minha Corographia, e o 1.^o T. da 2.^a serie do meu Brazil Historico do anno de 1866).

1.^a Colonia Portugueza do Brazil 1503

Consta que *Gonçalo Coelho* na sua volta dos mares do Sul, tocando em Porto Seguro em fins do anno de 1503, deixou nelle, uma *colonia*, composta da maior parte dos individuos que escaparam dos naufragios, presidida por dois missionarios Franciscanos, onde fundarão uma Ermida.

Primeira exportação de Pão Brazil 1503

O primeiro carregamento de Pão Brazil que sahio da Bahia, para Lisboa, foi feito em dois navios em 1503, o qual Pão sendo exposto ao mercado da Europa deu subido preço, e por isso, motivou a prohibição immediata do commercio delle, monopolisando-se a sua venda para a fazenda real, mediante contracto feito com especuladores, aos quaes exclusivamente ficou pertencendo este commercio.

Foi a importancia que se deu ao Pão Brazil o que acendeu a cubiza das varias Nações da Europa em possuir o continente Brasileiro.

Descoberta da Ilha de S. João ou de Fernando de Noronha 1504

Diogo de Noronha, em viagem para a Índia descobriu em 1504, nos mares do Brazil, uma ilha, a que poz o nome de S. João, que lhe foi dada em remuneração de serviços; e querendo seu filho *Fernando de Noronha*, nova carta de Sesmaria foi lhe concedida, sendo passada em Almeirim, no dia 20 de Maio de 1559. (V. o n. 38 do meu *Brazil Hist.*)

Descoberta de Pernambuco

Tristão da Cunha em 1506, descobriu terras de Pernambuco.

Misericórdia e morte do immortal Christovão Colombo 1505 e 1506

Christovão Colombo, vivia tão pobre, na Hespanha, que escrevendo uma carta a Izabel catholica pedia-lhe uma esmola por caridade, e nella lhe dizia que a isto era forçado por não possuir sequer um *Maravedi* (1) com que fizesse uma offrenda espiritual!!!

Acabrunhado de desgostos e de miséria, e com a saude deteriorada não podendo resistir a tantas desgraças, falleceu no dia 8 de Maio de 1506, sendo sepultado na Cathedral de Sevilha.

Colombo, nascido em 1441, era Genovez, e homem de bem, muito humano e illustrado.

Naufregio de Diogo Alvares Corrêa—

Caramuru 1510

Em 1510 naufragou *Diogo Alves Corrêa*, com outros companheiros nos baixos, visinhos a entrada da barra da Bahia, conhecidos dos baleeiros pelo nome de *Quebrancas*, e dos indios pelo de *Marraguiti* o qual foi salvo da antropophagia dos barbaros, pela india *Parguassê*, filha do chefe *Itaparica*, com a qual se casou, sendo mortos e comidos os demais naufragados (Vid. a historia de Diogo Alvares no meu *Brazil Historico* 1º anno da 2ª serie) e no 1º Tomo da minha *Corographia*).

Morre na Ilha Terceira Americo Vespucio

Americo Vespucio falleceu em 1511 na Ilha Terceira, e deixou a relação das suas quatro viagens, que sendo escriptas em latim foram traduzidas em francez e italiano, impressas em 1592 em Paris.

João Dias Solis entra na bahia do Rio de Janeiro 1515

João Dias Solis ou *Solis* em 1515, correndo a costa do Brazil, entrou na Bahia do Rio de Janeiro, seguiu depois para o Sul, e

(1) Vid. a Encyclopediia Militar e Maritima pelo Conde de Cheseul, artigo Colombo.

chegando a um grande rio (que ficou com o seu nome) penetrou até ao Paragnay, onde foi morto pelos indios; e os navios retrocedendo, foram carregar de pão Brazil em Pernambuco, e seguirão para a Hespanha.

Diogo Alvares Corrêa lança na Bahia os fundamentos da povoação da Graça 1512 a 1515

Das minhas investigações nos documentos historicos, e nos monumentos lapidarios que encontrei na Bahia acredito, que Diogo Alvares Corrêa Caramuru, tendo escolhido o sitio que depois se chamou da Graça, deu principio a primitiva povoação do Brazil, entre os annos de 1512 a 1515. (Vid. a pag. 30 do 1º T. da 2ª serie do meu *Brazil Historico*).

Partida de Diogo Alvares Corrêa Caramuru para França entre os annos de 1516 a 1518

Havendo já alguns annos (7 ou 8) que Diogo Alvares Corrêa vivia entre os Tupinambás, appareceu na enseada da Bahia, entre os annos de 1516 a 1518, uma não franceza, segundo affirma o autor de um manuscrito antigo que possuo, o qual sendo visto por Diogo, já decidido a retirar-se d'entre os selvagens, desceu à praia, fez signal, e sendo recolhido ao bote, a india Paraguassê, que o amava perdidamente, e o espreitava vigilante, vendo embarcar-se, atirou-se ao mar, porque preferia perder a vida, que perder o amante. Diogo, que lhe devia tudo, pede que a salvem, e seguem para França.

Chegão Diogo Alvares Corrêa Caramuru e a india Paraguassê a França 1516

Reinava em França, Francisco I (conde de Angoulême) successor de Luiz XI, que havia subido ao throno em 1515 (fallecido em 1557) e não Henrique II de Valois e Catharina Medicis, como escrevem todos, porque Henrique II succeddo a seu pai Francisco I; e foi este e a rainha Claudia quem casarão Diogo Alvares com a india Paraguassê que recebeu na pia baptismal o nome de Catharina. (Vid. o 1º T. da 2ª serie do meu *Brazil Historico* e a minha *Corographia*).

Contratão-se Fernando de Magalhães e Ituy Falleiro com o governo de Hespanha e se põem ao seu serviço 1518

Fernando de Magalhães, não querendo mais atturar as injustiças de el-rei D. Manoel, com Ituy Falleiro, ambos portuguezes, contratão-se em Valladolid por escriptura, para servirem a Hespanha, no dia 18 de Fevereiro de 1518, e no dia 22 de Março receberam as patentes de ca-

pitães, dadas por D. Joanna e Carlos V seu filho, em que declarão ser naturaes do reino de Portugal, para irem pelo Mar Oceano fazer a viagem á roda do Globo, dando-se-lhe cinco navios e gente necessaria.

Em 28 de Setembro de 1517 Alvaro da Costa participou a D. Manoel, sobre as reclamações que havia feito a Carlos V, e seus ministros, para que não admittisse em seu serviço a Fernando de Magalhães.

Considerações historicas sobre Diogo Alvares Corrêa (Caramurú)

As muitas combinações que fiz em presença da historia, não podia ser no reinado de Francisco II a viagem de Diogo Alvares e Paraguassú á França; e tanto mais é assim, que em 1535 ou começo de 1536, quando chegou o donatario Francisco Pereira Coutinho á Bahia, Diogo Alvares residia ha annos na sua povoação do Salvador ou Villa-Velha, e já havia construido a igreja de Nossa Senhora da Graça, e tambem a de Nossa Senhora da Victoria, que foi pelo que me parece, concluida de todo com o auxilio do donatario e dos colonos que com elle vierão, como se vê da carta de sesmaria, passada em 20 de Dezembro de 1536 a Diogo Alvares, e da inscripção lapidaria que existe em um quarto, ou sacristia do lado do norte, do arco cruzeiro ao presbiterio da igreja de Nossa Senhora da Victoria, onde se lê: que em 1534, casou-senaquella igreja Affonso Rodrigues com Magdalena Alvares, filha de Diogo Alvares e Catharina Paraguassú.

Em presença, pois, da inscripção lapidaria e das notas genealogicas da familia de Diogo Alvares Corrêa, e da carta de sesmaria passada em 20 de Dezembro de 1536, pelo donatario a Diogo Alvares de 400 varas de terrenos, onde elle já tinha a sua povoação, e do anachronismo da historia da França, para justificar uma falsidade historica, visto que a ascensão de Francisco I ao throno de França, foi em 1515, fica evidentemente provado que a partida de Diogo Alvares Corrêa (Caramurú), e de Paraguassú para á França não foi em 1524, e nem mais adiante, como querem alguns, porque casando elle duas filhas em 1534, essas duas senhoras deverião ter pelo menos 14 e 15 annos, com um ou dous annos que levassem de ida e volta na sua viagem á França, prefaz a época que o criterio me levou a prefixar entre os annos de 1516 á 1518.

Nem no archivo do Mosteiro de S. Bento da Bahia, e nem no do convento de S. Francisco, e nem na antiquissima casa da Torre de Garcia d'Avilla, e nem nos manuscriptos genealogicos que possui, e nem por tradições consta que Diogo Alvares tivesse tido filhos de Catharina Paraguassú antes da sua partida para a França, e nem

que os deixasse entregues a alguem, pela precipitação de sua viagem.

Fui minucioso nas indagações dos factos, por conhecer a importancia delles, e por isso nada poupei para descobrir a verdade, que até hoje tem andado occulta, mas que julgo ter descoberto agora, baseado no que acabei de expôr.

Primeira viagem a roda do globo, 1519

Fernando de Magalhães e Ruy Falleiro, cosmographos, e pilotos portuguezes, ao serviço de Castella, em viagem á roda da terra, entrão na enseada do Rio de Janeiro em 13 de Dezembro de 1519 e lhe derão o nome de Bahia de *Santa Luzia*, em attenção ao nome da Santa em cujo dia a festeja a igreja.

Morte de Fernando de Magalhães, 1521

Fernando de Magalhães, sahindo da Bahia do Rio de Janeiro e correndo a costa do sul, no dia 21 de Outubro de 1520 descobrio na Patagonia o Estreito que ficou com o seu nome, e atravessando o Oceano Pacifico chegou as Felippinas, e foi morto em Zébu pelos naturaes do paiz no dia 27 de Abril de 1521.

Morte de El-rei D. Manoel, 1521

Em 13 de Dezembro de 1521, falleceu el-rei D. Manoel, em Lisboa, succedendo-lhe no throno seu filho D. João III, que proseguio nos descobrimentos. Christovão Jacques é mandado em 1526, á Pernambuco, para guardar a costa do Brazil, contra as invasões dos francezes e alli se conservou, até a de 1528. No anno seguinte Diogo Garcia, subindo o *Rio de Solis*, ou Paraguay, encontrou-se no Paraná com Sebastião Cabato, e em consequencia de lhes darem uns pedaços de *prata*, mudarão o nome de *Rio Solis*, para o de *Rio da Prata*.

Fundação da Ermida de Nossa Senhora da Graça 1524 a 1525

A Ermida de Nossa Senhora da Graça, fundada por Diogo Alvares Caramurú, na Bahia de Todos os Santos, teve por origem segundo a tradição bahiana, e alguns escriptores, um sonho de Catharina Alvares Paraguassú. No Mosteiro da Graça da Bahia existe um antiquissimo painel representando o sonho de Catharina Paraguassú e a Ermida primitiva, do qual mandei tirar uma cópia fiel a oleo que o colloquei na capella de N. S. dos Navegantes da rua de Itapirú, antiga de Catumby. (Vid. o 2º T. da 2ª serie do meu Brazil Historico.)

Descobrimento da capitania do Espírito Santo 1526

Em 13 de Maio de 1526 é descoberto o território da Capitania do Espírito Santo, doada a Vasco Fernandes Coutinho no dia 1º de Junho de 1534, da qual recebeu Foral em 7 de Outubro do mesmo anno e a confirmação em 12 de Março de 1543.

Feitoria franceza em Itamaracá 1530

Duarte Coelho Pereira em 1530 foi mandado á Pernambuco correr a costa e achando na ilha de *Itamaracá*, uma feitoria de francezes, que se tinha estabelecido desde 1525 os expellio d'alli.

Receios da corôa de Portugal ácerca do Brasil 1530

El-rei D. João III temendo que os hespanhoes já estabelecidos no Rio da Prata quizessem se estender pelas terras do Brazil, preparou uma armada e a confiou a Martim Affonso de Souza para vir ao Brazil tomar as providencias que julgasse necesarios e fundar uma colonia regular no sul do Brazil.

Viagem de Martim Affonso de Souza 1530 e 1531

Neste mesmo anno Martim Affonso de Souza, é mandado ao Brazil, e na altura do cabo de Santo Agostinho aprisionou tres navios francezes carregados de pão Brazil (*Ibirapitanga*), e enviando o capitão João de Souza, com dous delles á Lisboa, e seguindo viagem para o sul entrou na Bahia de Todos os Santos, onde se demorou alguns dias: e depois continuando a viagem, avistou no dia 1º de Janeiro de 1532 a embocadura da *ensada de Nicterohy*, entre duas montanhas que suppondo ser a de um Rio, o denominou— *Rio de Janeiro*. Receioso de entrar pela bocca do Rio de Janeiro, foi saltar na Praia Vermelha, que ficou com o nome de *Praia de Martim Affonso*, e não achando conveniente o lugar para fundar uma colonia, seguiu para o Rio da Prata, e de volta entrando no dia 23 de Janeiro de 1532, dia de S. Vicente, em uma Bahia, a denominou de *S. Vicente*, onde fundou a primeira colonia regular portugueza.

Tempo que governou Pernambuco Duarte Coelho Pereira 1530 a 1554

Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario de Pernambuco, casado com D. Brites de Albuquerque, filha de D. Lopo de Albuquerque e D. Joanna de Bulhão da Cunha, governou a capitania desde Setembro

de 1530 em que foi mandado a Pernambuco explorar a costa, até 7 de Agosto de 1554 em que falleceu.

D. Brites de Albuquerque tambem falleceu no anno de 1575.

Fundação da igreja da Victoria 1530

Pelos assentos de casamento das filhas de Diogo Alvares Caramurú com D. Catharina Paraguassú em 1534, e inscripções lapidarias que li nessa igreja, calculei ter sido no anno de 1530, pouco mais ou menos o tempo da construcção da igreja da Victoria da Bahia.

D. João III crea o Tribunal da Inquisição 1531

E' creado em Lisboa o tremendo e infernal Tribunal da Inquisição em 1531 (e melhor organizado em 1536) no anno seguinte de 1532 foi estabelecido o Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens. (Vide a pag. 37 da minha obra *Independencia e o Imperio do Brazil*.)

Tratado de alliança entre Portugal e a França 1531

No dia 4 de Agosto de 1531 acceitão-se e assignão-se em Fontainebleau os preliminares do tratado de alliança entre os reis de Portugal e da França.

Martim Affonso de Souza funda a primeira colonia regular portugueza 1532

Martim Affonso de Souza, de volta de sua viagem do sul do Brazil em 22 de Janeiro de 1532, como já disse, entra em uma Bahia a que chamou de S. Vicente e ahi funda, a primeira povoação regular de alguma importancia no sul do Brazil, a que denominou de S. Vicente em honra do santo em cujo dia alli chegou.

Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso retira-se para Portugal 1532

No dia 3 de Agosto de 1532 Pedro Lopes de Souza segue para Portugal navegando pela costa do Brazil até a altura de Pernambuco, se fez ao mar e segue em direitura para Lisboa, levando a noticia dos successos praticados por seu irmão.

Carta do Dr. Govêa a el-rei D. João III, partici- pando-lhe a intenção dos francezes em colonisar o Brazil 1533

A falta de documentos historicos fez que os historiadores do Brazil passassem por alto a exposição dos factos dos tempos pri-

mitivos, e por isso todos ressentem-se desta escuridão; proponho-me fazer a luz em vista dos documentos que pude obter. O lapso obscuro da nossa historia será esclarecido com as noticias autenticadas pelos documentos e para seguir a ordem dos tempos, os resumirei indicando os factos.

O Dr. Gouvêa em 29 de Fevereiro e no dia 1º de Março de 1533 achando-se em Rohan escreve a el-rei D. João III participando-lhe a prisão de uns francezes, feita no Brazil, dizendo terem elles levado um frade franciscano, com o proposito de fundarem uma colonia; que já se sabia do continente brasileiro quanto as suas vantagens e riquezas, e por isso convinha tomar providencias e obstar que os francezes viessem ao Brazil colonisa-lo, e povoa-lo (Vide o meu Brazil Historico 1º T. do segundo anno de 1866 os documentos em sua integra.)

Primeiro engenho de assucar na capitania de S. Vicente e povoação da villa de Santos 1536

Braz Cubas fundou o primeiro engenho de assucar em 1536 chamado *Inguagussu* em Icrypatuba, na capitania de S. Vicente, cujas terras obteve do capitão-mór Antonio de Oliveira; depois obteve as terras do Oiteirinho de Santa Catharina, que se achava coberto de mato virgem.

A boa ancoragem que offerecia o porto de Santos fez que elle edificasse casa para tratamento dos marinheiros, e como alli já vivião dous lavradores Domingos Pires e Pascoal Fernandes, forão affluindo outros moradores e a povoação se estabeleceu e progredio.

O Brazil é dado por D. João III a diversos donatarios de 1532 a 1536

D. João III dividiu o vasto territorio do Brazil em capitancias de cem legoas de costa, e as deu a diversas pessoas para povoa-las, sendo— a Martim Affonso de Souza a de S. Vicente; a de Santo Amaro, a Pero Lopes de Souza; a da *Parahyba do Sul* a Pero de Góes; a do *Espirito Santo*, a Vasco Fernandes Coutinho; a de *Porto Seguro*, a Pero ou Pedro de Campos Tourinho; a de *Ilheos* a Jorge de Nogueiredo Corrêa; a da *Bahia de Todos os Santos*, a Francisco Pereira Coutinho; a de *Pernambuco*, a Duarte Coelho Pereira, da qual tomou posse em 2 de Junho de 1535; e a do *Maranhão*, ao historiador João de Barros.

Clima e salubridade do Brazil em suas diferentes zonas

Amazonas—O clima é quente e muito humido, chove irregularmente, e muito principalmente de Novembro a Julho, e por isso é pouco sadio para as pessoas que se expõem as intemperies dos dias; o calor

do sol equatorial é mitigado pelas chuvas e vastas florestas, o que torna os dias e as noites sempre agradaveis e frescas.

Pará.—O clima como o de todo valle do Amazonas é quente e humido, e por isso é pouco sadio para quem se expõe ás suas intemperies, especialmente pelas aguas dos rios, que seis mezes enchem e outros tantos vassão, e por isso as intermittentes nos sitios pantanosos e a febre amarella, a colerina, o beri-beri com caracter benigno são ahi molestias epidemicas: tambem se sente a elephantisis em alguns sitios á margem do Amazonas, devida, segundo dizem, á alimentação do peixe pirarucu. Chove quasi todos os dias, no verão, sempre depois do meio dia, e no inverno a qualquer hora. As manhãs e noites são agradaveis e frescas.

Maranhão.—O clima é quente e humido, as chuvas começam regularmente em fins de Dezembro, em quanto que de Outubro em diante appareça alguma chuva, que vulgarmente denominação chuva de cajú, são abundantes e acompanhadas de muita electricidade, tornando-se mais fortes e frequentes em Maio e fins do inverno. E' geralmente salubre, excepto nas visinhanças de Parnahyba, onde são quasi constantes as febres intermittentes.

Piahy.—O clima é quente e humido, pouco salubre nas margens de alguns rios como Parnahyba, Poti, etc., principalmente para as fronteiras onde se têm de pagar tributos ás intermittentes, chamadas *carneiradas*. As chuvas que vão sendo alli menos abundantes, começam regularmente em Outubro e durão até Abril, e são acompanhadas de fortes trovoadas.

Gerard.—O clima é humido e quente na beira do mar, e no sertão secco e quente; mas geralmente salubre e doce, á excepção do sertão no rigor do verão, onde o calor durante o dia é bastante forte, o que todavia é compensado pela frescura das noites, sempre bellas e claras; nas serras e praias é sempre fresco pela constante viração. Só tem duas estações como nas provincias vizinhas; a chuvosa que se chama *inverno*, começa regularmente em Janeiro ou Março e dura até Junho; e a *secca* ou *verão* que dura o resto do anno (1). O maior calor não sobe no sertão a 55º centigrados, e nem *desce* o maior frio abaixo de 18º.

(1) Os invernos são irregulares; passam-se ás vezes annos em que não chove, e então ha secca, que mata o gado e até gente por falta de alimentos. As maiores seccas que causarão maiores estragos e deixarão mais sensível recordação forão as de 1792, 1825 e 1845. Ayres do Casal refere que na primeira, os habitantes de seis freguezias as desampararão sem ficar viva alma, isso porém não é exacto. Ha tres annos 1877 a 1879 que o Ceará experimenta a mais horivel destruição occasionada pela secca da qual farei menção com todos os seus horrores quando chegar ao anno actual de 1879.

Rio Grande do Norte.—O clima é secco e geralmente sadio; o inverno, que começa regularmente em Março é escasso, e ás vezes dura até Julho: esta provincia é sujeita a seccas como a do Ceará.

Parahyba.—O clima é geralmente quente e secco, porém refrescado pela viração do mar, e é muito salubre. As chuvas ordinariamente começam pelo equinoxio de Março, e durão nos annos regulares até Julho. Esta provincia é sujeita a seccas como as suas vizinhas.

Pernambuco.—O clima é diverso, segundo a natureza do solo, na parte da beira mar e mattas é quente e muito humido, porém refrescado pela brisa; no sertão secco e quente, é geralmente sadio, á excepção das febres intermitentes, que reinão em toda costa do Brazil;) não ha molestia epidemica. Só tem duas estações como as mais provincias do norte; a chuvosa que começa regularmente em Março até Julho, e a secca de Agosto a Fevereiro.

Alagóas.—O clima é bastante humido por causa das muitas lagoas perto do littoral e das grandes mattas para o interior; é salubre. Nas margens do S. Francisco, é onde em certas épocas reinão *carneiradas*, devidas ás enchentes do grande rio que se expraia á mais de dez legoas em algumas localidades.

Sergipe O clima é semelhante ao das Alagóas; na parte da provincia onde ha mattas, é humido, e no sertão secco; reinão febres intermitentes nas praias, e em alguns sitios pantanosos.

Bahia.—Varia segundo a natureza do terreno; na parte do littoral que se chama —Reconcavo—, e se estende em uma linha parallela de largura desigual até 30 leguas onde chove constantemente, o clima é quente e humido; no sertão é secco e quente. Até 1849 a Bahia era assaz salubre, porém desta época em diante a febre amarella tornou-se alli epidemica, e ataca com preferencia os europeos

Espirito Santo.—O clima é humido, porém saudavel, de temperatura agradável e geralmente salubre.

Provincia do Rio de Janeiro.—O clima é temperado, muito agradável e saudavel na parte elevada, porém pouco sadio nos sitios baixos e pantanosos, que occupão grande parte da provincia, onde reinão febres intermitentes e perniciosas. Depois da invasão da febre amarella no Brazil, ficou epidemica no porto do Rio de Janeiro, principalmente para os estrangeiros. (Vid o meu Dicc. de M. Homœop.)

Município neutro.—O clima é como o da provincia na parte do littoral da bahia, muito variavel, frio no inverno e muito quente na estação calida e sempre humido. E' pouco salubre, principalmente depois da invasão da febre amarella, que ficou epidemica.

S. Paulo.—Situado quasi todo além dos tropicos, gosa de um clima temperado, dóce e saudavel, onde os europeus meridionaes

pouca differença sentem, principalmente na parte elevada; na beiramar porém é calido, bastante humido, e por isso sujeito a febres; na parte mais fria em alguns lugares é epidemica a bronchescelles, ou *papo*, e a elephantisis.

Paraná.—O clima é temperado, como o do meio-dia da Europa, e geralmente sadio.

Santa Catharina.—O clima é temperado, dóce e agradável, e geralmente salubre, a excepção de alguns sitios pantanosos. A boa qualidade das terras, a dóce temperatura do ar, a uniformidade das estações, que tem mui pouca variação, fazem que esta provincia seja appellidada o *paraíso terrestre do Brazil*.

Rio Grande do Sul.—O clima é temperado e ameno, como o do meio-dia de Europa. No inverno chega a gelar em algumas partes; no verão o calor é summamente forte. Seu maior dia é de 14 horas. Os europeus dão-se alli muito bem. E' geralmente sadio, á excepção de algumas febres intermitentes nos lugares paludosos.

Minas Geraes.—O clima em geral é saudavel, e para a parte meridional é assáz macio e benefico; mas alguns sitios são sujeitos a febres intermitentes e a elephantiasis.

Goyaz.—O clima é secco, as chuvas apparecem com trovoadas em Outubro e findão regularmente em Abril.

Matto Grosso.—E' variavel segundo a diversidade da latitude, em geral saudavel, por ser o terreno elevado e principalmente na parte que fica além dos tropicos; é tambem salubre, excepto nos sitios pantanosos, onde reinão intermitentes e uma enfermidade conhecida alli pelo nome de *corrupção ou maculo*.

Límites da capitania de Pernambuco 1534

A capitania de Pernambuco começava no Rio de S. Francisco, e terminava no rio que cerca a Ilha de Itamaracá. Foi de 1534 em diante que el-rei D. João III mandou que o continente do Brazil se chamasse Terra de Santa Cruz.

Fundação da villa de Olinda 1535

Duarte Coelho Pereira em 9 de Março de 1535 tomou posse da capitania de Pernambuco e começou a edificação de villa de Olinda.

Francisco Pereira Coutinho accrescenta a povoação no lugar da Victoria e levanta um forte 1536

Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia chegando alli, achou Diogo Alvares com a familia na sua povoação e acrescentando o povoado de Diogo Alvares ficou conhecido pela denominação de *Villa Velha* ou povoação do Pereira.

Francisco Pereira Coutinho deu uma sesmaria de terras a Diogo Alvares Caramurú na Bahia em 1536

Francisco Pereira Coutinho veio á Bahia em fins de 1535 ou começo de 1536, e isto sei, porque no dia 20 de Dezembro de 1536, passou e assignou carta de sesmaria de 400 varas de terras de largo, e 500 de fundo a Diogo Alvares Corrêa (Caramurú) na Graça, onde já elle tinha fundado a sua povoação, chamada depois Villa Velha. ou do Pereira, e Francisco Pereira Coutinho uma fortaleza (Vide o *Brazil Historico*).

Neste mesmo anno de 1536, fallecerão desgraçadamente Ayres da Cunha e os filhos do historiador João de Barros, nos baixos proximos á ilha do Maranhão.

Primeira fortaleza da Bahia 1536

A primeira fortaleza da Bahia foi a de Santo Antonio da Barra segundo collijo da carta de sesmaria que Francisco Pereira Coutinho passou em 20 de Dezembro de 1536 a Diogo Alvares Corrêa (Caramurú) de 400 varas de terrenos de largo e 500 de fundo, onde elle já tinha a sua povoação da Graça ou Villa Velha, e bem do que refere Gabriel Soares. (Vide o *Brazil Historico*)

Jesuitas no Rio Grande do Sul 1536 e 1537

Conta-se que entre os annos de 1536 e 1537 vierão alguns jesuitas ao Rio Grande do Sul, e, desembarcando na Lagôa dos Patos, já alli acháráo companheiros, os quaes distribuindo-se por differentes pontos, entre os guaranys, pregarão a doutrina de Christo. (Vide o *Brazil Historico* 1º anno de 1866).

Naufragios nas costas do Brazil 1537

Sabe-se com segurança que em 1537 varios navios hespanhoes que navegavão para o Rio da Prata padecerão naufragios nas costas da capitania de S. Vicente, como em tempos anteriores padecerão alguns navios de Gonçalo Coelho e de Christovão Jacques, em outros pontos da costa do Brazil. Esses benemeritos navegantes merecem eterna gratidão da posteridade. (Vid. o *Brazil Hist.* a fund. da I. da Graça).

Gonçalo Monteiro passa a governar a capitania de S. Vicente 1537

Pedro Lopes de Souza, que governava a capitania de S. Vicente pela ausencia do donatario, foi substituido por Gonçalo Monteiro, no posto de capitão-mór, por alvará passado por D. Anna Pimentel, mulher

de Martim Affonso de Souza em 1537; mas não convindo a Gonçalo Monteiro este encargo, retirou-se para Lisboa no anno seguinte de 1538, sendo substituido por Antonio de Oliveira.

Bulla de Paulo V declarando os indios serem homens 1537

Correndo a noticia, que os selvagens do Novo Mundo não erão do genero humano, Paulo V pela bulla de 2 de Junho de 1537 declara *urbi et orbi*, que os selvagens indigenas do Novo Mundo são realmente homens; e pelas letras apostolicas de 9 do mesmo mez e anno, declara que são racionais e como taes serão tratados.

Diogo de Menezes dá conta a el-rei D. João III respeito do Brazil 1538

Diogo de Menezes, em uma carta que escreveu a el-rei D. João III em 1538 lhe faz uma exposição das grandezas do Brazil. Esta primeira carta eu a publiquei na segunda serie do primeiro anno do meu *Brazil Historico*.

Nasce Jorge de Albuquerque Coelho em Pernambuco em 1539

Em Olinda, de Pernambuco, nasce Jorge de Albuquerque Coelho segundo filho do primeiro donatario Duarte Coelho Pereira e D. Brites de Albuquerque no dia 3 de Abril de 1539.

Primeiros engenhos na Bahia 1537 a 1540

Nas proximidades do Dique, suburbios da cidade, fundarão os primeiros colonos na Bahia dous engenhos de assucar, que forão destruidos e queimados pelos indios Tupinanbás.

Martim Affonso de Souza, em viagem para a India toca na Bahia 1541.

Martim Affonso de Souza, indo para a India como vice-rei em 1541 arribou a Bahia neste anno, levando comsigo alguns jesuitas sendo o mais notavel, dentre elles, o glorioso S. Francisco Xavier, apostolo das Indias, para a pregação do Evangelho.

Grandes temporaes nos mares do sul 1542

No anno de 1542 nas costa do mar da capitania de S. Vicente e mesmo mais para o sul houverão muitos temporaes, e o mar tornou-se tão furioso que em S. Vicente destruiu a povoação, deitando abaixo o proprio pelourinho da villa.

Engenhos em Pernambuco e introdução de escravos da Africa no Brazil 1542

Duarte Coelho Pereira em 26 de Abril de 1542 escrevendo a el-rei D. João III, lhe participa ter dado ordem a se fazerem mais alguns engenhos de assucar por haver em Pernambuco grande quantidade de cannas plantadas, bem como pede a el-rei permissão para haver escravos da Africa para a lavoura de Pernambuco.

João Ramalho muda-se de S. Vicente para cima da serra do Cubatão em 1543

João Ramalho, que recebeu Martim Affonso, vivia em S. Vicente, e para evitar maiores desgostos passou-se em 1543 com sua familia para cima da serra do Cubatão, porque os novos povoadores permaneciam sempre em desavenças com os naturaes do paiz. Esses disturbios derão lugar á que a camara de S. Vicente em 21 de Julho de 1543, baixasse um Edital estipulando o preço dos resgates dos pobres Indios, marcando o valor de 4\$000 por cada um que fossem escravizados e d'ahi para baixo conforme o sexo e a idade.

Christovão de Aguiar d'Alto, tomou conta do governo da capitania de S. Vicente em 1543

Christovão de Aguiar d'Alto por Alvará de D. Anna Pimentel, de 1543, tomou conta da administração da capitania de S. Vicente, e se não dando bem nella retirou-se para Lisboa. A elle deu ordem D. Anna Pimentel para perseguir os indios.

Pedro Góes dá conta a el-rei D. João III, do estado da sua capitania da Parahyba do Sul 1546

Do anno de 1545 não encontrei nos meus manuscritos, documento algum historico de importancia, mas no seguinte de 1546 achei a carta de Pedro de Góes mandada a el-rei D. João III datada de 27 de Abril desse anno, na qual lhe conta de como achou a sua ilha e capitania-mór, e que de novo fizera pelo rio acima, povoações de muitos visinhos, e outras cousas em honra de Deos e proveito de S. Alteza, e ao mesmo tempo pede protecção para sua familia que era mui pobre. (Vid. o *Brazil Historico*.)

Carta de Duarte Coelho Pereira a el-rei D. João III 1546

Duarte Coelho Pereira em 20 de Dezembro de 1546 escrevendo a el-rei D. João III, não só ractifica o que lhe communnicaou em outras cartas, como lhe lembra as providencias que se devem tomar em pro-

veito da Nova Luzitania (Brazil) e lhe pede remedio aos muitos damnos que está padecendo a sua capitania, e que lhe não mande mais degradados, visto serem tão máos, que todos os dias os manda enforcar. Pede a S. Alteza que ordene a todas as pessoas a quem deu terras no Brazil as venha povoar e residir nellas; bem como lhe mande ouvidor que saiba e entenda o que ha de fazer. Pede que dê providencias sobre as cousas da Bahia, porque Francisco Pereira Coutinho, sendo velho, doente e mole, se não sabe haver com os desordeiros desobedientes que se levantarão contra elle e fez perder a Bahia, sendo um *clerigo* o causador dos damnos, e lhe roga que o mande prender e transportar-o para Lisboa (*Brazil Historico*).

Primeiro Hospital da Misericórdia, no Brazil 1547

Braz Cubas, colono de S. Vicente, em presença do bom porto de ancoragem da Bahia de Santos, concebeu a idéa de fundar uma casa para enfermaria e curativo da marinhagem dos navios de cabotagem que fossem á S. Vicente, e para os forasteiros. A idéa de Braz Cubas foi applaudida pelos moradores do porto de Santos. Precedendo o consentimento do capitão-mór de S. Vicente Christovão de Aguiar Daltro, foi a casa de caridade levantada em Santos nos principios do anno de 1547, e approvada pelo governo, com a criação de uma confraria, por Alvará de 2 de Abril de 1551.

Carta de Duarte Coelho escripta de Olinda a el-rei em 22 de Março de 1548

O Donatario de Pernambuco Duarte Coelho Pereira em 22 de Março de 1548 escreveu a D. João III dando conta do procedimento do almoxarife Vasco Fernandes, que tinha vindo á Pernambuco com elle, havia 13 annos, deixando sua mulher e filhos, e que o seu comportamento era digno de louvores, e que havendo dado uma porção de terras, pretendia em uma Ribeira levantar um engenho, e por isso desejava ser ajudado. Diz a Sua Alteza que não desconsidere as terras do Brazil, e particularmente as de Pernambuco par serem muito fertes e de grandes vantagens para a agricultura (*Brazil Historico*).

Morte desastrosa de Francisco Pereira Coutinho 1548

Em 1548 morreu afogado Francisco Pereira Coutinho voltando do sul para a Bahia nos baixos e recifes, chamados *Paraiuna*, na costa do mar Grande, na ilha de Itaparica.

Carta de Affonso Gonçalves a el-rei D. João III 1548
(Pernambuco)

Em 10 de Maio de 1548 Affonso Gonçalves escreve a el-rei D. João III queixando-se de que na terra da Santa Cruz não se administra justiça, e que assim que chegára lhe derão noticia que 7 náos francezas, passarão se para os Pitaguazes, e depois, passarão outras, tendo com uma dellas pejeia um seu bergantin que ia ao resgate. Expoem a historia do conflicto, e lhe pede a mercê do habito com alguma tença. Pede para Pero de Mesquita, filho de Bastião Affonso que foi ourives de Sua Alteza, e afianador da casa da moeda de Lisboa, a confirmação da reitoria e da igreja que elle fundou a sua custa na sua fazenda, sendo ella a melhor que havia nesses tempos em Pernambuco. Diz que teve na sua igreja sempre um padre para administrar os sacramentos a pessoas da sua povoação, e tudo pago a sua custa. Que a sua povoação tendo 200 almas, já tinha necessidade de 2 padres, e que ficando distante 5 leguas da villa de Duarte Coelho Pereira (*Olinda*) lhe pedia que escrevesse a Duarte Coelho, para lhe não impedir que os dizimos sejam para sua igreja, afim de manter com toda a decencia o culto Divino, e sustentar a sua fazenda com a qual tem despendido muito cabedal e risco de vida, visto a distancia que ha entre a sua fazenda e a villa de Duarte Coelho Pereira (*Brazil Historico*).

Luiz de Góes, da villa de Santos, escreve a el-rei em 12 de Maio de 1548 a respeito do estado da capitania de S. Vicente

Na carta de 12 de Maio de 1548, Luiz de Góes diz a el-rei que por seu filho Pero de Góes communicou-lhe que convém soccorrer as capitánias e costas do Brazil, porque este paiz está arriscado de ser tomado pelos francezes, visto como desde o anno de 1546 vem 7 e 8 náos francezas ao Cabo-Frio e Rio de Janeiro carregar e commerciar com os Indios. Diz mais a el-rei que em quanto os francezes não passavão do cabo de Santo Agostinho e da Bahia, não erão suspeitosos; mas que agora sim; e que sendo os francezes gente má e cubiçosa, em conflicto com elles lhe tomára duas náos que encontrou no Rio de Janeiro. Diz mais a el-rei que desde que veio para o Brazil com Martim Affonso de Souza, vive em trabalhos, gastando tudo o que tinha e até a propria vida, e a da mulher e filhos. (*Brazil Historico*).

Retrospecto summario desde 1500 a 1548

A El-rei D. Manoel o ingrato e de má character, que absorvido com os negocios da Asia e da Africa, e com os divertimentos e sarãos que dava nos paços da Ribeira, e em despejar os thesouros da Asia no cofre de

S. Pedro em Roma lhe succedeu seu filho D. João III, em 17 de Dezembro de 1521, que entregue aos frades e jesuitas, fez amortecer o espirito publico com a creação da inquisição e mesa da consciencia e ordens, não se tratando mais que de rezar e desfigurar a mesma religião. O Brazil passou a ser educado pelos jesuitas e pelos frades e comprimido pelo despotismo mais ou menos feroz da corte portugueza. O Brazil sendo doado por D. João III a particulares, com o titulo de Donatarios, para provel-o e engrandecel-o, quasi nada conseguiu; e as imprudencias ou fraqueza do donatario Francisco Pereira Coutinho, e o receio de perder-se o Brazil pelas constantes invasões dos armadores francezes, chegando a noticia á Lisboa da morte desastrada do donatario Francisco Pereira Coutinho nos Baixos de Parauna, em Itaparica, ficando a capitania da Bahia entregue aos cuidados de Diogo Alvares Corrêa Caramurú, resolveu-se então a corte de Lisboa, ou antes D. João III a tomar conta della, para acabar com o arbitrio dos donatarios, a fazel-a povoar, e mandar edificar uma cidade que servisse de centro as demais povoações, e levando a effeito a sua resolução, mandou apromptar uma armada, provel-a de todo o necessario e nomeou a Thomé de Souza, do seu conselho, filho de João de Souza, prior de Rataens, para edificar a cidade, fazendo-o capitão e governador geral, dando-lhe alçada e poderes em seu regimento, para nullificar aos que tinha conferido aos donatarios das outras capitánias, cuja nomeação foi passada em Almeirim em 7 de Janeiro de 1549.

Regimento de Thomé de Souza 1548

O regimento que servio a Thomé de Souza foi passado em Almeirim em 17 de Dezembro de 1548, e a nomeação de capitão e governador geral em 7 de Janeiro do anno seguinte de 1549, contendo o regimento 41 artigos e mais 7 artigos subsidiarios.

Empregados que forão nomeados para acompanhar Thomé de Souza 1548

A medida que se apromptava a esquadra, e se provia de todo o necessario para a edificação e construcção de uma cidade, apparecerão as nomeações dos empregados que tinham de acompanhar ao governador Thomé de Souza, e como pelo tempo em que forão passados, são de inestimavel valor, as indicarei nesta chronica, podendo ser lidas na sua integra no meu *Brazil Historico* e nos manuscriptos que possuo.

Nomeações 1549

Alvará de mercê de 12 de Dezembro de 1548 nomeando a Rodrigo de Freitas para escrivão do almoxarifado do armazem de mantimentos da Bahia, com 30\$ de ordenado cada anno. (Ms. ined.)

Alvará de 14 de Dezembro de mercê a Antonio Alves do officio de provedor da fazenda, na capitania de Jorge de Figueiredo.

Alvará de mercê de 7 de Janeiro de 1549 do officio de provedor-mór da fazenda real na Bahia de Todos os Santos, a Antonio Cardoso de Barros, cavalheiro fidalgo da casa real. O regimento que recebeu o provedor-mór Antonio Cardoso de Barros foi assignado em Almeirim no dia 17 de Dezembro de 1548 e contém 30 artigos. (Vid. o meu *Brazil Historico*.)

Alvará de 2 do Janeiro de 1549, de mercê do officio de escrivão da provedoria e da alfandega na Bahia de Todos os Santos ao moço da camara Antonio do Rego

Alvará de 3 de Janeiro de 1549, de mercê a Miguel Muniz do officio de escrivão dos contos da Bahia.

Alvará de 6 de Janeiro de 1549, de mercê a Gaspar Camargo, do officio de contador da Bahia de Todos os Santos e terras do Brazil, com ordenado e poder resgatar escravos.

Alvará de 7 de Janeiro de 1548, de mercê a Miguel Muniz, para escrivão dos contos da Bahia e resgate de escravos.

Alvará de 7 de Janeiro de 1549, de mercê a Nuno Alvares, de escrivão da armada para poder resgatar da roupa um escravo, sem pagar direitos.

Alvará de 7 de Janeiro de 1549, determinando que caso fallecesse Gaspar de Camargo no Brazil, nomeado contador, ou outro qualquer, de se fazer mercê do officio de contador, ou outro officio a pessoa que se casasse com uma de suas filhas legitimas, sendo a dita pessoa apta para servir.

Alvará de 9 de Janeiro de 1549, de mercê a Pero de Gôes capitão mór do mar da costa do Brazil, por 3 annos com 200\$ de ordenado cada anno, e todos os prós e precalços que lhes pertencerem de direito. No mesmo dia lhe mandou passar uma provisão para poder mandar levar para o reino da sua capitania dois mil quintaes de Pão Brazil; não o podendo fazer de outra capitania.

Alvará de 10 de Janeiro de 1549 em favor de Francisco Mendes da Costa, escudeiro fidalgo de sua casa, que vai para escrivão da fazenda das terras do Brazil, por cinco annos, com 20\$000 cada anno enquanto servir o dito officio. (Ms. ined.)

Alvará de 14 de Janeiro de 1549 para se dar o ordenado de 72\$000 cada anno, a Luiz Dias, que vai por mestre das obras das fortalezas que se hade fazer na Bahia. (Ms. ined.)

Alvará de 15 de Janeiro de 1549 marcando 15\$000 de ordenado a Diogo de Castro (boticario) que vai com Thomé de Souza. (Ms. ined.)

Alvará de 15 de Janeiro, concedendo a Pero (Pedro) Borges o titulo do Dezembargador da Casa da Supplicação, visto ir para a Bahia como Ouvidor Geral. (Ms. ined.)

Alvará de 1 de Janeiro de 1549 mandando dar trinta cruzados e Luiz Dias, cavalheiro da sua casa, que vai para mestre das obras da Brazil. (Ms. ined.)

Alvará de 24 de Janeiro de 1549 fazendo mercê a Francisco Mendes da Costa, escudeiro fidalgo, do officio de escrivão d'ante o Provedor-Mór da Fazenda, com 80\$000 de ordenado cada anno. (Ms. ined.)

Alvará de 15 de Janeiro de 1549, de mercê de escrivão da armada do Brazil a Nuno Alvares, sobrinho de Bernardo Esteves (Ms. I.)

Alvará de 15 de Dezembro de 1549 de mercê a Pedro Ferreira, moço da camara, de thesoureiro das rendas do Brazil por cinco annos, com ordenado de 80\$000 cada anno (Ms. ined.)

Alvará de mercê de 15 de Janeiro de 1549 a..., moço da camara do officio de Provedor de Fazenda do Salvador da Bahia de Todos os Santos, nas terras do Brazil, por cinco annos, com ordenado de 30\$000 cada anno. (M. ind.)

Alvará de mercê a Christovão de Aguiar d'Altro, de 10 de Dezembro de 1549, do officio de almoxarife do armazem de mantimentos da Bahia de Todos os Santos nos portos do Brazil, por tempo de cinco annos, com 50\$000 de ordenado cada anno. (Ms. ined.)

São nomeados outros empregados para acompanhar Thomé de Souza, e pelo que durante o mez de Janeiro de 1549 ficando a esquadra 6 náos, provida de tudo, el-rei D. João III fez embarcar a gente de officios, muitos casaes de colonos, 600 soldados, 400 degradados, alguns creados da casa real que vinhão providos de officios.

Sendo Thomé de Souza, homem honrado, e de provada experiencia, entregou-lhe sem reserva tudo, e para o ajudar lhe aggregou o Dr. Pedro Borges, como ouvidor geral e distribuidor das justças, e Antonio Cardoso de Barros, provedor da fazenda real, afim de que a justiça fosse bem destribuida por um magistrado autorizado, e a fazenda real bem inspecionada e arrecadada por um chefe zeloso e de confiança.

Completo o pessoal civil mandou el-rei, com Thomé de Souza, alguns padres da companhia de Jesus, que embarcárão na não de Antonio Cardoso de Barros, que erão o padre Manoel da Nobrega (superior) o padre Leonardo Nunes, o padre João de Aspilcueta Navarro, o padre Antonio Pires, e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Nunes.

Partida de Thomé de Souza, primeiro Governador Geral de Lisboa para a Bahia de Todos os Santos no dia 2 de Fevereiro de 1549

Thomé de Souza, primeiro governador geral, tendo partido com a esquadra de Lisboa no dia 2 de Fevereiro chegou a Bahia no dia 28 de Março, trazendo jesuitas, o ouvidor geral Dr. Pedro Borges e o provedor-mór da fazenda Antonio Cardoso de Barros, sendo todos recebidos, com indissolúvel satisfação por Diogo Alvares Corrêa Caramurú, sua esposa, filhas e genros. Thomé de Souza, hospedou-se em casa de Diogo Caramurú, o ouvidor Pedro Borges e o provedor Antonio Cardoso de Barros em casa dos genros de Diogo Alvares Caramurú.

Durante a viagem houve um episodio com Thomé de Souza, que eu referi no meu *Brazil Historico*.

Escolha do sitio para a fundação da cidade do Salvador 1549

Thomé de Souza procurando sitio para fundar a nova cidade, achando a meia legoa da Villa Velha, melhor ancoradouro para os navios, e proxima ao mar duas fontes (no Unhão e a do Pereira em Santa Barbara) que servia para aguada dos navios, e serviço da cidade, de accordo com todos, tratou da edificação da cidade, mandando roçar, cercar a area de páo a pique, para segurança dos trabalhadores.

Louvavel procedimento de Diogo Alvares Caramurú

Durante o tempo que estiverão alojados os novos hospedes na Villa Velha, não occorreu a menor circumstancia desagradavel por que Diogo Caramurú, prudente e discreto, vendo naquelles lugares um governador autorisado, empregou todos os meios de aquietar os gentios e chama-los a obediencia de Thomé de Souza, lugar tenente de el-rei, offerecendo-se á servi-lo. Os indios viverão quietos, e com Diogo Alvares Corrêa Caramurú empregarão-se na construcção e edificação da cidade.

Fundação da cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos 1549

Alinhadas as ruas e praças, principiarão os trabalhos, sendo construidos o palacio, casa da camara, cadêa, alfandega, casa dos contos da fazenda, armazens e outras officinas convenientes ao serviço publico. Os particulares forão edificando suas casas em boa ordem, porem cobertas de palmas ao modo do gentio.

Depois mandou Thomé de Souza cercar a cidade, com muro de taipa grossa, com dous baluartes ao longo do mar e quatro da banda

de terra, e em cada um delles mandou assestar muita e formosa artillaria, com o que a cidade ficou muito fortificada para se segurarem do gentio. (Vide o *Brazil Historico*.)

Armas da cidade do Salvador

El-rei D. João III deu á cidade da Bahia o nome de cidade do Salvador, e para armas uma pomba em campo verde, com um rollo branco, e legenda em letras de ouro, *Sic illa ad Arcans devesse est*, e a pomba com tres folhas de oliveira no bico.

Fundação da primeira igreja da cidade ou ermida de N. S. da Conceição da Praia 1549 a 1550

Thomé de Souza a medida que edificava a cidade de Salvador, escolheu sitio para a construcção de uma ermida na praia da cidade, a qual dedicou a N. S. da Conceição, com a idéa de tornar mais comodo aos navegantes o culto da Santissima Senhora.

Fundação da Igreja da Ajuda, segunda da cidade e primeira parochia da Bahia 1549, e primeiro bispado em 1550

O padre Manoel da Nobrega e seus companheiros jesuitas edificarão em 1549 á 1550 a 2ª igreja da cidade, com a invocação de *Nossa Senhora da Ajuda*, que servio de parochia; e no anno seguinte de 1550 por pedido de D. João III, em 31 de Julho do mesmo anno, é elevada a igreja da Bahia a dignidade de Bispado, sendo o seu primeiro bispo *D. Pedro Fernandes Sardinha*. Neste mesmo anno a rainha D. Catharina enviou algumas moças orphãs, para serem casadas na Bahia, com as principaes pessoas, recebendo em dote officios de Justiça e da Real Fazenda. (Vide a minha *Corographia Historica e o Brazil Historico*.)

Chega a Bahia o primeiro Bispo do Brazil D. Pedro Fernandes Sardinha

O primeiro bispo do Brazil D. Pedro Fernandes Sardinha, bem como Simão da Gama com grande numero de colonos chegam a Bahia, tomando o bispo Sardinha conta da sua nascente diocese, trazendo consigo todo o pessoal diocesano, sinos, paramentos e o mais necessario para as igrejas que se fundassem.

Carta de Felipe Guilherme mandada da cidade do Salvador e Bahia de Todos os Santos, em 20 de Julho de 1550

Felipe Guilherme que já havia 21 annos que estava no Brazil, escrevendo em Julho de 1550 a D. João III, lhe disse que vivendo tanto tempo em Porto Seguro, empregado, e tendo-lhe escripto por intermedio de Vasco Fernandes Cesar, e Jorge de Figueiredo, dando-lhe

parte haver muito ouro em uma serra de Porto Seguro, agora lhe dizia que em presença da sua idade o dispensasse de ser juiz, e que lhe mandasse pagar a tença do seu habito que se lhe estava devendo. (Ms. ined.)

Carta de Duarte Coelho, da villa de Olinda em 1550

Duarte Coelho Pereira, em 24 de Novembro de 1550, da villa de Olinda, agradece a Sua Alteza D. João III, os obsequios feitos e a estima em que é tido, e lhe roga, que quanto as suas doações, recomende a Thomé de Souza, não se estenda á elle, o que espera da magnanimidade de Sua Alteza.

No que pertencia a administração da justiça era inclinação sua ser aspero em castigar e aspero em reprehender, e neste particular faz o que é obrigado. Diz que com a mudança agora operada, o povo da republica está muito alterado e confuso, e que della muitos se querião retirar, mas que tudo ficava remediado. Dizia mais Duarte Coelho a Sua Alteza, que os moradores e povoadores de Pernambuco querião liberdade e garantias em seus privilegios. Que os engenhos estavam moendo; e cada vez se fazião mais fortes as casas de Olinda, e não querião ser incommodados pelo provedor-mór Antonio Cardoso de Barros. (Ms. ined.)

Nomeações de Mestre fazer cal de 1550

Alvará de mercê de 9 de Setembro de 1550 nomeando a Miguel Martins, mestre de fazer cal, que ora vai para a cidade do Salvador com o soldo de 14\$ em cada anno. (Ms. Ined.)

Alvará de pagamento de 200\$ a Braz Cubas morador em S. Vicente 1551

Braz Cubas, fidalgo da casa real, morador em S. Vicente, capitania de Martim Affonso de Souza, tendo servido 4 annos até 1546 de capitão e ouvidor, com alçada na dita capitania, tendo gasto a quantia de 200\$ nas investidas que mandou fazer contra os indios, que accommettião as povoações, pediu a el rei, que lhe mandasse pagar o que despendeu, e pelo Alvará de 4 de Dezembro de 1551 mandado a Thomé de Souza, na Bahia, determinou el-rei, que em vista das contas e documentos, se lhe pagasse a divida. (Ms. ined.)

Alvará em favor de Felipe Guilherme 1551

Em 2 de Abril de 1551 elrei determinou, por um Alvará de mercê mandado a Thomé de Souza, capitão da Cidade do Salvador, nas terras

do Brazil. para dar em cada anno, que começará no dia 1º de Janeiro do presente de 1551 em diante, a quantia de 50\$ a Felipe Guilherme. (*Brazil Historico.*)

Fortaleza da Bertioiga 1551

Em 25 de Junho de 1551, escreveu el-rei a Thomé de Souza que os officiaes e moradores de S. Vicente, capitania de Martim Affonso de Souza, mandarão lhe dizer que nas guerras que tiverão com os gentios até o fim do anno de 1549 fizeram muitas despesas tendo despendido 1.800 cruzados da fazenda real, e lhe pedião que lhes perdoasse; e attendendo a petição, ordena que não sejam constrangidos a pagar esta quantia, empregando-se no serviço necessario da fortaleza, que a seu requerimento era mandada fazer conforme a planta da Bertioiga da dita capitania de S. Vicente (Vide *Brazil Historico*). Esta fortaleza foi construida na entrada da barra de Santos e concluida em 1553, por João Estadão, allemão que estava ao serviço de Portugal. Este allemão foi feito prisioneiro dos Tamoyos, entre os quaes viveo nove mezes, escapando, pela fuga, de ser comido por elles (Vide o 2º tomo da minha *Corographia Historica* pag. 489 nota)

Alvarás de 5 e 6 de Agosto de 1551 determinando que o rendimento dos processos dos criminosos seja para as obras da Sé

Sua Alteza Real, por Alvarás de 5 e 6 de Agosto de 1551, determina a Thomé de Souza, que o producto das fianças e condemnações, applicadas aos criminosos, e que se arrecadarem fossem para as obras da Sé da cidade do Salvador; para o que se carregará em receita, para nella se despendar, porque para a dita obra, ha por bem applicar as rendas de taes penas. (Ms. Ined.)

Dizimos por seis annos concedidos ao bispo da Bahia D. Pedro Sardinha

Alvará de 16 de Setembro de 1551. mandado a Thomé de Souza, dizendo que tendo supplicado ao Santo Padre que erigisse a igreja da cidade do Salvador em Sé Cathedral, e instituisse nella bispado, o que S. Santidade fez, e com a sua representação confirmou para bispo della D. Pedro, seu capellão mestre em *trologia* (theologia) que ora vai residir no dito bispado, e havendo respeito, que a elle e ao cabido da dita Sé hajão ordenados para suas mantenças, lhe apraz que nos primeiros 5 annos, que começarão da sua chegada á Bahia em diante, haja o dito bispo e cabido os dizimos das miunças e novidades desta capitania e das outras capitancias e terras dessas partes do Brazil que per-

tencem a ordem e mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo.... e sendo o rendimento até a quantia de 200\$ por anno, o dito bispo e cabido repartirão entre si pelo meio, e vindo a ser mais de 200\$ a demazia que mais fôr poderá o dito bispo repartir pelas igrejas parochiaes das ditas capitánias e pelos vigarios e beneficiados dellas que tiverem mais necessidade.

(A integra deste Alvará se acha transcripto no meu *Brazil Historico*).

Carta de Luiz Dias a el-rei D. João III de 1551

Luiz Dias em carta de 15 de Agosto de 1551 escreve a el-rei D. João III dando-lhe conta que tinha recebido os apontamentos para o governador Thomé de Souza, e que as varias amostras que lhe mandava perderão-se. Conta-lhe os trabalhos que se ião fazendo na fortificação da cidade, e que em consequencia das muitas chuvas tinha cahido um bom pedaço de muralha, e que sendo de taipa e sem cal era alta, mas que estava reparada e reboucada por dentro e por fóra, ficando com dous baluartes muito fortes, e intercalado de madeira. Fizerão-se mais dous baluartes muito poderosos, um na Ribeira de Góes, em cima do Rochado que joga para todo o mar da Bahia; o outro baluarte de Santa Cruz, é mais pequeno. Fizemos cadêa muito boa e bem acabada, com casa de audiencia e camara em cima. Na Ribeira do Góes, casa de fazendas e alfandegas e armazens e ferrarias tudo de pedra e barro rebocados de cal e com telhas que servem já, e em breve ficará tudo prompto. Pede a el-rei que o mande ir com Thomé de Souza por estar velho, e doente e não haver mais necessidade delle na Bahia. (Vid. o *Brazil Historico*).

Carta do governador Thomé de Souza a el-rei 1551

Em carta de 18 de Julho de 1551, o governador Thomé de Souza dizia a el-rei que o capitão-mór Pero de Góes, o provedor-mór e o ouvidor geral tinham no anno passado de 1550 ido correr a costa até S. Vicente, e no Rio de Janeiro, Pero de Góes aprisionou dous francezes, que vivião com os indios, sendo um delles grande lingua e o outro ferreiro, e os não mandou *enforcar* por necessitar de gente de *graça*, empregando o ferreiro em obras reaes, com uma corrente no pé, sendo o mais habil homem que tem visto. Diz que fez uma galé, e fez capitão della a Miguel Henrique, e para contra mestre a Pero Rebello. Fallando de varias providencias que só devião tomar, diz que o provedor-mór está em desharmonia com Duarte Coelho Pereira, e com o cunhado Jeronymo de Albuquerque, e que os capitães do Brazil merecem muita honra e mercê, e mais que todos Duarte Coelho Pereira.

Depois de outras informações pede para se retirar, por ter de ir casar sua filha, e ver sua mãe, se forem vivos, pois que depois de estar no Brazil nunca aconteceu escrever a quem está no outro mundo. (Vid. o *Brazil Historico*.)

Ponte do Pereira

Um dos colonos de sobrenome Pereira que tinha vindo com o governador Thomé de Souza, achando na praia uma fonte e lugar commodo para fazer commercio com a marinhagem, construiu casa junto a fonte, e alli se estabeleceu, e pela sua permanencia ficou aquella fonte e caminho com a denominação de Fonte, e caminho do Pereira.

Palacio para o bispo 1551

El-rei em 22 de Setembro de 1551 annunciando ao governador da Bahia Thomé de Souza, a partida do bispo D. Pedro Sardinha, ordena que se lhe mande fazer casas para sua moradia o mais perto que fôr possivel da Sé, ou pegadas nella. (Ms. ined.)

Thesoureiro de todas as terras do Brazil 1551

Fallecendo Gonçalo Ferreira thesoureiro geral das terras do Brazil, el-rei por alvará de 22 de Outubro de 1551 fez mercê do mesmo officio a Luiz Garcez, cavalleiro fidalgo de sua casa. em sua vida, com o ordenado de 80\$000 cada anno. (Ms. ined.)

Primeiras ruas da cidade da Bahia 1549 a 1551

As primeiras ruas da cidade da Bahia são hoje a rua ou estrada da Victoria, antigamente chamada corredor da Victoria, que atravessava o terreno onde hoje está a fortaleza de S. Pedro, que então se chamava Portas da Villa Velha, a rua do Rosario do João Pereira, a rua de S. Pedro, de S. Bento, a rua de Palacio, a de detrás da Ajuda, que foi uma das primitivas ruas do Commercio. (*Brazil Historico*.) Depois seguirão-se a da Misericordia, a da ladeira da Praça, a dos Capitães, a do Collegio de Jesus. As primitivas casas erão cobertas de palmas e pouco tempo depois passarão a ser cobertas de telhas.

Santa Casa da Misericordia 1550 a 1552

A necessidade de curar-se gente pobre e os marinheiros, inspirou a idéa de se fundar em tempo de Thomé de Souza a casa da Misericordia, e se não sabe quem foi o autor della, e quem promoveu a edificação do edificio, apenas sabe se, porque Gabriel Soares que acompanhou a Thomé de Souza, ou D. Duarte da Costa, na sua noticia do

do Brazil diz que da praça correndo para o norte vai uma formosa rua de mercadores da Sé, no cabo da qual da banda do mar está situada a Casa da Misericórdia e Hospital, cuja igreja não é grande, mas muito bem acabada, e ornamentada, e se esta casa não tem grandes officinas e enfermarias, é por ser muito pobre: sustenta-se somente de esmolas, que lhe fazem os moradores da terra, cujos rendimentos das esmolas importão cada anno em 3,000 cruzados pouco mais ou menos, que são gastos em muita ordem na cura dos enfermos, e remedios dos necessitados.

Praças primitivas da cidade do Salvador 1549 a 1551

A primeira praça ou largo, da cidade do Salvador e Bahia de Todos os Santos é a de Palacio, aberta ou demarcada em Abril de 1549. sobranceira a Ribeira chamada do Góes (Pero de) que comprehendia as marinhas que fica no meio da cidade onde foi edificado do lado do sul o palacio do governadores, da banda do norte, a casa da fazenda real, da parte de leste se fundou a casa da camara, cadêa, e outras casas de moradores, e o pelourinho no centro da praça. Na banda do poente que olha para o mar • Bahia ficou desafiada e apenas collocarão algumas peças de artilharia.

Dos cantos da praça seguiu dous caminhos pela encosta da montanha, para a praia; um do lado do norte (hoje ladeira da misericórdia) que ia terminar na fonte chamada do Pereira, onde desembarcavam as gentes dos navios, o outro caminho da banda do sul (hoje ladeira por detraz do Palacio) dava passagem para a Ermida de Nossa da Conceição da Praia, onde era o desembarcadouro geral das mercadorias, ao qual caminho ia ter a outro caminho de carro (hoje ladeira da Preguiça) que conduzia os generos em carros para a praça. (Vide o *Brazil Historico*).

A segunda praça é a do Terreiro de Jesus, onde corrião touros e cavalhadas, e se fazião feiras.

Largos primitivos da cidade do Salvador 1524 á 1551

O primeiro é o largo da Graça que data de 1524 e o segundo de Nossa Senhora da Victoria aberto em 1530.

Acontecimentos notaveis que se derão nas immediações dos largos da Barra e da Victoria 1524 a 1570

Fundação do povoado da Villa Velha ou da Graça 1524 e depois do Pereira 1536.

Fundação da Ermida de Nossa Senhora da Graça 1524.

Desembarque de Francisco Pereira Coutinho, primeiro donatario da Bahia de Todos os Santos 1535 a 1536.

Fundação da igreja da Victoria 1529 ou 1530.

Fundação da fortaleza de Santo Antonio por Francisco Pereira Coutinho 1536 a 1538.

Fundação da ermida depois igreja de Santo Antonio da Barra 1560 a 1562 sobre um alto e proximo ao forte tambem chamado de Santo Antonio. Era neste tempo morador na Barra, e ao sul da ermida e do forte, *Cosme Garção* onde tinha um curral e grangeria.

Foi onde desembarcou em 28 de Março de 1549 Thomé de Souza primeiro capitão-mór e governador do Estado do Brazil.

Desembarques e combates com os holandezes 1624 e 1625.

Prisão do padre José Ignacio de Abreu Lima, por antonomasia o Roma, entre as fortalezas de S. Diogo e Santa Maria no dia 25 de Março de 1817, feita pelo cabo Simplicio Manoel da Costa, o qual padre foi fuzilado no campo da Polvora no dia, sabbado, 29 de Março pelas 10 horas da manhã. (Vid. o meu *Brazil Historico* e o meu *Brazil Reino e Brazil Imperio*.)

Terreiro de Jesus 1551

O Terreiro de Jesus, era a praça maior que tinha a Bahia, nos seus tempos primitivos e data da fundação do collegio e igreja dos jesuitas. O terreno concedido aos padres tomava a frente da rua das Portas do Carmo, Taboão e ladeira do mesmo nome e ia até ao mar, tendo no fim da ladeira uma fonte que ficou com a denominação de Fonte dos Padres. Os jesuitas edificarão muitas casas na rua das Portas do Carmo, ladeira do Taboão e rua da Fonte dos Padres e depois rua dos Droguistas, no fim da qual construirão um guindaste defronte de um becco que ficou desde 1718 com o nome de becco do Guindaste dos Padres. Nesta praça corrião cavalhadas e fazião feiras. Ha sobre esta praça uma lenda mui curiosa de que fiz memoria no meu *Brazil Historico*.

Largo ou praça de Palacio

Este largo ou praça data de 1549, aberto por Thomé de Souza. Nelle desembocão as primitivas ruas: Direita de Palacio, no fim da qual se construiu a ermida de Santa Luzia em 1551 e um baluarte ou forte; desembocão nesta rua o becco do Tira Chapéo, nome dado ao becco, porque ninguem se cobria ao passar em frente do palacio de el-rei, e se por acaso algum se descuidava, a primeira pessoa que via o transeunte passar coberto lhe gritava—tira o chapéo. A rua Direita do Palacio era fechada, e tinha portão e por isso se chamava passagem da Porta de Santa Luzia.

Largo da Piedade

No perimetro onde hoje é o largo ou praça da Piedade havia um pequeno outeiro, coroado por um baluarte de 6 peças, cujo outeiro foi arrasado em 1810. Foi neste largo que o governador da Bahia D. Fernando José de Portugal mandou enforcar no dia 8 de Novembro de 1798 João de Deos do Nascimento, pardo alfaiate, o soldado Luiz Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas, Luiz Pires e Manoel Faustino, como cabeças da conspiração de 23 de Julho do mesmo anno, cuja conspiração foi denunciada pelo padre José da Fonseca Neves, capellão do engenho de Paulo de Argolo.

Praça de Santo Antonio aka do Carmo

O historico desta praça o referi no meu periodico o *Brazil Historico*.

Campo ou praça do Barbalho

Os holandezes em 1624 tendo construido em um campo extra-muros da cidade um baluarte para se defenderem, Luiz Barbalho Bezerra, o tomando de assalto aos holandezes, os desbaratou, e reconstruindo-o ficou baluarte com o nome de Forte do Barbalho, e o campo com o mesmo nome dado a fortaleza.

Largo de Santa Barbara 1519

Este largo de Santa Barbara é muito antigo, e nelle o coronel Francisco Pereira do Lago e sua mulher D. Andreza de Araujo em 1641 instituirão um vinculo, ou Morgado com uma capella dedicada a Santa Barbara, e como fallecessem sem herdeiros forçados, passou aos herdeiros necessarios; e com o tempo se extinguindo estes, passou á fazenda publica. (Vid. o *Brazil Historico*.)

Largo da Saude

É muito antigo este largo, e na face do Leste está fundada a igreja de Nossa Senhora da Saude, que é anterior ao anno de 1624.

Largo da Palma

É antigo este largo chamado do monte das Palmas onde se levantou trincheiras em 1624, por occasião da invasão holandesa.

Largo do Carmo 1550

Subindo-se a antiga ladeira do monte Calvario, depois ladeira do Carmo, ha um pequeno largo denominado Largo do Carmo, em frente do qual havia uma capella de N. S. da Piedade; foi fundado o convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo em 1580, cuja capella e terreno forão dados por Christovão de Aguiar D'altro e sua mulher Isabel de Figueiróa, aos fundadores do convento.

Cobertos Grandes

A construcção dos edificios denominados cobertos grandes é dos jesuitas, e principiarão a construcção delles em 1714.

Rua da Guindaste dos Padres

Nos primeiros tempos da fundação da cidade do Salvador chamava-se a rua do Guindaste dos Padres, rua Direita da Praia.

Os jesuitas estando a fazer o seu magnifico cáes em 1736, a camara embargou a obra, e el-rei pela carta régia de 6 de Janeiro de 1737 mandou continuar a obra. A praia da cidade do Salvador até o anno de 1624, desde a ponta do Padrão até o forte de Itapagipe, apenas tinha poucas casas e alguns armazens entre a ribeira da Preguiça antigo do Góes, e Agua de Meninos.

Origem dos nomes das ruas da cidade do Salvador

Rua dos sete peccados mortaes assim chamada porque nos tempos primitivos da cidade, em 7 casas contiguas de porta e janella, na freguezia de S. Pedro Velho, só de uma face da rua, habitavão mulheres fadistas, e os costumes daquelles tempos seudo mui moralizados, em vista do que ellas praticavão nas casas, chamavão a rua onde ellas residião *Rua dos Sete Peccados Mortaes*. (Vid. o meu *Brazil Historico*.)

Rua do Castanheda, assim chamada por morar nella antes do meado do seculo passado (1700) o capitão Jeronymo de Castanheda.

Rua de Mouraria, assim chamada por ter sido a designada para habitação dos primitivos ciganos ou mouros que vierão degradados em 1718 para a Bahia. (Vid. o meu *Brazil Historico*.)

Rua do Bangala, assim chamada, por morar nella o capitão-mór Balthasar de Aragão, o Bangala, que tinha sido capitão-mór em Angola. Chamava-no Bengala (pão duro) por ser muito cruel com os escravos. (Vid. a *Historia Gen. das Familias Brasileiras*.)

Rua do Ferraro, assim chamada por ter nella morado, e construido muitas casas o commerciante João Baptista Ferraro.

Rua da Agonia, assim chamada em consequencia de um oratorio que havia na esquina da rua do jogo do carneiro consagrado ao Senhor Bom Jesus da Agonia.

Portas do Carmo, antigamente chamadas portas de Santa Catharina, em consequencia de terminar a rua no Castello que havia junto á igreja do Rosario, em cujo lugar se construiu a casa nobre onde morou o coronel Manoel José Villela e depois a sua illustre familia. Foi nesta casa que jantou em 1808, o príncipe regente D. João VI quando esteve na Bahia.

Rua do Pão de Ló, antigamente rua do Padre Gonçalo. Não sei a origem, talvez fosse pela disposição triangular que lhe derão.

Rua do Berquó, assim chamada por ter nella morado em 1760, o ouvidor do crime Francisco Antonio Berquó da Silveira. Foi na madrugada do dia 25 de Outubro de 1824, que uma companhia do 3º batalhão de caçadores, cercando a casa em que morou Berquó assassinou o commandante das armas Felisberto Gomes Caldeira, que nella residia.

Rua dos Capitães, assim chamada desde os tempos primitivos, por morar nella, os capitães commandantes do baluarte de Santa Luzia. Era por esta rua que se passava para o convento do Desterro e o lugar por onde se atravessava se chamava *Porta de Santa Clara* do Desterro (Vid. o *Brazil Historico*).

Rua do Gregorio de Mattos. Foi nesta rua onde morava o celebre poeta Satyrico Gregorio de Mattos, e na mesma casa ainda existia em 1866 o frade de pão que levou o tiro que lhe estava destinado.

Rua do Paço do Saldanha, nome dado em respeito ao fundador do palacio quo nella existe D. Manoel de Saldanha da Gama. (Vid. o *Brazil Historico*.)

Rua da Oração, assim chamada por estar nella a casa dos exercicios dos jesuitas. (Vid. o *Brazil Historico*.)

Rua da Larangeira. (Vid. a lenda no *Brazil Historico*.)

Rua do Maciel. (Vid. o Historico desta rua no *Brazil Historico*.)

Rua da Cruz do Paschoal, assim chamada por haver nesta rua um pequeno largo, no meio do qual, em 1743, tempo do governo do Conde das Galveas, Paschoal Marques, collocou um pilar e sobre elle construiu um oratorio e uma Cruz, e disto se originou o nome que o povo deu á rua denominando-a da Cruz do Paschoal.

Travessa dos Sete Candieiros. (Vid. o *Brazil Historico*.)

Rua das Tripas, assim chamada por passar o rio deste nome atravessando pelo meio a cidade do Salvador.

Ladeira do Baluarte. Esta ladeira fica ao lado esquerdo da Fortaleza de S. Antonio além do Carmo, onde os holandezes soffrerão grandes perdas em 1624.

Rua do Passo. Ha nesta rua uma propriedade a que chamão a casa das Sete Mortes. No meiado do seculo passado, o proprietario da sobrado que fica em frente da ladeira que vai para a rua do Passo, mantendo uma renhida demanda com o ajudante ás ordens do vice-rei, julgou este terminal-a mandando assassinar o seu contendor, o que effectivamente aconteceu, em uma noite estando com a familia a ceiar, entrarão os assassinos matarão o casal e os filhos em numero de 7 pessoas, escapando por felicidade uma mulatinha que se esconden dentro do forno, que ainda se conservava quente, a qual só sahiu delle quando todo o rumor tinha desaparecido, a qual deu noticia do que

se havia passado. A voz publica culpando o ajudante foi elle preso, mas como não houvessem testemunhas foi solto, ficando o sobrado conhecido pela casa das sete mortes.

Engenho de Agua de Meninos e Ermida de Santo Antonio além do Carmo 1551 a 1560

Christovão de Aguiar D'Alto, que se havia retirado da capitania de S. Vicente para Lisboa em 1548, resolvendo-se acompanhar Thomé de Souza, para a Bahia obtendo delle por sesmaria os terrenos extra-muros da cidade, para o Norte, onde corria uma nasçenç de agua, que ficou conhecida por agua de meninos, cuja origem de tal nome, não me foi possível achar, fuidou um *Engenho de Assucar*, e no alto da montanha construiu uma ermida dedicada ao glorioso Santo Antonio, cuja ermida devia estar funcçãoando em 1594. (Vid. o *Brazil Historico* as noticias que dei da praça de Santo Antonio além do Carmo.)

Olarias primitivas da Bahia 1550

Na praia de Itapagipe existião duas olarias pertencentes a Garcia d'Avila ou da Villa, e um curral de vaccas. Este curral existiu alli apesar de grande população até a morte do Visconde da Torre de Garcia d'Avila. Por esse tempo se mandou construir na ponta do Istmo de Itapagipe dous fortes, um maior de um lado da ponta, e outro menor no continente fronteiro ao Istmo.

Igrejas da Bahia 1549 a 1581

A cidade do Salvador e seu reconcavo possuia por esses tempos (1547 a 1581) 70 igrejas entrando a Sé e tres mosteiros, com 18 freguezias curadas.

Capella da Penha, e Engenho de Itapagipe 1551 a 1570

A capella da Penha foi fundada por Francisco de Medeiros e Antonio Cardoso de Barros, que deo começo ao Engenho de Christo em Itapagipe que Men de Sá concluiu, segundo diz o Padre Nobrega e delle por menção nos tempos primitivos, Nuno Marques Pereira no seu *Perigrino da America* quando fallando de D. Marcos Teixeira, diz que falleceu em 6 de Outubro de 1624, no Arrayal no tempo em que estava tomada a cidade pelos holandezes. Está sepultado na capella de Nossa Senhora da Conceição, do *Engenho da Cidade*, em Itapagipe de Cima.

Engenhos do Reconcavo da Bahia 1551 a 1565

A uberdade do terreno da capitania da Bahia incitando os colonos ao cultivo das terras, derão começo a construcção de fazendas, em modo que entre os annos de 1551 a 1565 possuia o reconcavo da cidade do Salvador 36 engenhos, dos quaes 21 moião com agua e outros

com bois; além dos estabelecimentos bem montados de fazer mel havião mais quatro engenhos quasi em estado de funcionar.

Os engenhos de Christovão de Aguiar D'Altro, em Agua de Meninos extra-muros da cidade de Itapagipe da parte do norte; uma bolandeira de Gabriel Soares (*nas proximidades do corredor da Victoria ou Portas da Villa Velha*) ao lado do sul pivão o augmento da agricultura.

No lado opposto do Isthmo de Itapagipe fica o Rio Pitanga, então chamado *Paraião* pelos portuguezes e em uma das margens mandou Thomaz de Souza levantar o engenho de El-rei, com uma igrja de S. Bernabé; mais adiante outro engenho de Diogo da Rocha de Sá, e a igreja de S. Sebastião; outro ao lado esquerdo levantado por Joãc de Barros Cardoso, com a ermida de Nossa Senhora da Encarnação; além destes havia uma casa de caldeiras para o cosimento de assucar pertencente a Antonio Martins Ruimão.

No mesmo rio existia o engenho de D. Leonor Soares, viuva de Simão da Gama de Andrada.

Ao longo da costa até Matuim

Antonio de Oliveira Carvalhal, que foi Alcaide-Mór da Villa-Velha ao longo da costa levantou um engenho e a Ermida de S. Braz. Adiante os Jesuitas edificarão a igreja de Nossa Senhora da Escada, para lugar de convalescença dos padres e proveito espiritual dos indios.

Adiante da Praia Grande Antonio de Aguiar (hespanhol) construiu o engenho de Paripe, e mais para dentro Francisco Rodrigues Lobato construiu um engenho com boa fabrica.

Lenda historica 1551

Ao longo da Praia de Paripe, em um alto está uma Ermida consagrada a S. Thomé, ao pé da qual existe uma lage, com umas pegadas assignaladas, e perto uma fonte, que dizia o gentio, terem ouvido a seus antepassados, andára por alli um Santo, havia longo tempo que fizera aquelles signaes com o pé. Adiante está a igreja de Nossa Senhora da Graça do O', de Paripe, e a *povoação*, que é depois da cidade, *a mais antiga da Bahia*.

No rio Matoim, desemboca o rio Paripe, e junto fez Affonso Torres um engenho de fabricar assucar, que passou a Balthazar Pereira mercador da Bahia. Além de outros, o engenho de Francisco Barbudo, onde elle edificou a ermida de S. Bento, e mais adiante outro construido por Christovão de Aguiar D'Altro, com uma ermida de Nossa Senhora: o engenho de Gaspar Dias Barbosa com uma igreja de Santa Catharina. O engenho de Cotegype levantado por Sebastião

da Ponte. O engenho de Sebastião de Farias, movido pelo rio Utum, e com uma igreja de pedra e cal dedicada a S. Jeronymo, com a qual gastou, segundo o testamento de Gabriel Soares, para mais de 12 mil cruzados. O engenho de Jorge Antunes, com a igreja de Nossa Senhora do Rosario. De fronte do rio Matuim está a Ilha Maré.

Ilha de Maré 1552

Na Ilha do Maré, Bartholomeu Pires, mestre da capella da Sé, levantou um engenho e uma igreja dedicada a Nossa Senhora das Neves, com um capellão para administrar os Sacramentos aos vinte moradores que tinha a ilha.

Dizem que as cobras da Ilha de Maré não tem veneno, attribuindo-se isto, a protecção da Santissima Senhora. Nesta ilha de Maré falleceu ignorado e pobre o notavel poeta bahiano João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, em 1856, traductor de Virgilio, das Georgicas Brasileiras, e de varias poesias latinas do celebre poeta latino José Francisco Cardoso de Moraes (bahiano) autor do canto de Tripoli, que Bocage traduzio (Vide o meu Curso de Litteratura).

Ilha de Itaparica 1550

A ilha de Itaparica a oeste da cidade do Salvador, com sete leguas de cumprida e tres de largo, foi dada em 1550 em sesmaria por Thomé de Souza, governador geral do estado do Brazil, a D. Antonio de Atayde, primeiro conde de Castanheira, cuja doação foi confirmada por D. João III. O senado da camara da Bahia se oppoz a esta doação e houve grande contestação. Nesta ilha os jesuitas em 1560 tiveram varais aldeas de indios, e os hollandezes em Fevereiro de 1647, a tomarão e se fortificarão nella. A esta ilha, Fr. Manoel de Santa Rita de Itaparica, nascido nella em 1706, consagrou um excellente poema.

Ilha das Fontes

A ilha das Fontes foi dada em sesmaria a João Nogueira que foi o seu primitivo possuidor.

Ilha dos Frades

A ilha dos Frades em 1561 foi dada em sesmaria a João Nepomoceno onde se afazendou e cultivava mantimentos e criava gado vaccum, porcos e tinha na mesma ilha sete lavradores. Esta ilha tem duas leguas de comprido e uma de largo.

Do rio Matoim para cima Sebastião de Farias fabricou um engenho de bois, e uma igreja de Nossa Senhora da Piedade, que se ter-

com bois; além dos estabelecimentos bem montados de fazer mel havião mais quatro engenhos quasi em estado de funcionar.

Os engenhos de Christovão de Aguiar D'Alto, em Agua de Meninos extra-muros da cidade de Itapagipe da parte do norte; uma bolandeira de Gabriel Soares (*nas proximidades do corredor da Victoria ou Portas da Villa Velha*) ao lado do sul provão o augmento da agricultura.

No lado opposto do Isthmo de Itapagipe fica o Rio Pitanga, então chamado *Paraião* pelos portuguezes e em uma das margens mandou Thomaz de Souza levantar o engenho de El-rei, com uma igrja de S. Bernabé; mais adiante outro engenho de Diogo da Rocha de Sá, e a igreja de S. Sebastião; outro ao lado esquerdo levantado por Joãc de Barros Cardoso, com a ermida de Nossa Senhora da Encarnação; além destes havia uma casa de caldeiras para o cosimento de assucar pertencente a Antonio Martins Ruimão.

No mesmo rio existia o engenho de D. Leonor Soares, viuva de Simão da Gama de Andrada.

Ao longo da costa até Matuim

Antonio de Oliveira Carvalhal, que foi Alcaide-Mór da Villa-Velha ao longo da costa levantou um engenho e a Ermida de S. Braz. Adiante os Jesuitas edificarão a igreja de Nossa Senhora da Escada, para lugar de convalescença dos padres e proveito espiritual dos indios.

Adiante da Praia Grande Antonio de Aguiar (hespanhol) construiu o engenho de Paripe, e mais para dentro Francisco Rodrigues Lobato construiu um engenho com boa fabrica.

Lenda historica 1551

Ao longo da Praia de Paripe, em um alto está uma Ermida consagrada a S. Thomé, ao pé da qual existe uma lage, com umas pegadas assignaladas, e perto uma fonte, que dizia o gentio, terem ouvido a seus antepassados, andára por alli um Santo, havia longo tempo que fizera aquelles signaes com o pé. Adiante está a igreja de Nossa Senhora da Graça do O', de Paripe, e a *povoação*, que é depois da cidade, a *mais antiga* da Bahia.

No rio Matoim, desemboca o rio Paripe, e junto fez Affonso Torres um engenho de fabricar assucar, que passou a Balthazar Pereira mercador da Bahia. Além de outros, o engenho de Francisco Barbudo, onde elle edificou a ermida de S. Bento, e mais adiante outro construido por Christovão de Aguiar D'Alto, com uma ermida de Nossa Senhora: o engenho de Gaspar Dias Barbosa com uma igreja de Santa Catharina. O engenho de Cotegype levantado por Sebastião

da Ponte. O engenho de Sebastião de Farias, movido pelo rio Utum, e com uma igreja de pedra e cal dedicada a S. Jeronymo, com a qual gastou, segundo o testamento de Gabriel Soares, para mais de 12 mil cruzados. O engenho de Jorge Antunes, com a igreja de Nossa Senhora do Rosario. De fronte do rio Matuim está a Ilha Maré.

Ilha de Maré 1552

Na Ilha do Maré, Bartholomeu Pires, mestre da capella da Sé, levantou um engenho e uma igreja dedicada a Nossa Senhora das Neves, com um capellão para administrar os Sacramentos aos vinte moradores que tinha a ilha.

Dizem que as cobras da Ilha de Maré não tem veneno, attribuindo-se isto, a protecção da Santissima Senhora. Nesta ilha de Maré falleceu ignorado e pobre o notavel poeta bahiano João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, em 1856, traductor de Virgilio, das Georgicas Brasileiras, e de varias poesias latinas do celebre poeta latino José Francisco Cardoso de Moraes (bahiano) autor do canto de Tripoli, que Bocage traduzio (Vide o meu Curso de Litteratura).

Ilha de Itaparica 1550

A ilha de Itaparica a oeste da cidade do Salvador, com sete leguas de cumprida e tres de largo, foi dada em 1550 em sesmaria por Thomé de Souza, governador geral do estado do Brazil, a D. Antonio de Atayde, primeiro conde de Castanheira, cuja doação foi confirmada por D. João III. O senado da camara da Bahia se oppoz a esta doação e houve grande contestação. Nesta ilha os jesuitas em 1560 tiveram varais aldeas de indios, e os holandezes em Fevereiro de 1647, a tomarão e se fortificarão nella. A esta ilha, Fr. Manoel de Santa Rita de Itaparica, nascido nella em 1706, consagrou um excellente poema.

Ilha das Fontes

A ilha das Fontes foi dada em sesmaria a João Nogueira que foi o seu primitivo possuidor.

Ilha dos Frades

A ilha dos Frades em 1561 foi dada em sesmaria a João Nepomoceno onde se afazendou e cultivava mantimentos e criava gado vaccum, porcos e tinha na mesma ilha sete lavradores. Esta ilha tem duas leguas de comprido e uma de largo.

Do rio Matoim para cima Sebastião de Farias fabricou um engenho de bois, e uma igreja de Nossa Senhora da Piedade, que se tor-

nou muito povoado. Ahi se afazendou o Deão da Sé, e construiu uma ermida de Nossa Senhora, Christovão de Barros, Provedor-mór, fundou o engenho de Sacarecanga ou Jacaracanga, e uma igreja consagrada a Santo Antonio.

A ilha fronteira ao rio Matoim foi dada a Pedro Fernandes que nella vivia de lavouras, com sua familia. O Engenho *Japace* ou *Passé* foi feito por Tristão Rodrigo com a ermida de Santa Anna. Luiz Gonçalves Vargão fez adiante outro engenho, e junto a elle construiu a ermida de Nossa Senhora do Rosario. Adiante construiu Thomaz Alegre, um engenho d'agua com a ermida de Santo Antonio.

No rio Pitanga fizeram os jesuitas por esses tempos um engenho de assucar mui productivo; e mais para o interior Miguel Baptista levantou outro engenho e uma ermida de Nossa Senhora.

Em Mataripe João Adriano mercador da Bahia construiu um estabelecimento de fazer assucar, e André Monteiro fez outro.

Junto ao rio Cospe, meia legua distante de Mataripe, Martin Carvalho fundou um engenho, e uma ermida dedicada a Santissima Trindade; e André Fernandes Margulho, levantou outro engenho e uma igreja de Nossa Senhora das Neves.

Na bocca do Rio Paranámirim Belchior Dias Porcalho, fez um engenho e a ermida de Santa Catharina. Acima do mesmo rio, Antonio da Costa levantou outro engenho, que passou á Estevão de Brito Freire, o mesmo que tinha feito o engenho Santiago.

O engenho Marapé foi construido e fabricado por Mem de Sá, governador do Estado, o qual passou á seu genro o conde de Linhares.

Rio Sergipe do Conde 1559

Mem de Sá, que tomou para si os terrenos desde Marapé até a Saubára, construiu na margem esquerda do rio Sergi ou Sergipe um bom engenho, que era chamado engenho de Mem de Sá, com uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, o qual passou para seu genro o conde de Linhares, e que por isso depois ficou com denominação de Engenho do Conde. A capella do Engenho do Conde, que ainda existe era mui rica e possuia imagens famosas, conforme me disse a Exm. Sra. D. Maria Joaquina da Silva, rica proprietaria de engenhos na Bahia.

Da outra banda do rio Sergipe, e mais para cima havião fazendas de cannaviaes, e um engenho construido por Gonçalo Anes, que se meteu frade de S. Bento, no qual os frades fizeram uma igreja consagrada ao patriarcha S. Bento, com um recolhimento para os religiosos.

Ilha de Caiuiba ou Calaiiba

Na bocca ou barra do rio de Sergipe do Conde, está a ilha de Caiuiba ou Calaiiba, e mais duas ilhas menores, que pertencião a Mem de Sá, e passarão ao conde de Linhares.

Da Saubára até ao rio Paraguassú

As terras da costa da Saubára até a foz do rio Paraguassú foram dadas de sesmaria a Braz Fragoso, que as vendeu a Francisco de Araujo.

Engenhos no rio Paraguassú e ilha dos Francezes

Acima da embocadura do rio Paraguassú está a ilha dos francezes, assim conhecida por ser nella que os francezes ficavão abrigados para com segurança negociarem com os indios. Ha outra ilha menor chamada desde 1555 ilha de Gaspar Dias Barbosa.

Havia em 1570 uma casa na margem no rio Paraguassú fronteira a ilha dos francezes, com fabrica de fazer mel, pertencente a Antonio Penella.

A' mão direita da ilha dos francezes ha um Reconcavo de 3 leguas chamado Ugape depois Iguape, onde Antonio Lopes, por esses remotos e primitivos tempos, fabricou um engenho, com muitos cannaviaes e fazendas, tendo alguns moradores agricultores, cujo engenho moía com grande ferida do rio Uberapiranga. Tambem João de Brito de Almeida fundou no Reconcavo do Ugape um engenho e uma igreja consagrada a S. João, toda de pedra e cal, e bem prompta de tudo, proxima ao lagamar.

Muito antes de chegar a cachoeira do rio Paraguassú á mão direita, João de Brito construiu um engenho de assucar; e a vista da cachoeira Rodrigo Moniz de Almeida e Luiz de Brito de Almeida fizeram um engenho de agua, onde vivião, e bem assim com elles vivião muitos mame-lucos afazendados.

Diz Gabriel Soares, que terminou a sua noticia do Brazil em 1577 ou 1578, que no meio do rio, antes de chegar a cachoeira está uma ilha raza, chamada de *Antonio Dias Adorno*, que a teve cheia de mantimentos, e além della outra ilha chamada das Ostras, tão provida dellas, que com as cascas se fizeram dez mil moios de cal.

Fundação da povoação da Cachoeira (Bahia)

O que refiro a respeito da fundação dos primeiros engenhos, e primeiras povoações da Bahia é em vista da relação feita por Gabriel Soares, alli morador, e sobre documentos antigos não publicados. Pa-

rece que o núcleo da povoação da Cachoeira foi a fundação do engenho de água levantado por Rodrigo Moniz e Luiz de Brito de Almeida, que segundo consta movia esse engenho com água do rio Pitanga. Não me acomodo com o parecer do inteligente Sr. Meirelles, na sua Memória que publiquei no meu *Brazil Historico* sobre a Cachoeira, porque o seu modo de pensar é fundado no que escreveu em suas interessantes *Memorias Historicas*, meu primo e amigo o coronel Ignacio Accioli, e em uma carta do jesuita Manoel da Nobrega. No rio Paraguassú já era senhor de uma ilha, aonde vivia Antonio Dias Adorno, e é provável que mais tarde seu filho Gaspar Rodrigues Adorno, possuindo cabedões, favorecido pelos governadores comprasse o engenho *Cachoeira*, já contando muitos moradores e fizesse progredir a povoação.

Era usança naquelles tempos a construção de ermidas proximas a casa de moradia, e por isso João Rodrigues Adorno reconstruiu em 1673, a ermida do engenho, que servia de matriz em proveito dos moradores da povoação. (Vid. o *Brazil Historico*.)

Gabriel Soares fallando do rio Paraguassú tocante a Capitania de D. Alvaro, diz que na ponta da terra, entre um esteiro, que está a mão esquerda, existe um prospero engenho de pedra e cal com grandes edificios de casa de vivenda, e de purgar com uma formosa igreja. Este engenho é copioso como o mais do rio, o qual edificou Antonio Adorno, cujos herdeiros o possuem agora (1577).

Capitania de Paraguassú e Jaguaribe doada a Alvaro da Costa

D. João III em remuneração dos serviços na guerra contra os indios do Reconcavo fez doação de 10 leguas de terras desde o rio Paraguassú até Jaguaribe, a D. Alvaro da Costa, filho de D. Duarte da Costa, começando pelo lado direito. Esta doação de 10 leguas entrando pelo continente não terminar na serra do Guararú. (Ms. ined.)

Alcaldaria-mór da Bahia 1551

Chega á cidade de Salvador, Antonio de Oliveira, em 1551 com alguns colonos, no posto de Alcaide-mór da cidade.

Dizimos reais 1551

O papa faz expedir a Bulla de 4 de Janeiro de 1551 concedendo aos reis de Portugal os dizimos dos fructos das terras do Brazil, em proveito das igrejas que se edificarem.

Fortaleza da Bertioga 1551

Pela Provisão de 25 Junho de 1551 mandou-se construir a fortaleza da Bertioga, gastando-se nella dous mil cruzados da fazenda real, e mil cruzados dos redizimos do donatario Martim Affonso de Souza.

Nomeações de empregados 1552

Em 20 de Outubro de 1552 fez el-rei mercê a Pero Carvalho, moço da camara da rainha, por pedido della, do officio de almoxarife dos armazens de mantimentos da Bahia por 5 annos, com 50\$ de ordenado cada anno, na vagante de Christovão de Aguiar, que serve o officio. (Ms. ined.)

(Officio de provedor e contador de todas as rendas da capitania do Espirito Santo 1552)

Por carta régia de 7 de Maio de 1552 manda el-rei a Thomé de Souza que emposse a Thomé Salema, cavalleiro da ordem de S. Thiago, nos officios de provedor e contador de todas as rendas e direitos que pertencerem á corôa nas terras da capitania do Espirito Santo, do Brazil, de que Vasco Fernandes Coutinho é capitão, com os quaes officios haverá dous por cento de mantimento, e ordenado de todo o rendimento e direitos da dita capitania e alfandega; o que foi executado. (Ms. ined.)

Carta do bispo do Salvador D. Pedro Sardinha a el-rei D. João III 1552

O bispo D. Pedro Fernandes Sardinha em carta de 12 de Julho de 1552 escreve a el-rei dizendo-lhe que encommendára o Deyado da Sé da Bahia a um padre virtuoso e letrado, e que esperava a confirmação da nomeação; e que não encarregara ao vigario, por se achar elle embaraçado com dous beneficos curados, e além disto não lhe merecia confiança.

Accrescenta haver dous dias lhe appareceu Francisco Vasco, vindo da capitania do Espirito Santo, offerecendo-se para ser mestre da capella da Sé, e seria clérigo se lhe dessem uma prebenda na Sé, e elle a não dava por não haver nenhuma, mas que Sua Alteza lhe podia dar o Arcediago, e lhe dá as razões do seu empenho pelo musico. Na mesma carta dá noticia do ouro achado em S. Vicente, e mais circumstancias que houverão. (Ms. ined.)

Vigário para a igreja de S. Vicente 1552

Alvará de 23 de Novembro de 1552, feito por Adrião Lucio, em Lisboa, e registado no livro segundo e titulo vinte, no qual determina el-rei, referindo ao Alvará de 30 de Junho de 1545, em que houve por bem que na igreja de S. Vicente, capitania de Martim Affonso de Souza, havendo um vigário e quatro beneficiados com 15\$ cada anno, e beneficiados com 8\$ cada anno, pagos pela fazenda real, e o mais que no Alvará se contém, determina agora que na dita igreja não hajão para ao diante mais que dous beneficiados e que os 16\$ dous supprimidos se repartão, para que o vigário tenha 20\$ cada anno e os beneficiados tenham 12\$ de seus ordenados; e que o procurador da fazenda real assim o cumpra, como no Alvará determina. (Ms. ined.)

Mercê do officio de escrivão da provedoria da alfandega da Bahia 1552

Em 15 de Abril de 1553 fez el-rei mercê a Antonio Pinheiro, morador que foi na ilha da Madeira, de escrivão da provedoria, alfandega e defuntos da cidade do Salvador, na Bahia de Todos os Santos, nas terras do Brazil em dias de sua vida, com o ordenado de 30\$ cada anno. (Ms. ined.)

Fundação do collegio de Jesus de S. Paulo 1552

Os Jesuitas no anno de 1552 derão principio a fundação do seu collegio em S. Paulo.

Alvará de mercê de escrivão do thesoureiro das rendas do Brazil 1553

Sua Alteza por Alvará de 17 de Fevereiro de 1553 fez mercê a Pero Carvalho, moço da camara da rainha, em sua vida, do officio de escrivão do thesoureiro das rendas do Brazil com 40\$ de ordenado cada anno, e isto emquanto S. Alteza não mandar o contrario. (Ms. ined.)

Ordem mandada ao provedor da fazenda, para dar 12 vaccas aos padres da companhia 1553

Em 17 de Abril de 1553 se passou Alvará mandando ao provedor da fazenda real nas terras do Brazil, para se fazer esmola aos padres da Companhia de Jesus, na cidade do Salvador de 12 vaccas que lhe fôrão emprestadas e que se pozesse em verba e na receita da pessoa, sobre quem estavam carregadas. (Ms. ined.)

Alvará da Mercê de Escrivão da Fazenda do Brazil 1553

Em 10 de Abril de 1553 foi assignado o alvará de mercê a Sebastião Alves, cavalleiro da casa real, do officio de escrivão da fazenda das terras do Brazil por tempo de tres annos com 80\$000 de ordenado cada anno, navegante desprovido antes deste alvará, sendo pago nos rendimentos das ditas terras (M. Ined.)

Thomé de Souza retira-se para Lisboa

Thomé de Souza tendoprehendido o seu quatrienio pedio ser substituido no governo geral, e pelo que foi passada no dia 1º de Março de 1553 a carta patente, a D. Duarte da Costa o qual chegando a Bahia no dia 13 de Julho, sendo empossado no governo, retirou-se Thomé de Souza Com D. Duarte da Costa vierão 16 jesuitas e entre elles o padre José de Anchieta. (Carta M. inedita.)

D. Duarte da Costa sahio de Lisboa no dia 8 de Maio deste mesmo anno e os jesuitas que vierão com elle vão a Porto-Seguro, e alli fundão uma casa, e se encarregão da missão das aldeas dos indios. (M. I.)

Nomeação do Capitão-mor 1553

Alvará de mercê de 18 de Abril de 1553 a Porto Carreiro, escudeiro-fidalgo da casa real do cargo de capitão do mar do Brazil, por tempo de tres annos com o ordenado de 100\$000 por anno, e que servisse navegante de Pero de Góes (falta no original) e jurasse na chancellaria. (Ms. I.)

Nomeação de Escrivão de uma caravella da costa do Brazil 1553

Alvará de 20 de Abril de 1553 em favor de Bastião Ferreira do officio de escrivão da caravella *D. João*, que ora vai sahir para guardar a costa do Brazil (Ms. I.)

Nomeação do physico-môr do Salvador (Bahia) 1553

Por alvará de 20 de Abril de 1553, el-rei fez mercê ao licenciado Jorge Fernandes, seu physico-môr, do cargo de physico da cidade do Salvador, por tempo de tres annos, com 60\$000 de ordenado por anno, nos quaes entrasse a sua moradia, e jurasse na chancellaria (Ms. Ined.)

Nomeação da capitania de uma caravella ou navio do reino na costa de Brazil 1553

No dia 20 de Abril de 1553, houve por bem el-rei mandar passar provisão a Christovão Cabral, que ora anda no Brazil, por capitão de

qualquer caravella ou navio do reino que nos ditos portos andasse em serviço de Sua Alteza, e que com a dita capitania houvesse o ordenado conteúdo no regimento, e lhe fosse dado juramento. (Ms. ined.)

Alvará de nomeação de escrivão do armazem da Bahia 1553

Em 22 de Abril de 1553 el-rei fez mercê a João de Góes Guimarães, seu reposteiro da camara, do officio de escrivão do armazem da cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos nas terras do Brazil, por tres annos, com o ordenado de 30\$000 cada anno, navegante deprovido, nomeado antes, devendo prestar juramento na chancellaria. (M. Ined.)

Creação da Provincia jesuitica da America independente da europa 1553

O padre Ignacio de Loyola, patriarcha da ordem jesuitica, creou a a provincia de Jesus do Brazi independente da Europa, e nomeou o padre Manoel da Nobrega, provincial do Brazil, e já sendo os jesuitas em grande numero, fundarão nas planicies de Piratininga um collegio em 1554, dizendo-se a missa no dia 25 de Janeiro de 1554 dia da conversão de S. Paulo Apostolo.

Por postilla de 4 de Junho de 1554, houve Christovão Cabral 4\$000 por mez, enquanto servisse a tal capitania (Ms. Ined.)

Alvará em favor do governador Thomé de Souza 1553

El-rei por alvará de 10 de Dezembro de 1553, houve por bem, que do gado que o governador Thomé de Souza, do seu conselho, e vedor da sua casa, tem na capitania da Bahia de Todos os Santos possa tirar, para seus feitores, ou outras pessoas, para outras capitanias até a terça parte que ora tem de sua criação, sem embargo de quaesquer regimentos, provisões ou posturas da camara, que em contrario haja, e para isso notifica a todos para que o não embarassem; e que o mesmo fará para adiante nas mesmas condições sem que ninguém o possa embarçar. (Ms. Ined.)

E' substituido Thomé de Souza no governo Geral do Brazil 1553

Em 1553 Thomé de Souza, instando por sua demissão é substituido no governo da Bahia por D. Duarte da Costa, que tomou conta da administração, vindo com elle 16 jesuitas, e entre elles o celebre padre José de Anchieta.

Nomeação de Escrivão de um Galleão

Alvará de 2 de Janeiro de 1554 de mercê a Bastião Coelho, cavalleiro fidalgo de sua casa de escrivão do galleão que se fazia preste para ir ao Brazil, de que ia por capitão Antonio de Loureiro, e que houvesse o ordenado conteúdo do regimento. (M. ined.)

Fallecimento de Duarte Coelho Pereira 1554

No dia 7 de Agosto de 1554 falleceu na Villa de Olinda, em Pernambuco, o donatario Duarte Coelho Pereira, fundador da mesma villa e dos primeiros engenhos alli estabelecidos. Seu filho primogenito succedeu-lhe no direito, e sua mãe a viuva D. Brites de Albuquerque assumiu a posse do governo da capitania interinamente.

Nomeação de Porteiro da Alfandega e guarda dos navios 1554

Por alvará de 25 de Abril de 1554 el-rei fez mercê a Pero Botelho, seu reposteiro, dos cargos de porteiro dos contos e alfandega da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, e assim de guarda dos navios que vierem ter a dita cidade, ou partirem do porto della para outros portos, em dias de sua vida, com ordenado conteúdo no regimento, e jurasse na chancellaria. (M. ined.)

Nomeação do Thesoureiro do Brazil

Em 30 de Outubro de 1554, el-rei fez mercê a Antonio do Rego, escudeiro fidalgo da sua casa, do cargo de thesoureiro do Brazil, em quanto Luiz Gouvêa desse sua conta, e não servindo por alguma razão, que o dito Antonio do Rego começasse logo a servir, e houvesse outro tanto de ordenado, como tinha o dito Luiz Gouvêa, e este alvará valesse como carta. (Ms. ined.)

Nomeação do Alcaide mór da Bahia 1554

A Diogo Moniz Barreto, fidalgo da casa real, em attenção aos seus serviços, houve por bem el-rei por alvará de 2 de Maio de 1554 nomea-lo para o cargo de Alcaide-Mór da cidade do Salvador, da Bahia de Todos os Santos, em dias de sua vida com 20\$000 de ordenado cada anno, tomando elle posse do cargo na dita cidade, e que houvesse os prões e precalços, e que os ditos 20\$000 lhe fossem pagos cada anno pelo thesoureiro das rendas, e pelo governador lhe fosse dado o juramento. (Ms. ined.)

qualquer caravela ou navio do reino que nos ditos portos andasse em serviço de Sua Alteza, e que com a dita capitania houvesse o ordenado conteúdo no regimento, e lhe fosse dado juramento. (Ms. ined.)

Alvará de nomeação de escrivão do armazem da Bahia 1553

Em 22 de Abril de 1553 el-rei fez mercê a João de Góes Guimarães, seu reposteiro da camara, do officio de escrivão do armazem da cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos nas terras do Brazil, por tres annos, com o ordenado de 30\$000 cada anno, navegante deprovido, nomeado antes, devendo prestar juramento na chancellaria. (M. Ined.)

Creação da Provincia jesuitica da America independente da europa 1553

O padre Ignacio de Loyola, patriarcha da ordem jesuitica, creou a a provincia de Jesus do Bazi independente da Europa, e nomeou o padre Manoel da Nobrega, provincial do Brazil, e já sendo os jesuitas em grande numero, fundarão nas planicies de Piratininga um collegio em 1554, dizendo-se a missa no dia 25 de Janeiro de 1554 dia da conversão de S. Paulo Apostolo.

Por postilla de 4 de Junho de 1554, houve Christovão Cabral 4\$000 por mez, enquanto servisse a tal capitania (Ms. Ined.)

Alvará em favor do governador Thomé de Souza 1553

El-rei por alvará de 10 de Dezembro de 1553, houve por bem, que do gado que o governador Thomé de Souza, do seu conselho, e vedor da sua casa, tem na capitania da Bahia de Todos os Santos possa tirar, para seus feitores, ou outras pessoas, para outras capitánias até a terça parte que ora tem de sua criação, sem embargo de quaesquer regimentos, provisões ou posturas da camara, que em contrario haja, e para isso notifica a todos para que o não embarassem; e que o mesmo fará para adiante nas mesmas condições sem que ninguem o possa embarçar. (Ms. Ined.)

E' substituido Thomé de Souza no governo Geral do Brazil 1553

Em 1553 Thomé de Souza, instando por sua demissão é substituido no governo da Bahia por D. Duarte da Costa, que tomou conta da administração, vindo com elle 16 jesuitas, e entre elles o celebre padre José de Anchieta.

Nomeação de Escrivão de um Galeão

Alvará de 2 de Janeiro de 1554 de mercê a Bastião Coelho, cavalleiro fidalgo de sua casa de escrivão do galeão que se fazia preste para ir ao Brazil, de que ia por capitão Antonio de Loureiro, e que houvesse o ordenado conteúdo do regimento. (M. ined.)

Fallecimento de Duarte Coelho Pereira 1554

No dia 7 de Agosto de 1554 falleceu na Villa de Olinda, em Pernambuco, o donatario Duarte Coelho Pereira, fundador da mesma villa e dos primeiros engenhos alli estabelecidos. Seu filho primogenito succedeu-lhe no direito, e sua mãe a viuva D. Brites de Albuquerque assumiu a posse do governo da capitania interinamente.

Nomeação de Porteiro da Alfandega e guarda dos navios 1554

Por alvará de 25 de Abril de 1554 el-rei fez mercê a Pero Botelho, seu reposteiro, dos cargos de porteiro dos contos e alfandega da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, e assim de guarda dos navios que vierem ter a dita cidade, ou partirem do porto della para outros portos, em dias de sua vida, com ordenado conteúdo no regimento, e jurasse na chancellaria. (M. ined.)

Nomeação do Thesoureiro do Brazil

Em 30 de Outubro de 1554, el-rei fez mercê a Antonio do Rego, escudeiro fidalgo da sua casa, do cargo de thesoureiro do Brazil, em quanto Luiz Gouvêa desse sua conta, e não servindo por alguma razão, que o dito Antonio do Rego começasse logo a servir, e houvesse outro tanto de ordenado, como tinha o dito Luiz Gouvêa, e este alvará valesse como carta. (Ms. ined.)

Nomeação do Alcaide mór da Bahia 1554

A Diogo Moniz Barreto, fidalgo da casa real, em attenção aos seus serviços, houve por bem el-rei por alvará de 2 de Maio de 1554 nomea-lo para o cargo de Alcaide-Mór da cidade do Salvador, da Bahia de Todos os Santos, em dias de sua vida com 20\$000 de ordenado cada anno, tomando elle posse do cargo na dita cidade, e que houvesse os prós e precalços, e que os ditos 20\$000 lhe fossem pagos cada anno pelo thesoureiro das rendas, e pelo governador lhe fosse dado o juramento. (Ms. ined.)

El-rei prohihe o pagamento de soldos 1554

El-rei D. João III em 20 de Julho de 1554 ordena a D. Duarte da Costa, governador geral do Brazil e ao provedor da fazenda real, que pessoa alguma não vença soldo, fazendo-as riscar dos assentos como elle determina, e que esta ordem se registre no começo do livro da fazenda. (Ms. ined.)

E' prohibido aos Jesuitas penetrarem o interior do Brazil sem licença do Governadór Geral 1554

O motivo do conteúdo deste alvará de prohibição não o ponde descobrir

El-rei em data de 21 de Julho de 1554, escreve a D. Duarte da Costa, que não consinta que os jesuitas entrem pela terra dentro sem sua licença, e isto depois de bem informado do lugar, para onde pretendessem ir, e lhe pareça que não correrão risco e nem as pessoas que com elles forem. (Ms. ined.)

Aldéas dos indios que jesuitas converterão em povoações 1551 a 1554

O padre provincial Luiz da Gran mandando os padres pregar o Evangelho aos indios conseguirão fundar as seguintes povoações :

1ª *A da Ilha de Itaparica*, 5 leguas distante da cidade com a invocação de *Santa Cruz* em Junho de 1551, e ao sul da ilha, com casas e igreja, ficando nella o padre Antonio Peres e o irmão Manoel de Andrade. E' hoje a freguezia da Vera Cruz.

2ª *Povoação de Tatuapera*, com a *Invocação de Jesus*, com casas e igreja, ficando nella o padre Antonio Rodrigues e o irmão Paulo Rodrigues.

3ª *Povoação de S. Pedro*, sendo a mais populosa, por terem concorrido para ella as aldéas de Cabogy.

4ª A 32 leguas para o interior a *Povoação de Santo André*, com igreja e casas, os indios estava em guerra com os das aldéas de Itapicurú.

Voltando o padre Luiz da Gran para o sul da Bahia em *Macamani* hoje *Camani* e fundou :

5ª *Povoação de N. S. da Assumpção*.

6ª *Povoação de Taperaguá*, junto ao rio Tinharé, com a invocação de S. Miguel, aggregando-lhe os indios das aldéas visinhas.

Havião as aldéas de S. Paulo, Santiago, Santo Antonio, e a do Espirito Santo, que forão convertidas em povoações regulares com casas e igreja.

O padre Luiz de Gran baptizou nessas povoações e aldéas em 1562 para mais de 5 mil indigenas.

Passando-se neste anno á Pernambuco fundou a *igreja de N. S. da Graça* de pedra e cal.

Favores aos primitivos povoadores do Brazil 1554

Em 23 de Julho de 1554, el-rei escreve a D. Duarte da Costa a respeito das concessões e favores que fez as pessoas que vinhão para o Brazil, constante dos Alvarás de 21 de Julho de 1551 e o de 1552, ampliando as liberdades coloniaes.

No primeiro Alvará era com o fim de augmentar a povoação, e as fabricas dos engenhos de assucar e as povoações, não pagarião dizimos por 5 annos ; e no segundo de 1552 determinava que os que fizessem engenhos ou os mandasse reformar na capitania da Bahia, e na do Espirito Santo, de Vasco Fernandes Coutinho, antes de se despovoar, fossem do mesmo modo exemptos de pagar dizimos, pelo mesmo tempo ; aos que viessem das ilhas portuguezas e de outras partes para moradores, mandava dar custas da real fazenda e mantimentos para a viagem por alguns mezes de estada na terra. Os que tivessem officios gosaráo do mesmo favor, da sua chegada em diante e por 3 annos ; e mandava que se fizesse registo de tudo. (Ms. ined.)

Provedoria do almoxarifado de Porto Seguro 1554

Por Alvará de 1554 fez el-rei mercê a Antonio Dias Cação, morador na capitania de Porto Seguro do officio de escrivão da provedoria e almoxarifado da dita capitania em sua vida, com dous por cento ao anno de todo o rendimento e producto que houvesse das rendas, dizimos e direitos que se arrecadasse na alfandega da dita capitania. (Ms. ined.)

Almoxarife dos armazens de mantimentos da Bahia 1554

Em 16 de Novembro de 1554, teve mercê Bartholomeu Guerreiro, cavalleiro da casa real, morador que foi na villa de Mazagão, em respeito aos seus serviços, do officio de almoxarife dos armazens de mantimentos da cidade do Salvador, com o ordenado conteúdo no regimento, depois de cumpridas as provisões, que de tal officio foram passadas á outras pessoas feitas antes de 27 dias do mez de Junho deste anno de 1554, e jurasse na chancellaria. (Ms. ined.)

Outra nomeação de almoxarife na Bahia 1554

Por outro Alvará de 20 de Novembro de 1554, el-rei nomeou a Diogo Lopes de Mena, cavalleiro da ordem de Santiago para o officio de almoxarife dos armazens de mantimentos da cidade do Salvador por 5 annos e com o ordenado conteúdo no regimento, na vagante dos providos antes deste Alvará, e jurasse na chancellaria. (Ms. ined.)

**Carta de el-rei ao governador D. Duarte da Costa
em favor dos jesuitas 1554**

Os jesuitas do Brazil queixando-se a el-rei de não serem pagos, Sua Alteza em carta de 21 de Novembro de 1554 determina ao governador D. Duarte da Costa que não só favoreça aos padres, como lhes pague o que Sua Alteza ordenou que se lhe dêsse, para que elles edificassem um collegio igual ao de Santo Antão, e que de tudo lhe dê parte. (Ms. ined.)

**Carta de D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro
bispo do Brazil á el-rei contra
D. Duarte da Costa 1554**

Em 11 de Abril de 1554 D. Pedro Fernandes Sardinha escreve a el-rei D. João III dizendo-lhe que por via de Pernambuco lhe tinha escripto, por Antonio Ferreira da Camara, e agora torna a escrever-lhe, dizendo que quem vio a Bahia em tempo do bom Thomé de Souza, e a vê agora, tem tanta cousa de se carpir, que passa a expor-lhe as queixas contra as más acções de D. Alvaro da Costa, João Rodrigues Peçanha, Luiz de Góes, Fernando Vasco da Costa e de outros seus sequazes, e tanto descuidos do governador, que não ha homem nem mulher na Bahia que não sejam affrontados, desautorados e combatidos de sua honra, e são estes homens excessivamente atrevidos, em offender a Deos, em affrontar os moradores, e que queixando-se delles ao governador e em particular que olhasse para seu filho e o apartasse das más conversações, lhe respondeu que não podia tolher seu filho D. Alvaro, que folgasse com quem quizesse, e que na terra não havia outros fidalgos mais honrados que João Rodrigues Peçanha e Luiz de Góes com quem seu filho se desse e praticasse, e por suas queixas lhe tomou o governador tamanho aborrecimento que nunca mais lhe passou pela rua, e fez que seu filho D. Alvaro e com João Rodrigues Peçanha amotinasse os conegos contra elle, como fizerão, etc., e pede a Sua Alteza que lhe não dê credito, e que só attenda aos papeis tirados judicialmente. E' precioso este documento inedito e o não publico em sua integra aqui por ser longo, e não poder conter no programma desta chronica geral. (Ms. ined.)

**Resgates em favor dos meninos orphãos da Bahia
1554**

Por Alvará de 30 de Dezembro de 1554 determina S. Alteza que os meninos orphãos que residirem nos portos do Brazil possam resgatar em todas as partes da costa, mantimentos e outras cousas necessarias para suas casas, e isto nos portos do Brazil, onde vão resgatar outros christãos, e valesse como carta e não passasse pela chancellaria. (Ms. ined.)

**Nomeação do escrivão do provedor da fazenda da
villa de Olinda (Pernambuco) 1554**

Sua Alteza fez mercê, em 26 de Setembro de 1554, a Vicente de Carvalho, cavalleiro de sua casa, morador na villa de Olinda, de Duarte Coelho, do officio de escrivão de ante o provedor da fazenda de sua vida, em dias de sua vida, e com dous por cento de ordenado de tudo o que por sua industria e traça viesse a boa arrecadação aos livros da fazenda do dito senhor, e jurasse na chancellaria. (Ms. ined.)

**Nomeação de escrivão do ouvidor geral do Brazil
(Bahia) 1554**

Foi nomeado Lopo Rabello, moço fidalgo da camara de Sua Alteza, morador que foi na villa de Arzilla, em 8 de Junho de 1554, escrivão d'ante a provedoria geral dos portos do Brazil, em dias de sua vida, sem ordenado algum á custa da fazenda de Sua Alteza, com os prós e precalços que lhe directamente pertencem, e que servisse na vagante dos providos, e jurasse na chancellaria. (Ms. ined.)

Escrivão da fazenda do Brazil (Bahia) 1554

Em 8 de Julho de 1554, el-rei fez merce a Simão Rabello, cavalleiro de sua casa, almoxarife que foi na villa de Arzilla, por respeito a seus serviços, do officio de escrivão da fazenda dos portos do Brazil, em dias de sua vida, com o ordenado conteúdo no regimento, e os prós e precalços que directamente lhe pertencessem, na vagante das providas antes deste Alvará e jurasse na chancellaria. (Ms. ined.)

**Duas cartas de Pero de Góes a el-rei, datadas da
Bahia 1554**

Na primeira carta diz a el-rei D. João III que lhe tendo escripto em Junho de 1549, lhe communicou o máo estado da armada, que forá correr a costa, onde então elle ia por mandado de Thomé de Souza e levar o ouvidor geral e provedor-mór á Porto Seguro, capitania da Pero de Campos; e que em Janeiro de 1550, tambem lhe havia comunicado de S. Vicente, capitania de Martim Affonso, e em Julho de 1553, lhe havia dado conta dos muitos francezes que encontrara carregando muitas náus na costa do Rio de Janeiro, onde não ousava de ir, como Sua Alteza podia ver nas cartas que lhe mandava; visto que não se podendo fazer nojo aos francezes, por serem os seus navios melhores, lhe dava parte destas cousas, para serem providenciadas.

Na carta de 29 de Abril deste mesmo anno de 1554 lhe dá conta do como pelejara com um gallão francez, mas que lhe não fizera todo o

mal, como queria, por o vento lhe ser contrario, e carecer de bombardeiras, para fazerem tiro, e que esta peleja fóra na Bahia de Cabo-Frio.

Conta-lhe outras cousas, que as não memôro aqui por ser a carta muito proliza. (Ms. ined.)

Progressos do collegio de Piratininga 1554

No principio da fundação do collegio mandou o Padre Nobrega 14 padres e Irmãos sob a obdiencia do Padre Manoel de Paiva fundar um collegio nos campos de Piratininga escolhendo elles o sitio junto a um rio proximo a vivenda dos Indios e nelle disserão Missa no dia 25 de Janeiro do mesmo anno como já referi.

Nelle abrirão uma aula de Grammatica que foi a segunda aula que teve o Brazil, sendo o professor della Padre José de Anchieta que occupou por alguns annos.

Nomeação de escrivão dos armazens da Bahia 1554

Por carta de 26 de Março de 1554 foi nomeado Fernão de Lemos, cavalheiro da casa real, escrivão dos armazens e mantimentos da cidade do Salvador, por tempo de quatro annos, com outro tanto ordenado como tiverão e houverão os outros escrivães do armazem de mantimentos da cidade do Salvador que forão antes. (Ms. ined.)

Bulla de confirmação do primeiro bispado do Brazil 1555

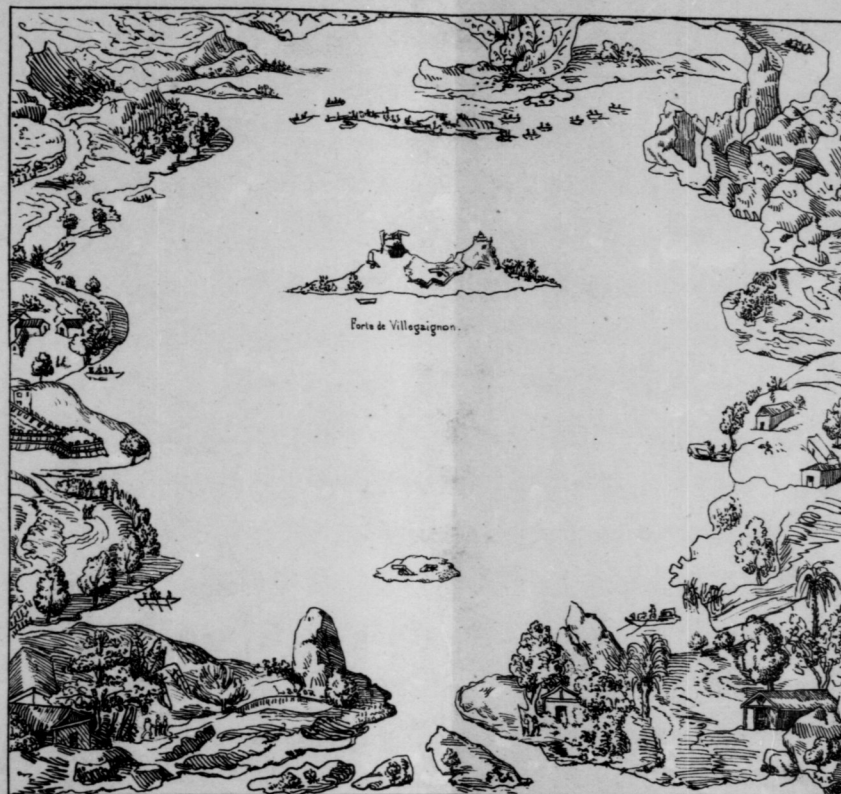
Pela bulla do 1º de Março de 1555 foi confirmada a criação do bispado do Brazil, com a séde na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos. (Ms. ined.)

Nomeação de almoxarife da capitania de Porto Seguro 1554

Por alvará de 2 de Abril de 1555 Sua Alteza fez mercê por lh'o pedir o Infante D. Luiz, a João de Crasto, escudeiro de sua casa, do officio de almoxarife da alfandega de Porto Seguro, nos portos do Brazil por tempo de seis annos, com o ordenado cada anno, conteudo no regimento, e assim e da maneira que o levarão as pessoas que antes delle forão providos por provisões feitas antes de 20 de Março deste presente anno. (Ms. ined.)

Ordem de 20 de Junho de 1555 para a fabricação de navios

Por alvará de 20 de Junho de 1555 ordena el-rei ao governador geral das partes do Brazil para que se fação na terra navios, que se houverem de armar para guardar a costa, como para outra cousa que convier ao serviço real. (Ms. ined.)



Bahia de Guanabara
1557

Alvará de 10 de Julho de 1555 nomeando a Gaspar de Seixas, moço da camara real, para escrivão de uma das náos que vão ao Brazil, com o ordenado do regimento. (Ms. ined.)

Confirmação do bispado da Bahia 1555

Bulla de 1 de Março, confirmando a criação do bispado da Bahia.

Carta de D. Duarte da Costa a el-rei 1555

Em 3 de Abril de 1555, D. Duarte da Costa escreve a el-rei, da cidade do Salvador uma carta na qual lhe dá conta, do como naquella cidade qualquer cousa que haja de se por em demanda ou pertencente ao serviço de el-rei vem logo a parte contraria com suspeição, para impedir a justiça e pede tambem provisões geraes que se passem de umas capitánias para outras. Pede que lhe mande pagar as despesas que tem feito com as obras do collegio (Ms. ined.)

Carta de D. Duarte da Costa 1555

No mesmo dia 3 de Abril de 1555 D. Duarte da Costa, escreven a el-rei D. João III expondo-lhe o mal que tinha servido Antonio Cardoso de Barros, o officio de provedor-mór da Bahia, e dos procedimentos que contra elle tivera nas questões com o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, e pedia a Sua Alteza mandasse ver os autos da devaça para vir no conhecimento do bem que fizera. E' muito interessante esta carta inedita que tenho á vista na qual se vê as contestações entre D. Duarte da Costa e o bispo da cidade do Salvador. (Ms. ined.)

Carta de D. Duarte da Costa a el-rei queixando-se do bispo D. Pedro Sardinha 1555

Em carta de 8 de Abril de 1555, D. Duarte da Costa, queixa-se a el-rei D. João III, dos excessos e crimes do bispo do Salvador, e cre que Thomé de Souza, lhe teria dito delle alguma cousa; e que indo com o jesuita Luiz da Gram, a sua casa aconselha-lo, se não quiz emendar; que tem amotinado a toda terra, mandando em Dezembro de 1554 espancar de noite, e a falsa-fé, pelo clérigo Fernão Pires e pelo leigo Fernão Vaz, a Silvestre Rodrigues, que o deixarão por morto, por que dizia mal do bispo, e dando as razões da inimizade do bispo contra seu filho D. Alvaro da Costa e contra outros, termina esta extensa carta pedindo a el-rei, que leia os autos e mais papeis do processo, que se convencerá da verdade. (Carta ms. ined.)

Em outra carta de 20 de Maio do mesmo anno de 1555, não menos extensa, D. Duarte da Costa, dá satisfação a Sua Alteza D. João III, ás muitas particularidades arguidas pelo bispo, e que se informe das

maldades delle, das pessoas da terra, que conhecerá que ellas bastarão para despovoar um reino, quanto mais uma cidade tão pobre como a Bahia (Carta ms. ined.)

Carta de Agosto de 1555 de Jeronymo de Albuquerque a el-rei D. João III, de Olinda, Pernambuco

Jeronymo de Albuquerque em carta de Agosto de 1555, escripta a el-rei, lhe diz que lhe escrevera muitas cartas por um galleão que tocara em Pernambuco vindo da cidade do Salvador, e nella fallava da guerra e do que havia succedido com Luiz de Seixas, capitão da Ilha de Itamaracá, que a havia desamparado em tempo de guerra, levando comsigo um Bartholomeu Rodrigues, homisiado por morte de um homem, e outros crimes iguaes, dignos de castigos. Que tendo gasto muito cabedal na guerra, havia ficado individado e mui pobre, e pedia a Sua Alteza que nomeasse um capitão para a capitania; e que o pouco que lhe rendia a capitania não bastava para sustentar sua irmã e seus filhos, e que se aceitou o cargo, foi para servir a Sua Alteza. Que perdiera tres engenhos, com a guerra dos Indios que fazião muito assucar, mormente os de Iguaçu e de Santiago de Olinda, que por estar nelle Diogo Fernandes e outros homens, por vezes os mandou recolher a villa, por não ter escravos nem armas para se defenderem. Dá conta do proveito que se poderá tirar das terras de Pernambuco, e pelo estado em que ficarão os engenhos com a guerra, os navios levão pouca carga, e que a povoação da terra depende, do augmento dos engenhos. Recommenda a el-rei Diogo Fernandes, pobre e carregado de filhos, para o encarregar do engenho Santiago, o qual dará boas notas nos dizimos, que arrecadar (M. ined.)

Nomeação do thesoureiro das rendas do Brazil 1555

Por alvará de 5 de Outubro de 1555 el-rei fez mercê a Rodrigo de Freitas, cavalheiro fidalgo, do officio de thesoureiro das rendas do Brazil, em sua vida, com o ordenado do regimento na vagante dos providos em 23 de Novembro de 1554. (M. ined.)

Os francezes não deixão o Brazil, e fundão uma colonia no Rio de Janeiro em 1555

Desde o descobrimento do Brazil principiarão os armadores francezes a enviarem a elle os seus navios, principiando pelo norte, com o fim de commerciareem com os indigenas, e fornecer-lhes os meios de hostilisarem os portuguezes. As exageradas riquezas naturaes do Brazil espalhadas por toda a parte desnorreava os animos dos ambiciosos europeos, e por isso desejavão a todo custo estabelecerem colonias no Brazil.

Os tamoyos erão os habitantes da costa maritima do sul, desde o rio da Parahyba, junto ao Cabo de S. Thomé, até além do rio Paraty, e desejavão auxiliares para expulsar os portuguezes de S. Vicente, quando em 1555 lhes apparece em Cabo Frio, Nicoláo Durand Villegaignon, cavalleiro de Malta e vice-almirante da Bretanha, em 3 navios, com quem fizerão pazes, e grandes promessas.

Villegaignon, com esta certeza voltou a França sem demora e com a idéa firme de estabelecer uma colonia no Rio de Janeiro, abastecendo-se de gente, e de todo preciso se fez na volta, e no dia 13 de Novembro do mesmo anno de 1555, entrando na Bahia de Nhitheroy, fundeou na ilha das Palmeiras e chamada pelos indios *uruçimeri* e deu começo ao Forte Coligny, e ahi se estabeleceu. O Forte Coligny foi concluido em 1557.

Villegaignon levantou mais 3 fortes; o da barra (hoje Santa Cruz) e na terra firme, o de Santiago (na ponta do Calabouço) hoje fazendo parte do arsenal de guerra e o terceiro na praia do Flamengo.

As madeiras para as obras de Villegaignon forão tiradas na ilha de Illiritiba.

Aldéas dos tamoyos no continente da bahia de Nhitheroy em 1555 onde está assentada a cidade do Rio de Janeiro

Quando o almirante Nicoláo Durand Villegaignon em 1555 veio ao Rio de Janeiro, e no anno seguinte de 1556 principiou o forte Coligny, e o concluiu em 1557, fez junto ao morro, antigamente conhecido pela denominação de Leryppe (corrupção de Lery) e hoje *Morro da Viuva*, no fim da praia do Sapateiro, depois praia do Flamengo de 1648 em diante, ornavão a margem occidental da bahia, por onde hoje se estende a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, da serra da Gavea, pelo prolongamento do continente até além da Cascadura, as muitas aldéas dos tamoyos mencionadas em um mappa levantado sobre as narrações do historiador *Lery*, que esteve no Rio de Janeiro, e Villegaignon.

Nas immediações da lagôa de Sacupemapan, depois lagôa de Diogo de Amorim Soares, depois de Sebastião Fagundes Varela, e mais tarde lagôa de Rodrigues de Freitas a aldéa *Kariané*, mais para o norte entre os morros da Babylonia e Pão de Assucar as aldéas de *Jaboracyá*, *Pepim*, *Earumyri* e *Pand-ucú*.

Quasi fronteira ao Pão de Assucar estava a aldéa *Yapopim*. Mais acima e ao lado esquerdo a aldéa *Ura-uassú-ú*: Entre o Pão de Assucar e o morro hoje da Viuva, antigamente de Leryppe, um pouco afastada da praia estava a aldéa *Ocarentim*. Proximo ao morro do Leryppe, e perto do rio Carioca, Villegaignon mandou construir uma casa e forno

para a fabricação de tijolos, toda de pedra e cal (briqueterie) (depois casa de Pedra) tendo, aos lados e um pouco adiante a aldeia *Ten-tinem*.

Nos morros de Desterro, hoje de Santa Thezeza, de Santo Antonio e suas imediações estavam as aldeas *Catiud*, *Kirini*, *Aharai* e *Purumuré*. Seguião-se para as bandas do Engenho Velho e Engenho Novo, Inhaúma, Pavuna, Irajá, Campinho e Cascadura, as aldeas seguintes: *Cotiú*, Pavuna ou *Pavon*, *Savigahy*, *Taly*, *Uepeé*, *Itaúá*, *Uery*, *Acorasó*, *Margavia* ou *Ussú*, *Sarapi* ou *Sarapugy*, *Irará-mem*, *Sapopema* e outras.

Em uma grande ilha dentro da enseiada (Ilha do Governador) estavam as aldeas seguintes: *Pindaussú*, *Caroque*, *Piracujú*, *Caran-gud*, e mais duas pequenas aldeas tamoyas. As aldeas mais consideráveis de um e outro lado da bahia de Nhitheroy erão a *Itauna*, *Sacuauc-ussemhuac*, *Oarentim*, *Sapopema*, *Nurucuné*, *Arapatué*, *Usapué*, *Uraramery*, *Caranacuy*. O chefe da aldeia tamoya chamava-se *Mussaiate*.

Morte desastrada do Bispo da Bahia 1556

No anno de 1556 o Bispo da Bahia D. Pedro Fernandes Sardinha em desharmonia com o Governador Geral D. Duarte da Costa julgou ir a Lisboa, queixar-se a El-rei, e embarcando-se em 2 de Junho, no dia 16 naufragou, com grande numero de pessoas, nos baixos de *Cururipe*, perto da foz do rio S. Miguel das Alagoas, sendo todos mortos e comidos, pelos indios Cahetés.

Guerra contra os indios cahetés 1556

Depois do naufragio, e desastrado fim do 1º Bispo da Bahia, seguiu-se a geral sublevação dos indios Cahetés, que dominavão toda a porção do territorio das Alagoas, a principiar do rio de S. Francisco. Pernambuco achava-se então em perigo: Os habitantes de Olinda, não ouzavão aventuras de duas leguas para o centro. D. Brites que então governava a Capitania de Pernambuco, reunio em conselho os Jesuitas, chefes civis e militares, para deliberarem sobre a segurança dos moradores, e tomarem as medidas. Jeronymo de Albuquerque 3º filho, de Jeronymo de Albuquerque e de D. Mariado Espirito-Santo Arco Verde, que depois chamou-se Jeronymo de Albuquerque Maranhão, que apenas contava 20 annos, é nomeado chefe da força destinada abater os Cahetés e exterminar-os. Jeronymo de Albuquerque conseguiu ir pouco a pouco repellindo-os até ao sertão, forma que dentro em 5 annos de cruenta guerra de exterminio, com terrivel mortandade de Cahetés, salva Pernambuco.

Até então o interior das Alagoas não tinha sido percorrido, e creio que apenas Porto Calvo, as margens das duas Lagóas Mangoabas, e a fóz do rio S. Francisco estavam em via de colonisação.

Morre o Padre Ignacio de Loyola 1556

O Padre Ignacio de Loyola fundador da ordem dos Jesuitas, fallece em Roma no dia 31 de Julho deste mesmo anno, com 65 annos de idade.

Manda el-rei pagar 200\$ a D. Maria da Silva mulher de D. Duarte da Costa 1556

Por Alvará de 7 de Janeiro de 1556 mandou el-rei pagar a D. Maria da Silva, mulher de D. Duarte da Costa, duzentos mil reis do primeiro anno que D. Duarte servio de Governador do Brazil, que começou a 15 de Julho de 1553 e acabou em igual dia do anno de 1554, e isto por não ter havido pagamento do dito anno no Brazil.

Nomeação de Christovão de Barros para capitão mór dos navios que vão ao Brazil 1556.

Por Alvará de 10 Março de 1556 mandou El-rei passar Provisão a Christovão de Barros, filho de Antonio Cardoso de Barros, para ir por capitão-mór dos navios, que ora S. Alteza tem mandado armar e fazer-se prestes para ir ao Brazil, em cuja viagem elle Christovão de Barros serviria no navio S. Vicente; e houvesse o ordenado do Regimento. (Ms. ined)

Fundação da povoação (hoje cidade) do Penedo 1555

Em 10 de Outubro de 1555 Duarte Coelho Pereira, primeiro Donatario de Pernambuco, sóbe o Rio de S. Francisco e aporta ao lugar onde hoje se acha a cidade do Penedo e lança-lhe os fundamentos da povoação.

Primeira casa de pedra e cal feita no continente da bahia do Rio de Janeiro 1556

A primeira casa de pedra e cal que se edificou no continente da bahia do Rio de Janeiro foi na praia do Sapateiro, depois do Flamengo perto do rio Carioca, mandada construir por Willegaignon para o fabrico de tijolos e telhas (briqueterie) para as obras da colonia franceza. Nella residio dous mezes o historiador Lery, e depois o primeiro juiz do Rio de Janeiro Pedro Martins Namorado, em 1568.

Até poucos annos ainda se vião os alicerces della, perto do Morro da Viuva, antes chamado Morro do Leryppe.

Mercê a Mem de Sá, de 200\$000 todos os annos, além de 400\$000 que levava 1556

Em 21 de Agosto de 1556 se passou mandado em Lisboa, por ordem de el-rei, para se dar a Mem de Sá, que ora vai por capitão da cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, e governador geral das terras e portos do Brazil 200\$000 de ordenado cada anno, além dos 400\$000, que leva declarados na carta do dito cargo, os quaes começasse a vencer no dia em que fosse metido em posse delle, e lhe fossem pagos no thesoureiro e recebedor das rendas do Brazil, assim e da maneira que lhe hão de ser pagos os 400\$000, contados na dita carta, e este alvará valesse como carta (Ms. ined.)

Mercê a Pero Pedro Carvalho de mestre das obras da cidade do Salvador 1556

No dia 21 de Julho de 1556 foi provido Pero Pedro Carvalho, pedreiro, morador na cidade do Salvador, da Bahia de Todos os Santos, para que servisse de mestre das obras da dita cidade, com 20\$000 de ordenado por anno os que lhe fossem pagos pelo thesoureiro das rendas do Brazil. (M. ined.)

Escrivão da feitoria da capitania de Ilhéos 1556

Fez-se mercê, por alvará de 21 de Outubro de 1556, do officio de escrivão da feitoria da capitania da Villa de S. Jorge de Ilhéos, (por pedido da infanta D. Izabel) a Francisco Luiz Espina, cavalleiro da casa real, com o ordenado contido no regimento, na vagante do provido, antes de 17 de Outubro deste mesmo anno. (M. ined.)

Neste anno os tamoyos appossarão-se da fortaleza de S. Felipe da Bertioga.

Confirmação da doação da capitania de Porto Seguro 1556

El-rei por carta régia de 30 de Maio de 1556, confirma a doação da capitania de Porto Seguro a D. Leonor de Campos Tourinho, mulher de Eugenio Pesqueira, e irmã do primitivo donatario Pedro de Campos Tourinho. Esta capitania, dous mezes depois foi vendida e incorporada á corôa.

Nomeação de almoxarife da capitania de Ilhéos 1556

Mercê concedida em 22 de Outubro de 1556 a Jorge Martins, cavalleiro da casa real, morador no Brazil, do officio de almoxarife da alfandega da capitania do Rio dos Ilheos, nos portos do Brazil, durante a sua vida, com o ordenado contido no regimento. (Ms. ined.)

E' nomeado Mem de Sá para governador geral do Brazil em 24 de Julho de 1556 o qual só toma posse do governo em 23 de Julho de 1558.

Thomé de Souza, filho de Gonçalo Mendes de Sá, e descendente da familia de Pelagio de Sá, fidalgo da casa real e conselheiro de el-rei, foi nomeado capitão e governador geral das partes do Brazil no dia 23 de Julho, o qual só tomou posse do governo no dia 23 de Julho do anno de 1558. (M. ined.)

O traslado da carta que se passou a Mem de Sá, eu o possuo inedito.

Nomeação de provedor da fazenda da capitania do Espirito-Santo 1556

Salvador Pereira, moço da camara real, foi nomeado provedor da fazenda real, da capitania do Espirito Santo, no dia 20 de Outubro de 1556, vencendo dous por cento de tudo o que se receber. Salvador Pereira, exercia o officio de almoxarife dos armazens de mantimentos da Bahia, e o alvará determina que elle só se impossará no novo officio, quando findar o do almoxarifado. (Ms. ined.)

Creação da capitania de Paraguassú 1557

D. Alvaro da Costa, filho de D. Duarte, teve em 17 de Janeiro mercê de uma capitania nas terras da Bahia, desde o rio Paraguassú até ao de Jaguaripe, e o titulo de capitão e governador della. O donatario não fez na sua capitania estabelecimento algum.

Prosegue a colonia franceza do Rio de Janeiro 1557

Willegaignon fazendo conhecer a corôa de França, a opulencia do Brazil, pede-lhe reforço, e ao almirante Coligny pede que lhe envie doutores na doutrina de Calvino, no que foi satisfeito, com uma expedição em 1557, tendo por chefe Bois le Conte, sobrinho de Willegaignon, a frente de uma colonia de protestantes francezes, e dois ministros, que forão recebidos com agasalho per Willegaignon no Forte Coligny.

Pouco tempo depois, os protestantes reconhecerão, pela mudança que experimentavão, que Willegaignon tinha illudido ao almirante Coligny, e em desharmonia, muitos se retirarão em 1557.

Peste horrivel no Rio de Janeiro em 1557

Neste mesmo anno de 1557 appareceu no Rio de Janeiro uma terrivel febre pestilente, que matou grande numero de indios.

Morte de D. João III 1557

D. João III, fallece em 11 de Junho de 1557, e succede-lhe no throno portuguez, seu neto D. Sebastião, com a idade de tres annos, ficando na regencia do reino a avó D. Catharina d'Austria, viuva de el-rei D. João III.

Morte de Diogo Alvares Corrêa o Caramurá 1557

No dia 5 de Outubro deste anno de 1557, fallece na povoação do Pereira (Villa Velha) Diogo Alvares Corrêa, Caramurá, sendo sepultado na igreja do collegio de Jesus, ficando por seu testamenteiro seu genro João de Figueiredo.

Escrivão da alfandega da Bahia 1557

Por alvará de 10 de Abril de 1557 el-rei fez mercê a Gaspar Pinheiro, filho de Antonio Pinheiro do officio de escrivão da alfandega, da provedoria, e defuntos da cidade do Salvador, em quanto Braz Fernandes, morador em Lisboa, os não posse servir. (Ms. ined.)

Provedor de Porto Seguro 1557

Este officio de provedor da fazenda da capitania de Porto Seguro, foi dado em 25 de Janeiro de 1557, em uma vida, a Felipe Guilherme; e desde que Thomé de Souza, o proveu lhe mandou passar alvará. (Ms. ined.)

Sua Alteza manda dar de seus engenhos cincoenta arrobas de assucar em cada anno ao Visconde de Castanheira 1557.

Por alvará de 4 de Janeiro de 1557, manda el-rei ao governador geral do estado do Brazil, e ao provedor-mór, que é de sua espontanea vontade, que se dê ao conde de Castanheira, vedor da sua fazenda, cincoenta arrobas de assucar cada anno, em dias de sua vida, pagas na capitania da Bahia, as quaes começará a vencer do 1º de Janeiro de 1557 em diante. (Ms. ined.)

Ao mesmo conde de Castanheira tinha el-rei por alvará de Novembro de 1554, mandado dar vinte arrobas de assucar em cada anno, e como o progresso da lavoura do Brazil era muito, lhe fêz mercê de augmentar-lhe a graça. (Ms. ined.)

Mercê de thesoureiro dos defuntos da Bahia 1557

Por alvará de 10 de Fevereiro de 1557 fez el-rei mercê a Braz Alcanforado, do officio de thesoureiro dos defuntos, da cidade do Salvador e capitania da Bahia, com o ordenado de quatro por cento de tudo o quanto se arrecadasse, em quanto servisse o dito officio. (Ms. ined.)

Mercê (dote) de escrivão da fazenda da Bahia 1557

Alvará de 30 de Janeiro de 1557, pelo qual teve mercê Sebastião Rabello, cavalleiro da casa real do officio de escrivão da fazenda das partes do Brazil por tempo de quatro annos, não casando dentro no dito tempo uma de suas irmãs, a quem Sua Alteza tem feito mercê do dito officio para a pessoa que com ella se casar, e que todo o ordenado do dito cargo houvesse Luiza de Manjolos, sua mãe para sustentamento de suas filhas, e servisse o dito cargo na vagante dos providos, antes deste alvará e jurasse na chancellaria. (Ms. ined.)

Certidão do que se devesse a Jorge de Valladares 1557

Em 10 de Março de 1557 mandou-se, que o governador do Brazil fizesse passar certidão em fórmula, do quanto se estava devendo ao licenciado Jorge de Valladares, que na cidade do Salvador servia de cirurgião; assim do seu ordenado, como do seu soldo, para por ella seus herdeiros haverem em pagamento, quanto Sua Alteza o houvesse por bem. (Ms. ined.)

Mercê do officio de almoxarife para Joanna Corrêa 1557

Em 18 de Março de 1557 se mandou passar alvará de mercê, a Joanna Corrêa, mulher que foi do capitão Corrêa, do officio de almoxarife do armazem de mantimentos da cidade do Salvador, partes do Brazil, para a pessoa que com ella case. (Ms. ined.)

Favor feito a Christovão de Aguiar d'Altro 1557

El-rei escrevendo em 22 de Fevereiro de 1557, ao governador geral, lhe ordena que não constrangia durante dous annos, a Christovão de Aguiar d'Altro, cavalleiro fidalgo de sua casa, que servio de almoxarife dos mantimentos da cidade do Salvador, pelo que ficou devendo, dando elle fiança segura do seu debito, permittindo-lhe ir a Portugal, conduzir sua mulher para o Brazil, e arranjar no reino os seus negocios. (Ms. ined.)

Nomeação de escrivão de um dos bergantins que andão no resgate e serviço da cidade do Salvador 1557

Em attenção as bons serviços de João de Guimarães, cavalleiro da casa real, e os de João Coelho, seu filho, e moço da capella, lhe faz mercê da escrivania de um dos bergantins que andão no resgate e serviço da cidade do Salvador, da Bahia de Todos os Santos, na costa do Brazil, recebendo o ordenado do regimento. (Ms. ined.)

Nomeação do ouvidor para a Bahia de Todos os Santos 1557

Por carta régia de 3 de Agosto de 1557 communica el-rei ao governador geral, que encarregasse ao licenciado Braz Fragozo, do lugar de ouvidor geral das partes do Brazil, por tempo de tres annos, e tivesse de mantimento e ordenado em o dito officio, em cada um anno, 200\$000, que é o quanto levou o Dr. Pero (Pedro) Borges que ora serve; o qual ordenado começará a vencer quando fôr mettido em posse. (Ms. ined.)

Declarou el-rei ter mandado dar ao dito licenciado Braz Fragozo, 100\$000 adiantados, dos duzentos que leva de ordenado.

Provedor-mór da fazenda 1557

Por carta de 16 de Agosto do mesmo mez e anno, communica el-rei ao governador geral do Estado do Brazil, ter encarregado ao ouvidor-geral das ditas partes do Brazil, servir tambem o officio de provedor-mór da fazenda com o dito cargo de ouvidor, e haja de mais em cada anno 60\$000 de seu mantimento e ordenado com o dito officio de provedor-mór os quaes ordenados principiará a vencer do dia em que fôr mettido em posse. (Ms. ined.)

Engenhos de moer canna em S. Paulo 1557

Neste anno os moradores de S. Vicente pedirão a el-rei, que por conta da fazenda real mandasse levantar dous engenhos para moer-se a canna dos vizinhos. Antes os particulares já os tinha em trabalho, sendo tres os mais famosos engenhos primitivos da Villa de Santos: o da *Madre de Deus*, que fundou o fidalgo Luiz de Góes; o de *S. João*, fundado por José Adorno, nobre genovez; e o de *Nossa Senhora da Apresentação*, fundado por Manoel de Oliveira Gago. Nenhum delles existe hoje. (Vid. o 1º tomo da minha *Corographia Historica* pag. 229.)

Capitania de Ilhéos—Carta de Vasco Fernandes Coutinho, escripta na villa dos Ilhéos ao governador geral sobre as cousas relativas ao Brazil 1558

Vasco Fernandes Coutinho, em 22 de Maio de 1558, escrevendo ao governador geral, lhe faz conhecer o perigo em que esteve, e que empregando os seus esforços para aquietar os índios, e apaziguar os moradores, lhe pede, que sua senhoria o mande substituir, por quanto está velho e enfermo, e por isso deseja voltar ao reino, no primeiro navio que para lá fôr, para cuidar de alguns negocios, e na salvação de sua alma. (Ms. ined.)

A corte portugueza sabendo que os francezes se colonisavão no Rio de Janeiro, projecta expulsa-los delle 1558 á 1560

A corte de Portugal em 1558, já muito receiosa da presença de Willegaignon, com a sua colonia no Rio de Janeiro, mandou render a D. Duarte da Costa, por Mem de Sá, e lhe deu instrucções convenientes, para expellir os francezes do Rio de Janeiro e o fez partir.

Mem de Sá, terceiro governador geral chega a Bahia no dia 23 de Julho de 1558

Mem de Sá Barreto, que havia sido nomeado governador geral do estado do Brazil em 23 de Julho de 1556, só pôde tomar conta da administração geral do Brazil em 23 de Julho de 1558.

Alvará de 29 de Março de 1559 a respeito dos degradados que são mandados para o Brazil.

Pelo alvará de 29 de Março de 1558 determina el-rei ao regedor da Casa de Supplicação e ao governador civil, que nas embarcações fretadas pelos particulares que sahirem com mercadorias para o Brazil não mandem embarcar, e nem consintão ir degradados, contra a vontade dos senhorios, mestres e pilotos dos ditos navios. Que esta ordem seja restrictamente observada. (Ms. ined.)

Chega a Bahia o segundo bispo D. Pedro Leitão 1560

No dia 9 de Dezembro de 1559 tomou posse do bispado da Bahia D. Pedro Leitão. Foi este prelado quem ordenou ao celebre padre José de Anchieta, da companhia de Jesus.

O bispo Leitão, falleceu na Bahia, sendo sepultado na capella de Nossa Senhora do Amparo, da Sé, que então era do Santissimo Sacramento. (Ms. ined.)

Alvará de 25 de Março de 1557 sobre os direitos de assucar

O empenho que tinha a corôa portugueza em promover o augmento da povoação do Brazil, e o progresso dos engenhos, fez expedir o alvará de 25 de Março de 1559 exemptando os assucares do pagamento dos direitos nas alfandegas, e sómente o dizimo a ordem de Nosso Senhor Jesus Christo. (Ms. ined.)

Provedor da fazenda no Rio dos Ilheos 1557

Por alvará de 21 de Agosto de 1559, Sua Alteza fez mercê a João Gonçalves Drumond, morador na capitania do Rio dos Ilheos, nas partes do Brazil, da serventia do officio de provedor da fazenda real na dita capitania, enquanto Affonso Alves, estivesse ausente; e haverá o mantimento e ordenado, consignados no regimento. Em virtude desta mercê, ordenou o governador geral, que se lhe desse posse, para exercê-lo durante a ausencia de Affonso Alves. (Ms. ined.)

Provisão sobre as ferramentas com que os moradores do Brazil poderão negociar com os gentios 1569

Em 3 de Agosto de 1559, Sua Alteza communica a D. Guilherme da Costa, do seu conselho, e vedor da fazenda, que no regimento dado por el-rei seu avô, a Thomé de Souza em 1549, quando o mandou fundar uma cidade no Brazil, e povoar a capitania da Bahia, declarou, que pessoa alguma, sem excepção, poderia negociar com os indios nenhuma arma de fogo ou mesmo arma branca, de qualquer qualidade que fosse, com excepção dos instrumentos proprios da lavoura; e isto com licença das autoridades; e que convinha que isto fosse comunicado ao povo de Olinda, na capitania de Pernambuco, e ao mesmo governador geral do Brazil, para os seus devidos effeitos. (Ms. ined.)

Nomeação de escrivão da fazenda das partes do Brazil 1559

Em 17 de Agosto de 1559, a regencia de D. Sebastião, faz saber que el-rei D. Manoel mandou passar um alvará a Luiza Monjolo, viuva de Sebastião Rabello, cavalheiro de sua casa, em attenção aos seus serviços, que se nomeasse escrivão da fazenda real, das partes do Brazil, a quem se casasse com uma de suas filhas, com o ordenado do regimento, na vagante dos providos, antes de 27 de Maio de 1556, devendo a pessoa que com ella casar apresentar-se ao conde de Castanheira, para vêr se é apto a exercer o dito officio, cujo alvará foi passado em 16 de Dezembro de 1556, e como Manoel de Oliveira, do seu conselho, é casado com uma filha do dito Sebastião Rabello, e Francisco Barbudo, é casado com outra, havendo duvida de preferencia concertarão entre si, partirem os lucros do officio em dous ramos; isto é, Miguel de Oliveira, servir de escrivão dos despachos, provisões e outras cousas, e Francisco Barbudo, servisse de escrivão dos feitos da fazenda, e de cada um delles, houvesse mantimento e 40\$000 cada anno dos 80\$000, que são do ordenado; e por lhe ser esta mercê pedida, lhe dá a sua approvação, manda-lhes passar a cada um sua carta de provisão (Ms. ined.)

Licença a Manoel Gonçalves para haver cincoenta quintaes de pão Brazil e seis escravos 1589

El-rei mandou passar em 22 de Agosto de 1559, alvará em favor de Manoel Gonçalves, cavalheiro de sua casa, que ora vai ao Brazil, por capitão do navio *S. Lourenço*, para poder trazer no dito navio cincoenta quintaes de pão Brazil e seis peças de escravos comprados de seu dinheiro, e pelos quaes não pagasse frete nem direitos, em attenção aos seus serviços. ; Ms. ined.

Exploração de minas 1559

Em 7 de Setembro de 1559, el-rei mandou passar alvará enviando ao Brazil Luiz Martins para vêr os metaes que se diz nelle haver, pela ordem e maneira que por Mem de Sá lhe fôr dada, vencendo cada anno 40\$000 que começará a vencer do dia que chegasse a Bahia de Todos os Santos cujo pagamento será feito pelo thesoureiro das suas rendas da cidade do Salvador. (Ms. ined.)

Nomeação de capitão de um Bergantim da costa do Brazil 1560

Por alvará de 4 de Setembro de 1559 foi nomeado João de Araujo, morador na cidade do Salvador, da Bahia de Todos os Santos, da capitania de um bergantim, que anda em guarda da costa, com o ordenado marcado no regimento, e os prós e precalços que lhe directamente pertencerem, e que o governador lhe deferisse juramento. (Ms. ined.)

Mem de Sá manda uma expedição bater os indios Goytacazes 1559

Os moradores da capitania do Espirito Santo perseguidos pelos indios Goytacazes, pedem soccorro á Bahia e o governador Mem de Sá manda força para batel-os, commandada por seu filho Fernando de Sá, o qual entrando em peleja foi morto pelos indios.

Mem de Sá vem expulsar os francezes do Rio de Janeiro 1560

Mem de Sá, depois de ouvir, na Bahia, os conselhos de varios individuos sobre a guera, cujas ordens devia cumprir, achando em todos muita repugnancia, fez intervir o padre jesuita Manoel da Nobrega, neste empenho, o qual pôde reduzi-los a sahir com a expedição, commandada por Christovão de Barros, no dia 16 de Janeiro de 1560, e no dia 15 de Março atacando os francezes, no forte Coligny os destrôçou, fugindo a maior parte para o continente da bahia de Nitheroy, apoderando-se da Ilha Urucumiri, do Forte Coligny, e depois

de o demolir e conduzir para bordo de seus navios todo o trem de guerra, retirou-se para S. Vicente, donde escreveu no dia 19 de Junho a el-rei, dando parte do feliz successo; e depois de transferir os habitantes de Santo André para o sitio, onde se fundou a cidade de S. Paulo, retirou-se para a Bahia, em cuja cidade foi alegremente victoriado.

Nomeação de Escrivão da capitania de S. Vicente 1560

Em 11 de Novembro de 1560 mandou elrei passar carta do officio de Escrivão deante o Provedor e Almoxarife da Alfandega da capitania de S. Vicente, á Simão Machado, morador de S. Vicente, em dias de sua vida, cujo officio servia, por provisão, que lhe passou Thomé de Souza do conselho de El-rei, vedor da sua Fazenda, Governador do Estado; devendo o dito Simão Machado tirar a carta do dito officio, da maneira que servia pela provisão do dito Thomé de Souza. (Ms. inedito)

Isenção de direitos do assucar no Brazil 1560

Em 16 de Março de 1560, El-rei fez apparecer novo Alvará, com referencia a outros, exemptuando os assucares, do pagamento de direitos nas Alfandegas; e só pagar o dizimo a ordem de N. S. Jesus Christo, isto com o fim de favorecer os lavradores, e promover o augmento da produção e o da povoação do Brazil. (Ms. ined.)

El-rei manda desobrigar a mulher e herdeiros de Gomes Canes, do que lhe ficou devendo 1560

Sendo Gomes Canes Escrivão da camara, pela provisão regia de 13 de Abril de 1547, tomado emprestado a casa da India 600 quintaes de pão brazil, compromettendo-se restituir os mesmos, dentro de um anno e meio e não o podendo fazer por ter fallecido no tempo, a viuva e herdeiros na impossibilidade desta satisfação pedirão a El-rei que os desobrigasse deste compromisso; e S. A. em respeito aos serviços feitos por Gomes Canes, ordena ao Thesoureiro da sua fazenda que tome este Alvará em pagamento da divida (Ms. ined.)

Fortaleza da Bertioga em S. Vicente 1560

El-rei escreve ao Governador Mem de Sá, em 18 de Março de 1560 para que mande acabar a Fortaleza de Bertioga, e armá-la, para defesa da barra e segurança dos moradores de S. Vicente, visto que ella estava por terminar e desprevenida de tudo (Ms. ined.)

Creação da Villa de S. Paulo—1560

As instancias do Jesuita Manoel da Nobrega, o Governador Mem de Sá, mandou crear a Villa de S. Paulo de Piratininga, para cujo local Antonio de Oliveira, Lugar Tenente do Donatario havia transferido a povoação de Santo André.

Neste anno começou-se a transitar pela estrada do Cubatão. Mem de Sá visitou S. Vicente, quando foi em busca de soccorros para expulsar os francezes do Rio de Janeiro.

Carta da Lei prohibindo o captivoiro dos Indios 1560

Em 20 de Março de 1560, elrei D. Sebastião fez publicar uma Lei prohibindo o captivoiro dos indios, e determina que o Governador geral do Estado do Brazil mande fazer bem publica esta sua lei. (Ms. ined.)

Carta do Bispo da Bahia a rainha D. Catharina 1560

Em 13 de Setembro de 1560 o Bispo do Salvador escreveu a Rainha D. Catharina, pedindo-lhe, que lhe faça a mercê de mandar o Dr. Francisco Fernandes que já tinha servido na cidade do Salvador a Vigararia geral, por quanto sendo elle conhecedor das cousas da terra, muito o ajudaria. Na mesma carta pede a S. A. algumas providencias em proveito do seu ministerio. (Ms. ined.)

Nomeação de Escrivão da Alfandega e Almoxarife da villa de Olinda (Pernambuco) 1560

Em 7 de Dezembro de 1560, estando el-rei em Almirim fez mercê a Vicente Fernandes, cavalleiro de sua casa, e morador que foi na cidade de Tangere, dos officios de escrivão da Alfandega e Almoxarifado da villa de Olinda, na capitania de Pernambuco, de Duarte Coelho, em sua vida, com o ordenado conteudo no regimento. (Ms. ined.)

Mercê de Escrivão do Armazem de mantimentos da cidade do Salvador 1561

Em 6 de Maio de 1561 S. A. fez mercê a Bastião Luiz, cavalleiro de sua casa, e morador na cidade do Salvador, do officio do Escrivão do Armazem de mantimentos da dita cidade, em attenção aos serviços feitos a Elrei seu pai, e a elle, em dias de sua vida, com o ordenado de 30\$000 cada um anno, e no caso de não haver outro, o Governador o metesse em posse. (Ms. ined.)

Os Francezes do Rio de Janeiro vão ter ao Recife—1561

Batidos e expulsos do Rio de Janeiro os francezes, em vez de seguirem para a Europa, quizerão tentar ainda fortuna estabelecendo-se em Pernambuco; e ahí ainda lhes foi ella adversa, sendo obrigados a reembarcarem com serio prejuizo. Um delles exprimiu o seu pesar gravando em uma pedra em francez o que tradusido significa: O mundo vai de mal em peor.

Carta de Felipe Guilherme a Rainha D. Catharina 1561

Felipe Guilherme em data de 12 de Março de 1561, escreveu a rainha e lhe dá conta das guerras do Rio de Janeiro com os francezes, e pelo Dr. Pero Borges de novo lhe escreve com mais individuação, dando-lhe inteira conta de todo o sucedido. Esta carta é longa, e tem lacunas causadas pelo estrago que o tempo produziu no papel (Ms. ined.)

Creação da Villa de Itanhanhem—1561

A povoação de N. S. da Conceição de Itanhanhem foi creada Villa pelo Capitão-mór Francisco de Moraes, Lugar Tenente do Donatario, em dias de 14 de Fevereiro ou 19 de Abril de 1561. Em 1624 foi a sede ou cabeça da capitania, quando a condessa de Vimieiro foi repellido da Villa de S. Vicente.

Mercê de um officio para dote de casamento 1561

Em 14 de Março de 1561 el-rei fez mercê a Victoria Antunes, filha de Antonio Pinheiro d'um officio para a pessoa que com ella casar (Ms. ined.)

Provisão sobre o côrte do Páu Brazil 1561

Alvará de 20 de Março de 1561, feito por Adrião Lucio e confirmado pelo de 14 de Novembro do mesmo anno, feito por Balthazar Ribeiro pelos quaes fez S. A. faz mercê aos moradores e as pessoas que ao diante tiverem Engenhos de Assucar poderem mandar ao reino e senhorio da corôa, todo o páu Brazil que quizerem de 1º de Janeiro de 1562 em diante, porque até este tempo, só o pode fazer Christovão Paes que o tem por contracto até o fim de 1561, sem pagar direitos, a excepção de cinco e meio por cento aos capitaes das capitánias. (Ms. ined.)

Provisão em favor de Fernão Vaz da Costa 1562

Em 10 de Março de 1562 S. A. mandou passar uma Provisão ordenando a Mem de Sá, Governador das terras do Brazil, e ao Provedor-mór da Fazenda, para que facultasse a Fernão Vaz da Costa, carregar para o Reino nos navios de S. A. que forem ter a cidade do Salvador cinco toneladas de fazendas, que elle quizesse. (Ms. ined.)

Guerra dos indios de S. Paulo 1562.

Em 1562 os indios *Tamoyos* promovendo cruenta guerra aos colonos portuguezes de S. Paulo, deffendidos pelo indio *Martim Affonso Tibireiçá*, forão pacificados pelos Padres Nobrega e Anchieta.

Em 25 de Dezembro deste mesmo anno falleceu em S. Paulo *Martim Affonso Tibireiçá*, o mais valente e poderoso chefe dos *Guayanazes*, sincero alliado dos portuguezes.

Nomeação de Christovão de Aguiar para capitão de uma caravella 1562

Por Alvará de 16 de Outubro de 1562 se passou mandado ao Provedor dos Armazens em favor de Christovão de Aguiar... cavalleiro fidalgo da casa real, para que fosse por Capitão da Caravella S. João, que ora se fez para ir ao Brazil, e que vencesse o ordenado conteúdo no Regimento. (Ms. ined.)

Provedor da fazenda da fortaleza do Salvador 1562

Em 17 de Outubro de 1562 Sua Alteza fez mercê a Antonio Ribeiro, morador na cidade do Salvador, do officio de provedor da fazenda da fortaleza da cidade do Salvador, por estar casado com Maria de Argollo, filha mais velha de Rodrigo de Argollo, porteiro que foi da camara da rainha e provedor da fazenda, que foi de el-rei na dita fortaleza do Salvador da Bahia de Todos os Santos, por 5 annos, com o ordenado de 30\$, em cada anno. (Ms. ined.)

Privilegios concedidos aos familiares de Santo Officio (no Brazil) 1562

Pela carta régia de 14 de Dezembro de 1562 forão exemptos do serviço de soldado, os officiaes familiares do santo officio, e de nada pagarem de direitos, e poderem trazer armas offensivas e defensivas. Que mulheres e filhas, dos mesmos, possam usar os vestidos concedidos aos cavalleiros, em virtude das ordenações régias, etc. (Ms. ined.)

Mercê de officio de fazenda e justiça 1562

Por Alvará de 28 de Novembro de 1562 se mandou passar provisão a Pero Teixeira, morador nas partes do Brazil, casado com uma filha

do capitão Sebastião Corrêa, para que sirva qualquer officio de justiça ou fazenda que vagar, sendo primeiro examinado pelo governador para se lhe reconhecer a sufficiência; havendo o ordenado do regimento. (Ms. ined.)

Guerra dos indios de S. Paulo 1562

Em 1562 os indios Tamoyos promovendo cruenta guerra aos colonos portuguezes do S. Paulo, defendidos pelo indio Martim Affonso Tiberiçá, forão pacificados pelos padres Nobrega e Anchieta.

Em 25 de Dezembro deste mesmo anno falleceu em S. Paulo Martim Affonso Tiberiçá, o mais valente e poderoso chefe dos Guayanaes, sincero alliado dos portuguezes.

Grande fome e peste na Bahia 1563

Neste anno de 1563 appareceu uma terrivel corrupção no ar, que fez grandissimos estragos pestilentes nos moradores da Bahia. O mal principiou na ilha de Itaparica e foi correndo a costa maritima e destruiu as aldêas de S. Paulo, S. João, S. Miguel e outras, orçando só na Bahia o numero de mortos em 30 mil pessoas.

Esta enfermidade, conforme um manuscrito que possuo, começava por grandes dôres nas entranhas, que lhe fazia apodrecer o fígado e o bofe; e em seguida apparecião bexigas tão podres e peçonhentas, que lhe cahião as carnes em pedaços e cheias de bichos de um cheiro insupportavel. Pouco tempo depois sentiu-se grande fome, em mdo que os indios visinhos da cidade deixavão vender-se a si proprios pela comida. As trez populosas aldêas de N. S. da Assumpção de Tapeitanga, S. Miguel de Taperaguá, de Santa Cruz de Jaguaripe e a de Itaparica ficarão dezertas.

Alvará em proveito dos moradores do Brazil 1563

Por Alvará de 10 de Junho de 1563, foi ampliada a licença aos moradores do Brazil, memorando os anteriores Alvarás, para poderem mandar ao reino por tempo de 10 annos, todo o pão Brazil que quizessem, pela maneira recommendada no novo Alvará, que o não copio aqui por não ter espaço. (Ms. ined.)

No dia 8 de Julho do mesmo anno concedeu el-rei ao Dr. Miguel de Oliveira, mandar cortar mil quintaes de pão Brazil, e transportal-os ao reino. (Ms. ined.)

Sesmaria á Thomé de Souza, na Bahia 1563

Por ordem de el-rei, Balthasar Ribeiro passou em Lisboa no dia 10 de Dezembro de 1560, Alvará de sesmaria, em favor de Thomé de Souza, do conselho de el-rei e vedor de sua casa, de 6 leguas de terras

a começarem de um rio pequeno que está 10 leguas ao norte da cidade do Salvador, e que se chama Pojuca, sendo para a parte do sul ao longo da costa do mar, e para a parte do norte, 4 ao longo da mesma costa, tendo de sertão 10 leguas, isto para criação de gados, e para grangearias, etc. (Ms. ined.)

Nomeação do Provedor da Fazenda da capitania de Itamaracá (Pernambuco) 1564

Em 2 de Novembro de 1564 El-Rei, com respeito aos serviços de Antonio Rodrigues Bacellar, morador em Pernambuco, proveo-o no logar de Provedor da Fazenda da capitania de Itamaracá, com o ordenado do Regimento. (Ms. Ined.)

Officio do Contador na Bahia xlix

Em Almeirim a b. de Janeiro de xlix. fez mercê el-rei a Gaspar de Camargo, contador de sua casa, do officio de contador da Bahia de Todos os Santos por tempo de 5 annos, e com ordenado de 70\$000 cada anno. (Ms. Ined.)

Esmola aos Jesuitas 1564

Pelo Alvará de 11 de Março de 1564 manda el-rei dar por esmola aos Jesuitas, a importancia arrecadada da venda da Fazenda tomada a Miguel Gomes Branco, como devedor a Fazenda real, na Bahia; cujo dinheiro, se entregaria aos Padres para o seu mantimento (Ms. Ined.)

Morre em Roma o Padre Diogo Lainêz Geral da Companhia de Jesus 1564

Em Fevereiro de 1564 falleceu em Roma o Padre Diogo Lainêz Geral da companhia de Jesus. Neste mesmo anno se edificou a Igreja e casa dos Padres da companhia na villa e capitania de Ilheos, que os moradores desde 1553 tinham pedido o Padre Nobrega, sendo o primeiro Jesuita quo alli residio o Padre Balthazar Alvares.

Mantimentos para 60 Padres da Companhia de Jesus 1564

El-rei por Alvará de 7 de Novembro de 1564 lavrado por Bartholomeu Froes, referindo-se as provisões de 12 de Janeiro 1557 e a de 14 de Setembro de 1559 que mandava dar mantimentos aos Padres da companhia de Jesus residentes na Bahia, manda ao Governador Geral que veja e examine as ditas Provisões, e que em presença do estado dos generos da terra, pague em dinheiro a sustentação dos 60 Religiosos da companhia, pelos rendimentos da fazenda real, entregando-se as quantias ao Reitor do collegio no principio de cada anno. (Ms. Ined.)

Mercê de Thesoureiro das rendas do Brazil 1564

Em 27 de Junho de 1564, por pedido da Rainha, se passou o Alvará de mercê a Fernão Vaz da Costa, morador na cidade do Salvador do logar de Thesoureiro de todas as rendas do Brazil por tempo de 6 annos, com o ordenado contido no Regimento (Ms. Ined.)

Alvará para se não passar Precatoria, a requerimento do Christovão Paes para embargar páu Brazil.

Em 16 de Setembro de 1564 mandou el-rei prevenir que, pelo Alvará de 10 de Julho de 1563, fez mercê aos moradores do Brazil, que nelle tiverem casas e roças, aos que por ao diante possuirem engenhos de assucar moentes e correntes, embora não residão no Brazil, possão por 10 annos do 1º de Janeiro do dito anno em diante, conduzir ao Reino todo o páu Brazil que quizerem e lhes aprouver, e que o levem a casa da Índia, para ser despachado, pagando sómente cem reis por cada quintal, e como Christovão Paes que tem contracto que se acabou em 1561, os quizer embargar, não se lhe passe precatorias, pois assim o determina por seu Alvará e quer que valha como se fosse carta de Lei. (Ms. Ined.)

Licença para dous mil quintaes de páu Brazil 1564

S. Alteza houve por bem em 20 de Junho de 1564 conceder licença a D. Simão da Luz de Neronha, de seu conselho, largar a capitania d'uma das Naus da carreira da Índia, e lhe fazer mercê para que elle possa mandar tirar de Pernambuco, nas partes do Brazil, comprado do seu dinheiro, dois mil quintaes de Páu Brazil, e isto por esta vez sómente, pagando a vintena ao capitão da dita capitania, que tem por sua doação (Ms. Ined.)

Doação ao collegia da companhia de Jesus da Bahia 1564

El-rei por carta de 7 de Novembro de 1564 fez doação dos redissimas de todos os disimos que pertencem a corôa á começar de 1º de Janeiro de 1565 em diante, aos Padres da companhia de Jesus da Bahia com o fim de se fundar collegios, e acabar o começo na cidade do Salvador, onde possão residir 60 religiosos e mantel-os; e determina ao governador geral, ao Provedor-mór ou Almoxarife assim sem descrepância cumpra esta ordenança (Ms. Ined.)

Regimento dado a Estacio de Sá antes de partir para o Brazil 1564

« Que fosse demandar a Barra do Rio de Janeiro, e entrasse nella ao som de guerra, e a observasse alli as disposições e conselhos do inimigo, e se achasse occasião, que promettesse esperança de victoria, procurasse tirar o inimigo ao mar alto, e ahi rompesse com elle, fazendo sempre por conservar as pazes com os Indios Tamoyos, e que não obrasse imprudencias tomando sempre conselhos como Padre Nobrega, como homem exprimentado. »

E' mandado Estacio de Sá do Rio de Janeiro expulsar definitivamente os francezes e fundar uma cidade 1564 1565.

Constando em Lisboa, que os francezes que escaparão do combate de 15 de Março de 1560, dado por Mem de Sá, auxiliados pelos Tamoyos, se haviam reunido e reconstruido o *Forte Coligny*, e querendo o governo da Regente, a pedido dos padres Nobrega e Anchieta, não só mandar destruil-os, como fundar na Bahia do Rio de Janeiro uma cidade, foi encarregado Estacio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, para esta empreza, o qual sahindo de Lisboa em principios de Janeiro de 1564 chegou a Bahia em Fevereiro, e depois de bem auxiliado por Mem de Sá, se fez de vela para o Sul, e chegando á barra do Rio de Janeiro, vendo a fortificação da barra, mandou um barco a S. Vicente com carta ao padre Nobrega, o qual vindo em Abril do mesmo anno com soccorros, que não sendo sufficientes, se passarão a S. Vicente, e estando ahi, mandou Belchior de Azevedo Provedor-mór da capitania do Espirito-Santo, no Bergantim Santa Clara, para trazer gente e mantimentos. Com Belchior de Azevedo vierão para a guerra João de Andrade, Paulo Dias, o valente Gaspar Barbosa, Belchior de Castro, Francisco Dias Pinto, Jacome Coutinho, Jorge Ferreira, Antonio Maris e outros, onde se provêo de tudo e com 6 náos de guerra, barcos e canóas, se encaminhou para o Rio de Janeiro, onde chegarão em Março do anno seguinte de 1565; e' entre o Penhasco do *Pão de Assucar* e o morro fronteiro, desembarcou, com a infantaria, no Domingo de Pascôa, e ouvirão missa. (Quanto a guerra que principiou em Março de 1565 pode se ver na minha *Corographia Historica* e no *Brazil Historico*.)

Primeira povoação e Fundação da Villa Velha 1565

Estacio de Sá, entre o Penhasco do Pão de Assucar e o morro de S. João cuidou nas fortificações, na Igreja, cisterna para agua, que não havia, em cuja cisterna trabalharão José Adoano, genovêz, morador

em S. Vicente, e Pedro Martins Namorado, e outros colonos; e como era muito devoto de S. Sebastião o mordomo Francisco Velho, foi creada a confraria deste Santo martyr no mesmo anno de 1565. Logo depois, sendo acomettidos pelos francezes e Tamoyos, entrarão em combates, sendo todos muito animados pelos Padres Anchieta e Gonçalo de Oliveira, que vierão com Estacio de Sá de S. Vicente.

Discordancia na chronologia do Rio de Janeiro

Os escriptores discordão nas épocas da historia do Rio de Janeiro, por falta de documentos, e attribuem a fundação da cidade, ora a Estacio de Sá, e ora a Mem de Sá; mas o despacho dado do 1º de Julho de 1565, que encontrei no Livro Original de *Tombo dos Jesuitas*, por Estacio de Sá, ao requerimento do Padre Gonçalo de Oliveira, pedindo 2 leguas de terra de Sesmaria desde *Inhauma* até o rio *Iguassú*, (hoje rio comprido) me fez seguir outra ordem nas datas dos tempos.

Requerimento do Padre Gonçalo de Oliveira 1565

« Senhor capitão-mór—Diz o Padre Gonçalo de Oliveira da companhia da Jesus, que elle foi mandado por seu superior o Padre Manoel da Nobrega, Reitor e commissario desta capitania de S. Vicente, Espirito-Santo em armada de S. A. em companhia de v. m. ao Rio de Janeiro no qual só pero eba... direita que Deos deo a povoação do dito Rio, edificado uma casa. igreja da devoção de S. Sebastião da sobre-dita companhia de Jesus onde o presente estão esperando na misericordia do altissimo, que se quizeria servir da companhia nella...brir porta a salvação de tantas almas perdidas, como ha no gentio desta terra fazer-se collegio, para cuja sustentação se requer haver terras como tem o da cidade do Salvador e o da capitania de S. Vicente. Pede a v. m. para este effeito lhe conceda de sua agua, que poderá estar desta cidade legoa e meia a qual chamão *Iguassú*, do nascimento della até onde entra na Baya, e ao longo della, digo, da Baya para a banda do noroeste cortando ao direito, até uma tapera que se chama *Inhauma* outro tanto em quadra pela terra dentro, em o que receberá mercê, digo, grande caridade e mercê.—DESPACHO do Sr. capitão.—Dou ao collegio de Jesus deste Rio de Janeiro as terras que em esta sua petição pede, e ser-lhe a passada carta havendo Escrivão do officio, com as confrontações que diz, e será obrigado a confirmar por S. A. ao seu Governador ao 1º dia de Julho de 1565 annos.—ESTACIO DE SÁ (Ms. do Tombo do Coll. do Rio de Janeiro e Ined já muito estragado pelos bichos.)

Peste de Bexigas na capitania do Espirito Santo 1565

No anno de 1565 appareço na capitania do Espirito Santo a peste da Bexiga que devastou os indios e a população branca, sendo todos mui soccorridos pelos Padres da companhia Pedro Gonçalves, e Diogo.

E' eleito Geral perpetuo da ordem Jesuitica em Roma o Santo Padre Francisco de Borja 1565

Neste anno de 1565 foi eleito em Roma, em congregação, o Santo Padre Francisco de Borja, Geral perpetuo da ordem Jesuitica; e em seguida elle elegeo visitador geral da provincia do Brazil, em seu nome ao Padre Ignacio de Azevedo, sendo este o primeiro que teve a provincia do Brazil, o qual chegou, neste cargo á Bahia no dia 22 de Agosto de 1566. — Na Bahia achou o collegio da cidade com 30 religiosos e uma classe de ler, escrever e doutrina christã para os meninos; 2 classes de latim e uma de casos: tinha annexas 5 Aldeias, e em cada uma dellas um Padre e um irmão.

Em Pernambuco residião 2 Padres: na Villa de Ilheos 3 Padres: na de Porto Seguro 2 Padres: no Espirito Santo 4 Padres, com classe de ler, escrever e de doutrina christã para os meninos e 2 Aldeias: em S. Vicente 12 Padres e 2 classes: uma de ler, escrever e doutrina christã para os meninos, e outra de latim: em Piratininga 6 Padres com algumas Aldeias.

Na guerra do Rio de Janeiro estavam 2 Padres. Era neste tempo Reitor o Padre Gregorio Serrão, e nelle todo o poder e administração. O Padre Ignacio de Azevedo, repartio os officios, dando o governo do collegio ao ministro e em segundo logar ao coadjutor para as cousas miudas.

Mercê de provedor da fazenda da capitania dos Ilheos 1565

Em Almirim foi passado em 27 de Fevereiro de 1565 o Alvará de mercê do cargo de provedor da fazenda real da capitania dos Ilheos, das partes do Brazil, á Jordão Vaz, na ausencia de Lucas Gerales, provedor della. (Ms. ined.)

Mercê de provedor da fazenda da capitania do Espirito Santo 1565

Em 3 de Março de 1565 foi confirmado Belchior de Azevedo, cavalleiro fidalgo, morador na capitania do Espirito Santo, nos cargos de provedor da fazenda real e orphãos, já nomeado por Mem de Sá, pelo fallecimento de Thomé Salema e Salvador Pereira que delles foram providos. (Ms. ined.)

Doação e confirmação de capitania de Jaguaripe á D. Alvaro da Costa (Bahia) 1565

A carta de sesmaria que D. Duarte da Costa mandou passar pelo escrivão das sesmarias Inofre (Onofre) Pinheiro de Carvalho, da cidade de Salvador á seu filho D. Alvaro da Costa é datada de 16 de

Janeiro de 1557, e o instrumento da posse assignada por Ayres Quinteiro escrivão da provedoria é datado de 28 de Janeiro do mesmo anno. Essa doação foi confirmada em 12 de Março de 1562 e ractificada em 27 de Novembro de 1565, como se póde vêr nos varios documentos ineditos que possuo.

A sesmaria de D. Alvaro da Costa comprehendia desde a bocca do rio Paraguassú, da parte do sul, até a bocca do rio Jaguaripe, pela costa, que poderião ser de costa pouco mais ou menos e para o sertão, pelos ditos rios acima 10 leguas, entrando os Ilheos, que estivessem ao longo da costa, e a agua do Igoarassú, que está pelo rio Paraassú dentro da parte do Sul, para fazer engenho de assucar, com todas as suas entradas e sahidas, pastos, mattos e logradouros, que nesta doação couberem, para suas creações de gado, etc.

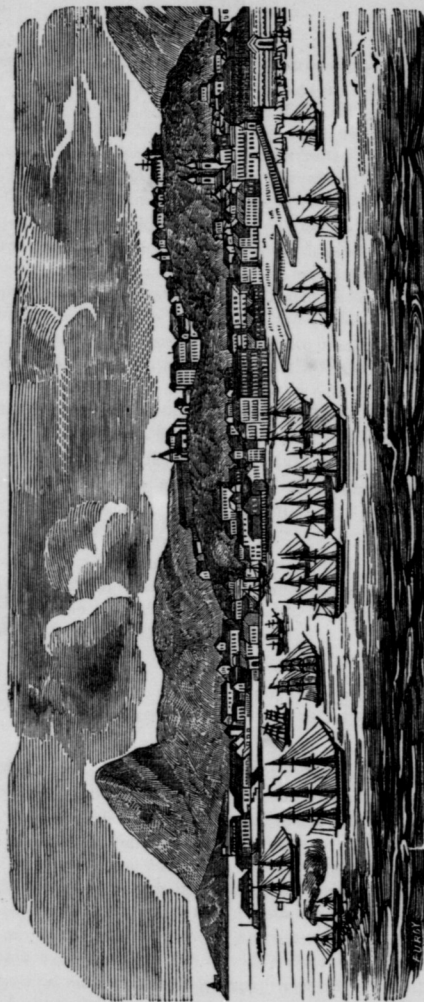
Mercê do Officio de provedor e contador para a villa de Olinda (Pernambuco) 1565

Sua Alteza fez mercê em 3 de Março de 1565 a Diogo Gonçalves Vieira, cavalleiro de sua casa, morador na villa de Olinda, da capitania de Duarte Coelho, nas partes do Brazil, das officios de provedor e contador das rendas reaes, vago por fallecimento de Francisco de Oliveira, etc. (Ms. ined.)

Mem de Sá vem concluir a guerra no Rio de Janeiro 1567

Mem de Sá andava cuidadoso, sobre o estado do Rio de Janeiro, e os padres Manoel da Nobrega e José Anchieta, vendo prolongar-se a guerra, deu parte ao governador geral, o qual se resolveu á vir em pessoa, para terminal-a trazendo em sua companhia o bispo D. Pedro Leitão. Sahindo da Bahia em fins de Novembro de 1566, com 12 navios bem preparados em guerra e 9 embarcações menores, chegou ao Rio de Janeiro no dia 18 de Janeiro de 1567; e no dia 20 dando batalha, derrotou os francezes e tamoyos, sendo ferido no rosto, com uma frechada o capitão-mór Estacio de Sá, que falleceu em 20 de Fevereiro de mesmo anno, sendo sepultado na igreja de palha da villa velha, hoje S. João.

Fr. Agostinho de Santa Maria, na introdução do tomo 10 do seu *Santuario Marianno*, diz: Na segunda vez Mem de Sá, logo que saltou em terra *poz-se em marcha*, para sorprendel-os. Entre outras havia uma grande povoação, onde estava o principal fortaleza chamada *Urassiniri*, feita por um engenheiro francez com architettura regular. Ahi foi ferido Estacio de Sá e o capitão Gaspar Barbosa que morreu. Expulsos os francezes, os portuguezes depois de assolarem as povoações, erigirão outras e a sua mais opulenta cidade que intitularão de S. Sebastião.



Vista do lugar de villa velha junto ao. Pão de Assucar e do Morro de S. Sebastião ou castello ou primitiva
CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro 1567 por Mem de Sá

Estacio de Sá que vinha encarregado de fundar uma cidade dentro da enseiada do Rio de Janeiro, não a pôde edificar no continente fronteiro a barra, pela quantidade de aldeas que povoavam a Bahia, sendo entre ellas a Urucumirim, bem fortificada pelos francezes, e mesmo outra grande povoação fortificada na praia da Carioca ou do Sapateiro, e mais tarde praia do Flamengo, e foi depois determinada a guerra com os francezes e tamoyos, que Mem de Sá, em vista das instruções e ordens que tinha trazido seu sobrinho Estacio de Sá, achando estreito e inconveniente o local do Arrayal ou *villa velha*, para assento de uma cidade, observou no continente fronteiro uma *eminencia*, que cavalgando o *Forte Coligny* a podia edificar e fortificar, accomodando grande povoação. Delineado o local cuidou na edificação da nova cidade, começando no porto da *Piassaba*, proximo ao baluarte de Santiago onde se vê hoje a igreja da Misericordia, e pela ladeira principiou a rua, e no morro de S. Sebastião fez praça e lugar para construcção da sé parochial, residencia dos governadores, casa para a camara, e ao mesmo tempo mandou murar a cidadella, com portão, postigos e aldrabas.

Mandou enxugar a grande vargem, inteiramente paludosa, onde em seguida se abrirão as ruas da Misericordia, as travessas, a rua Direita, do Cotovello e outras, e se fundarão o convento do Carmo, a igreja de S. José e o mosteiro de S. Bento.

Creação do senado da camara e o pessoal judiciario administrativo 1563 á 1567

Depois de todas as obras estarem concluidas em Fevereiro ou começo de Março, convidando o povo, com todo o ceremonial, para entregar as chaves da nova cidade ao alcaide-mór Francisco Dias Pinto, sahindo para fóra, ordenou que elle fechasse o portão e postigos, e collocando-se da parte de fóra—bateu no portão—e o alcaide-mór perguntando—*quem bate? e o que quer?* Respondeu-lhe o capitão-mór Mem de Sá—*Sou o capitão-mór da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que quer entrar em nome de El-Rei.*—E abrindo-se-lhe immediatamente o portão, para que entrasse foi reconhecido e aclamado por capitão-mór e governador da cidade e por todos cumprimentados, reconhecido, respeitado e autorizado para fazer as nomeações das autoridades para bem do socego do povo e administração da justiça.

**Pessoal judiciario e administrativo que foi nomeado
por Mem de Sá**

Alcaide-mór Francisco Dias Pinto.
Alcaide pequeno Pedro Fernandes.
Juiz Pedro Martins Namorado.
Escrivão das sesmarias, tabellião de notas, thesoureiro de defun-
tos e ausentes Pedro da Costa.
Provedor da fazenda real Estevão Pires.
Ouvidor Christovão Monteiro.
Juiz de orphãos Manoel Freire.
Thesoureiro e feitor da fazenda real Ruy Gonçalves.

Senado da camara 1568

Escrivão do senado da camara Clemente Pires.
Medidor de terras, com salario de 70 rs. por cada chão que me-
disse, Diogo Martins.
Tabellião do publico e judiciario Francisco Fernandes.
Escrivão do campo Manoel Gonçalves.
Alcaide-menór ou Almotacé Simeão Barriga.
Escrivão de orphãos Julião Rangel.
Inquiridor, distribuidor, contador e escrivão da Almotaceria
Jorge da Motta.

**Nomeação do terceiro governador do Rio de Janeiro
1568**

Mem de Sá, governador geral do Estado do Brazil tendo de retirar-se para a Bahia, não querendo por si só nomear governador para ficar na administração da nova cidade, convocou o senado da camara, as autoridades e povo, e lhes manifestou o seu intento de se ausentar, e determinou que elegeassem successor para elle, e todos já conhecendo as boas qualidades e não desmentido merecimento de Salvador Corrêa de Sá, pedirão ao governador geral que o nomeasse, por ser da escolha de todos, o que teve lugar no dia 4 de Março de 1568, cujo Alvará de nomeação foi logo passado pelo escrivão Ruy Gonçalves e assignado por Mem de Sá. (*Brazil Historico.*)

Nos grandes conflictos contra os francezes, os individuos que mais se distinguirão foram Mem de Sá, Estacio de Sá, Belchior de Azevedo, João de Andrade, Paulo Dias, Gaspar Barbosa, Belchior de Castro, Francisco Dias Pinto, Salvador Corrêa de Sá, Jacomo Coutinho, Jorge Ferreira, Antonio de Mariz e outros, que foram recommendados a Sua Alteza como benemeritos da patria.

A cidade primitiva era circulado de pantanos e lagoas formadas das aguas pluvias e de braços de mar, e circulado de serras que

impedião o seo rapido incremento, e não obstante foram progredindo as obras, apesar da falta de braços, a medida que se iam enchugando os pantanos, por meio de aterros e vallas, e augmento da agricultura, foi-se ella estendendo, a desaparecerem de todo os pantanos como hoje se observa.

A 1ª carta de Sesmaria da Camara Municipal é falsa

A camara municipal do Rio de Janeiro no seu tombamento apresenta duas cartas de sesmarias sendo uma de legua e meia, concedida por Estacio de Sá, passada pelo escrivão Pedro Fernandes em 16 de Julho de 1565, e a outra passada por Mem de Sá, de 6 leguas de terras em quadro passada á 18 de Agosto de 1567 lavrada por João de Almeida e Souza, escrivão das sesmarias, para rocio, pasto de gados e agricultura, a requerimento do povo e moradores desta cidade, assignado por —Manoel de Brito, Antonio Fernandes, Balthasar Lourenço, Simão Barriga, Antonio de Sampaio, Gaspar Rodrigues, Braz Luiz, Gomes Marques, André Fernandes, Manoel Gomes, Pedro da Costa, Marcos de Veneza, João Carrasco, Thomé Rodrigues, Pedro Rodrigues, Christovão Monteiro, Antonio Marins, Francisco Mendes, Clemente Peres, Diogo de Oliveira, Gaspar de Torres, Vieno Gracia.

Firmado no contexto deste dous documentos, que suppunha os mais verdadeiros e valiosos na minha *Corographia Historica*, tratando da fundação de Rio de Janeiro, apartei-me do que escreverão Simão de Vasconcellos, Gabriel Soares e de outros, e affirmei ter sido Estacio de Sá, o fundador da cidade de S. Sebastião e quem nomeou e empossou as autoridades; mas quando pude descobrir o tombo dos bens dos jesuitas e deparei com a petição do padre Gonçalo de Oliveira, pedindo as 2 leguas de terras de sesmaria desde Inhaúma até Iguaçu, e o despacho do capitão-mór Estacio de Sá, do 1º de Julho de 1565, concedendo-lhe o pedido, e que se lhe passaria a escriptura quando houver escrivão do officio, reconheci que a primeira sesmaria da camara municipal é falsa, porque nesse tempo nem havia cidade, nem camara e nem escrivão do officio porque o continente estava coberto de aldeas de indios inimigos e Estacio de Sá, em luta com elles e com os francezes. Além disto a camara apresenta a era de 1530 como epocha da concessão da primitiva sesmaria dada por Estacio de Sá, e ampliada em 1567. Por esse tempo nem Villegaignon sonhava de vir ao Brazil, quanto mais Estacio de Sá em pensar sesmarias no Rio de Janeiro. A camara em luta com os foreiros, e emphiteutas, el-rei para regular e harmonisar os interesses de todos, fez baixar o Alvará de 10 de Abril de 1831 que deve ser consultado.

Fundação do collegio dos Jesuitas

O padre Ignacio de Azevedo, irmão de D. Jeronymo de Azevedo, que havia sido nomeado em Roma por S. Francisco de Borja, visitador geral, tinha vindo da Bahia com o governador Mem de Sá, e finda a guerra contra os francezes, partio para S. Vicente com o bispo D. Pedro Leitão, e depois de visitar as casas dalli e as aldéas, tratarão do fundação do collegio do Rio de Janeiro, como desejava el-rei D. Sebastião, e sahindo de S. Vicente no mez de Julho de 1567, em companhia do mesmo bispo Leitão, do padre provincial Manoel da Nobrega e José de Anchieta, chegarão ao Rio de Janeiro achando Mem de Sá occupado na edificação da cidade, e no coração della, e face da rua, deu sitio para um collegio, e logo em nome de el-rei D. Sebastião lhe applicou dote para 50 religiosos, que o padre Ignacio de Azevedo aceitou e agradeceu em nome da comunidade. A escriptura authentica da doação e dote foi passada em Lisboa, firmada pela mão real no dia 6 de Fevereiro de 1568, cuja cópia manuscripta eu a possuo. O padre Ignacio de Azevedo, deixou o padre Nobrega encarregado de tudo, e ao padre Anchieta para o ajudar, e se embarcou para a Bahia, onde chegou no dia 8 de Março de 1568 e dahi se embarcando para Lisboa, alli chegou no mesmo anno, e no de 1569 partio para Roma, afim de informar ao geral S. Francisco de Borja do estado da ordem no Brazil.

Ficãrão fundando a igreja e collegio do Rio de Janeiro os padres Nobrega, Anchieta, Luiz da Gran, Antonio Rodrigues, Balthasar Fernandes e Antonio da Rocha, os quaes em pouco tempo concluirão as obras.

A primitiva cidade de S. Sebastião fundada por Mem de Sá, foi no Morro de S. Sebastião no do Castello, com as ruas e largos que ainda existem, e como o commercio queria estar mais em contacto com o movimento maritimo, forão os moradores edificando casas na varsea, e infleirando-as de um e outro lado, e assim formando as ruas.

Entre os morros de S. Sebastião, hoje do Castello, do Carmo, hoje de Santo Antonio, de Manoel de Brito, hoje de S. Bento, da Conceição do Livramento, de Paulo Caeiro, hoje da Formiga, o de Santa Thereza, hoje do Pinto, de S. Diogo, antes da Pina morro da Lagoinha, hoje Paula Mattos, de Pedro Dias, hoje do Senado, o do Desterro, hoje de Santa Thereza, era uma vasta planicie paludosa composta de lagóas, charcos e mangues. Foi do anno de 1636 que alinharão das ruas de que se compõe a cidade velha, da Valla para baixo.

A povoação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro desde 1568 até 1808 época da chegada da córte portugueza para ella, era muito limitada. Entre as ruas, travessas e beccos, quasi todas com grandes intervallos, erão conhecidas com os nomes que adiante passo a nomear.

No archivo do thesouro nacional existem dous livros, que servirão para o lançamento e cobrança da decima urbana dos predios das ruas das freguezias de S. José, Sé, Engenho-Velho, Santa Rita e Candelaria a cargo dos superintendentes Luiz Joaquim Duque-Estrada Furtado de Mendonça e José da Silva Loureiro, cujo lançamento dos predios foi mandado fazer na cidade do Rio de Janeiro, pelo alvará de 27 de Junho de 1808, delles copiei a relação das casas com toda a fidelidade, sendo ajudado neste trabalho pelo intelligente archivista do mesmo thesouro nacional José Antonio Corrêa de Araujo. A este trabalho acrescentei algumas particularidades que mencionei a respeito das ruas do Rio de Janeiro no tomo 5º da minha *Gorographia Historica*. Este cadastro que fiz, servirá de base no futuro, para se avaliar o incremento da capital do imperio em relação a época da chegada do principe regente, com a familia real e córte portugueza ao Rio de Janeiro, no dia 7 de Março de 1808.

Rua da Praia de D. Manoel tinha do lado direito 20 casas e do lado esquerdo 10 casas. Esta rua primitivamente chamava-se rua do Porto dos Padres da Companhia, como se lê no testamento de Francisco da Silva Cabral, fallecido no dia 4 de Outubro de 1669.

Becco dos Ferreiros tinha do lado direito 16 casas e do lado esquerdo 8 casas.

Becco da Torre de S. José tinha do lado direito 5 casas e do esquerdo não havia nada.

Becco do Açougue, do lado direito tinha 1 casa. e do lado esquerdo 9 casas.

Becco da Fidalga do lado direito tinha 7 casas, e do lado esquerdo tinha 7 casas.

Becco da Boa Morte [do lado direito tinha 2 casas e do esquerdo 12.

Beccos do Guindaste dos Padres e o Pequeno tinham do lado direito 9 casas, e do esquerdo 6 casas.

Becco da Musica do Moura do lado direito tinha 3 casas e do esquerdo uma casa.

Largo da Batalha do lado direito tinha uma casa e do esquerdo 5 casas. A este largo deu-se o nome de Largo da Batalha em consequencia de um oratorio que havia na esquina, consagrado a Nossa Senhora da Batalha.

Becco do Moura tinha do lado direito 4 casas, e do esquerda 7 casas.

Becco do Quartel do Moura, tinha do lado direito 5 casas e do esquerdo o quartel do Regimento de Moura.

Rua Direita do Paço, até a Misericórdia (hoje rua da Misericórdia) tinha do lado direito 68 casas, e do esquerdo 66 casas.

Esta rua foi a primeira aberta na varzea logo depois da fundação da cidade no morro de S. Sebastião entre 1570 a 1575.

Rua do Calabouço, do lado direito tinha 6 casas e do esquerdo, tinha o quartel do regimento de Moura, e mais 2 casas para os officiaes.

Becco dos Tambores tinha do lado direito 5 casas, e do lado esquerdo 9 casas.

Rua por detraz do Becolhimento da Misericórdia, tinha do lado direito 5 casas e do lado esquerdo 7 casas.

Esta rua foi demolida pelo provedor da Santa Casa, o conselheiro José Clemente Pereira, para a construção do novo e magnífico Hospital da Misericórdia que elle edificou. José Clemente Pereira foi um benemerito da humanidade.

Rua de Santa Luzia desde o recolhimento até o curral da Matança tinha do lado direito 17 casas e do lado esquerdo 11. Na Praia de Santa Luzia houve uma muralha mandada fazer pelo governador Duarte Correa Vaz que annos antes de 1646, que principiava no forte de S. Thiago até a igreja de Santa Luzia, e que o mar derribou. Em uma nota muito antiga que li em um manuscripto, dizia o autor que o governador Vaz quando tencionava fazer um dique desde a Praia da Carioca, depois do Lerype ou Lery, ou do Sapateiro Sebastião Fernandes, depois do Flamengo, até a Prainha, e como esta idéa se desvaneceu, mandou fazer a fortaleza da Lage, a custa da venda dos chãos das marinhas da cidade.

A rua de Santa Luzia até 1808 não existia. O terreno que a forma fazia parte do Largo da Ajuda, que principiava no Passeio Publico, e chegava a umas pequenas barracas da venda dos miudos das rezes, que se matavão no curral do conselho, edificio occupado hoje pelo Asylo provisório dos Mendigos.

Em 1809 alguns criados da Rainha D. Maria I, tiveram concessão de terrenos no Largo da Ajuda, e a camara municipal, concedeu da parte que ficava no seguimento da rua da Ajuda, do lado do mar e fundos, para o matadouro, aos seguintes criados:

José Fernandes Adrião, aio do infante D. Miguel, 10 braças de frente para a nova rua e 30 de fundos para o mar.

A Francisco da Silva Guimarães, carpinteiro da casa real, 5 braças de frente, com igual fundo.

Ao tenente-coronel Francisco Manoel da Silva, official ás ordens do paço, 6 braças de frente e igual de fundo.

Ao tenente-coronel Jacintho de Mello Palhares, seis braças de frente e igual de fundo.

A Paulo Pinto Martins, seis braças de frente e igual de fundo.

A Heitor Peacock, empregado na casa real, seis braças com igual fundo.

Com essas concessões formou-se a rua de Santa Luzia, desde a rua da Ajuda até a casa de sobrado de dous andares, que ainda existe, além do antigo matadouro, que pertencia a F. dos Santos Romano. Seguiu-se o muro da chacara de D. Anna Francisca da Cruz, viuva de Estevão da Silva Monteiro, que tinha a casa de vivenda no morro do Castello. A comunicação que se fazia do largo da Ajuda para Santa Luzia, era pela beira do mar junto ao sobrado de Santos Romano; e a que se fazia do largo da Misericórdia, era por baixo do arco, que ainda se vê tapado, junto a igreja da Misericórdia e por umas ruas estreitas.

A continuação desta rua teve lugar em Dezembro de 1817, por occasião d'el-rei D. João VI ir a igreja no dia 13, pagar uma promessa a Santa Luzia, quando seu neto o infante D. Sebastião, esteve doente dos olhos; porquanto não tendo largura as ruas do largo da Misericórdia, para dar passagem á carruagem de el-rei, foi preciso que com custo o intendente geral de policia Paulo Fernandes Vianna, alcançasse de D. Anna Francisca da Cruz, deitar abaixo uma parte do muro da chacara que ficava entre a casa de Santos Romano e a ultima do antigo largo da Ajuda. No dia 13 de Dezembro de 1817 passou el-rei para a Igreja de Santa Luzia e finda a festa, D. Anna exigio que se mandasse fechar a sua chacara, e então reconhecendo-se a necessidade da rua, para comunicação franca do publico, por decreto de 30 de Maio de 1818, el-rei mandou dar a D. Anna, 800\$000 pelo erario régio, por todo o terreno que se tirava de sua chacara para o mar e o doou a Irmandade de Santa Luzia, com a condição de fazer um caes em toda a extensão, e de o não arrendar; o que a irmandade não cumprio.

Rua do Cotovello do lado direito tinha 19 casas, e do esquerdo 20 casas.

Ladeira do Collegio até o Castello tinha do lado direito 14 casas e do esquerdo sete casas.

Rua de S. José tinha do lado direito 95 casas, e do esquerdo 64 casas.

Até 1856 tinha a rua de S. José duas denominações: desde a rua da Misericórdia até a rua dos Ourives, chamava-se rua de S. José, em attenção ao templo que lhe fica quasi fronteiro; e da igreja do Parto até o largo da Carioca chamava-se rua do Parto. Depois ficou toda ella, com a só denominação de rua de S. José.

Rua da Cadea (hoje da Assembléa) tinha do lado direito 56 casas, e do esquerdo 64 casas. (Vide adiante a historia do Palacio da Assembléa Legislativa Constituinte).

Rua do Carmo tinha do lado direito 7 casas, e do esquerdo 5 casas.

Rua do Cano (hoje Sete de Setembro) tinha do lado direito 68 casas e do esquerdo 124 casas.

Rua Atraz do Carmo, tinha do lado direito 32 casas, e do esquerdo 14 casas. Esta rua foi aberta pelos frades do carmo, em tempos muito remotos, na cerca do convento.

Rua da Quitanda, tinha do lado direito 108 casas, e do esquerdo 101 casas.

A rua da Quitanda, foi antigamente chamada rua da Quitanda do Marisco por ser no lugar onde hoje é esquina a rua de S. Pedro a venda dos mariscos. Desde 1600 a 1700 chamava-se rua do capitão Matheus de Freitas; rua do Sucú-sarará; de 1700 a 1750 a parte que corresponde entre a rua do Ouvidor á rua de S. José; e nos ultimos tempos ficou sendo denominada toda ella rua da Quitanda.

A denominação de *Sucú-sarará*, conta-se ter a origem seguinte: estando enfermo um mercador, por occasião de um fortissimo incommodo hemorroidal, um cirurgião inglez o foi visitar e depois de ouvir a historia dos soffrimentos do enfermo, sem nenhuma cerimonia, para o animar, no restabelecimento disse: oh! isso não é nada, *Sucú-sarará*: e sendo esta conversa presenciada por algumas pessoas, d'ahi em diante appellidarão ao inglez com a denominação de *sucú-sarará*, e a parte da rua da Quitanda onde elle morava ficou com o nome de *sucú-sarará*.

Em consequencia de ser essa expressão indecente, abreviarião a palavra *sucú-sarará*, para se suppor ser uma palavra indigena que se havia adulterado (*Corographia Historica*).

Foi na casa n. 98 desta rua da Quitanda, que faz esquina com a rua do Sabão, que em 1711 se contou os 616 mil cruzados, com que se resgatou do poder dos francezes a cidade do Rio de Janeiro.

Becco do Proposito, tinha do lado direito 9 casas, e do esquerdo 1 casa em construcção. Este becco está assentado sobre o aterro da antiga Lagôa de Sauto Antonio.

Becco de Manoel de Carvalho, tinha do lado direito 2 casas, e do esquerdo 21 casas. Está sobre o aterro da Lagôa de Santo Antonio.

Rua da Guarda Velha, tinha de lado direito 3 casas e do esquerdo 21 casas.

Esta rua em toda a sua extenção está assentada sobre o aterro da *Lagôa de Santo Antonio*, que ainda existia até 1700 pouco mais ou menos em sua totalidade.

Chama-se rua da Guarda Velha por ter havido no começo della e proximo ao chafariz da Carioca, em tempo do conde de Babadella uma guarda para manter a ordem entre os escravos que ião ao chafariz da Carioca buscar agua para o uso das familias. Com a mudança da corte portugueza para o Rio de Janeiro não havendo abundancia de casas para as accomodações do grande pessoal que veio de Portugal construiu-se o sobrado de dous andares denominado da Guarda-Velha, que servio de secretaria do imperio por muitos annos, e hoje serve de Lyceu de Artes e Officios. Este sobrado foi feito em 1815 ou 1816 por José Rufino de Souza Lobato, guarda-joias da casa real para sua moradia, e por conta do Erario regio; e como fosse a casa pequena para sua residencia, e accomodação das joias e alfaias da casa real, principiou a edificar outra contigua e que faz canto e face para o Becco do Cayrú, com o mesmo plano de dous andares, cuja casa não concluiu por que el-rei se retirou para Lisboa em 26 de Abril de 1821; e vindo este predio ao dominio nacional no sobrado ficou o Quártel-General, e no outro por acabar, por muito tempo ficou sendo o quartel do regimento de cavallaria. Depois foi habitado por diversas familias de militares e de empregados publicos que nada pagavão ao Estado. Havendo um incendio que devorou o madeiramento deste sobrado ficarão as paredes em bom estado.

O ministro Angelo Muniz da Silva Ferraz, mandou demolir as paredes, e fez o celebre edificio para a Typographia Nacional, unicamente com oculos nas paredes, para dar escassa luz para o interior, a qual pela humidade e falta de ventilação se tornou o muzeo de cupins que devorarão os impressos alli depositados ou antes o deleixo do administrador da mesma typographia.

Rua dos Barbonos (hoje do Evaristo da Veiga) tinha do lado direito 37 casas, e do esquerdo 27 casas.

Antigamente esta rua era conhecida por caminho dos Arcos da Carioca, tendo no seu principio a Ermida de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda, que se demolio, para mais adiante se fundar o convento de mulheres do mesmo nome, e ficou esse caminho sendo rua dos Barbonos, desde 1742, por terem os missionarios Barbonos se recolhido ao pequeno Hospicio e Capella, que se mandou construir para residencia delles. Estando os missionarios recolhidos a Ermida de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda, fundada por Francisco de Seixas França, por falta de accomodações se mandarão tomar, por ordem

de 23 de Outubro de 1739, e pagar tres moradas de casas terreas vizinhas ao Hospicio de Jerusalem, e edificar outro hospicio pequeno e humilde para os Missionarios Barbadinhos. Contou-me o conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, que sendo seu avô, senhor e possuidor da maior parte dos terrenos da rua dos Barbonos que se tomarão para se erigir o hospicio desses frades, e não se achando bem com o governador, este lhe offereceu pelos ditos terrenos uma quantia insignificante. Não se podendo resistir a ordem régia, cedeu do seu direito, e propoz a fazenda real uma acção de lesão enorme; mas fallecendo antes de concluida a demanda, o filho não continuou; mas depois que a corte portugueza se transferio para o Rio de Janeiro, seu pai entendendo não haver prescripção de direito, reviveu a questão e teve sentença contra, dada pelo juiz da corôa Amorim, fundando-se achar prescripta a acção. O chancelier Thomaz Antonio, vendo os autos em particular, achou haver razão no pleito por parte de Drummond, porém disse ter elle perdido o direito; e que pelo prejuizo que soffria sua familia, pedisse ao Principe Regente uma indemnisação honorifica, ao que não annuo Drummond, por entender que nem prescreve e nem perde o direito aquelle que tem a sua acção intentada, com citação, e julgando que não devia fazer mais questão por semelhante objecto ficou tudo nisso. (*Corographia Historica*).

Rua das Marrecas, tinha do lado direito 20 casas, e do esquerdo 11 casas.

A rua das Marrecas, chamou-se antes rua das Bellas Noites: foi mandada abrir em 1783 por Luiz de Vasconcelles e Souza, em frente ao portão do Passeio Publico, correspondendo a rua dos Barbonos e em frente da qual mandou Luiz de Vasconcellos ao mestre Valentim da Fonseca e Silva, construir uma fonte ou chafariz; e como o esgoto da agua é feito pelo bico de cinco marrecas fundidas pelo famoso artista mestre Valentim da Fonseca e Silva, o povo deixou a denominação de rua das Bellas Noites e passou a chama-la rua das Marrecas. Mestre Valentim falleceu no 1º de Março de 1813, sendo sepultado na igreja do Rosario morando elle na rua do Sabão da Cidade Velha.

Rua das Mangueiras, tinha do lado direito 29 casas, e do esquerdo 28 casas.

Gomes Freire de Andrada, conde de Poadella, possuia uma chacara perto ao morro de Santa Thereza, que era foreira a camara, denominada chacara das Mangueiras, que della fez presente as Freiras de Santa Thereza, e obteve do senado da camara, transferir o foro para um terreno na rua do Cano, onde hoje está o sobrado de dous andares do lado direito, abaixo da rua dos Latoeiros.

Foi sobre os terrenos da chacara das Mangueiras, que se abrirão as ruas das Mangueiras, Santa Thereza, Lapa, e regularizou-se a Travessa do Desterro e a mesma rua das Mangueiras.

A priora do convento de Santa Thereza, talvez pelo isolamento do seu convento, requereu á camara municipal para abrir uma rua que principiase na ladeira e acompanhasse a base da montanha e fosse sahir aonde conviesse, e a camara em 8 de Outubro de 1794, concedeu a licença pedida e foi a rua aberta logo, com a curva que tem para ir no prolongamento do morro, indo sahir na rua da Lapa. (*Corographia Historica*).

Rua Nova de Santa Thereza, tinha do lado direito 12 casas e do esquerdo 8 casas.

Rua dos Arcos tinha do lado direito 12 casas, e do esquerdo não tinha casas. Em 1642 havia no prolongo desta rua uma lagoa.

Esta rua foi aberta sobre o pantano de Pedro Dias.

Rua de Mata Cavallos (hoje do Riachuelo), tinha do lado direito 49 casas e do esquerdo 26 casas.

Antigamente era um trilho que dava passagem do Desterro para a Lagoa da Sentinella, sendo esses lugares tão lamosos que produzião notaveis atoleiros, que dificultava o transito dos animaes e os fatigava a tal ponto, que alguns morrião atolados. Para ser distinguido esse caminho dos outros, pozerão-lhe o nome de Mata cavallos. Tambem era conhecido antigamente por caminho da Bica, e caminho que vai para S. Christovão e nelle edificou Manoel Pereira Ramos, ou antes as irmãs Ignacia e Francisca em 1742, a capella do Menino Deus que ainda existe e foi a origem do convento do Desterro.

No caminho da Bica, depois de Mata Cavallos, que seguia para o Engenho dos Padres, Pedro Martins Ayrão, aforou em perpetuo patrocino em 1601, 200 braças de terreno até a serra aguas vertentes. A parte de cima do morro do Desterro, depois de Santa Thereza pertencia a Salvador Corrêa de Labanda, cujo terreno doou a Santa Casa da Misericordia, e esta vendeu por 40\$000, a Pedro Martins Ayrão, possuidor da parte de baixo, no qual terreno fez um engenho de moinho, que com o correr dos annos se tornou de muita importancia, por que moia as cannas dos plantadores da Lagoa da Sentinella (hoje rua do Conde), Mata Porcos (hoje Estacio de Sá). Catumby e Rio-Comprido, cuja moagem fazia competencia ao Engenho-Velho.

Em principios do anno de 1700 foi o Engenho do Moinho (de Mata Cavallos), moente e corrente, com bolandeiras, fabrica de farinha e com 17 gentios de Guiné, vendido por escriptura, tudo por 1:750\$000,

pagos em oito annos em assucar encaixotado e posto no Paço de ver o peso, na época da partida das frotas. Em 23 de Abril de 1727, foi a propriedade arrendada a Jeronymo Fernandes Guimarães em hasta publica, sob a denominação de Chacara de Mata Cavallos, e foi ainda arrematada por 900\$000 pelo padre Antonio Luiz Ferreira, que a cedeu a seu primo o Dr. Luiz Botelho de Mesquita, auditor de guerra. Em 1770 pedio o Dr. Botelho, medição e aviventação do rumo de sua propriedade, e deu testada a Rua de Mata Cavallos, e pequeno, lotes para chacaras, a principiar da de João Bonifacio, do lado esquerdo.

O Dr. Botelho falleceu em 1814, e sua filha, unica herdeira, D. Luiza Escholastica Botelho, desmembrou terrenos nos fundos da chacara e vendeu-os a João Ignacio Aleixo em 24 de Julho de 1851 por escriptura nas notas do tabellião Fialho, para evitar a invasão dos moradores do morro de Santa Thereza.

Planejando-se fazer a rua de Monte-Alegre para comunicação mais facil e commoda da cidade com o morro de Santa Thereza, e reconhecendo-se ser pela chacara de Mata Cavallos, D. Luiza apesar de velha e solteira, se oppoz a venda da sua propriedade: mas receiosa da desapropriação vendeu sob os numeros 47 e 49 ao tabellião Francisco José Fialho, a chacara por escriptura de 21 de Novembro de 1855, em notas do tabellião Pedro José de Castro, e ractificada por outra escriptura de 26 de Fevereiro de 1868, em cujos terrenos se abriu a nova rua de Monte Alegre.

Rua de Passeio tinha do lado direito 21 casas e do lado esquerdo o Jardim do Passeio Publico.

Proximo ao convento da Ajuda havia uma lagóa paludosa chamada do Boqueirão que foi aterrada, por ordem de Luiz de Vasconcellos, com aterro tirado do Outeiro da chacara das Mangueiras. que o Conde de Bobadella doou as freiras de Santa Thereza, e sobre o leito da lagóa aterrada, foi construido o Passeio Publico, e encarregado dos edificios e ornatos do mesmo passeio o famoso mestre Valentim da Fonseca e Silva, cujo passeio foi construido em 4 annos e aberto em 1783.

Boqueirão da Lapa tinha 12 casas.

Rua por de traz do Seminario da Lapa, tinha do lado direito 17 casas e do esquerdo 17 casas.

Becco da rua atrás da Lapa, tinha do lado direito 3 casas, e do esquerdo 3 casas.

Rua da Lapa, Glória e Cattete, tinha do lado direito 179 casas e do lado esquerdo 76

Os terrenos desde a Lapa até o Pocinho da Gloria pertencerão ao coronel José Bento, que passou a seus herdeiros, sendo um delles

D. Luiza, cujo nome se pôz á rua que alli existe. Seus herdeiros venderão, a diversas pessoas a maior parte destes terrenos, e como comprehendia uma grande extensão forão retalhando para a formação de novas ruas (Vide a nota a pag. 284 do 1º tomo da 2ª parte da minha *Corographia Historica*.)

Rua Nova do Pinheiro (Caminho Novo de Botafogo) tinha do lado direito uma casa e do esquerdo nenhuma. Em 1865 ficou sendo chamada rua do Marquez de Abrantes por morar no palacete do fim desta rua o Marquez de Abrantes. (Miguel Calmon do Pim e Almeida)

Largo, ladeira por detraz da Igreja da Gloria, havia 30 casas.

Rua das Laranjeiras, tinha do lado direito 11 casas e do esquerdo duas casas.

Os terrenos das Laranjeiras pertencerão aos antepassados do famoso orador e poeta Frei Francisco de S. Carlos, religioso franciscano que venderão a Domingos Carvalho de Sá, que os retalhou. A outra parte em frente do rio foi, dada em dote a filha que casou com Antonio de Menezes, e vendeu a Joaquim Ribeiro de Almeida por 4:000\$000. Adiante da fazenda de Carvalho de Sá, pertencerão os terrenos a Domingos Francisco de Araujo Rôzo, cujos terrenos ião até a rua do Cattete, comprehendendo nelles a chacara da Princeza Imperial e os mattos adjacentes.

Praça da Carioca (largo), em toda ella tinha 19 casas.

Rua do Piolho (hoje da Carioca), tinha do lado direito 71 casas, e do lado esquerdo 63 casas.

A rua do Piolho, primitivamente chamada rua do Egypto, quando se abriu entre os annos de 1697 á 1698, e depois que se forão construindo as primeiras casas do lado direito, um procurador de causas, muito conhecido pelo alcunha de Piolho, construindo nella quatro moradinhas de casas, fixando em uma dellas a sua residencia, com o correr do tempo perdeu o primitivo nome de rua do Egypto, e ficou com o do morador alcunhado de Piolho

Esta rua principiando no largo da Carioca, dobrova encostada ao morro de Santo Antonio e tomava o estreito caminho da rua da Barreira, em frente da casa da chacara que lhe fica hoje por detraz denominado Becco sem sahida ou Becco do Piolho, ou da Carioca, e seguia pela Travessa das Boiôtas, e continuava. D. Antonio Alvares da Cunha, Conde da Cunha, primeiro vice-rei do estado, successor de Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadella, que tomou posse do governo em 16 de Outubro de 1763, vendo o defeito da rua, obrigou ao dono da chacara que lhe ficava em frente á ceder o terreno para a sua continuação e mandou cordea-la em 1764 a 1765 até a Lagoa da Sen tinella, que corresponde hoje ao lado esquerdo da parte mais larga

da rua do conde, entre o fim da rua do Areal, até ao começo de Mata-cavallos ou do Riachuello, e em vista deste beneficio o senado da camara deu a nova rua, o nome de rua do Conde da Cunha.

Em 1852 o senado da camara lhe mudou o antigo nome de *rua da Piolho*, para o que hoje conserva de *rua da Carioca*.

O lado esquerdo que fica para o morro de Santo Antonio não tinha casas, e foi depois que o convento de S. Antonio em 18 de Março do 1741 cedeu de graça á Ordem Terceira de S. Francisco 20 braças de terreno de frente, no largo da Carioca, e duzentas e tantas braças de fundo; para a Ordem fazer o seu hospital, e a correnteza de casas terreas, que este anno de 1877 forão demolidas e substituidas pela correnteza de sobrados é que á rua da Carioca se completou.

O arruamento teve lugar no dia 3 de Outubro de 1741 com mil e quatro palmos de testada pela rua do Piolho, e com fundos para o monte, correndo sempre pelo sub pé delle, partindo com chãos de Antonio Vaz Sardinha, e da outra banda com chãos de Manoel de Moura Brito, onde antigamente foi a chacara de Jorge de Souza Barros, e depois de cheia a data de chãos do dito Manoel de Moura Brito, forão arruadas mais pelo sub-pé do monte, os chãos que ficarão até ao Portão da chacara em que de presente mora (1741) o mestre de campo desta praça Mathias Coelho de Souza, que constão de 725 palmos de testada, pela estrada que vai para a dita chacara, olhando para a chacara de Jacintho Pereira e a Lagoa chamada da Sentinella, por direito retrocimento, com fundos para o monte, partindo de uma e outra banda com os referidos chãos de Manoel de Moura Brito e dita chacara do mestre de campos. (Extracto dos documentos ineditos pertencentes ao archivo do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro.)

Rua do Ouvidor tinha do lado direito 80 casas, e do esquerdo 83 casas.

A rua do Ouvidor na sua abertura em 1590 chamava-se rua de Aleixo Manoel, o velho, cujo individuo o encontrei no tombo dos jesuitas, morando no morro do Castello em 1569. Depois ficou sendo chamada rua de Santa Cruz, por desembocar quasi em frente da igreja da Cruz; mais tarde chamou-se rua do padre Pedro Homem da Costa; e do anno de 1780 em diante ficou sendo conhecida pela denominação de rua do Ouvidor, por ir morar em uma casa (hoje n. 64), sita nella, o Ouvidor Francisco Berquó da Silveira, cuja propriedade foi tomada para residencia dos Ouvidores. A grande casa n. 135 onde está o hotel Ravot, era propriedade do desembargador Luiz José de Carvalho Mello, visconde da Cachoeira, e a cocheira era na casa n. 142—botica Sulier em cuja frente hoje está o grande estabelecimento

de modas chamado Notre Dame de Pariz sendo antes uma estalagem. Nesta rua nasceu o lexicographo Dr. Antonio de Moraes e Silva.

Travessa de S. Francisco de Paula tinha do lado direito 17 casas e do esquerdo o hospital da Ordem.

Rua da Praça de S. Francisco de Paula. Do lado direito não tinha casas, e do esquerdo tinha 17 casas.

No largo de S. Francisco de Paula onde está o estabelecimento denominado o Louvre até 1864, era uma cocheira de alugar carros pertencente á Miranda. Este largo antigamente se chamava Praça Real da Sé Nova; depois Largo de S. Francisco de Paula (Vid. o t. 1º da 2ª p. da mesma *Corographia Historica*, p. 232.)

Rua do Rosario tinha do lado direito 74 casas e esquerdo 72 casas.

Largo da igreja do Rosario tinha do lado direito 13 casas e do esquerdo 9 casas.

O *largo da Igreja do Rosario* antes do anno de 1700, era um campo fóra da cidade; e o padre frei Agostinho de Santa Maria historiando a fundação do templo, conta que os pretos captivos da cidade do Rio de Janeiro, tendo na igreja da Sé uma capella, onde tinham collocado uma imagem da Santissima Virgem do Rosario, e a sua confraria, para festejarem com pompa a Soberana Rainha dos Céos, sentião que os padres os tratassem com desprezo, e combinarão entre si, fundarem uma ermida, onde podessem collocar a imagem da Santissima Senhora do Rosario. Para isto escolherão sitio, e o buscarão fóra da cidade, e em um muito alegre campo, que fica nas costas da cidade, para a parte do occidente, nelle assentarão erigir a sua ermida. Dispostos e preparados os materiaes, mandarão lavar a primeira pedra que havia de ser a fundamental daquelle santo edificio; e preparada ella, com muita perfeição, se benzeu com toda a solemnidade, e com o solemne rito, que dispõe a igreja, e benta, se lançou no seu alicerce; o que se fez no anno de 1700, e em breve tempo levantarão uma capella-mór tão magnifica que podia servir á um sumptuosissimo templo.

De 1719 ficou sendo chamado Campo de Nossa Senhora do Rosario e de 1750 em diante ficou o largo do Rosario, sendo o Rocio da Cidade, e largo da Sé de 1808 até 1840, e desta época para cá ficou com a denominação de largo do Rosario. (Vid. o tomo 1º da 2ª p. da minha *Corographia Historica*, pags. 281 e 283.)

Rua dos Lateiros (hoje de Gonçalves Dias), tinha do lado direito 37 casas, e do esquerdo 44 casas.

Esta rua antigamente se chamava rua da Carioca, depois que para ella se forão estabelecer as differentes officinas de lateiros e

fundidores de diversos metaes, ficou sendo chamada rua dos Lateiros, porque della sahião para as provincias de Minas, S. Paulo e outros lugares as obras de latão, cobre, etc., fabricadas nas officinas desta rua. Em 1856, foi-lhe mudado o nome antigo para o de rua de Gonçalves Dias, em honra do poeta lyrico Bacharel Antonio Gonçalves Dias, que morou algum tempo no sobrado (hoje n. 50) intitulado das Bichas Monstros.

A mudança, sem razão de ser do nome desta rua, provou a ignorancia dos vereadores desse anno, nos factos da historia patria, por estar ligado o nome de *rua dos Lateiros* ao mais notavel acontecimento da independencia do Brazil, porque foi nesta rua dos Lateiros onde cercada a casa de Domingos Fernandes da Cruz, Torneiro, no dia 6 de Maio de 1789, prenderão o martyr da independencia do Brazil, alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tira Dentes. Estando portanto ligado o nome da rua dos Lateiros ao nome mais glorioso e querido da patria, (substituido pelo de Gonçalves Dias, que se tornou popular pela *Canção da Sabia*, que não é original e sim uma imitação do romance do *Peregrino da America*, obra mistica composta antes de 1725 e impressa em 1765), é uma falta imperdoavel.

Romance descriptivo por occasião da chegada á Belem acima da villa da Cachoeira, (Bahia) por volta das 7 horas da manhã

Lá cantava o *sabiá*;
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que as mais aves despertou,

O mozombinho *canario*,
Realengo em sua côr,
Deo taes passos de garganta,
Que a todos admirou.

Neste tempo se ouvia
N'um raminho o *curió*,
Com sonora melodia,
E com requiebro na voz.

O *encontro* lhe sahio,
Passarinho bom cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por vêr sahir o sol.

A linda *Guarinhatã*,
Chochorriando, compôz
Um sólo, bem afinado,
Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
Que se chama *Papa arroz*,
Pelos seus metros canoros
Cantava, ut, ré, mi, fá, sol.

Despertando o *Pitahuaá*
Com impulsos de rigor;
Disse logo: *Bem te vi*,
Deste lugar em que estou.

O valente *Pica-páo*.
De um pao fez o tambor
E com o bico tocava
Alvorada o mesmo sol.

De picado o *Sanhaçu*,
Tão alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.

A encarnada *Tapiranga*
Quando mais bem se explicou,
Foi por minutos da solfa,
Com mil requiebro na voz

O *Fradinho* do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que também sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O *Curuginha*, cantando,
Parecia um roxinol;
E sempre tão entoado,
Que nunca desafinou.

As *Andorinhas* no ar,
Com donaire, e com primor,
Fizerão um lindo baile,
Que seu amor inventou.

O lindo *Cucurutado*,
Com bella voz, se mostrou
Que era musico famoso
Do real côro do sol.

O pintado *Pintacilgo*,
Da solfa compositor,
Endechas fez, e um romance,
Que em pasmo todo deixou.

As formosas *Aracuaãs*,
Sem temor, ao caçador,
Em altas vozes cantavão
Cada qual com bello som.

E logo por esses ares
Remontando o *Beija-flôr*
Tocando ia nas azas
Com donaire um bello som.

A *Carricinha* cantando,
Tanto o seu tiple afinou,
Que nos clausulos da solfa
Senão vio cousa melhor.

Sahio de ponto a dançar
A *Lavandeira*, e mostrou
Era tão destra na dança,
Que pés na terra não poz.

A formosa *Juruty*
No bico trouxe uma flôr,
E com tão custosa gala,
Que as tenções arrebatou.

Nesta suave harmonia
Se divulgava uma voz
Pelos ares, que dizia:
Arára, Arára de amor.

Sahio de branco a *Araponga*
Com tão galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves
Pela alvura que mostrou.

Vierão em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, papagaio,
Tocanos, e mais paós.

Não fallo aqui das mais aves,
Nem dos saguins e guigós,
Que com baile de alegria
Festejão ao Creador.

Rua Detrás do Hospicio (hoje rua do Hospicio tinha do lado direito 151 casas, e do esquerdo 126 casas.

A rua do Hospicio, da rua de S. Jorge para cima, antes do anno de 1760, chamava rua do Boccão e Rua Detrás do Hospicio até a Valla. Do anno de 1765 em diante perdeu o nome de rua do Boccão e passou a

fundidores de diversos metaes, ficou sendo chamada rua dos Latoeiros, porque della sahião para as provincias de Minas, S. Paulo e outros lugares as obras de latão, cobre, etc., fabricadas nas officinas desta rua. Em 1856, foi-lhe mudado o nome antigo para o de rua de Gonçalves Dias, em honra do poeta lyrico Bacharel Antonio Gonçalves Dias, que morou algum tempo no sobrado (hoje n. 50) intitulado das Bichas Monstros.

A mudança, sem razão de ser do nome desta rua, provou a ignorancia dos vereadores desse anno, nos factos da historia patria, por estar ligado o nome de *rua dos Latoeiros* ao mais notavel acontecimento da independencia do Brazil, porque foi nesta rua dos Latoeiros onde cercada a casa de Domingos Fernandes da Cruz, Torneiro, no dia 6 de Maio de 1789, prenderão o martyr da independencia do Brazil, alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tira Dentes. Estando portanto ligado o nome da rua dos Latoeiros ao nome mais glorioso e querido da patria, (substituido pelo de Gonçalves Dias, que se tornou popular pela *Canção da Sabiá*, que não é original e sim uma imitação do romance do *Peregrino da America*, obra mistica composta antes de 1725 e impressa em 1765), é uma falta imperdoavel.

Romance descriptivo por occasião da chegada á Belem acima da villa da Cachoeira, (Bahia) por volta das 7 horas da manhã

Lá cantava o *sabiá*;
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que as mais aves despertou,

O mozombinho *canario*,
Realengo em sua côr,
Deo taes passos de garganta,
Que a todos admirou.

Neste tempo se ouvia
N'um raminho o *curió*,
Com sonora melodia,
E com requebros na voz.

O encontro lhe sahio,
Passarinho bom cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por vêr sahir o sol.

A linda *Guarinhatã*,
Chochorriando, compôz
Um sólo, bem afinado,
Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
Que se chama *Papa arroz*,
Pelos seus metros canoros
Cantava, ut, ré, mi, fá, sol.

Despertando o *Pitahuatã*
Com impulsos de rigor;
Disse logo: *Bem te vi*,
Deste lugar em que estou.

O valente *Pica-páo*.
De um pao fez o tambor
E com o bico tocava
Alvorada o mesmo sol.

De picado o *Sanhaçu*,
Tão alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.

A encarnada *Tapiranga*
Quando mais bem se explicou,
Foi por minutos da solfa,
Com mil requebros na voz

O *Fradinho* do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que tambem sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O *Curuginha*, cantando,
Parecia um roxinol;
E sempre tão entoadado,
Que nunca desafinou.

As *Andorinhas* no ar,
Com donaire, e com primor,
Fizerão um lindo baile,
Que seu amor inventou.

O lindo *Cucurutado*,
Com bella voz, se mostrou
Que era musico famoso
Do real côro do sol.

O pintado *Pintacilgo*,
Da solfa compositor,
Endechas fez, e um romance,
Que em pasmo todo deixou.

As formosas *Aracuãs*,
Sem temor, ao caçador,
Em altas vozes cantavão
Cada qual com bello som.

E logo por esses ares
Remontando o *Beija-flôr*
Tocando ia nas azas
Com donaire um bello som.

A *Carricinha* cantando,
Tanto o seu tiple afinou,
Que nos clausulos da solfa
Senão vio cousa melhor.

Sahio de ponto a dançar
A *Lavandeira*, e mostrou
Era tão destra na dança,
Que pés na terra não poz.

A formosa *Juruty*
No bico trouxe uma flôr,
E com tão custosa gala,
Que as tenções arrebatou.

Nesta suave harmonia
Se divulgava uma voz
Pelos ares, que dizia:
Arára, Arára de amor.

Sahio de branco a *Araponga*
Com tão galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves
Pela alvura que mostrou.

Vierão em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, papagaios,
Tocanos, e mais paós.

Não fallo aqui das mais aves,
Nem dos saguins e guigós,
Que com baile de alegria
Festejão ao Creador.

Rua Detrás do Hospicio (hoje rua do Hospicio tinha do lado direito 151 casas, e do esquerdo 126 casas.

A rua do Hospicio, da rua de S. Jorge para cima, antes do anno de 1760, chamava rua do Boccão e Rua Detrás do Hospicio até a Valla. Do anno de 1765 em diante perdeu o nome de rua do Boccão e passou a

ser chamada rua do Alecrim. A mesma rua do Hospício também era chamada rua do Padre Manoel Ribeiro, por que no testamento de Jeronymo Barbosa, escripto em 19 de Maio de 1736, que vem transcripto no livro de obitos da freguezia da Candelaria, se lê esta verba: Declaro que possuo uma morada de casa terrea, que tem fronteira de pedra e cal, com seus pilares de pedra e cal, que partem de uma banda com Miguel Rigueira, e de outra banda com André de Barros, e assim possuo outras tres de adobbes, com seus pilares na rua do Reverendo Padre Manoel Ribeiro. Da rua da Valla para cima, até a rua do Fogo, fazia parte do rocio da cidade. Os terrenos da rua do Hospício são pantanos, tanto que até poucos annos pelos alicerces das casas vertia constantemente agua para a rua. (Vid. mais detalhadamente no tomo 5º da minha *Corographia Historica*.)

Becco do Fisco tinha do lado direito 7 casas, e do esquerdo 8 casas.

Rua do Senhor dos Passos tinha em 1808 do lado direito 94 casas e do esquerdo 95 casas.

Rua da Alfandega tinha do lado direito 199 casas, e do esquerdo 88 casas

A rua da Alfandega tinha seis nomes: Da rua da Quitanda para baixo, chamava-se rua da Quitanda do Marisco; da rua Quitanda até a Valla, chamava-se rua da Mãe dos Homens; daqui até a rua da Conceição, chamava-se rua dos Ferradores; rua de Santa Ephigenia até a travessa de S. Domingos; rua do Oratorio de Pedra (que ainda existe na casa da esquina da rua do Regente) ate a rua do Regente; e finalmente rua de S. Gonçalo Garcia, do Oratorio de Pedra até ao campo de Santa Anna. (Vid. a historia da rua da Alfandega na minha *Corographia Historica*.)

Rua de S. Jorge tinha do lado direito 25 casas, e do esquerdo 12 casas. (Vid. a historia da rua de S. Jorge na minha *Corographia Historica*.)

Rua do Sabão, (hoje do General Camara) tinha do lado direito 162 casas, e do esquerdo 192 casas.

A rua do Sabão chegava com este nome até rua dos Ourives, e dahi até ao largo de S. Domingos chama-se rua do Bom Jesus e dahi até ao campo chamava-se rua dos Escrivães. Esta rua foi aberta a custa dos quintaes do rua da Alfandega. Nesta rua o conego Antonio Lopes Xavier fundou a capella de Nossa Senhora da Conceição. Chamava-se rua do Sabão, por estarem nella nos tempos colonias os armazens do contrato do sabão. Em 18 de Março de 1870 tomou impropriamente o nome de rua do General Camara. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Nesta rua fallecerão na casa n. 316, o famoso poeta e orador sagrado padre A. P. de Souza Caldas, e defronte della o conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho.

Becco do Senhor Bom Jesus dos Afflictos, tinha do lado direito 3 casas, e do esquerdo 9 casas. Deu-se este nome ao becco entre as ruas do Sabão e a da Alfandega em consequencia de um oratorio dedicado ao Sr. Bom Jesus dos Afflictos.

Rua de S. Pedro tinha em 1808 do lado direito 162 casas, e do esquerdo 173 casas.

A rua de S. Pedro tem a mesma antiguidade que a do Sabão e Alfandega. Até 1705 chamava-se rua do Antonio Vaz Viçoso; e em 1715 rua do Dezembargador Antonio Carneiro. Depois que o padre Francisco Barretto de Menezes, por escriptura de 9 de Outubro de 1732 lavrada no cartorio de Manoel Salgado da Cruz fez doação do terreno para nelle se edificar a Igreja de S. Pedro, de 10 1/2 braças de frente e 13 de fundos, o que logo se levou a effeito, sendo Bispo D. Frei Antonio de Guadalupe, em attenção ao Templo perdeu a rua os nomes antigos e ficou até hoje conhecida pela rua de S. Pedro. Nesta rua morou e falleceu o Marquez de Maricá. (V. a minha *Corogr. Hist.*)

Largo do Capim (hoje praça do General Ozorio). Neste largo em 1808 apenas tinha 4 casas. Era o lugar onde se vendia o capim que vinha das chacaras para a cidade. Nelle se fizeram duas execuções. Em 1867 deu-se á este Largo o nome de Praça do General Ozorio. Foi um verdadeiro epigramma.

Largo de S. Domingos. Em 1808 neste Largo apenas haviam 6 casas em toda a quadra. Em frente a Igreja, entre as ruas de S. Pedro e Sabão, existia o cemiterio da Ordem 3ª de S. Domingos, mandado inutilisar em 1820 por ordem régia. (V. a minha *Corogr. Hist.*—Terrenos da Igreja de S. Domingos).

Travessa de S. Domingos tinha do lado direito 4 casas e do esquerdo 2 casas.

Rua das Violas (hoje de Theophilo Ottoni) tinha em 1808 do lado direito 100 casas, e do esquerdo 96 casas. Esta rua primitivamente chamava rua dos Tres Cegos, depois das Violas por se estabelecerem nella os fabricantes de violas. O local onde estão situadas as ruas das Violas e a dos Pescadores era um pantano alimentado pela maré. A mais antiga casa nobre da das Violas é o grande sobrado que faz esquina com a rua do Fogo, construido pelo pai do Padre Antonio Marinho senhor do Engenho de Tapacurá. Nesta rua nasceu o conselheiro Dr. Thomaz Gomes dos Santos filho do Padre Thomaz Gomes dos Santos. Em 1869 a camara municipal mudou-lhe o nome de rua das Violas para o de rua de Theophilo Ottoni, que a imprensa fluminense endecousou

depois de sua morte; e o Dr. Antonio Borges da Fonseca, seu correligionario no periodico *Tribuna* de 27 de Novembro de 1839 n. 33 impresso no Recife, contestou-lhe essas glorias, e os serviços desde fins de 1828 até o dia em que escolheu *ocasião* para morrer. (Vid o *Tribuna* acima mencionado).

Becco de João Baptista tinha do lado direito 9 casas, e do esquerdo 10 casas.

Largo de João Baptista. Ficou com este nome, por ter construido em terrenos devolutos o sobrado de 2 andares hoje 126 e nelle morar João Baptista Darrigue, cirurgião francez, que veio para o Rio de Janeiro, no meado do seculo passado, e aqui se casando com uma senhora fluminense se constituiu chefe de uma familia brasileira.

Rua do Aljube (hoje Prainha) tinha em 1808 do lado direito 25 casas, e do esquerdo 10 casas.

A rua do Aljube tendo antigamente 2 nomes; em 1835 ficou toda ella com a denominação de rua da Prainha (Vid. a minha Corogr.)

Rua da Valla tinha do lado direito 81 casas e do esquerdo 98 casas.

A rua da Valla antigamente denominada rua fronteira a Igreja do Rosario, em 1865 mudarião-lhe o nome para o da rua de Uruguayana. Chamava-se rua da Valla por ter a grande valla que o Vice-Rei D. Antonio Alvares da Cunha em consequencia do damno que as aguas da Carioca impossadas cauzavão á saude publica obrigou a camara fazer a valla para esgoto das aguas estagnadas depositadas na grande escavação que existia no largo da Carioca, correndo a valla parallela a muralha, que em 1714, mandou construir D. Francisco Xavier de Tavora, entre os morros da Conceição e Santo Antonio para segurança da cidade. Na rua da Valla proximo a Igreja do Rosario houve um calabouço ou prisão temporaria, onde a antiga policia recolhia os vagabundos e capoeiras.

Sesmarias na cidade

Mem de Sá deu em 25 de Maio de 1568 sesmarias dentro da cidade a Clemente Ferreira; a mesma graça concedeo a Pedro Seabra em 28 de Junho do mesmo anno. Christovão de Barros em 1573 deu sesmarias a varios moradores da cidade, sendo em 11 de Setembro do mesmo anno a dos terrenos do morro de S. Bento, vargem e o morro da Conceição, a Manoel de Brito, que doou o morro aos frades de S. Bento em 25 de Março de 1590; e no lugar onde já existia uma Ermida de N. S. da Conceição edificada por Aleixo Manoel, o velho, com consentimento de Manoel de Brito e seu filho Diogo de Brito de Lacerda. Deo sesmarias a outras pessoa dentro da cidade.

Francisco de Mendonça de Vasconcellos em 17 de Setembro de 1593 deo uma sesmaria na cidade a Balthasar Coutinho; em 28 de Abril de 1601 deo outra a Luiz Gonçalves. Martim de Sá em 16 de Outubro de 1603 deo sesmaria a Aleixo Alvares, e a Pedro da Silva, além de outros moradores da cidade.

Chrispim da Costa em 1588 era o possuidor, por sesmaria, do morro do Carmo, que havia dado em 1591 aos frades do Carmo, e que passou aos de Santo Antonio.

Afonso de Albuquerque em 15 de Julho de 1608 deo data de terra, em sesmaria a Francisco Caldas :Constantino Menelão em 23 de Setembro de 1614 deo sesmaria na vargem da cidade a Antonio Francisco Pinhal; na mesma vargem em 18 de Maio de 1617 deo sesmaria a João de Almeida.

Rua do Fogo em 1808 tinha do lado direito 60 casas e do esquerdo 18 casas.

Chamava-se rua do Fogo, por ter sido aberta em terrenos da chacara do fogo onde se fabricava fogos de artifício.

Em 1866 a camara municipal mudou-lhe o nome para o de rua dos Andradas não tendo nehum delles morado nesta rua.

Sesmaria do Arcediágo Duarte Corrêa Vasqueanes por detraz da Igreja do Rosario até o campo de Sant'Anna ou praça da Acclamação.

O Arcediágo Duarte Corrêa Vasqueanes e Aguilar, comprou a sesmaria de 365 braças em quadro, por detraz da igreja do Rosario dos pretos, por 174\$000 a Domingos José Franco, mestre carpinteiro, e a sua mulher Domingas Pereira, no dia 25 de Novembro de 1700, em cujas terras se abrião as ruas do Alecrim (Hospicio), Lampadoza, Travessa de Santa Ephigenia, rua do Senhor dos Passos e parte das ruas da Conceição e do Fogo.

Além desta sesmaria, comprou uma chacara contigua, a Marinha Madeira, em 27 de Junho de 1701, contendo 50 braças de testada e 100 braças de sertão ou fundos, pela quantia de 100\$000, na vargem do Rocio da Cidade, cuja chacara Marinha Madeira a houve de seu marido Domingos de Oliveira, em quinhão de partilhas, por motivo de seu divorcio conjugal, por sentença do ecclesiastico; e por isso estando no livre uso e posse das terras, as vendeu ao arcediágo Vasqueanes.

Todas estas terras por onde se forão abrindo as ruas mencionadas o arcediágo Vasqueanes, as doou em testamento, a familia de D. Miguel Pereira Forjás Coutinho Barreto e Rezende, visconde de Azurara, e

com quem a camara municipal do Rio de Janeiro pleiteou, para lhe ficar com as terras doadas, e perdeu a questão. Todos os documentos a respeito, achão-se bem conservados no archivo publico da corte onde podem ser consultados.

Travessa da Pedreira, tinha em 1808 do lado direito 11 casas e do lado esquerdo 5 casas.

Esta travessa chamava-se Travessa das Vaccas por haver nella uma cocheira de vaccas, e depois mudou-se-lhe o nome para o de Travessa do Oliveira.

Em de Setembro de 1711 chegou de Lisboa ao Rio de Janeiro o engenheiro João Macé, para levantar a fortificação desta cidade, e o lugar mais conveniente que achou para construir uma muralha que fechasse a cidade pelo interior foi pela margem da valla do esgoto, depois rua da valla, principiando no morro da Conceição. Esta muralha não foi concluida, e importou o que se fez cerca de cem mil cruzado.

Largo da Pedreira, tinha 4 casas.

Rua da Conceição, tinha do lado direito 17 casas, e do esquerdo 21 casas:

Rua do Valongo, (hoje da Imperatriz) tinha do lado direito 55 casas e do esquerdo 36 casas.

Esta rua desde Setembro de 1813 perdeu o nome de rua do Valongo e tomou o de rua da Imperatriz por ter sido por ella que passou a Sr.^a D. Thereza, mulher do Sr. D. Pedro de Alcantara, quando chegou de Napoles em Setembro de 1843. Era esta rua o antigo caminho do Valonguinho, por onde se atravessava para a praia do Valongo hoje rua da Saude.

Rua de S. Joaquim, tinha em 1808 do lado direito 75 casas, e do esquerdo 90 casas.

Esta rua recebeu de 1758 em diante o nome de rua de S. Joaquim em consequencia da igreja de S. Joaquim, que edificou Manoel de Campos Dias, a qual deu para seminario, cujo edificio depois foi augmentado. D. Frei Antonio de Guadalupe, creando o seminario dos orphãos de S. Pedro, junto a igreja de S. Pedro, cuja casa se está neste anno de 1879 demolindo, reconhecendo ser a casa pequena, mandou construir junto a igreja de S. Joaquim, que Manoel de Campos Dias, tinha doado, um edificio apropriado para a educação dos orphãos de S. Pedro, no começo da rua do Valongo, e deu principio as obras sob as vistas do padre Jacintho Pereira da Costa, e reitor o conego Antonio Lopes Xavier, e quasi prompto o edificio forão transferidos os orphãos em Dezembro de 1786, mudando-se o nome do instituto para o Seminario de S. Joaquim. Os seminaristas trajavão vestidos brancos

e o povo os appellidava de carneiros. El-rei D. João VI em 5 de Janeiro de 1818, acabou com o seminario de S. Joaquim, mandando para elle a divisão portugueza que veio de Lisboa em 1817, sendo os orphãos transferidos para o Seminario de S. José. Em virtude de uma representação, o Principe D. Pedro de Alcantara, por decreto de 19 de Maio de 1821 mandou restabelecer o seminario; e o ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos, em 2 de Dezembro de 1837 estabeleceu o collegio com a denominação de Collegio de Pedro II, sendo o seu primeiro reitor o bispo de Anemuria.

A rua de S. Joaquim partia da valla para o campo. Em consequencia da largura que nella havia em 1852, ficou definitivamente a parte larga com a denominação de rua larga, e a estreita com a denominação de rua Estreita de S. Joaquim.

A *rua larga de S. Joaquim*, foi aberta em fins do seculo passado, atravez da chacara de Manoel Casado Vianna, ou campo de S. Domingos, em quasi toda a sua extensão, desde a rua do Valonguinho ou da Imperatriz, até a frente do Campo de Santa Anna, entrando pelos terrenos de D. Emerenciana Izabel Dantas.

A chacara de Casado pertenceu a Pedro Fernandes, que a havia herdado de seu pai Antonio Vieira, por antonomasia o *Caga-rabos*.

Casado possuia a chacara desde 1713 ou 1714.

A *rua Estreita de S. Joaquim* foi aberta atravez dos terrenos da chacara da Conceição dos Coqueiros de Antonio Coelho Lobo, o qual passou em 1737 a seu cunhado Antonio Vidal de Castilho e mais tarde a Julião e data de tempo muito remoto. A rua Estreita de S. Joaquim chamava-se antigamente rua do Cortume por causa de um cortume que existia no principio da rua, á partir da valla e no lugar onde hoje estão o sobradinho n. 4 e a casa n. 2. Foi do anno de 1766 que se principiou a chamar rua de S. Joaquim depois de estar o templo edificado, tendo sido o povo que descriminou as differenças entre a parte larga e a estreita da rua denominada rua estreita e rua larga de S. Joaquim.

Primeira travessa desde a rua de S. Joaquim até ao campo dos ciganos, hoje rua do Regente antes Travessa do Bandeira tinha do lado direito 4 casas, e do esquerdo 7 casas.

Esta rua tomou em 1836 o nome de rua do Regente por ter morado no sobrado que faz esquina com a rua dos Ciganos o regente Diogo Antonio Feijó.

Segunda Travessa de S. Joaquim até ao campo dos Ciganos, tinha em 1808 do lado direito uma casa e do esquerdo 4 casas.

Antigamente era chamada rua da Condessa, rua do Carmo, rua dos Cajueiros, e segunda Travessa de S. Joaquim. De 1825 em diante

ficou sendo chamada rua da Nunciatura Apostolica por ter morado no sobrado da rua do Hospicio que faz esquina com a rua ou segunda travessa de S. Joaquim, o Nuncio Cardeal Calipé. (Vide a historia desta rua na minha *Corographia Historica*).

Rua do Espirito Santo, tinha em 1808, do lado direito 19 casas e do esquerdo 23 casas.

Esta rua foi aberta em 1801 em terrenos da sesmaria que D. Pedro de Mascarenhas concedeu a José da Costa Barros, em 1667 a 1668 passarão ao mestre de campo Mathias Coelho de Souza, e por ultimo ao guarda-mór Dr. Pedro Dias Paes Leme, do qual herdou o conego Roque de Macedo Paes Leme, e deste herdou o bacharel Pedro Nolasco Forjaz d'Horta Paes Leme.

Rua do Lavradio, em 1808 tinha do lado direito 67 casas, e do esquerdo 25 casas.

A rua do Lavradio foi aberta entre os annos de 1771 a 1772, em tempo do governo do Marquez do Lavradio, que tomou posse em 4 de Novembro de 1769 e deixou o governo em 5 de Abril de 1779. Como a rua tinha de atravessar os terrenos pantanosos, quasi impraticaveis do guarda-mór Pedro Dias, foi-lhe commettida a abertura da rua e o seu aterro, o que executou com muita difficuldade, dando-se logo terrenos alagados aos particulares, para edificação de predios, e pelo que cuidou-se em fazer vallas para o esgoto das aguas e em aterrar os pantanos.

A edificação começou do lado direito, porque pelo esquerdo era occupado pela chacara de Pedro Dias, ficando-lhe a cosinha da casa quasi na beira da rua, correspondendo hoje a casa da Relação da Côte.

Até ao anno de 1808; o lado esquerdo do rua do Lavradio apenas tinha 3 casas; uma terrea na esquina da rua do Senado e 2 com inter-valllo na esquina da rua de Mattacavallos.

Travessa do Espirito Santo até a rua dos Invalidos tinha do lado direito 11 casas, e do esquerdo 8 casas.

Esta travessa depois rua, foi aberta pelo senado da camara, por pedido dos moradores da rua de S. Lourenço, hoje dos Invalidos, e dos da rua do Lavradio. A camara em sessão do dia 17 de Setembro de 1789, em vista do pedido dos moradores das duas ruas, deliberou que a travessa da Barreira de Santo Antonio, que chegava á rua do Lavradio continuasse até a rua de S. Lourenço, hoje Invalidos, pelo terreno contiguo ao sobrado que confronta com a mesma rua do Lavradio, de Manoel Pires Marinho, em cujo terreno se achava um pequeno muro, e em seguida duas pequenas casas terreas, que foram de sua propriedade.

Delineado o terreno deu-se começo a abertura da rua em 1789, sendo embargada a obra pelo desembargador José Martins da Costa, o qual conseguiu accordão favoravel; mas em vista da provisão de 30 de Agosto de 1792, e da necessidade da rua, foi mandada desobstruirl-a e indemnizar o desembargador pelas benfeitorias pelo que fossem avaliadas.

O desembargador José Martins da Costa logo, que chegou de Lisboa, foi morar na rua do Lavradio, na casa hoje n. 40, pertencente a Antonio José Vianna á razão de 8\$ por mez, cujo aluguel nunca pagou; e taes tratantices fez, combinado com o desembargador ouvidor Francisco Alves de Andrade, que se ficou com o predio e terrenos. O mesmo praticou com o carpinteiro Custodio Pinto de Oliveira que lhe não querendo vender dous lotes de terrenos contiguos e que fazem face com a rua, de accordo com a mulher de Custodio Pinto de Oliveira, fórma-lhe a culpa de mancebia, mettendo-o na cadeia em principio do anno de 1775, de cujo processo aggravando, teve provimento e foi solto. O desembargador Costa se ficou com a mulher e a filha de Custodio, e na posse dos bens deste, depois do desquite. Custodio sem suas mulher e filha, e seus bens, foi viver do jornal que lhe dava o celebre escultor Valentim da Fonseca e Silva. A exposição deste facto achase na Bibliotheca Publica.

Rua do Rezende tinha em 1803 do lado direito 4 casas e do esquerdo 13 casas.

Esta rua foi mandada abrir em 1796 pelo conde de Rezende, sobre o pantanal de Pedro Dias, desde Matakavallos até a rua do Lavradio, e seguiu até a rua dos Barbonos, havendo pelo lado de Matakavallos uma grande valla parallela, que dobrando para terminar nos arcos, recebia outras valletas para o esgoto das aguas do pantano. Os moradores das ruas do Conde da Cunha, Matakavallos, Invalidos, Rezende e Arcos aterraram os prazos que pediram, onde edificaram as casas que existem. Ainda em 1643, o prolongo da rua dos Arcos, o caminho da Bica ou Matakavallos, entre o morro de Santo Antonio, era uma lagóa.

Rua dos Invalidos tinha em 1808 do lado direito 19 casas e do esquerdo 7 casas.

A rua dos Invalidos antigamente chamada rua de S. Lourenço foi mandada abrir em 1791, pelo Vice-Rei Conde de Rezende, e nella proximo ao morro de Pedro Dias, hoje do Senado, mandou reconstruir uma grande casa com espaçoso terreno, para asylo dos soldados invalidos. El-Rei D. João VI, fez da casa e chacara presente ao seu medico particular Dr. Manoel Vieira da Silva, Barão de Alvaiaesere. Ultimamente passou a casa e chacara ao dominio e posse do Marquez

de Valença, onde morou até que falleceu, passando depois aos seus herdeiros.

Na face desta rua e esquina da rua do Senado, o portuguez Antonio José, por antonomasia o *Panella*, mercador na rua da Quitanda, construiu a igreja de Santo Antonio dos Pobres, bem como a correnteza de casas terreas da rua da Lampadosa, por detrás do theatro de S. Pedro. Depois de comprar o terreno na rua dos Invalidos e o aterrar, construiu a igreja com o seu dinheiro e com o producto de algumas esmolos, e a consagrou a Santo Antonio dos Pobres. Não tendo solidez o terreno por ter sido um pantano, estando prompta a igreja cahio o frontespicio; porém Antonio José, o *Panella*, o reconstruiu de novo, ficando em 1811 toda a obra concluida.

Rua do Senado tinha do lado direito 7 casas e do esquerdo 8 casas. Foi mandada abrir pelo senado da camara, em continuação á travessa do Espirito Santo até além da travessa da Cassoada hoje travessa do Senado.

Rua do Areal desde a igreja de S. Joaquim até a de Santa Anna (hoje rua Larga de S. Joaquim) ao todo tinha 21 casas.

A frente de cima desde a igreja de Santa Anna até rua do Conde da Cunha (campo de Santa Anna, hoje praça da Acclamação) do lado de cima tinha 21 casas, e do lado de baixo 6 casas.

A igreja de Santa Anna foi demolida em 1853 para no seu lugar se estabelecer a estação da estrada de ferro de D. Pedro II.

Rua de S. Diogo tinha do lado direito 35 casas e do esquerdo 5 casas. O lado direito desta rua foi deitado abaixo em 1853 para se construir o ramal da estrada de ferro. Chamou-se rua de S. Diogo em consequencia da capellinha sita no morro do mesmo nome.

Cidade Nova

Rua do Conde da Cunha (hoje do Conde d'Eu) até a lagôa da Sentinella, tinha do lado direito 18 casas e do lado esquerdo 35 casas.

Da rua do Piolho em seguimento ao Barro Vermelho (onde está hoje a casa de correção), foi toda a rua mandada abrir pelo Conde da Cunha, que além de muitos beneficios que fez a cidade de S. Sebastião, cuidou da fortificação e armamentos, para a defesa da cidade, e por isso o senado da camara em reconhecimento de tantos beneficios, deu a rua novamente aberta, para lhe perpetuar a memoria, o nome de rua do Conde da Cunha em 1766. Porém em 1863 indo morar nessa rua o então ministro de Estado José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, a camara municipal por adulação ao ministro apagou o nome do benemerito Conde da Cunha para sobre a chapa escrever o de rua do Visconde do Rio Branco, e isto por ignorancia da historia

patria. O Conde da Cunha armou e fortificou o Rio de Janeiro e o Visconde do Rio Branco *desarmou completamente o Brazil*, assignando o convenio que as grandes potencias da Europa propuzeram para acabar com o corso, no caso de declaração de guerra. Nenhuma potencia da America aceitou a proposta, mas o ministro brasileiro, na esperanza de uma grã cruz, desarmou a Nação.

Rua de S. Salvador tinha do lado direito 10 casas, e do lado esquerdo 54 casas. (No Engenho Velho.)

Rua Formosa tinha do lado direito 22 casas e do esquerdo 15 casas.

Rua das Flores do lado direito não tinha casas, e do esquerdo tinha 10 casas. O senado da camara no dia 8 de Março de 1879 mudou-lhe o nome para o de rua de Santa Anna:

Rua do Areal desde o campo até a lagôa da Sentinella tinha do lado direito 5 casas, e do esquerdo 3 casas.

Rua do Conde da Cunha, lagôa da Sentinella e Catumbi do lado direito tinha 63 casas, e do esquerdo 176 casas.

Na casa desta rua n. 195, que faz parede ao rio de Catumbi era uma taberna, e o dono della em fins do seculo passado tendo assassinado a mulher e o caixeiro, se collocou junto a face da rua uma cruz de páo, que ali existio até poucos annos. No sobrado hoje 209, residio o Conde de Palmella em 1821 e foi onde houve a reunião que decidio ir o Principe D. Pedro para Portugal, ficando o Rei no Brazil. (Vid. a minha obra o *Brazil Reino e o Brazil Imperio*.)

Rua do Catumbi Grande tinha do lado direito 4 casas e do esquerdo 8 casas. Esta rua começava na hoje rua do Fomjardim e terminava no Barro Vermelho.

Freguezia do Engenho Velho

Mata Porcos do lado direito tinha 37 casas e do esquerdo 12 casas.

Esta rua hoje chama-se de Estacio de Sá!

Rua de Mata Porcos até a divisão do Rio Comprido e travessa da igreja do lado direito tinha 15 casas, e do esquerdo 31 casas.

Cidade Velha

Praia do lado direito tinha 59 casas e do esquerdo 42.

Rua Direita vindo do Paço para S. Bento, do lado direito não tinha casas, e do esquerdo tinha 79 casas.

Rua da Candelaria tinha do lado direito 29 casas, e do esquerdo 26 casas.

A rua da Candelaria é uma das mais antigas do Rio de Janeiro, aberta na vagem paludosa, nas proximidades da praia, tomou o nome da invocação da Santíssima Virgem da Candelaria, cujo templo edificaram entre os annos de 1600 a 1604, pouco mais ou menos Antonio Martins Palma e sua mulher D. Leonor Gonçalves, naturaes da ilha da Palma, uma das canarias, capitão de uma não (como refere o padre Fr. Agostinho de Santa Maria, na sua obra *Santuário Marianno*, edição de 1723) que navegava para as Indias da Hespanha, e já com muitos cabedaes, e na volta, quando vinha dellas, lhe deu um temporal tão forte, que ia dando com a sua não em um rochedo. Vendo-se o capitão Antonio Martins Palma em tão grande perigo, lembrado dos grandes prodigios e maravilhas que Deos obrava, pela Imagem de Nossa Senhora da Candelaria, da sua ilha, como pela de Tenerife, recorreu aos seus poderes, pedindo-lhe o seu favor e patrocínio em perigo tão evidente e que se delle o livrasse, lhe promettia que na primeira terra onde aportasse lhe edificaria uma igreja de sua invocação.

Permitio Deos (alcançando-lhe a misericordiosa Senhora, que queria por aquelle meio favorecer tambem aos moradores do Rio de Janeiro) que o primeiro porto á que chegasse, fosse o da cidade de S. Sebastião, onde foi a sua habitação, sem querer tratar mais de navegar. Assim em cumprimento do seu voto, fundou e dedicou a Senhora da Candelaria aquella igreja da sua invocação que depois se erigiu em freguezia, muito antes do anno de 1634. Nos exames que fiz em todos os livros manuscriptos do archivo episcopal do Rio de Janeiro, pela franqueza que me deu o meu douto amigo o Exm. e Revm. Sr. D. Manoel, bispo do Rio de Janeiro e Conde de Irajá, de preclara e saudosa memoria, não achei o testamento de Antonio Martins Palma, mas encontrei-me com elle em 1613, na qualidade de piloto, medindo as terras da Guaratiba (fazenda de Santa Cruz) por parte dos jesuitas, doadas ao collegio do Rio de Janeiro pela Marquiza Ferreira, viuva de Christovão Monteiro, e por sua filha D. Catharina Monteiro, e por isso calculei aquella época, para edificação da igreja da Candelaria.

Nesta rua assassinaram o capitão Duclerc, entre as 7 e 8 horas da noite do dia 18 de Março de 1711, sendo elle sepultado na mesma igreja.

Becco do Telles tinha do lado direito 14 casas e do esquerdo 12 casas.

Foi neste becco que em 1790 se incendiou a casa onde funcionava o senado da camara e consumio-se o archivo municipal pelas chammas do incendio.

Becco da Lapa dos Mercadores tinha do lado direito 4 casas e do esquerdo 7 casas.

Becco das Cancellas tinha do lado direito 1 casa, e do esquerdo 2 casas.

Largo do Paço tinha em sua totalidade 5 casas.

O largo do Paço antigamente se chamava *largo do Carmo*, Rocio da cidade, *Terreiro da Polé* e no anno de 1743, mudou-se-lhe o nome para o de *Terreiro do Paço*, e *Largo do Paço*; e em 18 de Março de 1870 o senado da camara determinou que esse largo ficasse com a denominação de *Praça de Pedro II*. Em 26 de Fevereiro de 1794 o senado da camara mandou pôr em praça o concerto da calçada do *Largo do Carmo* e frente do palacio, até ao novo chafariz que se estava fazendo, por se ter levantado para a factura do encanamento do dito chafariz.

Becco dos Barbeiros tinha do lado direito 6 casas e do esquerdo o hospital da Ordem Terceira do Carmo e suas lojas que foram tomadas.

Rua Nova do Ouvidor do lado direito 18 casas e do esquerdo 19 casas.

A rua Nova do Ouvidor chamava-se *Travessa do Ouvidor* e em tempos remotos a sua primitiva denominação era a de rua das Flores.

Becco da Alfandega tinha 12 casas.

Caes de Braz de Pina, tinha do lado direito 8 casas e do esquerdo uma casa. *Braz de Pina* era contratador das baléas em 1727, e esta data serve de base para o tempo da construção do caes, que elle fez na praia da cidade.

Este caes o mais antigo da cidade é hoje o caes dos Mineiros.

Rua dos Pescadores, tinha em 1808, do lado direito 47 casas e do esquerdo 59 casas.

Becco dos Quarteis de Bragança, tinha do lado direito 17 casas e do esquerdo 15 casas.

Rua dos Quarteis de Bragança, tinha do lado direito 8 casas e do esquerdo 16 casas.

Becco dos Cachorros, tinha do lado direito 36 casas e do esquerdo 22 casas:

Este becco dos Cachorros em 1852, tomou o nome de *Travessa de Santa Rita*

Largo de Santa Rita, em todo o quadro tinha 14 casas. Na esquina deste largo, com a rua dos Pescadores João Soares Lisboa estabeleceu uma typographia para imprimir o seu periodico o *Correio do Rio de Janeiro*, que foi substituido pelo *Espectador Brasileiro*, o qual em 1827 tomou o titulo de *Jornal do Commercio*. (Vid. o 5º anno do meu *Brazil Historico*).

Becco de Santa Rita, tinha 6 casas.

Rua da Prainha, tinha do lado direito 56 casas e do esquerdo 64 casas, e um trapiche.

Ladeira de João Homem, do lado direito tinha 13 casas e do esquerdo 25 casas. (Vide a historia desta rua na minha *Corographia Historica*.)

Rua de S. Francisco da Prainha, tinha do lado direito 23 casas e do esquerdo 23 casas.

Rua da Escorregadura, do lado direito 13 casas e do esquerdo duas casas.

Rua do Matto Grosso, do lado direito não tinha casas e do esquerdo tinha 31 casas.

Jogo da Bola, do lado direito não tinha casas e do esquerdo tinha 20 casas.

Rua Funda, do lado direito tinha 11 casas e do esquerdo 11 casas.

Largo de S. Francisco da Prainha e Becco, tinha do lado direito 8 casas e do esquerdo 12 casas. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Becco de João José, do lado direito tinha 3 casas e do esquerdo 8 casas.

Becco de João Ignacio, do lado direito tinha 7 casas e do esquerdo 7 casas.

Travessa do Becco, do lado direito tinha 4 casas e do esquerdo 5 casas.

Praia de S. Francisco, (saude) tinha 31 casas. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Poço da Pedra do Sal, tinha 19 casas.

Cimo da Pedra, sobre o mar e no cume do morro 3 casas.

Valonguinho (Saude) do lado direito tinha 10 casas e do esquerdo 135 casas.

Calçada do Livramento, tinha 13 casas. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Terreiro do Jogo da Bola, tinha 36 casas.

Rua do Terreiro do Jogo da Bola, do lado direito não tinha casas e do esquerdo tinha 85 casas.

Sacco do Alfêres, do lado direito tinha 26 casas e do esquerdo 75 casas.

Ilha das Cobras, tinha um trapiche com um sobrado, 6 armazens, um sobrado e mais 33 casas.

Ilha das Enzadas, com um predio de sobrado de Felipe Antonio Barbosa, o qual foi tomado em 1808 por ordem do principe regente,

para hospital da esquadra ingleza, a excepção do trapiche, alugado por 2:0.0\$000.

Limitando-me ao cadastro da cidade do Rio de Janeiro de 1808, não mencionarei as ruas que se abrirão deste anno até 1863, das quaes fiz a historia no 5º tomo da minha *Corographia* e para onde convido o curioso leitor.

Igreja de S. Sebastião 1566 a 1583

Estacio de Sá construiu, no Arraial da Villa Velha uma casa de páo a pique coberta de palha, onde os jesuitas celebravão os officios Divinos, em 1566 e 1567, e foi sepultado nos ultimos dias do mez de Fevereiro de 1.6, mas com a transferencia da povoação para o continente fronteiro, Salvador Corrêa de Sá, edificou a igreja de taipa grossa consagrada ao martyr S. Sebastião, para nella se adorar a Deus e ministrar os Sacramentos aos fieis. Ausentando-se Salvador Corrêa de Sá em 1572, por ter completado o tempo de sua commissão administrativa, ficou a obra da igreja suspensa; mas voltando em 1578, mandou continuar a obra do templo, que ficou concluida em 1583, sendo neste mesmo anno transferidos para elle os ossos de Estacio de Sá, primeiro capitão-mór e conquistador do Rio de Janeiro. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Com o tempo arruinando-se a igreja o cabido passou-se para e igreja da Cruz. O conde de Rezende mandou reedificar a igreja da de S. Sebastião a custa de esmolas do povo. Hoje é residencia dos missionarios barbadinhos Italianos.

Igreja da Candelaria

Como vimos a igreja da Candelaria foi construida por Antonio Martins Palma e sua mulher D. Leonor Gonçalves, entre os annos de 1600 á 1604. Esta igreja foi doada á Misericordia, sendo provedor Salvador Corrêa de Sá, por seus fundadores, por escriptura de 14 de Setembro de 1636, e creada freguezia em 1634.

Estando arruinada as paredes, a irmandade do Santissimo Sacramento á pedido dos parochianos derão começo a nova igreja, benzendo a primeira pedra o bispo D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco no dia 6 de Junho de 1775, em presença do Marquez de Lavradio, vice-rei do Estado, no primeiro anno do pontificado de Pio VI, vigario collado da freguezia da Candelaria João Pereira de Araujo e Azevedo, provedor da irmandade o capitão Francisco de Araujo Pereira, e escrivão o capitão José Alvares Esteves (Vid. a acta).

Rua da Prainha, tinha do lado direito 56 casas e do esquerdo 64 casas, e um trapiche.

Ladeira de João Homem, do lado direito tinha 13 casas e do esquerdo 25 casas. (Vide a historia desta rua na minha *Corographia Historica*.)

Rua de S. Francisco da Prainha, tinha do lado direito 23 casas e do esquerdo 28 casas.

Rua da Escorregadura, do lado direito 13 casas e do esquerdo duas casas.

Rua do Matto Grosso, do lado direito não tinha casas e do esquerdo tinha 31 casas.

Jogo da Bola, do lado direito não tinha casas e do esquerdo tinha 20 casas.

Rua Funda, do lado direito tinha 11 casas e do esquerdo 11 casas.

Largo de S. Francisco da Prainha e Becco, tinha do lado direito 8 casas e do esquerdo 12 casas. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Becco de João José, do lado direito tinha 3 casas e do esquerdo 8 casas.

Becco de João Ignacio, do lado direito tinha 7 casas e do esquerdo 7 casas.

Travessa do Becco, do lado direito tinha 4 casas e do esquerdo 5 casas.

Praia de S. Francisco, (saude) tinha 31 casas. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Poço da Pedra do Sal, tinha 19 casas.

Cimo da Pedra, sobre o mar e no cume do morro 3 casas.

Valonguinho (Saude) do lado direito tinha 10 casas e do esquerdo 135 casas.

Calçada do Livramento, tinha 13 casas. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Terreiro do Jogo da Bola, tinha 36 casas.

Rua do Terreiro do Jogo da Bola, do lado direito não tinha casas e do esquerdo tinha 65 casas.

Sacco do Alfes, do lado direito tinha 26 casas e do esquerdo 75 casas.

Ilha das Cobras, tinha um trapiche com um sobrado, 6 armazens, um sobrado e mais 33 casas.

Ilha das Enxadas, com um predio de sobrado de Felipe Antonio Barbosa, o qual foi tomado em 1803 por ordem do principe regente,

para hospital da esquadra ingleza, a excepção do trapiche, alugado por 2:000\$000.

Limitando-me ao cadastro da cidade do Rio de Janeiro de 1808, não mencionarei as ruas que se abrirão deste anno até 1863, das quaes fiz a historia no 5º tomo da minha *Corographia* e para onde convido o curioso leitor.

Igreja de S. Sebastião 1566 a 1583

Estacio de Sá construiu, no Arraial da Villa Velha uma casa de páo a pique coberta de palha, onde os jesuitas celebravão os officios Divinos, em 1566 e 1567, e foi sepultado nos ultimos dias do mez de Fevereiro de 1567, mas com a transferencia da povoação para o continente fronteiro, Salvador Corrêa de Sá, edificou a igreja de taipa grossa consagrada ao martyr S. Sebastião, para nella se adorar a Deus e ministrar os Sacramentos aos fieis. Ausentando-se Salvador Corrêa de Sá em 1572, por ter completado o tempo de sua commissão administrativa, ficou a obra da igreja suspensa; mas voltando em 1578, mandou continuar a obra do templo, que ficou concluida em 1583, sendo neste mesmo anno transferidos para elle os ossos de Estacio de Sá, primeiro capitão-mór e conquistador do Rio de Janeiro. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

Com o tempo arruinando-se a igreja o cabido passou-se para e igreja da Cruz. O conde de Rezende mandou reedificar a igreja da de S. Sebastião a custa de esmolos do povo. Hoje é residencia dos missionarios barbadinhos Italianos.

Igreja da Candelaria

Como vimos a igreja da Candelaria foi construida por Antonio Martins Palma e sua mulher D. Leonor Gonçalves, entre os annos de 1600 á 1604. Esta igreja foi doada á Misericordia, sendo provedor Salvador Corrêa de Sá, por seus fundadores, por escriptura de 14 de Setembro de 1636, e creada freguezia em 1634.

Estando arruinada as paredes, a irmandade do Santissimo Sacramento á pedido dos parochianos derão começo a nova igreja, benzendo a primeira pedra o bispo D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco no dia 6 de Junho de 1775, em presença do Marquez de Lavradio, vice-rei do Estado, no primeiro anno do pontificado de Pio VI, vigario collado da freguezia da Candelaria João Pereira de Araujo e Azevedo, provedor da irmandade o capitão Francisco de Araujo Pereira, e escrivão o capitão José Alvares Esteves (Vid. a acta).

Bispado do Rio de Janeiro

O bispado do Rio de Janeiro, foi creado e confirmado em 16 de Novembro de 1676.

Prelados do Rio de Janeiro desde 1569 até 1871

1. Matheus Nunes, tomou posse em 15 de Agosto de 1567. Retirou-se para o Espirito-Santo onde morreu em 1597.
2. Bartholomeu Corrêa Simões Pereira, tomou posse em 11 de Maio de 1577.
3. D. João da Costa, 1579. Deposto em Outubro de 1787; foi para S. Paulo.
4. Dr. Bartholomeu Lagarto. Não aceitou.
5. Dr. Matheus da Costa Alboim, tomou posse em 2 de Outubro de 1607. Morreu envenenado em 8 de Fevereiro de 1629.
6. Frei Maximo Pereira, tomou posse em 3 de Julho de 1629.
7. Pedro H. Albernaz, tomou posse em 23 de Janeiro de 1630. Interino.
8. D. Lourenço de Mendonça, tomou posse em 9 de Setembro de 1632. Retirou-se fugido para a Europa em Abril de 1637.
9. Pedro H. Albernaz, tomou posse em Abril de 1637. Interino, depois confirmado em 1639.
10. José Coelho, tomou posse em 6 de Junho de 1643. Interino.
11. Antonio Martins Loureiro, tomou posse em 8 de Junho de 1644. Fugio para o Espirito-Santo.
12. Manoel de Araujo, tomou posse em 1614. Interino.
13. José de Castro, tomou posse em 1653. Interino.
14. D. Manoel de Souza e Almeida, tomou posse em 1659: Retirou-se para a Europa por desistir.
15. Francisco da Silveira Dias, tomou posse em 5 de Maio de 1669. Nascido no Rio de Janeiro.
16. Sebastião Barreto Brito, tomou posse em Dezembro de 1681. Governador do Rio de Janeiro nomeado pelo bispo eleito, tendo começado a Sé e sendo então elle vigario da Candelaria, nomeado primeiro deão.
17. Lourenço de Mendonça. Nomeado bispo do Rio de Janeiro em 1640, desistio, ficando sem effeito a creação do bispado.
18. Frei Manoel Pereira. Desistio depois de sagrado.
19. José de Barros de Alarcón, tomou posse no 1º de Junho de 1682. Teve a congrua de 800\$, foi a Lisboa em 1689, voltando em Março de 1700, falleceu com 66 annos a 6 de Abril de 1700.
20. Frei Francisco de S. Jeronymo, tomou posse em 8 de Junho

de 1702. Construiu o palacio da Conceição, tendo do governo o adjutorio de 8,000 cruzados. Governou a cidade em 1704, 1708 a 1709, morreu em 7 de Março de 1721 com 83 annos de idade.

21. Frei Antonio de Guadalupe, tomou posse em 2 de Agosto de 1725. Retirou-se em 25 de Maio de 1740 para occupar o lugar de bispo de Vizeu.

22. D. João da Cruz, tomou posse em 3 de Maio de 1741. Pedio desistencia, retirando-se para Lisboa em 1745. Teve duvida, com o Cabido por haver extraviado o cruzeiro de prata da Sé e 30\$000 cruzados do expolio do seu antecessor.

23. Frei D. Antonio do Desterro, tomou posse em 1º de Dezembro de 1746. Governou a cidade com outros, por occasião da morte do Conde de Bobadella, no 1º de Janeiro de 1763 e faleceu no dia 5 de Dezembro de 1773.

24. D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, tomou posse em 15 de Abril de 1774. Nomeado coadjutor e successor do bispo em 15 de Janeiro de 1763 entrou logo no exercicio por ter já fallecido seu antecessor. Falleceu em 28 de Janeiro de 1805 com 73 annos.

25. D. José Caetano da Silva Coutinho, tomou posse em 28 de Abril de 1808. Nomeado capellão-mór em 3 de Junho de 1808. Foi deputado na constituinte e senador por S. Paulo; falleceu em 21 de Janeiro de 1833. O cabido tomou conta do bispado, nomeando vigario capitular ao monsenhor Vidigal.

26. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo (Conde de Irajá), tomou posse em 24 de Maio de 1840. Foi deputado pelo Rio de Janeiro, falleceu em 11 de Junho de 1863. O cabido tomou conta do bispado, nomeando governador ao conego, depois monsenhor o padre Felix Maria de Freitas e Albuquerque.

27. D. Pedro Maria de Lacerda, tomou posse em Março de 1869. Tendo sido nomeado em 1868, foi sagrado em Minas em 10 de Janeiro de 1869. Assistio ao concilio da *Infalibilidade* do Papa, ficando na sua ausencia como governador do bispado monsenhor Felix de Albuquerque.

Igreja de S. José

A igreja de S. José foi levantada por Egas Muniz em 1633, e como não podesse continuar com a construcção della, doou o que estava feito, a certos devotos, que se encarregaram de conclui-la, estendendo-se a sacristia até ao mar, em terrenos doados por Estevão de Vasconcellos e sua mulher, no governo de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, juiz do confraria, por escriptura nas notas do tabellião Faustino Soares de Araujo, no anno de 1640.

Transferindo-se os moradores do Morro de S. Sebastião, para a vargem proxima ao mar, sendo muito incommoda a subida para se effectuarem os baptisados e outros Sacramentos, foi determinado que servisse a capella de S. José de matriz antes de 1661, o que effectivamente aconteceu até 1734, em cujo anno mudada a Sé da igreja de S. Sebastião para a igreja da Cruz, se transferio o Sacrario e a Pia Baptismal. Já sendo mui povoado o bairro de S. José, foi elevada a igreja a categoria de parochia no dia 9 de Novembro de 1749, sendo o seu primeiro vigario o padre Antonio José Malheiros.

Parochos da Igreja de S. Sebastião

O primeiro vigario e cura que teve a igreja do Rio de Janeiro (como já vimos) foi o padre Matheus Nunes nomeado pelo bispo D. Pedro Leitão em 23 de Fevereiro de 1567 e tomou posse em 15 de Agosto do mesmo anno.

Capella do Engenho Velho

O Engenho Velho ou Engenho Pequeno foi fundado pelos jesuitas entre os annos de 1572 a 1575, e a capella de S. Francisco Xavier foi erecta pelo mesmo tempo entre o rio e o morro da Babylonia. Ainda existe ao lado direito da igreja a casa de residencia dos padres administradores da fazenda, um pouco deteriorada, cuja casa com alguma despesa ficaria em estado de grande duração,

Igreja de Santa Luzia

A igreja de Santa Luzia é muito antiga, e não se sabe quem primitivamente a fundou. O que é, certo é que ella existia muito antes do anno de 1592 « porque Salvador Corrêa de Sá, capitão e governador desta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro e os officiaes da camara, que este anno de 1592 servimos, etc., » doaram a ermida de Santa Luzia, sita abaixo do baluarte da Sé com toda a fabrica, edificios e bens da igreja aos religiosos capuchos de Santo Antonio, que a não quizeram pela visinhança dos jesuitas. A primitiva igreja de Santa Luzia se arruinou, com o tempo, e a requerimento de Diogo da Silva, foi substituida pela actual, em terreno doado por João Pereira Cabral e sua mulher, junto a praia onde se a vê, (Vid. o meu *Brazil Historico*.)

Ermida de Nossa Senhora do O' na vargem da cidade e o mosteiro de S. Bento 1590

Onde está hoje edificada a capella dos Terceiros do Carmo, existia a ermida de Nossa Senhora do O', que servio de residencia temporaria dos monges beneditinos Fr. Pedro Ferras e Fr. João Borcalho, cujos

religiosos sendo mui bem recebidos pelo governador Salvador Corrêa de Sá e pelo povo, Manoel de Brito e seu filho Diogo de Brito de Lacerda cedeu-lhes a sesmaria que tinham pedido em 11 de Setembro de 1573 que comprehendia o morro, depois de S. Bento, Prainha até ao morro da Conceição, onde existia uma pequena capella, que por algum tempo servio de hospicio aos padres capuchos francezes, cuja doação foi feita em 25 de Março de 1590, e confirmada, depois com outros bens, por elle e por sua mulher D. Thomasia de Vasconcellos, por escriptura de 31 de Janeiro de 1620, sendo então abbade Fr. Placido das Chagas. Sobre o morro de S. Bento, onde construíram a igreja, acharam os frades Bentos, uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, construida por Aleixo Manoel, o velho, natural da ilha Terceira e sua mulher Francisca da Costa, filha de Jordão Homem da Costa, ambos da mesma ilha, e pessoas nobres, com o consentimento de Manoel de Brito e seu filho Diogo de Brito de Lacerda.

Capella de S. Christovão

A capella de S. Christovão foi edificada pelos jesuitas, no anno de 1600 pouco mais ou menos, no alto do campo, que tomou a denominação do orago da capella, com casa de vivenda para recreio dos padres. No anno de 1627 consta do assento do livro da Sé, se ter feito um baptisado de S. Christovão na capella da quinta dos padres da companhia.

Igreja e convento de Santo Antonio

Em 28 de Fevereiro de 1592 Salvador Corrêa de Sá e a camara, como já vimos, doaram a ermida de Santa Luzia a Frei Antonio dos Martyres e Frei Antonio das Chagas, como representantes da Custodia, para convento de Santo Antonio, dando-lhes além da igreja, casa e toda a fabrica, terrenos para cerca, desde a cruz que estava adiante da igreja, até aos chãos de Gonçalo Gonçalves, ao longo da cerca dos padres da companhia, com limite ao forte que está abaixo da Sé ao longo da cerca dos padres da companhia.

Os frades não aceitaram a doação por causa da visinhança dos jesuitas e foram para a Misericordia, e dahi para a ermida de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda edificada antes de 1600 onde hoje está a igreja protestante. Mais tarde Martim de Sá, com a camara e povo no dia 9 de Abril de 1608 doaram aos religiosos Frei Leonardo de Jesus, Frei Custodio, Frei Vicente do Salvador e Frei Estevão dos Anjos, sitio e terrenos para a igreja, convento e cerca no outeiro do Carmo, defronte da vargem, sobre a lagóa de Santo Antonio, o qual morro fôra doado aos frades do Carmo por Chrispim da Costa e sua mulher Isabel de Mariz, em 1531, que o não quizeram. De posse do outeiro do Carmo, deram

começo a Igreja e convento, encarregando-se a camara e o povo de enxugar as aguas ao pé do morro. Os frades fizeram casa no principio da ladeira, onde hoje está parte do edificio da typographia nacional, para a assistencia e oratorio, e onde residiram 7 annos, enquanto trabalhavam na igreja e convento no alto do outeiro, estabelecendo cemiterio para escravos junto a ladeira. Sendo pequeno o local pediram a camara mais terreno, e em 14 de Novembro de 1609 se lhe concedeu mais 18 braças para o lado da rua, sendo hoje esses terrenos o sitio onde está edificado o hospital da Ordem Terceira da Penitencia.

A igreja ficou concluida em 1616. Dizem que no morro de Santo Antonio houve uma ermida de Santa Barbara, e outra de Santa Catharina. Não garanto esta noticia por não achar documento comprobatorio, a de residencia junto a ladeira existio até o anno de 1875.

Igreja e convento de Nossa Senhora do Monte Carmo

Vindo ao Rio de Janeiro em 1590 Frei João Garcez e seus companheiros, religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, foram agasalhados na ermida de Nossa Senhora do O' da vargem, e Salvador Corrêa de Sá, a camara e o povo os acolheram com tanta benevolencia, que em pouco tempo lhes proporcionaram meios de erigirem igreja e convento, recebendo elles de uma mulher a doação da ermida onde estavam, terreno na vargem junto a ermida, e outras doações valiosas, dentro e fóra da cidade. Em 19 de Janeiro de 1619 o governador Ruy Vaz Pinto fez doação aos frades do Carmo de uma ilha, (hoje da Enxada) ao mar da ilha de S. Bento, (hoje das Cobras) para tirarem pedra para as obras da igreja e convento.

Igreja dos Terceiros do Carmo

A Ordem Terceira do Carmo, começou no Rio de Janeiro, em 19 de Julho de 1643, e a igreja com a frente para a rua principiou no dia 16 de Julho de 1755, e ficou concluida em Junho de 1770, sendo benzida á 10 do mez Julho seguinte, custando, a excepção das offertas de materiaes e serviços gratuitos 91:988\$995.

Igreja de Nossa Senhora da Gloria

A ermida de Nossa Senhora da Gloria, do outeiro, foi erecta pelo ermitão Antonio Caminha em 1671, ficando-lhe por detrás algumas casas para romeiros, e como não tivesse patrimonio o Dr. Claudio Gurgel do Amaral, em 30 de Junho de 1699, lhes fez doação do outeiro. Com o correr do tempo, necessitando a ermida de concertos, foi de novo reconstruida em 1714, pelo modo que ainda hoje se vê. Sendo

tomada para residencia dos frades do Carmo o hospicio da Lapa, onde habitavam os barbadinhos italianos foram estes mudados para as casas dos romeiros da Gloria, e d'ahi para Santo Antonio pobre ou dos Pobres e d'aqui para o Castello.

Igreja de Santa Cruz (Igreja da Cruz) e de S. Pedro Gonçalves

Está erecta na rua Direita, e foi levantada sobre as ruinas de um forte, com a invocação de Santa Cruz, o qual foi construido por Martim de Sá em 1605 para fortificação da cidade, cujo Forte o mar arruinou; e forão os militares, auxiliados por Martim de Sá, quem levantarão o templo com a mesma denominação, onde fossem sepultados; e derão começo a obra depois do anno de 1623. A irmandade de S. Pedro Gonçalves, entrando para a igreja da Cruz, lhe foi cedida metade da igreja, para ajudar os militares no culto Divino. Em 12 de Fevereiro de 1716 teve a irmandade por sesmaria, não só o terreno occupado pela igreja, como o que o mar fosse deixando nos fundos do templo.

Por desavenças entre o cabido da Sé e a camara, na noite do dia 28 de Fevereiro de 1673, foi trasida da matriz do Castello e depositada na igreja da Cruz, a Imagem de S. Sebastião, ficando a igreja da Cruz servindo de Sé Cathedral.

Estando o templo ameaçado de ruinas, a irmandade resolveu construir uma nova igreja e no dia 1º de Setembro de 1780, foi lançada a primeira pedra, cuja obra dirigio o brigadeiro José Custodio de Farias, ficando concluida em 1811, assistindo a primeira missa o principe regente do dia 28 de Outubro deste mesmo anno.

Igreja da ordem terceira de S. Francisco

A ordem terceira de S. Francisco da Penitencia do Rio de Janeiro, foi instituida por Luiz de Figueiredo e sua mulher Antonia Carneiro em 20 de Março de 1619, fundando dentro da igreja do convento de Santo Antonio a capella de Nossa Senhora da Conceição, onde celebravão as festas e professavão os irmãos; mas desejando a ordem construir templo proprio, comprarão aos frades por 50\$000, terreno ao lado esquerdo da igreja do convento, em Janeiro de 1653, e derão principio as obras, que forão concluidas com muita morosidade por causa das desavenças entre a ordem e o convento, as quaes só ficarão concluidas em 1773, celebrando-se a primeira missa e festa das Chagas no dia 4 de Outubro de 1773.

Igreja e convento da Ajuda

Logo depois de fundada a cidade no morro de S. Sebastião, na vargem onde está a igreja protestante, no começo da rua dos Barbonos, um devoto de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda, erigiu uma ermida consagrada ao culto da mesma senhora, cuja ermida, foi reedificada pouco antes ou depois de 1600, tendo estado residindo nella os religiosos de Santo Antonio, antes de fundarem o seu convento. Não possuindo a cidade nenhum recolhimento para mulheres, e desejando o povo possuir um, o prelado Francisco da Silveira Dias, e seu irmão Fr. Christovão da Madre de Deus, guardião do convento de Santo Antonio, sabendo que D. Cecilia Barbalho, viuva, filha de Luiz Barbalho Bezerra, desejava entrar para uma clausura, construirão por meio de donativos um asylo junto a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, no dia 9 de Julho de 1678. D. Cecilia com suas tres filhas, e mais duas meninas filhas de pessoas distinctas, forão recolher-se a clausura da Ajuda, sob a denominação de convertidas; e como o povo desejava possuir convento de freiras, pedindo a el-rei licença, foi-lhe concedida pelo alvará de 30 de Outubro de 1694. Embora a presença deste alvará, o convento não se edificou, mas depois a camara e o bispo D. Francisco de S. Jeronymo, fazendo a el-rei novo pedido, foi-lhes concedida a provisão de 19 de Fevereiro de 1705, para a construção do convento e o ingresso de 50 freiras, entrando neste numero algumas das conversas. Em 1745 forão abertos os alicerces da clausura e prompto o edificio, vindo da Bahia quatro religiosas do Desterro, para regularisar o instituto, no dia 3 de Maio de 1750 entrarão as recolhidas para o noviciado, e em 28 de Maio de 1751, procedeu o convento a sua primeira eleição dos cargos, sendo eleita abbadesa a madre Maria Leonor do Nascimento; vigaria a madre Marianna da Penha de França; mestra de noviças a madre Catharina dos Anjos; e porteira a madre Francisca Custodia das Chagas.

Ermida do Desterro no morro do mesmo nome

Antonio Gomes do Desterro, pelos annos de 1620 á 1624, construiu uma ermida na face do norte do morro, consagrada a Nossa Senhora do Desterro, cuja invocação deu o mesmo nome ao morro, e passagem para o corcovado. Este morro do Desterro de 1763 em diante ficou, com a construção do convento de Santa Thereza, pelo conde de Bobadella, com a denominação de morro de Santa Thereza.

Ermida do Menino Deus, em Matacavallos, e origem do convento de Santa Thereza 1742

D. Jacintho Ayres, filha de José Rodrigues Ayres e de D. Maria de Lemos Pereira, em consequencia de seu temperamento nimiamen-

nervoso, e educação mystica do tempo, era sujeita a visões e extases, e por isso vivendo em contemplações, e mui chegada aos exercicios espirituaes, diariamente ia ouvir missa á Ermida do Desterro. Em uma occasião, que voltava da ermida para casa de seus pais, vio no caminho da Bica ou de Matacavallos, a chacara da Bica, com a casa em ruinas, e concebendo logo pensamento de edificar alli uma ermida e casa para os seus exercicios religiosos, foi empenhar-se com seu tio o capitão-mór Manoel Pereira Ramos, irmão de sua mãe, para lhe comprar a chacara da Bica, propriedade do tenente coronel Domingos Rodrigues Tavora, que logo a vendeu em Março de 1742 pela quantia de 2:100\$000. Satisfeita em seus desejos, declarou a seu irmão o padre José Gonçalves Ayres, o empenho de se retirar para aquella chacara, e logo depois foi incerrar-se naquella retiro, levando a Imagem do-Menino Deus. Indo visita-la no dia seguinte o padre José Rodrigues Ayres, pediu ella, que perguntasse a sua irmã Francisca, se queria viver com ella alli, e se resolvendo acompanhá-la, forão viver juntas, tomando Jacintho, o appellido de Jacintho de S. José e Francisca o de Jesus Maria. Juntas assim derão começo a capella do Menino Deus em 1742, com autorisação do bispo D. João da Cruz, em modo que no dia 31 de Dezembro de 1743 foi a ermida benta pelo conego Dr. Henrique Moreira de Carvalho, e no 1º de Janeiro de 1744 o carmelita Fr. Manoel Francisco celebrou a primeira missa.

Constando ao governador Gomes Freire, conde de Bobadella, o proceder santo de Jacintho de S. José e de sua irmã Francisca de Jesus Maria, e das companheiras que tinham consigo tomou a si protege-las, indo com o bispo visita-las, e ficarão admirados da santidade e pobreza em que vivião aquellas virtuosas donzellas, e então resolveu-se o governador Gomes Freire de Andrade, fundar um convento junto a ermida de Nossa Senhora do Desterro, para essas pobres convertidas as quaes o bispo concedeu-lhe o use do habito de estamenha parda e capa de baeta branca.

A primeira pedra do convento de Santa Thereza foi lançada no dia 24 de Junho de 1750, com assistencia do bispo, camara e nobreza, de Jacintho de S. José e suas companheiras; e no dia 24 de Junho de 1751, deixando a ermida do Menino Deus entrarão para o convento de Santa Thereza.

A irmã Francisca de Jesus Maria falleceu em 1748 de uma tísica pulmonar e se acha sepultada, na ermida do Menino Deus. O conde de Bobadella fallecido no 1º de Janeiro de 1763 foi sepultado na Igreja do convento de Santa Thereza, e Jacintho de S. José fallecida em 2 de Outubro de 1768, foi sepultada na mesma Igreja ao lado do fundador do convento Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella.

Quando os nossos litteratos, perlustrarem as chronicas patrias acharão na ermida do Menino Deus, da rua de Matacavallos, assumpto sufficiente para romances historicos, e lindas poesias.

Igreja de Maripocú ou Marapicú

A igreja de Marapicú foi fundada pelo capitão-mór Manoel Pereira Ramos. Não se sabe o anno de sua fundação.

Igreja ou ermida de Nossa Senhora do Livramento

Esta ermida de Nossa Senhora do Livramento foi construida entre os sitios do Valongo e o da Saude em 1670, conforme o testemunho do administrador della o brigadeiro Francisco Claudio Pinto da Cunha e Souza.

Ermida de Nossa Senhora da Saude

Foi construida na chacara onde finda a praia do Valongo (hoje Saude) por Manoel da Costa Negreiros por provisão de 8 de Outubro de 1742.

Igreja do Bom Jesus do Calvario

A igreja do Senhor Bom Jesus do Calvario foi construida no anno de 1719, em seis braças de chão, por José de Souza Barros, lançando-lhe a primeira pedra o bispo D. Francisco de S. Jeronymo.

Quando o fundador trabalhava na sua obra de piedade religiosa, falleceu em 27 de Abril de 1722; mas em seu testamento legou 25 mil cruzados para a sua conclusão, mandando-os entregar ao seu particular amigo o Deão da Sé, Gaspar Gonçalves de Araujo, e mais tres mil cruzados, para os ornatos dos altares e sacristia, no que foi exactamente observado.

Nesta igreja se creou uma irmandade cujo compromisso foi approvedo pela provisão de 3 de Setembro de 1723.

Igreja de Santa Rita de Cassia

A igreja de Santa Rita de Cassia, foi fundada por Manoel Nascimentos Pinto, e sua mulher D. Antonia Maria, antes do anno de 1720, lançando-lhe a primeira pedra o bispo D. Francisco de S. Jeronymo.

Os fundadores tendo concluido a capella-mór, a sacristia e consistorio, depois de principiarem os alicerces do corpo da igreja a entregarão por escriptura de 13 de Março de 1721 ao juiz, escrivão e procurador da festa de Santa Rita, reservando para si o padroado. Foi elevada a freguezia em 30 de Janeiro de 1751.

Igreja de Santa Ephigenia e Santo Elesbão

Esta igreja de Santa Ephigenia foi construida na rua da Alfandega por provisão de 21 de Janeiro de 1747, mas não se sabe quem foi o seu fundador. Ha no tecto da igreja pintada uma grande Tartaruga, a respeito da qual ninguem me soube dar explicação.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Hospicio

Foi esta igreja da Conceição do Hospicio fundada antes do anno de 1720, por Francisco de Seixas de Affonseca, autor do sisma entre os terceiros de S. Francisco. A irmandade era composta de homens pardos, libertos, e se associando com a irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, estabelecida da igreja do convento do Carmo pelos annos de 1663, concederão-lhe um lugar na capella-mór, e metade da igreja por escriptura de 1729, depois de grandes litigios fundirão-se no dia 9 de Março de 1820 em uma só corporação com o titulo de Nossa Senhora da Conceição da Boa Morte.

Igreja de S. Gonçalo Garcia

Esta igreja de S. Gonçalo Garcia foi construida em cinco braças de frente e 21 de fundos de terrenos doados pelo conego Antonio Lopes Xavier, em virtude da provisão de 14 de Dezembro de 1758. Para a construcção do templo concorreu Joaquim da Mota Pereira, com a quantia necessaria, em virtude de uma testamentaria destinada a obras pias.

Igreja da Santo Antonio dos Pobres (*)

Esta igreja de Santo Antonio pobre ou dos pobres foi construida pelo portuguez Antonio José, por antonomasia o Panella, morador á rua da Quitanda. Para o seu empenho comprou um terreno na rua dos Invalidos, e a sua custa, com mais algumas ofertas, levantou a igreja dedicada a Santo Antonio dos Pobres. Em consequencia do terreno não ser solido, por ter sido pantanoso, cahio-lhe a frente da igreja; porém o devoto Antonio Panella a reconstruindo, concluiu toda a obra em 1811. Foi esse Antonio José Panella quem tambem construiu a correntesa de casas terreas da rua da Lampadosa.

AVISO DE 25 DE AGOSTO DE 1831

* Tendo os padres barbadinhos entregue a capella de Santo Antonio dos Pobres, onde interinamente se achavão, manda a regencia, em nome do Imperador, que V. Mce. a deixe sob a administração da irmandade de Santo Antonio dos Pobres, isto sómente no que diz respeito a igreja, sacristia, e tudo o mais que fór indispensavel ao culto; de que lhe fará entrega por um inventario. Deus guarde a V. Mce.—Paço, em 25 de Agosto de 1831 —Diogo Antonio Peijó —r. provedor das capellas.

Capella do Divino-Espirito de Mata Porcos

A capella do Divino Espirito-Santo de Mata Porcos, hoje Estacio de Sá, foi erecta pelos moradores do bairro de Mata Porcos, e Bica dos Marinheiros, nos terrenos doados por Henrique Corrêa da Costa e sua mulher Antonia Maria de Jesus, por escriptura de 27 de Dezembro de 1745, lavrada pelo tabellião Custodio da Costa Gouvêa, e provisão de 20 de Janeiro de 1746. (Vide adiante a Escriptura de doação.)

Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres (já não existe)

A ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, erecta por André Martins de Serqueira por provisão de 22 de Março de 1729, junto ao rio das Laranjeiras, indo para o Cosme Velho, já não existe.

Igreja de S. Pedro (dos Clerigos)

A igreja de S. Pedro, que deu o nome à rua, que antigamente se chamava rua do Carneiro, foi fundada pelo bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe em 1732.

A irmandade dos clerigos de S. Pedro principiou na igreja de S. José em 1639, e teve compromisso em 1661, e por desavensas com a outra irmandade passou-se para a igreja do Parto, por termo de 23 de Setembro de 1705, sendo presente a esta deliberação o bispo D. Francisco de S. Jeronymo; e como este estado era precario, para a irmandade de S. Pedro, deliberou ella fazer casa propria, e para o que o padre Francisco Barreto de Menezes, fez doação a irmandade de dez braças e meia de terreno de frente, com 10 de fundos, na rua do Carneiro, por escriptura de 6 de Outubro de 1732, nas notas do tabellião Manoel Salgado da Cruz, sendo a primeira pedra lançada pelo bispo D. Antonio de Guadalupe no dia 2 de Agosto de 1732.

Capella de Nossa Senhora da Conceição (do bispo)

Miguel de Carvalho de Souza, tendo aforado a camara o morro, (hoje da Conceição) sua irmã D. Maria Dantas, fez junto a casa de moradia uma ermida consagrada a Nossa Senhora da Conceição, cuja ermida doou por escriptura de 6 de Julho de 1665 aos frades do Carmo, para a fundação de um convento de religiosos recoletos de sua ordem, com a condição de dar-se sepultura na capella-mór, a seus filhos, herdeiros e successores, como dizerem 50 missas por sua alma e de seu marido Miguel Carvalho de Souza.

Vindo ao Rio de Janeiro dous frades capuchos francezes, forão residir na casa contigua a capella, onde é hoje habitação dos bispos: mas chegando ordem de Lisboa para sahirem da cidade os ditos frades,

Fr. Matheus fez entrega do hospicio e ermida da conceição ao cabido. séde vacante, no anno de 1701.

D. Francisco de S. Jeronymo, achando a localidade do morro da Conceição mui conveniente para residencia episcopal, mandou construir um palacio para sua residencia e de seus successores. (Vid. com mais circumstancia a minha *Corographia Historica* T. 5º pag. 264).

Igreja de Sant'Anna (*)

A irmandade de Sant'Anna composta de crioulos, veneravão a sua padroeira na Igreja de S. Domingos, e por discordia com os proprietarios, projectarão levantar templo, e obtendo um terreno na chacara do arcediogo da Sé cathedral padre Antonio Pereira da Cunha, no campo de S. Domingos, pela provisão de 30 de Julho 1735, levantarão a igreja, onde collocarão a sua padroeira a Senhora Sant'Anna. Com o correr do tempo se deteriorando a igreja, o brigadeiro Vicente José Velasco Molina a reedificou, tomando-a para orago do corpo militar do seu commando. No seu testamento (1806) fez um legado de cincoenta mil reis á igreja de Sant'Anna para os reparos della.

Em 1853 foi esta igreja demolida bem como o lado direito da rua de S. Diogo, e rua de Sant'Anna para nesse terreno se construir a estação da estrada de ferro de D. Pedro II

* O brigadeiro Vicente José Velasco Molina, morava na rua da Misericordia, quando fez o seu testamento. Era filho do tenente coronel João Pinto Velasco Molina e de sua mulher D. Francisca Xavier Leite, baptisado na Sé do Rio de Janeiro e casado com D. Catharina Maria da Conceição.

Foi sepultado na capella do Campo de Sant'Anna, e determinou que o seu corpo fosse sepultado no seu habito de Aviz, e não queria officio de corpo presente, e sim ser sepultado logo; e que sua mulher e testamenteira lhe mandasse rezar um officio pequeno depois de sepultado. Era irmão terceiro do Carmo, da Misericordia, de S. Francisco de Paula, do Senhor dos Passos e de Santa Luzia.

Deixou a capella de Sant'Anna do campo, 50\$ para as obras mais necessarias da capella.

Deixou uma carta reservada e fechada para ser aberta depois da sua morte e queria o cumprimento da sua execução sem que fosse ella levada a juizo.

Era chefe do 2º regimento de infantaria de linha da cidade do Rio de Janeiro. Deixou todos os seus serviços a sua neta e afilhada D. Rosa e para ella pede a protecção do Principe Regente. O testamento foi feito a 17 de Junho de 1806 e aberto no dia 27 de Julho.

No terreno da chacara que o conego arcediogo Antonio Pereira da Cunha deu para patrimonio da igreja de Sant'Anna morava Miguel de Oliveira Paes.

Igreja de S. Domingos

A igreja de S. Domingos, da cidade do Rio de Janeiro, é muito antiga, e o que se sabe é que a irmandade tinha a imagem primitiva do Patriarcha S. Domingos na Igreja de S. Sebastião do Castello, e d'alli passou á nova casa, que seus devotos lhe construirão no campo e suburbio da cidade, cujo campo pela presença da Igreja ficou conhecido pela denominação de campo de S. Domingos. Esta igreja possuía o patrimonio de 13 ou 14 propriedades, mas hoje nada mais possui, porque as differentes administrações comerão-lhe o patrimonio.

Capella de Nossa Senhora da Conceição da Lagôa

A capella do Engenho já não existe. A actual deve-se ao empenho do Major Victorino do Amaral e outros, a qual serve de matriz de Nossa Senhora da Conceição da Gavea. A Capella do Engenho foi erecta por Diogo de Amorim Soares, fundador do Engenho da Lagoa de Sacopenopan, depois de Rodrigo de Freitas. (Vide Engenhos).

Capella de S. Francisco da Prainha

Essa capella foi construida antes do anno de 1740.

Capella de Nossa Senhora da Madre de Deus

A capella da Madre de Deus foi construida pelo tenente-coronel André Pinto Guimarães, pela provisão de 13 de Julho de 1733, na chacara do Valongo, que passou ao capitão José da Costa Barros.

Capella de Santa Barbara (Ilha de Santa Barbara)

Os jesuitas fundarão na Ilha da Pomba ou Pombeba, uma capella dedicada a Santa Barbara. Não pude saber o anno desta fundação na Ilha da Pomba, que depois tomou a denominação de Santa Barbara.

Capella de S. Clemente

As terras da grande chacara de S. Clemente até Potafogo primitivamente pertencerão desde 1590 a Affonso Fernandes, o qual fallecendo sua viuva Domingas Fernandes em 1606 as transferio de graça á Martim de Sá, e passarão antes de 1675 ao Dr. Clemente Martins de Matos, que fundou a capella de S. Clemente ao lado da casa de moradia. O Dr. Clemente Martins de Mattos foi vigário geral do bispado. (Vid. a minha *Corographia Historica*).

Capella de Santa Thereza

Foi erecta a capella de Santa Thereza, no morro, hoje do Pinto, antes do anno de 1740, suppõe-se, pelo capitão-mór Antonio Ramos dos Reis, para recolhimento de moças.

Nada mais pude saber a respeito do historico desta capella pela indifferença que ha no povo por tudo nosso, porem sei que quem mandou demolir a memoranda capella de Santa Thereza, não ha muitos annos, foi Sabino Nunes Pereira.

Parte do morro de Santa Thereza, hoje do Pinto, pertenceu a D. Adelina Rosa da Conceição, e nos titulos de venda fez a declaração que os terrenos pertencerão as religiosas de Santa Thereza.

A praia Formosa e outra parte do morro pertencerão a João de Almeida Brito.

Capella da Fazenda do Macaco

A capella da Fazenda do Macaco hoje Villa Izabel, foi fundada pelos Jesuitas e nos documentos que possuo, não consta o anno da sua fundação. (Vid. Fazenda ou Quinta do Macaco).

Igreja de Nossa Senhora do Parto

Esta igreja foi mandada construir por João Fernandes, homem pardo, natural da Ilha da Madeira, no anno de 1653. Ella foi incendiada e reconstruida depois.

Capella de Nossa Senhora da Cabeça (Lagoa)

Suppõe-se com muita probabilidade que foi fundada no Engenho de El-rei por Martim de Sá (Vid. Engenho da Cabeça).

Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens

Foi erecta na rua da Alfandega a igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, por provisão de 9 de Janeiro de 1758. Não ha memoria de quem fosse o seu fundador.

Capella de Nossa Senhora da Conceição do Catumby

A capella de Nossa Senhora da Conceição do Catumby, foi fundada por João Francisco da Costa, proprietario de uma chacara no lugar chamado Papa Couves contigua a casa de moradia em Catumby. (Esta capella foi demolida em 1871.)

Igreja de Nossa Senhora da Lampadosa

Esta igreja foi construida em terreno doado pelo senado da camara, a pedido da irmandade da mesma Senhora, que se achava na igreja do Rosario, por provisão de 20 de Dezembro de 1747, e confirmada pela provisão régia de 31 de Maio de 1748. Em 13 de Agosto de 1772 foi bemzida a capella-mór, para os actos religiosos e officios divinos.

Igreja do Senhor dos Passos

A igreja do Senhor dos Passos foi erecta por Ignacio Fernandes Fortes, em virtude da provisão de 30 de Abril de 1737.

Igreja de S. Jorge

Foi a irmandade de S. Jorge, que obtendo local nos terrenos de Pedro Coelho, levantou um barracão, por provisão de 7 de Agosto de 1753, onde collocou a imagem do seu padroeiro, a qual estando em um altar na igreja do Parto desde 1747, foi transferida para sua capella em Maio de 1800.

Eu alcancei esse barracão em forma de capella, que foi demolido em 1855, e no seu local construirão casas que forão logo habitadas por mulheres do mundo equivoco. Antes da demolição da capella passou a imagem de S. Jorge para a igreja de S. Gonçalo no dia 5 de Novembro de 1854.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição da rua do Sabão

A igreja de Nossa Senhora da Conceição, foi erecta na rua do Sabão pelo conego da Sé Antonio Lopes Xavier, por provisão de 12 de Julho de 1757.

Nossa Senhora da Penha, do Rio de Janeiro

Esta igreja fundou-a o capitão Balthazar de Abreu Cardoso, um dos mais nobres moradores desta cidade, (e que deixou grande descendencia,) no cabeço do grande rochedo de sua fazenda. (*Santuário Marianno*, tomo 10, pag. 49.)

Igreja da Boa Viagem

Fundou esta igreja, Diogo Carvalho de Fontoura, morador e natural na cidade de Lisboa, e que fôra provedor da fazenda real, no Rio de Janeiro, muitos annos (*Santuário Marianno*, tomo 10, pag. 35). Suas armas esculpidas na pedra, estavam sobre a porta principal.

Nossa Senhora das Neves, no sítio do Barreto em Nictherohy

Esta igreja, fundou-a o capitão Francisco Barreto, a quem chamavão o *Brocosoco*, nome de um dos dous engenhos que possuia e no qual mais assistia, e que depois passou a seu filho o capitão Diogo Rodrigues, ficando o outro com o segundo filho José Barreto. (*Santuário Marianno*, tomo 10, pag. 38).

Nossa Senhora da Luz, do sítio Itaôca, em Nictherohy

A igreja de Nossa Senhora da Luz, situada na alegre campina de Itaôca, a legua e meia da igreja das Neves e do Barreto, fundou-a o capitão Francisco Dias da Luz, natural da cidade de Faro, que da Bahia fôra com Mem de Sá expulsar do Rio de Janeiro os Francezes, e ahi casou com Domingas da Silveira, filha de um dos primeiros povoadores e conquistadores. Era então possuidor da fazenda em Itaôca (casa de pedra) quando erigiu a linda capella.

Nossa Senhora da Penha em Jacarepaguá

Sobre um monte mui alto e na area que faz em seu cume está a igreja da Penha fundada pelo Rev. Manoel de Araujo que tambem erigira a de Nossa Senhora do Loreto. O Rev. Manoel de Araujo era virtuoso e grande letrado e exercera o cargo de vigario geral do bispado do Rio de Janeiro. (*Santuário Marianno*: tomo 10 pag. 196).

Nossa Senhora da Apresentação, em Irajá

O templo da parochia de Irajá foi fundada pelo Revd. Dr. Gaspar da Costa, que foi o primeiro vigario della, pago por el-rei, por serem delle os dizimos. (*Santuário Marianno* tomo 10 pag. 191).

Nossa Senhora da Conceição, em Irajá

No caminho de Inhatima para o passo de Irajá estava a fazenda de Manoel Netto, com a igreja dedicada a Senhora da Conceição por Antonio Barbosa Calheiros primeiro possuidor da dita fazenda. (*Santuário Marianno* tomo 10 pag. 190).

Igreja da Lapa dos Mercadores

Foi erecta esta igreja em virtude da provisão de 4 de Novembro de 1747 pelo corpo dos mascates do Rio de Janeiro.

Igreja de S. Francisco de Paula

Veja-se a historia da igreja de S. Francisco de Paula no meu *Brazil Historico*.

Capella de S. Diogo

Esta capella foi erecta muito antes de 1710, por Diogo de Pina, no morro que depois tomou a denominação de morro de S. Diogo. A capella ainda existe,

Capella de Santa Thereza

A capella de Santa Thereza, no morro do mesmo nome hoje morro do Pinto, foi um recolhimento de mulheres, e não ha muitos annos, foi ella demolida por Sabino Nunes Pereira.

Capella de Nossa Senhora dos Navegantes, na rua de Itapirú (Catumby)

A capella de Nossa Senhora dos Navegantes, da rua de Itapirú no Catumby, foi erecta nos terrenos da chacara de D. Anna Barbara de Lossio e Seilbtz, sendo lançada a primeira pedra no dia 6 de Novembro de 1870 e ficarão concluidas todas as obras no dia 13 de Março de 1872; e no dia 20 do mesmo mez foi ella benzida pelos reverendos guardião de Santo Antonio Fr. João Baptista de Santa Rosa, e padre-mestre Semião José de Nazareth.

Capella de Nossa Senhora da Conceição de Nictherohy

Esta igreja foi fundada por Antonio Corrêa de Pina, (Pai Corrêa) homem pardo, por esmolas, nos terrenos doados pelos herdeiros de Martin Affonso de Souza (Aragibóia). Sabe-se que esta igreja existia antes do anno de 1633.

Igreja de S. Domingos (Nictherohy)

No terreno de S. Domingos, houve um engenho de assucar, e supõe-se pertencer a Domingos de Araujo, que foi quem erigio a capella de S. Domingos antes do anno de 1662.

**Nossa Senhora da Conceição de Irajá
Rio de Janeiro**

No caminho de Inhaúma para o passo de Irajá, estava a fazenda de José Pacheco, onde se via a ermida de Nossa Senhora da Conceição fundada por Ignacio Rangel Cardoso. (*Santuário Marianno*: tomo 10, pag 190).

Nossa Senhora do Bom Successo, em Inhaúma

Pelo lado da praia e a pouca distancia da igreja da Conceição, estava o engenho do tenente-coronel Felix Corrêa com uma antiga igreja de Nossa Senhora do Bom Successo que por Felix Corrêa foi reedificada. (*Santuário Marianno*: tomo 17, pag. 189).

**Nossa Senhora da Conceição de Inhaúma.
Rio de Janeiro**

Lê-se no livro 10 pag. 138 do *Santuário Marianno*, que na povoação de Inhaúma (em 1714) havia igreja curada sob a invocação da Conceição, fundada (diz antigamente) pelo capitão Custodio Coelho, em uns engenhos que tinha naquelle sitio.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Jurujuba

Esta igreja de Nossa Senhora da Conceição do Sacco da Jurujuba foi levantada em 1716 pelo padre Manoel Rodrigues, em virtude da provisão de 16 de Julho de 1711.

Igreja de S. Francisco Xavier da Jurujuba

Esta igreja foi levantada pelos jesuitas, em 1676, senhores da fazenda da Jurujuba.

Igreja de S. João de Meriti

Não se sabe quem a fundou; mas foi elevada a freguezia pelo alvará de 26 de Fevereiro de 1647.

Igreja de S. João de Carahy

A igreja de S. João de Carahy, foi fundada em 1660 em um morro proximo ao campo da fazenda do Mosteiro de S. Bento, perto da Praia de Carahy.

Esses terrenos forão primitivamente dados em sesmaria a Pedro Martins Namorado e a José Adorno em 9 de Setembro de 1570, e foi elevada a igreja de S. João de Carahy á freguezia por alvará de 18 de Janeiro de 1667.

Engenhos primitivos do Rio de Janeiro

1º *Engenho d'El-Lei*. El-rei mandou ao governador Dr. Antonio Salema, levantar um engenho de assucar, o que teve lugar entre os annos de 1575 á 1576, cujo engenho supponho ser o de Nossa Senhora da Cabeça, conhecido nessas eras por engenho de el-rei, que foi melhorado por Martin de Sá entre os annos de 1603 a 1604, não mui distante do engenho de Nossa Senhora da Conceição da Lagôa ou de Sacopenopan levantado por Diogo de Amorim Soares. Sendo Martin de Sá muito devoto de Nossa Senhora da Cabeça, mandou edificar no engenho uma capella da invocação da mesma senhora e mousenhor Pizarro, diz que tendo Martin de Sá, instituido um altar na igreja matriz de S. Sebastião onde collocou a imagem de Nossa Senhora da Cabeça, com permissão do prelado Aborim, para subsistencia do seu ornato e festejo annual, lhe fez patrimonio, por escriptura de 24 de Abril de 1618, passada pelo tabellião Antonio de Andrade do dote perpetuo de 20\$000 annuaes que correspondia a vinte tarefas de canas no engenho da Tijuca, de seu pai Salvador Corrêa de Sá.

D'aqui se vê que se o engenho de el-rei ou de Martin de Sá fosse de sua propriedade, dotoria a Imagem de Nossa Senhora da Cabeça col-

locada na Sê com as vinte tarefas de canas do seu Engenho da Cabeça e não nas do engenho de seu pai fabricado na Tijuca.

2º *Engenho.* O segundo engenho foi o engenho d'agua do visconde d'Asseca, levantado nas terras da Tijuca pelos annos de 1582 a 1584 por Salvador Corrêa de Sá, que ultimamente passou ao commendador Francisco Pinto da Fonseca Telles.

3º *Engenho da Lagôa de Sacopenopan, ou de Diogo de Amorim Soares, ou de Sebastião Fagundes Varella ou de Rodrigo de Freitas.*

Diogo de Amorim Soares, pelos annos de 1596 a 1598 obtendo terras proximas a Lagôa de Secopenopan, hoje de Rodrigo de Freitas, construiu um engenho a que denominou de Nossa Senhora da Conceição da Lagôa, pouco adiante do Jardim Botânico, que depois passou a seu genro Sebastião Fagundes Varella; por quanto nos documentos antigos do senado da camara do Rio de Janeiro, verifiquei, conforme o livro primeiro dos aforamentos a pag. 54 v. que Diogo de Amorim Soares em 27 de Novembro de 1609 aforou mais 300 braças de terras com vertentes para a Tijuca a razão de 600 rs. de fóro contiguas ao seu engenho; e em 27 de Junho de 1909 (mesmo livro a pag. 148) fez elle o seguinte requerimento:

Diz Diogo de Amorim Soares, que elle estava de caminho para fóra desta cidade, com mulher e filhos, e por este respeito queria traspasar umas terras do conselho desta cidade, sitas na Lagôa, junto as terras do seu engenho, que ora tinha dado em dote, e vendido a seu genro Sebastião Fagundes Varella, com obrigações originaes; que para isso lhe dessem licença conveniente, com as confrontações, lugar e parte aonde estavam, conforme ao titulo e carta, que tinha das taes terras, também passadas pelos officiaes dos annos passados, que servirão então nesta camara, e pelo que lhes pedia, lhe desse esta licença, para o fazer, e lhe mandasse passar nova carta, etc.»

A camara concedeu a transferencia, mandando passar nova carta de aforamento em favor do novo senhor do Engenho da Lagôa, Sebastião Fagundes Varella.

No dia 22 de Junho de 1609 obteve Fagundes Varella, carta de aforamento por dois 9 annos das terras desde o Pão d'Assucar até Copacabana, não só para pastos dos gados do seu engenho, como para fazer lenha e tirar madeiras para as obras que tivesse de fazer, cujas terras vindo da Praia Grande ou Praia da Lagôa ou da Copacabana ião 400 braças para o sertão.

Por outro a aforamento de 23 de Setembro de 1611, obteve mais terras, sendo por esse tempo vereadores da camara: Chrispim da

Cunha, Amaro de Barros, Bartholomeu Vaz, João de Souza Pereira, Antonio Francisco Porbem, e porteiro da camara Manoel Fernandes.

Em 19 de Julho de 1617, requereu as terras da Copacabana para augmento de pasto dos gados. (L. 1º fl. 44.)

Sebastião Fagundes Varella, possuindo por alguns annos o Engenho de Nossa Senhora da Conceição da Lagôa, depois o vendeu a Rodrigo de Freitas Mello e Castro, natural de Guimarães, em Portugal, o qual enriquecendo no Rio de Janeiro, retirou-se para o lugar do seu nascimento e como tivesse um filho e depois netos com o seu proprio nome de Rodrigo de Freitas, que ficarão na administração do engenho, perdeu os nomes primitivos e ficou conhecido com o de Engenho da Lagôa de Rodrigo de Freitas.

Com a trasladação da córte de Lisboa para o Rio de Janeiro, desejando o Principe Regente erigir uma fabrica de polvora, outra de fundição de peças de artilharia e um Horto Botânico fóra da cidade, por decreto de 13 de Junho de 1808, mandou desapropriar e encorporar o engenho e terras da Lagôa de Rodrigo de Freitas, aos proprios nacionaes para nelle se estabelecerem as fabricas e procedendo-se a avaliação da propriedade, e a indemnisação, e julgada a adjudicação por sentença de 30 de Janeiro de 1810, foi paga a quantia de 42:193\$430, valor da fazenda da Lagôa de Rodrigo de Freitas, e incorporada aos proprios nacionaes com as formalidades da lei de 28 de Setembro de 1835 (*).

Os terrenos pertencentes ao engenho da Lagôa de Rodrigo de Freitas, pagavão 6\$400 de fóro ao senado da camara.

Engenho de Francisco Caldas, na Lagôa de Sacopenopan

Francisco Caldas, cavalleiro fidalgo da casa de el-rei em 21 de Dezembro de 1616 requereu ao conselho da camara, augmento de terreno em patrimonio, como se concedeu a Martim de Sá, para acrescentamento do engenho de assucar que elle fundou nas terras da Lagôa, onde vivem terras foreiras ao conselho por tres nove annos, e como desejava fazer partidos de canas com alguns lavradores, do dito engenho, e lhe convindo haver largura pede ao conselho deferimento.

A existencia desse engenho está lembrada no L. 1º dos aforamentos pag. 77 v. mas não indica o lugar, e nem o fim que teve.

(*) Todos os documentos da desapropriação e escripturas foram examinados por mim no Thesouro Nacional e pelo conselheiro Dr. José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, e com escrupuloso cuidado conferidos.

Engenho do Caminho da Bica, hoje rua de Matacavallos

(Vid. rua de Matacavallos).

Engenho de Francisco Gomes em terras da Lagôa de Saopenopan

Francisco Gomes, em 6 de Maio de 1614, pede mais terras de aforamento ao conselho, para ter mais largura que as que possuía Antonio de Almeida, porquanto tendo feito casas, roças, canaviaes e um engenho bem acabado, como então se costumão á fazer para os assu-
cares.

Nesta sua petição queixa-se ao conselho que indo os officiaes da camara a sua fazenda lhe derribarão o engenho, obrigando-o com pena de seis cruzados a não levanta-lo de novo e nem delle usar, impedindo-lhe que não plantasse mais canna nas ditas terras, e de se mudar dentro de anno e dia, senão perderia as bemfeitorias, etc., e lhes pedia que fossem vér o dito sitio e lhe mandassem levantar as penas que lhe impozerão; e lhes pede licença para armar um trapiche.

Engenho do licenciado Jorge Fernandes da Fonseca de Azevedo

O licenciado Jorge Fernandes da Fonseca de Azevedo comprou um engenho de assucar a Simão Leitão, e no 1º de Março de 1620 pediu aforamento das terras por mais dois nove annos. Este engenho se desmanchou, mas os documentos do tempo não indicão o lugar da sua existencia

Engenho Velho, ou Engenho Pequeno dos padres da companhia de Jesus

O Engenho Velho foi fundado pelos padres da companhia entre os annos de 1580 a 1583.

Engenho no Andarahy-Pequeno

Em Andarahy-Pequeno, no lugar correspondente a Fabrica das Chitas, entre os annos de 1612 a 1620, Martim Corrêa Vasqueanes levantou um pequeno engenho de assucar que não durou muito.

Engenho no Andarahy-Grande

O provedor-mor da fazenda real Dr. Francisco Cordovil de Siqueira e Mello, herdou de seu pai um pequeno engenho, situado em terras dos jesuitas no Andarahy-Grande.

Engenho Novo dos padres da companhia

Este engenho foi fundado no começo do anno de 1700, pelos padres da companhia em consequencia dos muitos rendeiros que tinha o Engenho Velho e crescimento da povoação da cidade.

Moinho de vento em Cosme Velho

A marquezia Ferreira, viuva de Christovão Monteiro (donatario das terras da Guaratiba) em 1576, teve nas terras da Carioca, (Cosme Velho) casa com roça de legumes e um moinho de vento para arroz e milho, que depois ficou conhecido pela denominação de moinho Velho. Esta fazenda e moinho que ella herdou de seu marido, passaram a Maria Soares, dona viuva, em 17 de Agosto de 1610.

Engenho de assucar em Catumby-Grande

Francisco da Costa Homem, herdando de seu pai um pedaço de terras, em Catumby-Grande, levantou uma moenda de assucar, e pediu ao conselho em 4 de Setembro de 1615 o outeiro (hoje de Santos Rodrigues) para tirar lenha. Em 1621 comprou a casa e as bemfeitorias de José de Castilho, e os sobejos entre a olaria dos frades do Carmo (hoje chacara da Casa de Correção) cortando pelo cume do Outeiro, aguas vertentes, até onde está a chacara do céu e pela fronteira ao longo do caminho que vai para a cidade.

Oliarias

No caminho da Carioca a mão direita, em 15 de Abril de 1611, Antonio Simões comprou a José de Souza, o moço, que a teve em dote dada pelo padre Balthazar, a olaria e forno, e pediu mais 300 braças de terrenos no sitio da Carioca ao conselho, entre as roças de Simão Pires e Francisco Viegas.

OLARIA nas terras da Carioca, de Themê Antunes, que passou em Janeiro de 1615 a Fernão Dolores; e em 18 de Fevereiro do mesmo anno pede ao conselho nova carta de aforamento por tres nove annos.

OLARIA de Manoel Fernandes, porteiro, no caminho da Carioca, que vai para o morro do Leri-pe, o qual pediu ao conselho mais 300 braças de terras, começando d'onde esteve a olaria de Martim de Sá (Caminho Velho de Botafogo) e depois passou a Diogo Fernandes, tambor, e o que se achar para o sertão. Este pedido foi feito em 30 de Maio de 1615.

OLARIA de Martim de Sá, nas proximidades do Rio Carioca, 1607.

OLARIA DE LOUÇA E TELHA, na Carioca pertencente a Manoel Antunes, 1615.

OLARIA de Matheus da Costa Morim, no sitio da Carioca, que passou a Simão Pires, pedreiro, o qual pedio em 3 de Novembro de 1611 ao conselho da camara nova carta de aforamento.

OLARIA DOS FRADES DO CARMO, em Catumby-Grande, no caminho que vai para S. Christovão, do lado esquerdo, onde esteve o moinho pertencente a Salvador Corrêa de Labanda, cuja olaria cedeu em 1607 aos frades do Carmo para fazer tijolos e telhas para as obras do convento. Esta olaria e moinho erão nos terrenos hoje da Penitenciaria, onde existe uma vertente de boa agua.

OLARIA de João Martins Castelhamo, no Barro Vermelho hoje caixa d'agua de Maracanã.

Existe ainda uma casa muito antiga perto da caixa d'agua do Barro Vermelho, pertencente hoje a Antonio Bernardo de Araujo Coimbra, que a comprou aos herdeiros do conego Freitas, que se supõe ser a residencia de João Martins Castelhamo. Na chacara e por detraz da casa ainda existem pequenas casinhas que indicão construcção muito antiga.

Lagoas desde a Gavea até o Engenho Novo

Todos os grandes vales desde a Gavea até ao Engenho Novo erão pantanosos, com restingas e lagoas. As lagoas erão:

LAGOA DE SACOPENOPAN, antes de 1598 e depois de Diogo de Amorim Soares, conservou este nome; mas de 1609 em diante tomou o nome de Lagôa de Sebastião Fagundes Varella; e de 1660 até os nossos dias Lagoa de Rodrigo de Freitas.

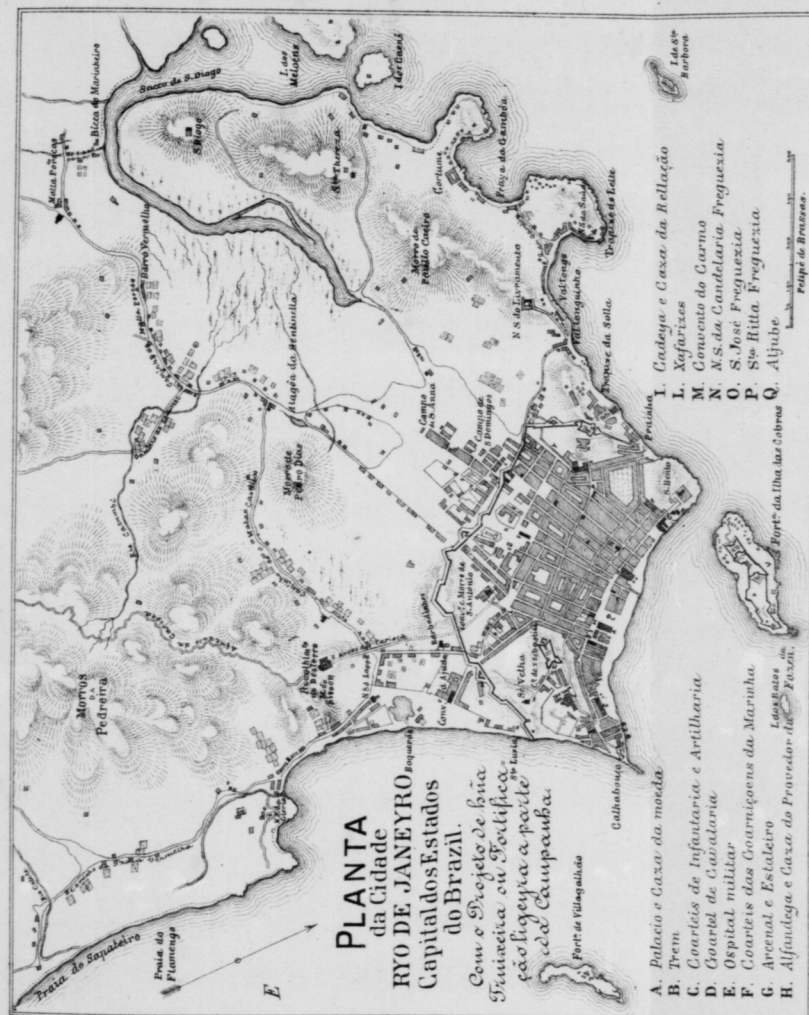
LAGOA DE BOTAFOGO. Até 1769 entre as ruas de Olinda e a de D. Carlota existia uma lagoa com communicação com o salgado. Os terrenos adjacentes forão aforados em 28 de Fevereiro de 1636, a Leandro de Labanda e depois passarão a Salvador Corrêa de Sá por tres nove annos.

LAGOA DA CARIOCA, no largo hoje do Machado.

LAGOA DO BOQUEIRAO, ou das Mangueiras, que foi aterrada com o barro do monte das mangueiras, onde está o Passeio Publico.

LAGOA DO DESTERRO, entre os morros do Desterro e o de Santo Antonio (1643) onde hoje é a rua dos Arcos.

LAGOA DE SANTO ANTONIO. Esta lagoa que comprehendia hoje a rua da Guarda Velha até a fralda do monte de Santo Antonio em 9 de Janeiro de 1610 foi aforada por Antonio Felipe Fernandes, por 18500 ao anno, onde seu pai havia 35 annos cortia couros, para nella lavar



Mappa levantado pelo Sargento mór de Engenheiros Francisco José Roscio em 1769 e apresentado em 6 de Janeiro de 1770 com o fim de se levantar uma Trinchera de fortificação a Cidade do Riode Janeiro.

o seu pellame (cortume) pois estando toda devoluta, só servia para nella se banharem os gentios.

LAGOA DA SENTINELLA ou do Capueirussú, ou de João Martins Castelhamo. Os terrenos adjacentes para o lado de Catumby forão aforados a André Fernandes e a Luiz Gonçalves; e da banda de baixo para o mangue, em 1617 forão aforados a Gregorio Ribeiro e a Manoel Fernandes, a confinar com o bananal de Alvaro Pires e Aleixo Manoel (o moço). A Lagoa da Sentinella ia desde a rua do Conde até a rua do Senado, perto do morro de Pedro Dias.

LAGOA de S. Christovão ou de Belchior Fernandes foi aforada em 24 de Setembro de 1611 a Diogo Dias, official de sapateiro para cortume de couros. (Estas noticias as extrahi dos antigos livros manuscritos do senado da camara.)

Cortumes

CORTUME, proximo a ladeira de João Homem. Zacarias de Freitas tinha um cortume, que passou em 10 de Maio de 1611 a Amaro Gonçalves.

CORTUME de José da Costa. No principio da rua Estreita de S. Joaquim proximo a rua da Valla, houve um cortume entre os annos de 1700 a 1750 pertencente a José da Costa. (Vid. a minha *Corographia Historica*.)

CORTUME na Lagôa do Capueirussú depois Lagoa da Sentinella, em 1611, pertencente a Gregorio Ribeiro, onde cortia o seu pellame.

CORTUME de Antonio Felipe Fernandes, na Lagoa de Santo Antonio, (Vid. Lagôa de Santo Antonio) hoje terrenos da Guarda Velha.

CORTUME de Diogo Dias, sapateiro, na Lagôa de S. Christovão em 1611.

Primeira casa de pedra e cal que houve no Rio de Janeiro, e noticia dos primitivos povoadores desde a Gavoa até Inhaúma

A primeira casa de pedra e cal que se construiu no continente da bahia do Rio de Janeiro foi junto ao morro do Lery, hoje da Viuva, mandada levantar por Villegaignon em 1556 para o fabrico de tijolos, e nella residiu o historiador Lery e seus companheiros em 1558, e o primeiro juiz ordinario desta cidade, nomeado por Mem de Sá, Pedro Martins Namorado em 1568.

O primeiro morador que teve na enseiada de Botafogo, com casa e grangeiria, foi Francisco Velho. Esta praia de 1568 a 1580 era chamada praia de Francisco Velho; e depois praia de João de Souza Botafogo, que casou com uma filha de João Escocio, o qual se afazendou na praia do Botafogo.

O Dr. Antonio Salema, governador do Rio de Janeiro, mandou

fazer uma casa de recreio, conhecida por Paço do Dr. Salema, nas proximidades do Rio Carioca em 1574 ou 1575, com algumas plantações e hortaliças. (E. ined.)

Moradores da Gavea para a cidade

Antonio Calheiros, parece que foi em 1568, o primeiro morador da Gavea, por que em um requerimento feito ao conselho desta cidade, em 23 de Dezembro de 1609, diz que tendo 600 braças de terras na Gavea ha mais de 35 annos, pede fóro em fateosim por tres vidas, com limite ao norte ao engenho de Diogo de Amorim Soares.

Balthazar de Seixas Rabello, aforou 200 braças, entre Felippa Gomes e o engenho de Diogo de Amorim Soares, partindo ao norte com ribeiro.

Felippa Gomes, dona viuva de André Leão, em um requerimento que fez ao conselho em 7 de Outubro de 1610, diz que morando na Lagôa, em 300 braças de frente e 600 para o sertão antes que se fizesse o engenho de el-rei (1574 ou 1575) como consta da carta de aforamento de Francisco Gomes, mestre de obras que foi, pede nova carta de aforamento, e que o conselho lhe mande de novo medir as suas terras por que morando ella entre os dous senhores poderosos de engenhos, estes lhe tem tomado por força suas terras. Felippa Gomes em 17 de Dezembro de 1612, traspassou a sua fazenda a Martin Barbosa.

João Martins Monteiro, pedreiro, em 7 de Setembro de 1612, traspassou 250 braças de terras na Lagôa, á Sebastião Antunes que forão de Manoel Pinto, ourives, desde um ribeiro, onde se acabava a medição do engenho de Martin de Sá, com 600 braças de fundo ao longo do caminho que vem do engenho para cidade. Estas terras Manoel Pinto, ourives as possuia muito antes do anno de 1606.

Domingas Mendes, dona viuva de Affonso Fernandes, em 19 de Dezembro de 1609, trasferiu de graça as terras que seu marido tinha aforado em 1606 a Martin de Sá com o fóro de 18000 ao longo do mar salgado, pela praia de João de Souza Botafogo, intestadas com as de Martin de Sá morador nesta cidade, e para o sertão, costa brava, cujas terras, diz o auto, traspassa á Martin de Sá, graciosamente, sem interesse, para beneficio do seu engenho, com as mesmas obrigações. Erão vereadores do conselho nesses tempos: Manoel dos Rios; Antonio de Marinos, Aleixo Manoel (o moço) e Alvaro Pires: (Livro primeiro dos aforamentos.)

Antonio Pacheco Calheiros, em 27 de Julho de 1611 requer ao capitão-general D. Francisco de Souza, a confirmação da posse das terras que seu sogro André Leão possuia entre a Gavêa e a Lagôa onde tinha canaviaes e mantimentos.

Mestre Bernardo, em 19 de Dezembro de 1612, arrendou por nove annos 100 braças de terras que estavam devolutas no fim da praia na Lagoa onde vive Balthazar de Azevedo, até junto ao morro (hoje da Saudade) vindo da Lagoa para a cidade.

Martin Barbosa transferio em 1640, 200 braças de terras na Lagoa a Pantaleão de Oliveira.

Possuião terras aforadas na Lagoa de Saepeneapan ou de Diogo de Amorim Soares, Pedro da Pena, Pedro de Souza e Pedro Fernandes de Mello.

Em 1506 o conselho da camara concedeu aforamentos de terras a Martin Gonçalves e a Balthazar de Seixas para formarem chacaras e fazerem plantações nas proximidades dos engenhos de Digo de Amorim Soares, depois de Rodrigo de Freitas, e o de Nossa Senhora da Cabeça ou de el-rei.

Moradores primitivos da Carioca ao Catteto

Estevão Gomes Coutinho traspassou a Balthazar 300 braças de terras em quadro que obteve em 1603 e pede novo aforamento ao conselho por tres 9 annos. Era escrivão do conselho Gonçalo de Aguiar.

Antonio Francisco, passou em 13 de Março de 1610, 300 braças em quadro de terras aforadas por tres 9 annos á Christovão Mendes, na Carioca, indo da cidade para o nascimento da agua da Carioca, a mão direita, a razão de 320 a braça.

Amador Jorge, aforou em 19 de Abril de 1607 ao conselho, 150 praças de terras indo da cidade a mão esquerda para o rio Carioca ao longo do caminho para a serra, e para o sertão outro tanto, de onde começo as de Estevão Gomes. Era secretario do conselho Gonçalo de Aguiar.

Manoel Caldeira, vendeu a Antonio Francisco umas bemfeitorias que tinha nas 150 braças das terras da Carioca, cujas terras houve de Miguel Gomes Bravo, em 16 de Dezembro de 1610.

Gonçalo de Barros, traspassou 200 braças de terras na Carioca, a Amaro de Barros em 22 de Dezembro de 1610.

Balthazar Coutinho, tinha 300 braças de terras na Carioca, ao longo do rio, partindo com Christovão Mendes, da banda do sul onde tinha lavouras e bemfeitorias e sua fazenda montada e o novo aforamento lhe foi passado em 17 de Março de 1612.

Salvador Peixoto em 25 de Dezembro de 1610, traspassou a Caetano Simões, pedreiro, por tres 9 annos, 100 braças de terras, desde o ribeiro da Carioca do lado de leste, perto do Outeiro de Lerype, correndo rumo direito até chegar á fonte de Antonio Salema que está no caminho que vai desta cidade para a Carioca.

Diogo Fernandes, tambor, em 14 de Agosto de 1510 aforou 150 braças de terras em Lerype, que ficão entre Domingos Ayres e Manoel Fernandes Baldaia. Era escrivão Gonçalo de Aguiar.

Manoel Fernandes, traspassou 300 braças de terras na Carioca, com suas bemfeitorias em 12 de Março de 1610 a Francisco de Pina.

Francisco Viegas, aforou 500 braças de terras devoluto em matto no caminho da Carioca, passando a pedreira, correndo até a dada de Salvador Peixoto, e o que houvesse de sertão por tres 9 annos em 22 de Dezembro de 1609.

Francisco Gomes, aforou na Carioca 200 braças em quadro, por dois 9 annos de terras que estavam, junto a Estevão Gomes, que ora erão de Balthazar Coutinho, para a banda do sul, sendo-lhe passada a carta em 3 de Julho de 1610.

Francisco Gomes Govêa, aforou 150 braças de terras de frente com igual numero de fundo, na Carioca, abaixo do lavadouro, correndo o caminho de carro de frente de José de Castilho, partindo com Pedro Pina para ter nella suas plantações, em 20 de Julho de 1520.

Francisco Machado, pede 150 braças de terras de aforamento, na Carioca nas ilhargas de seu sogro Alvaro Pires, e a cartade aforamento lhe foi passada em 22 de Fevereiro de 1626.

Francisco Fernandes Godinho, pede nova carta de aforamento das terras da Carioca, que lhe traspassou Balthazar de Azevedo, e lhe foi passada a carta de aforamento em 9 de Maio de 1520.

Francisco de Pina, fidalgo da casa real diz ao conselho, que não tendo terras para lavrar pede terras na Carioca, onde acaba a dada de Francisco Viegas, pelo caminho até a serra, e a carta de aforamento lhe foi passada em 10 de Janeiro de 1612.

Antonio de Almeida, em 14 de Abril de 1612, traspassou a sua fazenda da Carioca á Francisco Gomes.

Amaro de Barros Pereira, traspassou a sua fazenda na Carioca a Francisco Ramiris e a concessão foi confirmada em 6 de Fevereiro de 1613.

João Migueis, aforou por traspassó que lhe fez Amaro Simões um pedaço de terras no Cattete pelo ribeiro que vem dar na barra do Lerype, rumo direito até chegar ao paço que foi de Antonio Salema e tudo até o cume da serra em 9 de Maio de 1615.

João de Souza, o moço, e Jeronymo de Souza, pedem novo aforamento das terras da fazenda que fora de seu pai João de Souza Botafogo, e a nova carta foi passada no dia 10 de Setembro de 1616.

Mathias de Almeida, traspassou 300 braças de terras na Carioca, onde tinha a sua fazenda por dois 9 annos á Francisco da Costa Homem, e a nova escriptura foi dada no dia 3 de Abril de 1615.

Luiz de Figueiredo em 27 de Outubro de 1633 traspassou a sua fazenda na Carioca a Manoel Jorge, cujas terras intestavão com as de Maria Soares, e as possuia desde 1618.

Martim Gonçalves, aforou 200 braças em quadro, na Carioca (hoje Cosme Velho) nas cabeceiras que forão de Maria Soares e Jeronymo Sanches que pertem de uma banda com os padres de Jesus, e da outra com Salvador Corrêa de Labanda em 1610.

Salvador Peixoto, traspassou as terras da sua chacara na Carioca a Manoel Fernandes Cavaco em 10 de Março de 1610.

Manoel Jorge, aforou 150 braças de terras no nascimento da agua da Carioca (Cosme Velho e Pendura Saia) a mão direita onde tinha já plantado roças, partindo com seu pai Amador José, cuja carta lhe foi passada em 25 de Agosto de 1610.

Por esses tempos possuirão terras na Carioca alem de outros Pedro de Souza, Pedro de Pina e Pedro Fernandes de Mello.

Catumby

Os primeiros foreiros de Catumby, de 1580 a 1590 forão Salvador Corrêa de Labanda, para os lados do Engenho Velho, João Martins Castelhana, Simão Leitão, Jeronymo Sanches, Belchior Ferreira, Pero Vasconcellos e Izabel Rodrigues e outros

Do lado da cidade (Catumby Pequeno) forão possuidores de terras Alvaro Peris, Pero de Souza, Luiz de Mello Camello.

Vargem e campo da cidade até 1700

A vargem da cidade se estendia até as olarias de João Martins Castelhana, e dos frades do Carmo ao Barro Vermelho (hoje caixa d'agua entre Estacio de Sá e casa da correcção; e estavam occupada por chacaras de legumes e hortaliças, etc., e tanto que em 19 de Fevereiro de 1612, Diogo de Pina, traspassou á Manoel da Rocha as terras e bemfeitorias e plantações que tinha na vargem da cidade.

Esta vargem era por esses tempos um vasto campo pantanoso, com alagadiços, mangues e restingas.

A cidade do Rio de Janeiro em 1770, chegava até a rua, hoje da Vala: Os pretos da irmandade de Nossa Senhora do Rosario, sempre maltratados pelos padres da Sé, obtendo terreno extra-muros da cidade, e permissão para fazerem a sua igreja, em 1705 lançarão os alicerces da igreja de Nossa Senhora do Rosario, no campo da cidade, o qual sendo demarcado pelo senado da camara em 1 19, ficou deste anno em diante, da face da rua da Conceição para baixo, isto é, dos terrenos do conego Antonio Lopes Xavier, o que fez a igreja de Nossa Senhora da Conceição da rua do Sabão, com a denominação do campo do Rosário.

Os irmãos da irmandade de S. Domingos, também não tinham igreja para o culto do seu Padroeiro e entre os annos de 1678 a 1700 fundando na vargem da cidade a sua igreja toda, a area do terreno do campo do Rosario para o sertão, ficou com a denominação de campo de S. Domingos.

O que acontecia com as duas irmandades acima mencionadas também se dava com a Sant'Anna, e desejosa de ter a sua igreja obteve do arcediogo da Sé Cathedral Antonio Pereira da Cunha, alguns braços de terras em sua chacara para a fundação da igreja de Sant'Anna, e em virtude da provisão de 30 de Julho de 1735, fundarão a igreja de Sant'Anna, e em presença deste templo ficou toda a vargem da parte occidental e oriental (hoje, do campo de S. Domingos, para o sertão com a denominação de Campo de Sant'Anna).

Em 1748 o senado da camara dando terreno a irmandade de Nossa Senhora da Lampadosa para construir no campo de S. Domingos a igreja por sua Padroeira, de 1772 em diante, foi denominada a area do terreno da igreja da Lampadoza até a rua do Senado pela denominação de campo da Lampadosa.

Este campo da Lampadosa foi ainda dividido, por que vindo para o limite da rua do Cano residir, em barracões os ciganos que vierão da Bahia, a area desta rua até aos fundos da rua do Senado ficou com a denominação de Campo dos Ciganos.

Portanto a antiga vargem da cidade do Rio de Janeiro, da rua da Valla para o sertão ficou dividido em quatro campos 1º campo do Rosario; 2º o campo de S. Domingos; 3º o campo da Lampadosa; 4º campo dos Ciganos.

Campo de Nossa Senhora do Rosario

Neste campo de Nossa Senhora se fundou em 4 Abril de 1757 a igreja de S. Francisco de Paula. (Vid. o meu *Brazil Historico*). A Sé Nova cuja primeira pedra para os alicerces foi lançada no dia 20 de Janeiro de 1749, cuja obra seguindo até a altura onde hoje se vê a cimalha da Escola Polytechnica, ficou suspensa e nella se gastarão 49:752\$384, depois foi o edificio acabado com repartimentos e convertido em Escola Polytechnica. (Vid. adiante, governo de Gomes Freire de Andrada).

Até 1823 o lado opposto da praça de S. Francisco de Paula, era um monturo e cercado de taboas para guardar os cavallos do esquadraão de cavallaria estacionado no largo do Rocio, hoje Praça da Constituição.

Topographia da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, capital do imperio do Brazil.

A cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, capital do Brazil desde o dia 7 de Março de 1808, era tão circumscriita que em 1700, escassamente chegava a sua povoação á rua da Valla, sendo as ruas da Ajuda e Piolho em 1722, extra muros da cidade; e as mesmas ruas, com grandes intervallos de casas. Todo o mais territorio que forma hoje os cinco grandes valles, onde está assentada a cidade, era occupado por chacaras, roças e estabelecimentos ruraes e industriaes. De 1808 á 1863 a povoação cresceu muito, em modo que na minha *Corographia Historica* discrevendo os limites da cidade do Rio de Janeiro tomei a de S. Clemente ao Pedregulho.

Actualmente (1879) tem a povoação crescido por demais, e por isso podemos considerar a cidade assentada sobre 5 *bacias* ou *Valles* assás extensos, que são: 1º o *Valle da Lagoa de Rodrigo de Freitas*; 2º o *Valle de S. Clemente e Botafogo*; 3º o *Valle das Laranjeiras e Cattete*; 4º o *grande Valle da Cidade antiga*; 5º o extensissimo *Valle do Engenho Novo*.

O 1º *Vallê ou Bacia da Lagoa* de Roarigo de Freitas, formado pelas montanhas e Serras da Gavea desde os dous Irmãos, o monte do Leblon, Copacabana, o Corcovado, os montes da Saudade, até os do major Braga, é lindo e imponente, pela disposição das montanhas e grotões que o formão, principiando no alto da Boa Vista, entre os penhascos dos Dous Irmãos e o morro do Serpa Pinto. Na garganta formada por esses penhascos e morro, existe um sobrado isolado pertencente ao dr. Gama Rosa, que, qual atalaia, descobre o grande valle da Gavea, no mar, pelo lado do sul, e pelo do norte o valle da Lagoa de Rodrigo de Freitas.

A subida pelo alto da Boa Vista é suave e não fatiga; e perto dos Dous Irmãos, se observa um grotão, e um morro sem nome nos mappas Topographicos. Perto desse lugar passa um riacho que vem das montanhas e a face da estrada ou rua, existe uma nasçença *d'agua ferruginosa* que se perde nos matos. Pelo costão da Serra da Tijuca ha varios morros que se podem nominal-os para facilitar o estudo topographico, como os que correspondem as chacaras dos drs. Percira Rego, Duque Estrada, Barão de Pindaré, a extinta fabrica de salitre onde foi a casa do Engenho de N. S. da Conceição do Rodrigo de Freitas, o de N. S. da Cabeça e outros que não tem nome. Por detraz do morro da cabeça e da bella chacara de Francisco Rodrigues Ferreira, se vê um extenso grotão que vai terminar na base do pico do corcovado.

Do lado opposto ou do mar veem-se os morros correspondentes ás chacaras do Padua e do Corte Real; o da Olaria e o das Tres vendas. A

parte baixa do grande valle da Lagoa chegava muito acima da rua actual, em modo que o antigo caminho para a Gavea era em curva, seguindo para o intervallo que faz os Dous Irmãos e o morro de Serpa Pinto que constitue o alto da Boa Vista.

Entre a Península da Copacabana, e a montanha do Leme, está a enseiada da Copacabana; e esses terrenos forão pastos dos gados de Sebastião Fagundes Varella que os aforou ao conselho da camara em 1603.

A Lagoa de Sacopenopan ou de Diogo de Amorim Soares, depois de Rodrigo de Freitas, é mui piscosa; e é formada das aguas pluvias que descem das montanhas e serras e alimentada pelos torrentes dos rios branco, macaco, da cabeça, e de varias nascenças de diferentes chacaras.

Antes de chegar ao Jardim Botânico, e por detraz da chacara de Francisco Rodrigues Ferreira, está a capella de N. S. da Cabeça mandada construir por Martim de Sá, no engenho de Elvei. Seguindo-se pela rua, ve-se a casinha da antiga chacara da Floresta, que dá entrada para a grande fazenda dos macacos pertencente ao padre Domingos Alves da Silva Porto e D. Castorina.

Para adiante do Jardim Botânico onde forão as extintas fabricas da polvora e do salitre foi o lugar do Engenho de N. S. da Conceição da Lagoa fundado por Diogo de Amorim Soares, que passou a Rodrigo de Freitas; e mais adiante para os lados dos Dous Irmãos houve outro engenho de que já fiz menção.

Do alto da Boa Vista até a Piassaba, a parte baixa do grande valle da Lagoa foi quasi todo aterrado, em modo que a rua do Jardim Botânico está assentada no aterro da Lagoa, como aconteceu ao proprietario Francisco Rodrigues Ferreira, faser dentro d'agua a frente do muro de sua chacara por diante da qual tinha de passar a rua.

A Lagoa formava duas penínsulas que forão alteadas e augmentadas; a da chacara da Bica, pelo proprietario Ribeiro Carvalho, onde edificou uma excellente casa de vivenda, e a que fica para o lado do Jardim foi melhorada pelo proprietario Francisco Rodrigues Ferreira, por lhe ficar em frente da chacara. Além destes, Antonio Martins Lage, e dr. Luiz Faro, o conselheiro João Soares Lisboa Serra, formarão bonitas chacaras promovendo com isto, o augmento da povoação da Lagoa, sendo a melhor de todas a chacara de Martins Lages, com a qual tem despendido grosso cabedal.

O conselheiro Lisboa Serra foi quem construiu a casa, e formoseou a chacara denominada da Fonte da Saudade. Na extrema do Norte, e faze da rua, da chacara de Manoel dos Santos Dias, que foi do Noronha, havia uma grande pedra sobranceira ao caminho que causava susto aos

que por baixo della passavão, receiosos que desabasse, a qual o povo denominava *pedra santa*. E' tradição, que El-rei D. João VI quando ia ao Jardim Botânico, embarcava na Piassaba, em escaler, para lhe não passar por baixo. Desta pedra não existem vestigios, e creio, que foi quebrada para as obras e muralha da rua do Jardim Botânico. Em 1855 foi nomeada pelo senado da camara uma commissão composta do conselheiro João Duarte Lisboa Serra, José Antonio de Oliveira e Silva e José Hermenegildo Xavier de Moraes, que por si e seus amigos, melhoraram a rua do Jardim Botânico, distinguindo-se neste empenho o commissario Oliveira e Silva, e por sobre todos o cidadão francez Augusto Lehericy.

Na rua da Boa Vista, passando as Tres Vendas, foi construida a capella de N. Senhora da Conceição da Lagoa, hoje parochia da Gavea, e para a edificação della, muito concorreo o major Victorino do Amaral, antigo morador do lugar.

Primitivos povoadores da Lagoa

Os primeiros moradores da Lagoa de Rodrigo de Freitas e suas immediações forão André de Leão e sua mulher Felippa Gomes, desde 1570, Bartholomeu de Seixas, Diogo de Amorim Soares e sua familia, desde 1598 a 1600; os empregados do engenho de El-rei, de 1576 em diante; Sebastião Fagundes Varella e sua familia, Martim Barbosa, Francisco Caldas, Manoel Pinto, ourives, desde 1606 e outros.

O 2º valle ou *Bacia de S. Clemente e Botafogo* é formado pela linha de morros do Leme, Babylonia, Telegrapho, S. João, Urca, Pasmado, do Visconde da Gavea ou Piassaba, ficando-lhe em frente o morro do Lehericy. Estes 2 morros formão a garganta por onde se atravessa para o valle da Lagoa de Rodrigo de Freitas. Na fralda do morro da Piassaba houve um fortim do qual ainda se veem os restos de suas ruinas. Seguem circulando o valle de S. Clemente as montanhas do mesmo nome, as do Botafogo, feixando o valle do Botafogo o conhecido morro do Lery ou da viuva. Em todos os mappas topographicos a maior parte desses montes não tem nomes, devendo ter para se determinar as localidades.

Antigamente o grande valle de S. Clemente e Botafogo era formado de brejos e alagadiços, com restingas, havendo em Botafogo até 1780 uma Lagoa, que se communicava com o Salgado, correspondendo hoje da ruas de Olinda e á de D. Carlota.

Este valle se estende do alto da Piassaba, Praia Vermelha, até o morro da Viuva, tendo no meio o morro de S. Clemente e do Suzano, ou do Mathias (Mathias Francisco Marques, de 1821 em diante) e o do Brocô ou do cemiterio de S. João Baptista.

O primeiro morador da Ensejada do Botafogo foi *Francisco Velho*, que vindo de S. Vicente com Estacio de Sá em 1566, creou a irmandade de S. Sebastião na igreja de palha da Villa Velha, e terminada a guerra no dia 20 de Janeiro de 1567 contra os francezes e Tamoyos, foi a fazer-se na Ensejada, que tomou o seu nome. Supponho que a casa egrangaria de Francisco Velho, foi na praia do Susano, hoje praia da Saudade, com caminho a beira do brejal que existia, até Copacabana.

Indo tambem a fazer-se na Ensejada de Francisco Velho, para o lado da cidade, João de Sousa Botafogo, de 1590 em diante, perdeu o nome que tinha, e ficou com a denominação de *Ensejada de João de Sousa*, e mais tarde com a denominação de *Praia de Botafogo*.

Como já vimos, o grande valle de S. Clemente, primitivamente pertenceo a Affonso Fernandes, cujas terras sua viuva Domingas Mendes, em 22 de Dezembro de 1609, as doou á Martim de Sá, para augmento do seu engenho; porém antes do anno de 1660, indo afazendar-se o dr. Clemente Martins de Mattos, proximo a sua moradia construindo uma capella, dedicada ao santo do seu nome, a grande area onde fundou a sua fazenda, em virtude do templo ahi edificado, tomou a dedominação de Fazenda de S. Clemente. (Vide a historia desta fazenda na minha *Corographia Historica*).

Com a morte do dr. Clemente Martins de Mattos em 1702, passou a fazenda de S. Clemente á Pedro Fernandes Braga, e a D. Barbora Corrêa Xavier, e por estes foi ella dividida; e de uma porção já retalhada, o capitão Francisco de Araujo Pereira, comprou a João Teixeira Malheiros, e a sua mulher, por escriptura de 24 de Novembro de 1785, e a Antonio de Lima Velloso, por escriptura de 31 de Março de 1798 e formou a *Fazenda da Olaria*, que passou a Joaquim Marques Baptista Leão, por morte de Francisco de Araujo Pereira.

Para o lado da Piassaba, Agostinho Faria Monteiro, comprou aos herdeiros da fazenda de S. Clemente uma porção de terrenos, e os vendeo em 1806, a Manoel Pinto Monteiro Dias (ourives,) por antonomasia o *Banana podre*.

Onde está o *cemiterio de S. João Baptista*, foi o pasto da fazenda da olaria, cujos terrenos a Santa Casa da Misericordia os houve de José Eugenio Martins de Oliveira, por troca de 3 moradas de casas numeros 55, 57 e 57 a, na rua da Passagem em 3 de Julho de 1759.

Os terrenos fronteiros a Serra, erão de José Amaro, e dahi até a rua da *Real Grandeza*, erão do padre Seabra, pertencente a familia Lyrio, e dahi para diante ao *Banana podre*, e proximo ao morro da Piassaba pertence ao visconde da Gavea.

A fazenda de S. Clemente fazia frente com o Botafogo, servindo-lhe de extremo a estrada da Lagoa, até intestar com a chacara do Crotó, correndo para o Sertão, aguas vertentes; e pelo lado de Copacabana, lhe servia de divisa todo o lado direito do *Brocó*, correndo por este lado, aguas vertentes, vindo a pertencer-lhe directamente tanto a *chacara do Br. có*, como a da *olaria*, a intestar com o *Brocó* aguas vertentes.

O areal na vargem do outeiro do Suzano, em busca da Praia vermelha ou antiga *praia de Santa Cecilia*, era em tempos remotos, a grangearia de Antonio Cosme; e a de Copacabana em 1787, passou a Manoel Francisco de Mendonça.

A estrada que dava transito para Copacabana e Lagoa de Rodrigo de Freitas, era pela beira do mar salgado, seguia pelo lado do brejal de S. Clemente, e ia sahir na Piassaba á desembocar na Lagoa.

Dahi beirava a Lagoa e seguia para o engenho da Cabeça ou de Martim de Sá, ou endireitura para a Gavea.

O terreno onde está o palacete e chacara do Marquez de Abrantes, Miguel Calmon du Pin e Almeida, disse-me um velho amigo, o respeitavel Coelho Gomes, que foi comprado por 200\$ por João Valentim de Faria Lobato, para construir o palacete de residencia a rainha D. Carlota.

Este palacete tocando em partilhas ao imperador D. Pedro I, por sua morte sendo avaliado com as casas contiguas em 40 contos, e os terrenos da chacara em 7 contos, foi tudo comprado pelo Marquez de Abrantes, onde residio por alguns annos, e ahi falleceu.

A grande casa e chacara, que se vê na praia do Botafogo, perto da em costa do Corcovado, foi edificada muito antes da vinda da corte portugueza para o Rio de Janeiro, pelo commerciante José Ferreira da Rocha.

Antigamente existio na praia do Botafogo uma grande furna, a que os indios chamavão *Itaoca* (casa de pedra), que com o tempo desapareceo.

O rio *Brocó* que nasce nas immediações da *Fazenda da olaria* e se despeja no Salgado dava navegação até perto da fabrica da olaria, e por elle descia os botes carregados de tijollos e telhas, que o capitão Francisco de Araujo Pereira enviava para a cidade.

O caminho da cidade para S. Clemente e Lagoa, era pela beira da praia, até a Gloria, e continuava chegando ao Botafogo, seguia pela praia da Ensejada, e finda ella tomava-se pela encosta da Serra, até a Piassaba. Na Lagoa de Rodrigo de Freitas, muitas vezes o transito era interrompido pelas enchentes do rio da Cabeça.

O morro da viuva chamava-se na fundação da cidade (1568, morro

do Lery (e por corrupção do *Lerippe*) navegador e historiador francez, o qual residio 2 mezes na casa de pedra, perto deste morro, muito antes que Sebastião Gonçalves (*Sapateiro*) aforasse 100 braças de terras, ao conselho da camara, em 13 de Setembro de 1608, ao longo da praia da *Carioca*, hoje do Flamengo, antes *praia do Sapateiro*, para fazer casa egrangeria, entre o morro do Lery, e a ribeira da *Carioca*.

Os frades de S. Bento em 29 de dezembro de 1618, aforarão 20 braças do mencionado morro a 200 reis a braça, por anno, para tirarem pedra para as obras da Igreja e Mosteiro; mas o conselho, em consequencia do morro ser grande, aforou com os terrenos adjacentes em tempos remotos á diversas pessoas, para olarias e estabelecimentos rurales.

Não ha muitos annos foi o morro do Lery comprado por Joaquim José Gomes de Barros, que sendo casado com D. Joaquina Figueiredo Pereira de Barros, delle ficando viuva, e lhe cabendo o morro em partilha, com o tempo foi perdendo o nome primitivo de, *Lerippe* e ficou com o de morro da viuva, com o qual é hoje conhecido.

3.º *Bacia ou Valle das Langeiras e Catete* é formado pelos morros da Viuva, monte das Bastos, montanhas do Conde d'Eu, costão das montanhas das Larangeiras, Corcovado, D. Martha, Pedreira da Gloria u do Quintanilha, e a da Candelaria, o morro do Pinheiro, o do dentista Carvalho, o morro da Gloria, o do Barão de Monserrate, vindo terminar no morro do Sisson, onde começa a rua da Lapa.

Na base do pico do Corcovado nasce o *Rio Carioca* ou *Catete*, e modernamente rio das Larangeiras, por tres vertentes, que se reúnem um pouco abaixo, e do lado direito proximo ao lugar denominado *Jardim*, recebe um carrego, e mais abaixo, do lado esquerdo, recebendo outro, entra no salgado, na praia do Sapateiro ou do Flamengo.

O Valle das Larangeiras, foi um brejal, e no lugar onde está hoje a igreja matriz da Gloria, e suas immediações, foi um alagadiço.

Defronte do morro da Gloria, entre as ruas de Santo Amaro, e D. Luiza, foi o Sesmaria de 100 braças de frente e sertão, concedida em 1578 a João Lopes, que passando com o tempo á outros, por fim tornou-se propriedade do coronel José Bento, pai de D. Luiza Clementina da Silva Couto.

Os terrenos do Boqueirão da Gloria, hoje rua da Gloria, pertencerão ao capitão Francisco de Araujo Pereira; e a grande chacara onde se abrirão a rua da companhia da Copacabana e outras, pertenceu ao Brigadeiro Manoel Alves da Fonseca Costa. (Vid a minha *Corographia Hist.*)

Os terrenos da rua do Passeio em frente do convento da Ajuda

pertencerão a D. Januaria Archanja Tavares, sogra do fallecido conselheiro Mariano Carlos de Souza Correa.

Duarte Corrêa Vasqueanes em 16 de Novembro 1646, em officio ao conselho da camara lhe diz, que tratando de um *Dique*, desde a Praia da Carioca (flamengo) pelo sopé de N. S. do Desterro, ou por junto de N. S. da Ajuda e sapé do Convento de Santo Antonio até ir sahir na Prainha, se offerecendo grandes difficuldades pelo excessivo gastos e falta de negros, para o trabalho, fez a Fortaleza da Lagem, pela muita benevolencia dos officiaes de alvenarias, e auxilios dos Jesuitas, pedelhe para vender os chãos da praia, para as despezas della.

A Marqueza Ferreira ou antes o Juiz Christovão Monteiro, forão os primeiros povoadores das Larangeiras e Cosme Velho, onde estabelecerão um moinho de vento; seguindo-se outros de quem fiz menção.

Largo do Machado (hoje Praça do Duque de Caxias recebeu o nome que ainda o povo conserva, de um individo de appellido Machado, que nelle construindo 2 ou 3 moradas de casas terreas, onde está hoje a Estação Central dos carris de ferro de Botafogo para sua moradia e ter em outra talho de carnes verdes, o que supponho, existir o mesmo açougue, na do n. 227, contigua ao sobrado da Estação, e como esse terreno era um campo encharcado e cercado por espinhos, e o estabelecimento mais notavel e conhecido era o *açougue* do Machado, ficou o campo d'ahi indiante denominado pelo povo, por campo do Machado.

Toda praia do Flamengo pelo annos de 1770, estava despovoadá; e a povoação esparça da cidade, terminava onde está hoje o palacete do Bahia, depois visconde de Mirity. No morro da Gloria, a excepção das casas dos romeiros, só havião dous moradores, e a casa da antiga chacara do Rangel. O morro de D. Martha, recebeu este nome em tempos mui remotos, e me não foi possivel, nas investigações que fiz, saber quem fosse essa senhora que deu o seu nome ao penhasco das Larangeiras e Cosme Velho.

Os terrenos do caminho velho de Botafogo, hoje rua do Senador Vergueiro em 1616, pertencerão a João Rodrigues, cujas terras passarão á seu genro João Fagundes Paris, tendo antes ahi perto do rio Carioca, Martim de Sá, uma olaria.

A rua ou antigo caminho das Larangeiras e Cosme Velho, começou a ser povoado muito antes do anno de 1585, e terminava na subida da ladeira do Cosme Velho, onde é a chacara de D. Deolinda Emelia Cesarina Rosa, que a herdára de seu pai o major João Cezarino da Roza. Mais para cima ha uma chacara ou lugar denominado *Pendurasaia*, a qual por este nome ficou conhecida, por que as lavadeiras estendendo a mais roupa pelo chão, penduravão as saias que lavavão

na cerca, e como isto era costume dellas, para ser designado o lugar, o povo apellidou de chacara do *Pendura-saia*.

E' aversão que pude obter.

No fim do caminho das Larangeiras, em tempos remotos morava um velho chamado *Cosme*, e como era morador antigo, para se discriminar as localidades ficou o fim do caminho das Larangeiras com a denominação de *Cosme Velho*.

Os terrenos de Cosme Velho, além de outros, pertencerão ao capitão-mór Manoel de Souza, que os comprou em 1803, a Joaquim Gonçalves dos Santos, e este em 1770 os comprou a José de Azevedo Santos.

Antigamente a rua da Gloria chamava-se caes da Gloria, ou Boqueirão da Gloria; e a rua da Lapa em 1760, não existia, por que o transito se fazia, por detraz da igreja da Lapa visto que a praia de Santa Luzia se estendia até o começo da estrada do Catete. Nesse anno de 1769, se traçou a linha para um *novo aqueducto* das aguas do rio Carioca para a cidade, que se não levou a effeito.

Os terrenos da rua de D. Luiza pertencerão a chacara do coronel José Bento da Silva, pai de D. Luiza Clementina da Silva Couto, e foi nelles, que Braz Carneiro Leão em 1814, aforou 28 braços de frente a viuva do coronel José Bento da Silva, mãe de D. Luiza, para construir a casa nobre, que passou ao dominio de Manoel Lopes Bahia depois visconde de Mirity.

A rua do Catete teve diversos nomes na sua longura: chamava-se *Boqueirão da Gloria*; mais adiante *Largo do Valdetaro*, mais adiante *campo das Larangeiras*, e depois *Largo do Machado*.

A muralha do rio Carioca ou das Larangeiras, foi mandada fazer pelo senado da camara em 1850; e a ponte chamada do Catete, foi construida por uma companhia que recebia 40 rs. por cada animal que por ella passava; mas tornando-se esta contribuição odiosa, por fim sendo indemnizada ficou o transito livre.

No morro do Inglez (Jorge Britaim) o ministerio das obras publicas mandou fazer uma excellente caixa d'agua, para o abastecimento dos moradores das Larangeiras e Catete.

A casa nobre, hoje n. 186 placa, (antigo 140) e grande chacara que terminava na rua do Quintanilha ou da Pedreira, pertencerão ao Duque e Duqueza de Cadaval, que as compraram em 1817 a Mathias da Silva Pinto e sua mulher, cuja casa e chacara em 27 de Agosto de 1827 venderão ao Marquez de Jundiaby, por 15 contos de réis em duas letras pagaveis, cuja chacara o Marquez a murou em 1828, e por seu fallecimento os herdeiros do Marquez, venderão em 9 de Abril de 1838 por 37:150\$000 a D. Carolina Fausta Pinto Ferreira, viuva de Antonio

José da Costa Ferreira, cuja viuva casando-se com o commendador Soler este á sua custa, rasgando a sua grande chacara fez e calçou a rua *Dous de Dezembro*, e a entregou a camara, desinteressadamente, para a servidão publica, e pelo que recebeu sinceros agradecimentos da municipalidade.

Na rua das Larangeiras, por detraz da chacara do João Coelho Gomes, existe um morro, que o povo chamava do *mato do Balaio*, por que sendo roubado a uma escava um *balaio* cheio de objectos de valor e nas buscas que se derão achando-se o *balaio* escondido nos matos desse morro, ficou de então em diante conhecido pela denominação de morro do *mato do Balaio*.

Junto a estrada, hoje rua das Larangeiras, no lugar da Ilha Secca, terrenos de José Antonio Lisboa, por antonomasia o Piolho Viajante, existia um corpolento Jequitibá, conhecido por Pão Grande, e a Camara o mandou derrubar para alargar a rua, o dono da arvore José Antonio Lisboa se oppoz, e depois de grandes contestações, foi a arvore cortada, e como os amadores das novidades se interessassem pela resistencia, depois da arvore deribada fizeram poesias analogas e uma musica sentimental, denominada *a saudade do Pau grande* que ainda se canta.

A *chacara no chamado Jardim das Larangeiras*, onde está colocado o estabelecimento da Lavandaria foi de João Dias do Valle, que a comprou a Sebastião Alves e a sua mulher Maria de S. Caetano em 1763 por Escripura publica, passada pelo Tabellião Custodio Dias de Govea, em 8 de Maio de 1763, a qual por fallecimento do proprietario João Dias do Valle, o testamenteiro Domingos de Souza Marques, vendeu por Escripura publica de 24 de Dezembro de 1764, a Domingos Rabello Pereira, passada nas notas do Tabellião Ignacio Teixeira de Carvalho, com casa de vivenda, senzallas, plantas de mandioca, bananeiras, e outras arvores fructíferas, 4 escravos de serviço, já ladinos sendo 3 machos e uma fema de nome Thereza, um cavallo sellado e enfreiado, um forno de cobre de fazer farinha, e toda a ferramenta de enchadas, machados, fouceas, facões para serviço, cuja chacara com tudo isso, foi vendida ao mencionado Domingos Rabello Pereira por 1:120\$000.

Esta chacara confinava d'uma banda com a chacara de Braz Gonçalves Portugal, e de outra com a do sargento-mór Fernando José de Mascarenhas, fazendo testada para o Rio das Larangeiras, e pelos fundos aguas vertentes para o sertão. (Escripura no Cartorio do Tabellião Silveira Lobo).

4^o *Grande valle da cidade*. O grande valle da cidade antiga, começa na chacara do Sisson, onde principia a rua da Lapa, e seguindo

pela praia de Santa Lusía, morros da cidade, praia da saúde, Sacco do Alferes, Praia Formosa, Ponta do Cajú, Retiro Saudoso, S. Christovão, Pedregulho, morro do Telegrapho, morro do Gongá, Serra do Andarahy, Corcovado, vem terminar em Santa Thereza. Entre os morros de Santa Thereza, S. Antonio e o campo da Ajuda, até o anno de 1783 existio o monte das Mangueiras, que formava parte da chacara do conde de Babadella, cujo monte foi arrasado para aterrar a Lagoa do Boqueirão, onde hoje está assentado o Passeio Publico.

Dentro do valle estão os morros de Santo Antonio, antigo *monte do Carmo*, o de S. Sebastião; o morro de S. Bento, antigo morro de Manoel de Brito, o da Conceição, o do Livramento, o do Mirante, ou antigo *morro de Paulo Caetano*, o da Providencia o de Santa Thereza, que se divide em morro do Pinto, e em morro do Nheco. O morro de Santa Theresa da parte do Norte chamado morro do Nheco pertenceo ao capitão Manoel Francisco de Sousa Lima, e por sua morte o herdeiro vendeo a Antonio Tertuliano dos Santos.

A parte do sul foi comprada por Antonio Pinto Ferreira, a D. Adelina Rosa da Conceição, e os titulos de venda declarão que o morro pertenceo ao convento de Santa Thereza. Antonio Pinto Ferreira foi quem abriu as ruas no morro em 1858, e edificou os primeiros predios, a caixa d'agua, e retalhou os terrenos para edificação dos predios. Do morro de S. Diogo, continuando pelo mar salgado, temos o morro dos cemiterios, o do Cajú, o de Maroim, o de S. Christovão, o do Farro Vermelho, onde está a caixa d'agua. O morro do Gongá com o dos pretos forros, formão a garganta ou passagem para o Engenho Novo, onde logo adiante fica a chacara do Bom Retiro, pertencente ao visconde do mesmo nome. Entre os morros do Gongá e o do Telegrapho, passa o caminho de ferro em S. Francisco Xavier.

Segue-se o morro do Murumby, os morros do visconde de Alcantara. Na Serra do Andarahy o morro do Cruz, dividindo em cima o Andarahy grande, do Andarahy pequeno, nas proximidades da Tijuca; o morro do Leite, que faz o mesmo, e fórma o começo da corcilleira da Tijuca. O morro do Ferreira, 1º proprietario da chacara do Vintem.

No Rio Comprido, os morros do Bispo, e bem o grande penhasco escavado chamado a pedra do Bispo; os que correspondem as diversas chacaras; o morro do Mendes que separa no mesmo valle as ruas de D. Alexandrina e a do Estrella; a da conciliação, o morro da chacara das Palmeiras, do conselheiro Sousa Fontes.

No meio da grande area do valle do Andarahy, se vém os morros do Macaco, do Maxiel, o da Babylonia, o do conde de Lages, que pas-
sou as irmãs de caridade.

Chacara das Mangueiras.

O capitão Antonio Rabello Pereira vendeo a chacara das Mangueiras, com suas pertenças, ao governador Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadella, por 15 mil cruzados, em dous pagamentos iguaes, sendo o primeiro á vista, por escriptura de 18 de Novembro de 1750, cuja chacara foi de Manoel Ferreira Porto, e arrematada em praça no juizo dos residuos por 3 mil cruzados. Ainda existe a casa primitiva da chacara, e a cocheira de que resa a escriptura, no começo da ladeira que sóbe para Santa Theresa, e olha para a rua de Matacavallos.

A chacara das Mangueiras, comprehendendo os terrenos por onde forão abertas as ruas das Mangueiras, hoje do Visconde de Maranguape, Lapa, Santa Theresa e suas travessas, indo alem do Morro de Mr. Sisson, pertenceo ao capitão Antonio Rebello Pereira, cuja chacara vendeo no dia 16 de Novembro de 1750 ao governador e capitão general Gomes Freire de Andrada por 15 mil cruzados, com casas cocheira e mais pertenças, cuja chacara o capitão Rebello a havia comprado a Manoel Ferreira Porto, no juizo da provedoria, por 3 mil cruzados, e lhe pertencia por meiação dos bens de seu casal, com sua mulher D. Elena de Araujo. A escriptura foi lavrada pelo tabellião Manoel da Silva Coutinho. O conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada, comprou esta chacara, e beneficiou os terrenos da Guarda-Velha para patrimonio do convento das religiosas de Santa Theresa do Rio de Janeiro.

Escriptura de venda.

Escriptura de venda de uma chacara e suas pertenças, sita ao pé do Outeiro de Nossa Senhora do Desterro, que faz o capitão Antonio Rebello Pereira ao Illm. e Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão general desta cidade e Minas, por seu bastante procurador, obrigações e quitação.

Sabão quantos este publico instrumento de escriptura de venda de uma chacara e suas pertenças, obrigações e quitação virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1750, aos 16 dias do mez de Novembro do dito anno, nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em os palacios do Illm. e Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão general desta capitania e Minas, d'onde eu tabellião ao diante nomeado fui chamado; e sendo ahi apparecerão presentes partes havidas e ajustadas, a saber: de uma banda como vendedor o capitão Antonio Rebello Pereira, cavalheiro professo na ordem de Christo, e da outra

pela praia de Santa Lúcia, morros da cidade, praia da saúde, Sacco do Alferes, Praia Formosa, Ponta do Cajú, Retiro Saudoso, S. Christovão, Pedregulho, morro do Telegrapho, morro do Gongá, Serra do Andarahy, Corcovado, vem terminar em Santa Thereza. Entre os morros de Santa Thereza, S. Antonio e o campo da Ajuda, até o anno de 1783 existio o monte das Mangueiras, que formava parte da chacara do conde de Bobadella, cujo monte foi arrasado para aterrar a Lagoa do Boqueirão, onde hoje está assentado o Passeio Publico.

Dentro do valle estão os morros de Santo Antonio, antigo *monte do Carmo*, o de S. Sebastião; o morro de S. Bento, antigo morro de Manoel de Brito, o da Conceição, o do Livramento, o do Mirante, ou antigo *morro de Paulo Caeiro*, o da Providencia o de Santa Thereza, que se divide em morro do Pinto, e em morro do *Nheco*. O morro de Santa Theresa da parte do Norte chamado morro do *Nheco* pertenceo ao capitão Manoel Francisco de Sousa Lima, e por sua morte o herdeiro vendeo a Antonio Tertuliano dos Santos.

A parte do sul foi comprada por Antonio Pinto Ferreira, a D. Adeline Rosa da Conceição, e os titulos de venda declaram que o morro pertenceo ao convento de Santa Thereza. Antonio Pinto Ferreira foi quem abriu as ruas no morro em 1858, e edificou os primeiros predios, a caixa d'agua, e retalhou os terrenos para edificação dos predios. Do morro de S. Diogo, continuando pelo mar salgado, temos o morro dos cemiterios, o do Cajú, o de Marcim, o de S. Christovão, o do Farro Vermelho, onde está a caixa d'agua. O morro do Gongá com o dos pretos forros, formão a garganta ou passagem para o Engenho Novo, onde logo adiante fica a chacara do Bom Retiro, pertencente ao visconde do mesmo nome. Entre os morros do Gongá e o do Telegrapho, passa o caminho de ferro em S. Francisco Xavier.

Segue-se o morro do Murumby, os morros do visconde de Alcantara. Na Serra do Andarahy o morro do Cruz, dividindo em cima o Andarahy grande, do Andarahy pequeno, nas proximidades da Tijuca; o morro do Leite, que faz o mesmo, e fórma o começo da corcilheira da Tijuca. O morro do Ferreira, 1º proprietario da chacara do Vintem.

No Rio Comprido, os morros do Bispo, e bem o grande penhasco escaldado chamado a pedra do Bispo; os que correspondem as diversas chacaras; o morro do Mendes que separa no mesmo valle as ruas de D. Alexandrina e a do Estrella; a da conciliação, o morro da chacara das Palmeiras, do conselheiro Sousa Fontes.

No meio da grande area do valle do Andarahy, se vêem os morros do Macaco, do Maxiel, o da Babylonia, o do conde de Lages, que passaram as irmãs de caridade.

Chacara das Mangueiras.

O capitão Antonio Rabello Pereira vendeo a chacara das Mangueiras, com suas pertenças, ao governador Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadella, por 15 mil cruzados, em dous pagamentos iguaes, sendo o primeiro á vista, por escriptura de 18 de Novembro de 1750, cuja chacara foi de Manoel Ferreira Porto, e arrematada em praça no juizo dos residuos por 3 mil cruzados. Ainda existe a casa primitiva da chacara, e a cocheira de que resa a escriptura, no começo da ladeira que sóbe para Santa Theresa, e olha para a rua de Matacavallos.

A chacara das Mangueiras, comprehendendo os terrenos por onde forão abertas as ruas das Mangueiras, hoje do Visconde de Maranguape, Lapa, Santa Theresa e suas travessas, indo alem do Morro de Mr. Sisson, pertenceo ao capitão Antonio Rebello Pereira, cuja chacara vendeo no dia 16 de Novembro de 1750 ao governador e capitão general Gomes Freire de Andrada por 15 mil cruzados, com casas cocheira e mais pertenças, cuja chacara o capitão Rebello a havia comprado a Manoel Ferreira Porto, no juizo da provedoria, por 3 mil cruzados, e lhe pertencia por meiação dos bens de seu casal, com sua mulher D. Elena de Araujo. A escriptura foi lavrada pelo tabellião Manoel da Silva Coutinho. O conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada, comprou esta chacara, e beneficiou os terrenos da Guarda-Velha para patrimonio do convento das religiosas de Santa Theresa do Rio de Janeiro.

Escriptura de venda.

Escriptura de venda de uma chacara e suas pertenças, sita ao pé do Outeiro de Nossa Senhora do Desterro, que faz o capitão Antonio Rebello Pereira ao Illm. e Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão general desta cidade e Minas, por seu bastante procurador, obrigações e quitação.

Saibão quantos este publico instrumento de escriptura de venda de uma chacara e suas pertenças, obrigações e quitação virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1750. aos 16 dias do mez de Novembro do dito anno, nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em os palacios do Illm. e Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão general desta capitania e Minas, d'onde eu tabellião ao diante nomeado fui chamado; e sendo ahi apparecêrão presentes partes havidas e ajustadas, a saber: de uma banda como vendedor o capitão Antonio Rebello Pereira, cavalheiro professo na ordem de Christo, e da outra

o capitão Gaspar dos Reis e Silva, como procurador do mesmo Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão general pela procuração que me foi apresentada, e dou fé, ver e reconheço o signal della por verdadeiro, o qual é do theor seguinte: — Gomes Freire de Andrada, do conselho de Sua Magestade, sargento mór de batalha de seus exercitos, governador e capitão general do Rio de Janeiro e Minas-Geraes, etc. Pelo presente meu alvará de procuração, constituo por meu procurador ao capitão Gaspar dos Reis e Silva, para poder assignar uma escriptura de compra de uma chacara e todas as suas pertenças, que tenho justo com o capitão Antonio Rebello Pereira, em preço de 15 mil cruzados, pagos em dous pagamentos iguaes; o primeiro ao fazer desta escriptura, e outro por morte do dito vendedor, ficando este morando nas casas de vivenda, que estão dentro da dita chacara, como tambem na terra, e arvores que o dito vendedor quiser, e ajustar com o dito meu procurador; e outro sim poderá o dito vendedor desfructar os alugueis das casas e fóros, que estão de fóra da dita chacara, em sua vida, e só por morte delle me pertencerão, e os fóros e casas que da factura da dita escriptura crescerem os poderá cobrar, e ao comprimento da pessoa e todos os mais bens havidos e por haver, o que liaverei por firme e valioso, como se presente fosse, para o que lhe concedo todos os meus poderes, e os que em direito me são concedidos. Rio de Janeiro, em 3 de Novembro de 1750. — *Gomes Freire de Andrada*. E não se continha mais em a dita procuração, que a tornei a entregar ao dito procurador bastante, e assim este, como o vendedor, são pessoas de mim conhecidas pelos mesmos aqui nomeados, e logo pelo dito vendedor me foi dito em presença das testemunhas adiante nomeadas e assignadas, que elle é senhor e possuidor de uma chacara, com casas de vivenda, com uma cocheira, armado tudo sobre pilares de pedra e cal, e as mais paredes de adobbes (1) coberto tudo de telha, e assim mais uma olaria de fazer adobbes, e outra onde se recolhem madeiras, e cinco senzallas dos escravos: uma casa de palha no alto do Outeiro, situada em terras da mesma chacara, e todas as mais pertenças, arvores e mais bemfeitorias a ella pertencentes e aguas vertentes do mesmo Outeiro, sita ao pé do Outeiro de Nossa Senhora do Desterro, que faz a sua testada pelo caminho e estrada geral, que vai para Nossa Senhora da Gloria, principiando do caminho ou estrada geral, e arcos da Carioca

(1) A casa e cocheira ainda existem, 1880 como acima referi em frente da rua d. Matarcallos e Arcos, antes da subida da ladeira de Santa Theresá.

Velha, que faz testada com o Desterro, e hoje é rua que vai para Nossa Senhora da Gloria, que principia na divisão da chacara de Domingos Ferreira, que ao tempo presente possui a viuva do mestre de campos Pedro de Azambuja Ribeiro, até topar no caminho que vai para a igreja de Nossa Senhora do Desterro, para o Sertão em forma de meia lua, até intestar com a divisão da chacara do dito Domingos Ferreira, da parte de cima do monte, em que se incluem 263 braças; e assim mais possui um pedaço de terra, de frente desta mesma chacara, para a parte do mar, que principia na praia, partindo com o campo, e a Lagoa de Nossa Senhora da Ajuda, até intestar com o mesmo caminho ou rua que vai para Nossa Senhora da Gloria, com 73 braças de testada e continuando pelo caminho em diante até findar defronte do portão do Dr. Claudino Gurgel, que hoje é um dos herdeiros de D. Victoria Fortunata de Mendonça, d'onde acaba em angulo agudo e tem 93 braças, cujas terras são foreiras em tres vidas ao senado da camara desta cidade, a quem paga o fóro de 4\$00 cada anno, e de quem para fazerem esta venda alcançou licença do theor seguinte: — « Srns. do Senado. Diz o Illm. e Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão general desta capitania, que elle tem comprado uma chacara e suas pertenças, sita junta aos arcos da Carioca, a Antonio Rebello Pereira, por preço de 15 mil cruzados, e como a mesma é foreira a este senado, pretende o supplicante que Vossas Mercês lhe concedão licença, para celebrar a dita venda, pagando o laudemio que dever. Pede a Vossas Mercês lhe fação mercê, conceder a dita licença. — E. R. M. »

Despacho: pago o laudemio, e fóros ve cidos, concedemos a licença que pede. Rio em camara, aos 11 de Novembro de 1750. — *Pereira de Sá. — Paradas. — Faria.* — Conhecimento em fórm. A folhas 22 verso do livro de laudemios, que serve neste senado, ficam carregados em carga viva, ao thesoureiro actual deste senado 150\$, que recebo do Illm. e Exm. Sr. general destas capitánias o Sr. Gomes Freire de Andrada, da chacara que lhe vendeo Antonio Rebello Pereira. Rio, 3 de Novembro de 1750. Em a dita petição, despacho e conhecimento informa, que tudo reconheço verdadeiro, que tornei a entregar ao mesmo proedrador bastante, cuja chacara e suas pertenças aqui declarados, houve elle vendedor, por titulo de rematação, que della fez antes de casar, em praça publica, desta cidade, pelo juizo de residuos secular della, em preço de 3 mil cruzados, a qual havia sido de Manoel Ferreira Porto, e hoje lhe pertence por folha de partilha de menção que fez dos bens do seu casar, com sua mulher D. Elena de Araujo, como consta

des autos de inventario, que se achão no cartorio da conservatoria da Moeda, desta cidade; e assim, e da mesma maneira que tem, e possue a sobre dita chacara e suas pertenças, aqui confrontados, e pelos ditos titulos, livres e desembargados de outro qualquer fô o, pensão, obrigação ou hypotheca alguma, mais que ao dito senado da camara desta cidade, disse elle vendedor, que por este publico instrumento, venlia tudo, como com effeito logo vende, de hoje para sempre, a elle comprador o capitão Gaspar dos Reis e Silva, como procurador bastante do Illm. e Exm. Sr. governador e capitão general Gomes Freire de Andrada, em nome de quem faz esta compra, tudo por preço e quantia de 15 mil cruzados, pagos na fôrma seguinte, a saber: 7,500 cruzados logo ao fazer desta escriptura, em dinheiro de contado, moeda corrente que eu tabellião dou fé, vêr contar e receber o vendedor, da mão do comprador, procurador bastante a quem disse dava plena e geral quitação da sobredita quantia recebida do primeiro pagamento, para nunca mais lhe ser pedida cousa alguma della, por si e nem seus herdeiros ou pessoa alguma, por estar pago e sa isfeito na fôrma que dito fica; e os outros 7,500 cruzados do segundo pagamento, disse elle comprador, que em nome do seu dito constituinte, se obrigou dar e pagar, o que pertencer a cobrança delles, depois da morte delle vendedor, ou em vida deste, todas as vezes que lhe fôr pedido, ao que se obriga a pessoa e bens do dito seu constituinte, moveis, e de raiz havidos e por haver, ou melhor parado delles, especialmente hypotheca a esta divida dos 7,500 cruzados, segundo e ultimo pagamento do preço da dita chacara, a mesma chacara, e suas pertenças que comprado tem, e esta especial hypotheca, não derroga a geral obrigação dos mais seus bens; nem pelo contrario: e declarou elle vendedor, que por esta venda com as condições seguintes: — Que ficará elle mesmo vendedor morando nas casas de vivenda, que se achão dentro na dita chacara, como tambem se utilizará da horta, e dos fructos das arvores, que lhe forem precizos para sua casa e dos alugueis, e foros ou arrendamento das casas, que estão fóra da dita chacara; tudo emquanto elle vendedor fôr vivo, e por sua morte, pertencerá tudo ao comprador, como tambem lhe ficarão pertencendo os foros e casas que se fizerem e accrescerem da factura desta escriptura em diante; e desta fôrma disse elle vendedor, que de si tirava toda a posse, acção, dominio, que na sobredita chacara, e suas pertenças aqui vendia, até o presente tinha, e tudo cedia, e traspassava nelle comprador, para que de tudo logre e goze, e possua, como cousa sua propria, que fica sendo, por virtude desta escriptura, pela qual o ha, desde logo por empossado, por bem della,

e da clausula constituida; e prometteo e se obrigou por sua pessoa e bens á fazer esta venda sempre boa, sem contradicção de pessoa alguma, e de tirar a paz e a salvo que se lhe offereça, pelo qual foi dito, que em nome do dito seu constituinte, aceitava esta venda e quitação em parte com todas as obrigações declaradas nesta escriptura; e declarou mais elle vendedor, que reservava tambem para o seu uso, emquanto vivo, as senzalas dos escravos, cocheira, e olarias que se achão de dentro da dita chacara, como tambem tres casas de palha, que se achão situadas na *rua direita*, ao pé de Nossa Senhora da Lapa, que estão cobertas de palha, para n'ellas fazer a obra que lhe parecer; como tambem 4 braças de terra, da parte da praia, para n'ellas fazer um armazem; e com esta condição aceitou tambem o mesmo comprador esta venda, assim havidas e ajustadas, me pedirão lhes lançasse esta escriptura nesta nota que lhes li, e disserão que estava a seus contentos, aceitarão e assignarão, sendo testemunhas presentes o alferes Antonio Ribeiro da Silva, e Bento Luiz de Almeida, pessoas reconhecidas de mim tabellião Manoel da Silva Coutinho, por provimento do Dr. Ouvidor Geral, e impedimento do proprietario, que o escrevi. — *Antonio Rebello Pereira. — Gaspar dos Reis e Silva. — Bento Luiz de Almeida. — Antonio Pinheiro da Silva.* E não se continha mais cousa alguma em a dita escriptura, que eu sobredito tabellião aqui fiz trasladar bem e fielmente do proprio meu livro de notas, que em meu poder fica, a que me reporto, com o theor da qual este conferi, subscrevi e assignei em publico e razo, em o dito mez e anno retro declarado, e eu sobredito Manoel da Silva Coutinho, tabellião que o subscrevi e assignei em publico e razo. Em testemunho da verdade estava o signal publico. — *Manoel da Silva Coutinho.*

Posse da chacara das Mangueiras ou do Desterro.

A posse da chacara das Mangueiras no caminho da Gloria, foi tomada com todas as formalidades ás 10 horas da manhã do dia 19 de Novembro de 1750, pelo capitão Gaspar dos Reis e Silva, procurador do conde de Bobadella.

Tendo fallecido no começo do anno de 1754 o capitão Antonio Rebello Pereira, e deixando por seu universal herdeiro e testamenteiro ao alferes Antonio Pinheiro da Silva, este no dia 11 de Fevereiro do mesmo anno de 1754, recebeo os 7,500 cruzados do conde de Bobadella, e por escriptura publica da mesma data, passou quitação, ficando o conde na posse plena da chacara.

Traspasso do fóro da chacara.

O conde de Bobadella requereu ao senado da camara em 16 de Dezembro de 1750, para traspassar o fóro de 480 0 da chacara do Desterro, para um sobrado que possuía á rua do Cano, comprado ao capitão João Baptista Ferreira e a sua mulher D. Anna de Mattos, livre de fóro, ao senado da camara, cujo sobrado comprou por 5 mil cruzados e cem mil réis, no dia 26 de Novembro de 1750, que parte de uma banda com casas terreas de Ignacio da Fonseca Leite, e da outra com as casas de sobrado de D. Margarida Vieira da Conceição, viuva, que ficou de João Barcellos Machado, correndo os fundos para a rua da Sé Nova (Ouvidor) a intestar com a parede do quintal das casas de Francisco Rodrigues Silva, cujas casas o vendedor comprou metade a Manoel da Fonseca Homem, e a sua mulher Anna Rosa, e a outra metade a Braz da Fonseca Leite. Este sobrado o conde de Bobadella fez doação ao convento de Santa Theresa, para seu patrimonio por escriptura publica no dia 28 de Abril de 1751, lavrada pelo tabellião Luiz da Silva Ramos.

Verba do testamento com que falleceu o conde de Bobadella Gomes Freire de Andrada, de que é testamenteiro o desembargador chancelleiro João Alberto Castello Branco.

Declaro que eu tenho instituido e dado principio a fundação de um convento, destinado para religiosas de Santa Theresa, nesta cidade, e porquanto não está completa a dita fundação; pois se não achão concluidas as obras do mesmo convento, nem as recolhidas que n'elle existem, estão em clausura religiosa; desejando eu tenha fim uma obra tão meritoria, deixo em legado para o mesmo effeito os bens seguintes: uma chacara sita ao pé do Desterro, no caminho que vai para Nossa Senhora da Gloria, com todas as suas pertencas, a qual houve por titulo de compra ao capitão Antonio Rebello Pereira; uma morada de casas terreas ao pé da fadeira do Desterro, que houve por titulo de arrematação; outra de sobrado ao pé da Carioca (1) onde mora o desembargador chancelleiro; outras terreas ao pé do mesmo; outras de sobrado na rua do Cano; uns choãos que se rematirão em praça, no sitio da Lagoa da Lapa do Desterro, com declaração de serem administrados esses, pelo dito meu herdeiro, em quem tambem tenho vinculado o padroado do dito convento, e na falta delle, que se acha ausente, tomarão conta dos ditos bens, meus

(1) O desembargador João Alberto Castello-Branco morou em todo o tempo que esteve no Rio de Janeiro, no sobrado que existe junto a fadeira do Convento de Santo Antonio, que foi demolido com a correnteza de pequenas casas, para nesse lugar se construir o edificio da Typographia Nacional.

testamenteiros, para assistirem da mesma fórma, com os rendimentos se sustentarem as recolhidas, e para o que fôr necessario para o complemento das obras, e no caso que não tenha effeito professarem no dito convento da regra de Santa Theresa, os declarados bens a unir-se ao morgado. Nomeia a recolhida Agostinha, para professar no dito convento, em seu lugar, como padroeiro.

Chacara de Matacavallos.

Os terrenos da rua de Matacavallos, hoje de Riachuelo, desde o cunhal dos Arcos da Carioca até ao chafariz, pertencem ao convento de Santa Theresa. A capella do Desterro e suas pertencas forão doadas a Madre Jacintha de S. José, e as suas companheiras em 15 de Junho de 1750, pelo bispo D. Fr. Antonio do Desterro.

A chacara de Luiz Corrêa da Silva, que pega dos Arcos da Carioca, com cem braças de frente, e fórma a rua de Matacavallos, com limites até a *chacara da Bica*, e em cima com terras de Francisco de Araujo, a qual pertenceo a Izabel Pereira, viuva, que ficou de Christovão Rodrigues, cuja chacara Luiz Corrêa da Silva comprou em 5 de Junho de 1737 por escriptura lavrada pelo tabellião Bento Luiz de Almeida, foi vendida ás recolhidas de Santa Theresa em 5 de Fevereiro de 1779 por 1:300\$ nas notas do tabellião Manoel Freire Ribeiro.

A chacara da *Bica*, no caminho de Matacavallos, pertenceo ao tenente-coronel Domingos Rodrigues Tavora, e foi comprada por elle, a Manoel Rodrigues Frade, em 7 de Junho de 1717, por escriptura lavrada pelo tabellião Manoel de Vasconcellos Velho, cuja chacara comprou no 1º de Março de 1742 o capitão-mór Manoel Pereira Ramos, por 5 mil cruzados, em dinheiro de contado; e como o capitão-mór comprou a chacara em seu nome, com o dinheiro de sua sobrinha Jacintha Ayres; e não houvesse declaração no titulo da compra, o filho do capitão-mór Pereira Ramos, mestre de campo, Ignacio de Andrade Souto-Maior, por si, e como procurador de sua mãe D. Elena de Andrade, viuva que ficou do capitão-mór Manoel Pereira Ramos, no dia 21 de Janeiro de 1780, por escriptura lavrada pelo tabellião Ignacio Teixeira de Carvalho, instituirão no convento de Santa Theresa, a chacara comprada com o dinheiro da Madre Ignacia de S. José, fundadora do convento.

Por escriptura lavrada pelo tabellião Manoel Freire Ribeiro, em 5 de Fevereiro de 1779, Luiz Corrêa da Silva (1) vendeo ás recolhidas de Santa Theresa uma chacara sem mais bemeifeitorias,

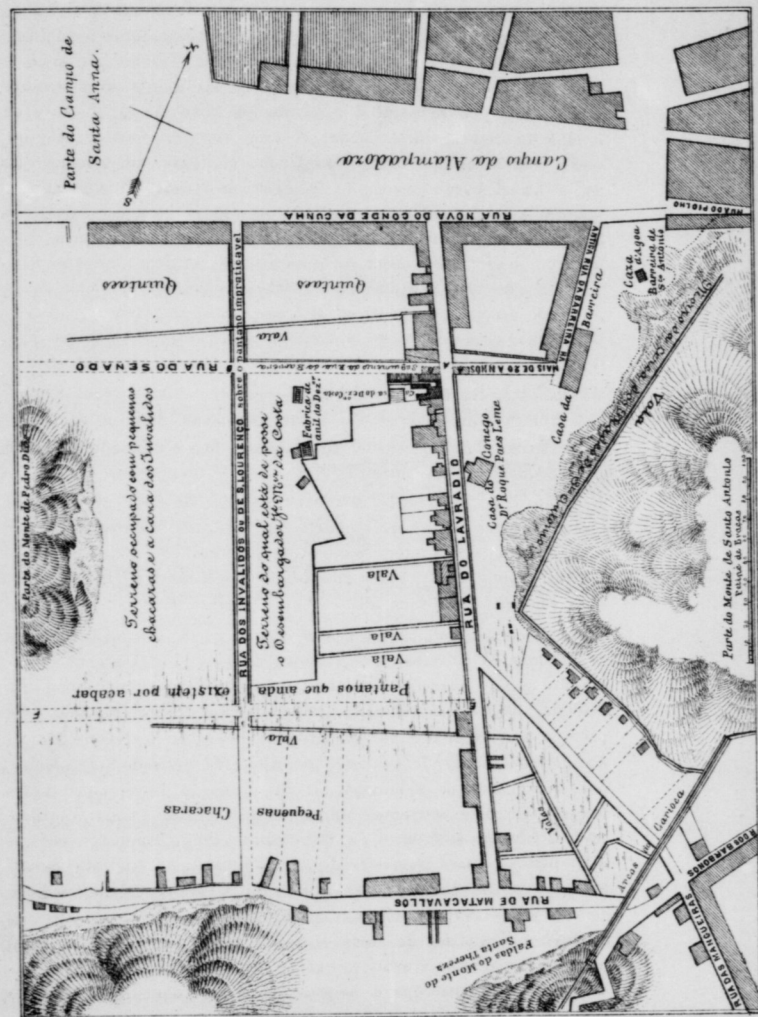
(1) Chacara que Luiz Corrêa da Silva vendeo ás recolhidas de Santa Theresa.

que algumas arvores de laranjeiras e mangueiras, no caminho de Matacavallos, em cima do monte da igreja de Nossa Senhora do Desterro, em que se achavão residindo as compradoras recolhidas, da qual paga de fôro ao senado da camara 1\$500 rs. por anno, e confronta com a terra em que se acha edificado o dito recolhimento; pela outra parte, com a chacara chamada da Bica, e os fundos da dita chacara vão ter com os canos da Carioca, até intestar com a chacara da dita Bica, que a houve por compra que fez a Izabel Pereira, viuva que ficou de Christovão Rodrigues, lavrada a escriptura pelo tabellião que fôra nesta cidade, Bento Luiz de Almeida, no dia 5 de Junho de 1737, cuja chacara confrontada e declarada, livre de penhora e hypotheca, e sómente com a pensão do fôro a camara de 1\$500 ao anno, a vendia as compradoras recolhidas em preço de um conto e tresentos mil réis (1:300\$000), que recebêo do procurador das recolhidas o padre José Gonçalves dos Santos, sendo 1:170\$ a vista, e o resto para garantia ficava a chacara hypothecada.

A camara municipal no dia 16 de Dezembro de 1778, consentio no traspasso da propriedade, cuja chacara fica confinando em parte dentro da cerca do convento.

Escriptura de declaração, cessão e traspasso de uma chacara que fez o mestre de campo Ignacio de Andrade Souto-Maior por si, e como procurador bastante de sua mãe D. Elena de Andrade Souto-Maior, viuva do capitão-mór Manoel Pereira Ramos, ao convento de Santa Theresa do Desterro.

Por escriptura publica de declaração, cessão e traspasso, no dia 21 de Janeiro de 1780, na grade do convento do Desterro, o tabellião Ignacio Teixeira de Carvalho lavrou a seguinte escriptura dizendo, que sendo chamado para este fim apparecêrão, de uma parte o mestre de campo Ignacio de Andrade Souto-Maior por si, e como procurador de sua mãe D. Elena de Andrade Souto-Maior, por procuração que apresentou, e da outra a Reverenda Madre Regente do dito convento, Maria da Encarnação, como administradora dos bens d'elle, e as claviculares do mesmo convento, e mais pessoas, disse o mestre de campo Ignacio de Andrade Souto-Maior, que seu pai o capitão-mór Manoel Pereira Ramos, marido de sua mãe, havia comprado para suas sobrinhas Jacinthia de S. José, e Francisca de Jesus Maria, a chacara chamada da Bica, no caminho de Matacavallos, que foi de Domingos Rodrigues Tavora, com dinheiro que a mesma lhe havia dado para fazer a dita compra, e dellas sempre estiverão de posse, sem contradicção



Planta feita por ordem do Conde de Rezende Vice Rei e Cam. Gal de mar e terra do Estado do Brazil 1706.

alguma, como sua, que directamente pertencia, e nella havião edificado a capella do Senhor Menino Deos, e derão principio a fundação do recolhimento de Santa Theresa, e sempre pagavão os fóros ao senado da camara desta cidade, como direito senhorio das terras da dita chacara, fazendo todo o beneficio util, sem que o seu casal tivesse posse ou dominio nella, por ter sido sempre das ditas Jacintha de S. José, e Francisca de Jesus Maria, que havião comprado, para nella estabelecer o seu recolhimento, e viverem servindo a Deos Nosso Senhor, como com effeito o fizeram, e no mesmo viverão, até que se passarão para o novo convento, onde presentemente se achão; e porque o dito seu pai, e marido, não havia feito declaração alguma as ditas suas sobrinhas, a respeito da dita chacara, e estavam obrigados a fazê-lo, por lhe ser preciso apresentar e ter no seu archivo todos os titulos e clarezas pertencentes ao patrimonio da sua religião; portanto disse, que por este publico instrumento, por si, e em nome de sua mãe, declara que a dita chacara, pertence a dita Jacintha de S. José, fundadora que foi do recolhimento de Santa Theresa, por ser comprada com dinheiro seu, e da dita sua irmã Francisca de Jesus Maria, de que foi seu pai mero mandatario, e sem embargo de ter comprado em seu nome, como é constante, elle declarante, como administrador de todos os bens do seu casal, traspasa na pessoa á que de direito compete a dita chacara, por fallecimento das ditas Jacintha de S. José, e Francisca de Jesus Maria, sua irmã, para que a possua e logre como sua que é para sempre, etc. Segue-se o traslado da procuração e as assignaturas das testemunhas, e a do tabellião.

Quando se abriu a rua do Rezende 1796

Plano mandado fazer por ordem do Illm. e Exm. Senhor Conde de Rezeade Vice Rei, e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brazil.

Neste plano se mostram as ruas abertas sobre o terreno comprehendido e conhecido em outro tempo por — *Pantanaes de Pedro Dias*, que erão impraticaveis: este terreno se tem feito util, depois que os habitantes principiarão a povoar a *rua Nova do Conde da Cunha*, e a estrada de Matacavallos, e muito principalmente depois que se abriu a rua do Lavradio, ha perto de 30 annos, e a rua dos Invalidos, muito depois, porque a necessidade de formarem as suas casas, os obrigou a carretar aterro, e fazerem util a parte que pertencia a cada um, e só existe presentemente a porção de pantano, que se mostra no plano, e algumas porções de terreno humido de que se não faz menção no

mesmo plano: o mais ver-se-ha melhor na descripção junta. (Vide a planta).

Rio de Janeiro, 5 de Março de 1796.

O terreno de que se trata, á mais de 30 annos atraz, não éra mais que um grande pantano, cortado de lagoas; e presentemente existe como se mostra no plano cortado de ruas, cultivado e com muitas propriedades.

O plano das duas ruas do Lavradio, e a dos Invalidos, as quaes forão abertas com immenso trabalho, para o tranzito, e accommodação do povo; porém a grande extensão de 323 braças, que tem a primeira, e de 318 l¹/₂ que tem a segunda, dá a conhecer a necessidade, que havia de travessas, que cruzassem de uma para á outra, o que com effeito se tem praticado com a abertura das duas, que mostrão plano com linhas pontuadas de carmim: á 1.^a A, B, aberta em seguimento da antiga rua da Barreira C. D. A, formada, e estabelecida a mais de 20 annos segundo a vontade dos habitantes, que para ali forão fazer as suas casas, á sua direcção, que é continuação, tem as vantagens seguintes: 1.^a de não offender aos edificios de importancia, que tem para a direita, e á esquerda; 2.^a de cortar a rua do Lavradio e dos Invalidos (1) quasi em angulos rectos; 3.^a de ficar quasi parallella á rua Nova do Conde da Cunha: alem disto as travessas abertas neste terreno e outras, que se houverem de abrir, serão muito uteis á beneficio do povo, e será este o meio mais facil de conseguir á extincção dos pantanos, que inda occupão este terreno pelo aterro, que de necessidade se hade fazer nas ruas, e os que os povoadores hão de fazer para formarem as suas casas; pois no corpo da cidade, já não ha larguezas, e este é o lugar mais proprio para o augmento da cidade: extintos os pantanos deste terreno, rezultará grande beneficio ao povo pela purificação do ar, que presentemente não é muito saudavel, pela exhalção humida e pestifera, frequentemente dos pantanos.

A rua do Lavradio foi traçada, e beneficiada ha perto de 30 annos por cima de um pantano impraticavel: o senado da camara tomou a seu cargo o aterro da largura da rua, e os povoadores tomarão logo porções de pantanos, para um e outro lado, e forão aterrando, e pouco a pouco fizeram útil, grande porção deste terreno inutil; o mesmo aconteceu na estrada de Matacavallos, na rua Nova do Conde da Cunha, na rua dos Invalidos, e acontecerá na travessa (2) A, B. e na travessa

(1) Entre as ruas do Conde e do Senado havia uma valia,

(2) E' hoje a rua do Senado, sendo as duas casas da esquina do lado esquerdo, de cima e debaixo, as primeiras construidas.

E, F, a primeira aberta em terreno humido, e a segunda por terreno todo pantanoso e impraticavel.

a, b, casas terras que se demulirão para melhor alinhamento da da travessa A, B.

Para dar inteira satisfação da minha deligencia, é necessario expôr a razão, porque não está mais povoado o terreno, que mostra o plano, e as cauzas, que tem embaraçado a construcção de muitas propriedades. O Dezembargador José Martins da Costa, logo que chegou a esta cidade, foi morar na rua do Lavradio, em uma casa pertencente á Antonio José Vianna, justa á razão de oito mil reis, por mez; porem a quantia do ajuste nunca o possuidor Vianna a pôde obter por inteiro, mas sim uma pequena parte, levando-se-lhe sempre em conta as bemeitorias que o dito dezembargador, movido do seu appetite, mandava fazer na casa, e seu quintal, o que dizem fazia para desgostar ao possuidor, e vendo com effeito o dito dezembargador desgosto no possuidor, offereceu-lhe um conto de reis pela propriedade; o possuidor esteve pelo ajuste no caso de receber logo a dita quantia; porem como o dezembargador pediu tempo, e houve demora na factura da venda; neste tempo o possuidor tomou novo accordo, e não quiz estar mais pela venda, mas instou sempre o dezembargador, sendo medianeiros deste tracto o espingardeiro José Caetano, e o ensaiador da moeda Manoel da Silva Corrêa, ambos amigos do dezembargador; estes não se atreverão a reduzir ao possuidor, o que vendo o dezembargador, tomou á resolução de se valer do dezembargador Figueiredo, para que este mandasse vir á sua casa o possuidor, onde elle dezembargador Costa se acharia occulto, para ver o tracto; com effeito foi o possuidor á casa do dezembargador Figueiredo, e fizeram o tracto, intimidando-o com as facturas de muitas feitorias, para as quaes não chegava o importe dos alugueis, e que seria preciso elle possuidor repôr da sua algibeira, atemorizado o possuidor, tomou por melhor partido fazer a venda, e receber o conto de reis.

Feito o dezembargador Costa senhor da casa, principiou a estender a lavoura do seu quintal, occupando todo o terreno, que ficara por de trás dos moradores da rua do Lavradio, chamando-se á posse daquelle terreno, de que elle dezembargador não tem titulos de compras, nem de arrendamento, tratando sempre por sua chacara, e embaraçando os senhorios das terras, á não aforarem a pessoa alguma, nem tão pouco consente, que os moradores da referida rua,

cheguem com os seus quintaes á fazer frente na rua dos Invalidos, ou de S. Lourenço, onde pretendião alguns dos moradores edificarem propriedades para as alugarem, o que com effeito se teria conseguido, a não haver o embaraço que tem posto o dito desembargador Costa, o qual tambem tinha influido muito nas duvidas, que houverão quando se abriu a rua dos Invalidos, sobre se devia ou não ser parallela á rua do Lavradio, cuja indecizão foi motivada em grande parte por elle desembargador Costa, por ser necessario passar a rua, pelo terreno em que elle está intruzo, e esta duvida embaraçou por muito tempo, á construcção de varias propriedades, e só se verificou a certeza de ficar a rua como está, quando se edificou o muro, e portão da casa dos Invalidos; com esta certeza é que os visinhos dos Invalidos, vão ajuntando materiaes para á construcção de novas casas.

No anno de 1789 determinou o Senado em acto de vestoria, que a antiga travessa D, A, chamada da Barreira, que terminava na rua do Lavradio, continuasse pela direcção de A, B, cortando á rua dos Invalidos, ou de S. Lourenço, para o que fez citar em acto de vestoria a Jacintho Pires Sanxes, então possuidor da casa A, para não fazer mais bemfeitorias naquelle terreno, por estar determinada para o seguimento da travessa; esta citação com o aucto, que se lavrou na vestoria, foi julgada por sentença em 17 de Setembro do mesmo anno de 1789, e não se tratou logo da execução, porque o desembargador Costa, passou a ser possuidor da casa A e suas bemfeitorias por compra, que fez ao dito Jacintho Pires Sanxes, servindo-lhe muito para demora da execução o Dr. Juiz de Fóra Balthazar da Silva Lisboa, Presidente do Senado, e grande amigo do dito desembargador Costa; até que com a chegada do nosso juiz de fóra, e presidente do senado, á requerimento dos moradores deste bairro, se poz em execução a sentença, demolindo-se a casa A, a qual estava occupada pelo inquilino Jacintho Martins Pamplona, que se mudou, logo que soube que se executava a sentença; e pela demolição da mesma casa aggravou o dito desembargador Costa em seu nome, e foi provido, mandando-se tornar a por no estado em que estava antes da demolição; e esta é a unica contraversia que tem havido na abertura, e continuação da travessa A, B,* porque todos os mais possuidores, que ali tinham feitorias, forão contentes com a abertura e continuação da travessa, assim como os que tinham feitorias na travessa E, F, que a este mesmo tempo se abriu com satisfação geral.

A casa que mostra o plano com côr de carmim forte, é em que habita

o desembargador Costa, (1) e que comprou ao sobredito Antonio José Vianna. A casa A pertencente ao dito desembargador foi a que se demolio, como está dito, e a tira de terra de 2 braços de largura, notada no plano pela côr verde, foi de um carpinteiro chamado Custodio Pinto de Oliveira, casado, que não querendo vender a dita porção de terra ao desembargador Costa, este com o ouvidor geral do crime o desembargador Francisco Alvares de Andrade, formão-lhe á culpa de mancebia, pela qual esteve prezo na cadeia desta cidade, no principio do anno de 1795, e aggravando o dito carpinteiro teve provimento, e foi solto; a mulher seduzida pelo desembargador Costa, poz-lhe uma acção de desquite, a qual o carpinteiro deixou correr a reveria por vêr, que sua mulher tinha toda a protecção do desembargador Costa, e este fez com que a mulher ficasse senhora de tudo quanto havia no casal, que vierão logo depois a ser bens communs entre o dito desembargador Costa, e a mulher do carpinteiro, ficando este totalmente pobre, vivendo unicamente do jornal, que lhe dá o entalhador Valentim, onde elle trabalhava, sem jamais nunca fazer cazo da mulher nem da filha, vivendo ambas quazi sempre em casa do desembargador Costa, na qual casa tem ellas sido vistas muitas vezes nas janellas. Tudo quanto tenho referido tem sido publicado nesta cidade, e para segurar-me na execução da minha deligencia, tive o cuidado de certificar-me de todos estes factos, por pessoas serias e fidedignas.

Rio de Janeiro, 7 de Março de 1796.

Assignado José Correa Rangel de Bulhões, ajudante engenheiro.

Caminho de Matacavallos e Engenho-Velho 1570 á 1610

Ainda em 1646 existia uma lagôa, entre os morros do Desterro, depois de Santa Thereza, e o de Santo Antonio, e por isso o caminho se fazia pela fralda do morro do Desterro, até a Lagoa de Capuerussú, depois da Sentinella, e dobrava pela encosta do morro da Alagoinha ou do Jardim, hoje de Paula Mattos, e atravessava o Catumby Grande, subia o morro do Barro Vermelho, seguia-se por Matta Porcos, e atravessando o valle do Iguassú se entrava para o sertão. Alagoa se converteo em brejo, que só ficou aterrado em 1820.

Depois que os Jesuitas fundarão o Engenho Velho, forão os moradores obtendo do conselho da Camara, e do Collegio da Companhia, terras para sitios de plantações de mantimentos, e de canas. A medida que se foi aterrando os alagadiços e pantanos, mudou-se o caminho

(1) A casa ainda existe. É do lado direito passando á rua do Senado e de 4 janellas (n. 40) que tem um chagão para entrada e um escudo na frente com a era de 1796. O desembargador Costa tinha a fabrica de anil no lugar que corresponde aos fundos da casa da Relação. Elle tomou todos os terrenos que fazem frente á rua dos Invalidos.

para baixo, que tomou a denominação de caminho da Bica, depois de Matacavallos, e hoje rua de Riachuelo (1).

Em 1769, só existião na face do caminho, e da parte esquerda, algumas chacaras, o Engenho ou Moinho de canas, de Pedro Martins Ayrão, e a Ermida de Deos Menino, edificada pelas irmãs Ignacia Ayres e Francisca Ayres na chacara da Bica, comprada por ellas, como já vimos da escriptura de restituição.

Desde o Campo da cidade, até a Lagoa de Capuerussú, depois Lagoa da Sentinella, havia um extenso areal, sobre o qual se abriu a rua que ficou com a denominação da rua do Areal. Foi junto á Lagoa do Capuerussú, que no dia 19 de Setembro de 1710, o capitão Bento do Amaral Gurgel, com a sua campanha de 48 estudantes, derrotarão os francezes commandados por Duclerc, que vinhão oubar a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Rua ou Estrada do Engenho-Velho até 1808

Da Lagoa da Sentinella, continuava o caminho pelo Catumby Grande, atravessando-se o terreno onde hoje está assentado o edificio da casa da Correção, indo direito á Mattos Porcos, hoje rua de Estacio de Sá, passava-se (lado esquerdo) junto á uma grande arvore, Sapucaia, conhecida por *Pão Grande*, a traz da qual, os malfetores se escondião, para atacarem os viandantes, desde o cair da noite.

Depois de 1808, que a povoação foi crescendo, se foi povoando a estrada do Engenho-Velho, e se a linhou em rua, forão-se construindo boas casas, e se tornando ricas chacaras, sendo uma das mais antigas casas da rua do Engenho-Velho a de columnas, á mão direita, que fica a fastada da rua, proxima ao Rio Comprido, ou antigo *Ignassú*, a qual foi construida pelo coronel de melicias João Gomes Barroso, que passou ao conde de S. Simões, por herança da mulher, filha daquelle Barroso. Foi sobre os terrenos desta chacara, que se abriu a bonita extensa rua do Matoso.

A travessa ou rua hoje de S. Vicente de Paulo, chamava-se antes *Becco do Serafim*.

Passando a primeira travessa do lado esquerdo da rua do Engenho Velho, hoje de Hadhoc Lobo, conhecida por Travessa da Rainha, existe ainda agora, para dentro do alinhamento, um sobradinho, e poucas casas terreas. Estes predios pertencião a um individuo por alcunha *Zabumba*; e o sobrinho, dono de uma taberna, ali estabelecida. chamavão-n'o de *Xico bunda me doi*, e por isso ficou essa parte da rua do Engenho Velho, conhecida pelo povo por *bunda me doi*.

(1) Estas notícias as extrahi dos documentos existente no Thesouro Nacional, que m'os franqueou o illustrado Conselheiro Dr. José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

Campo de Santa Anna em 1700

O Campo da cidade, que tomou a denominação do Campo de S. Domingos, depois de edificada a Igreja de Santa Anna, se subdevidio em Campo de S. Domingos, e Campo de Santa Anna. O campo que corresponde hoje á Praça da Acclamação, parte das ruas do Principe, Princeza, Santa Anna, rua da Providencia, parte da rua de S. Pedro e Sabão, da Cidade Nova, pertenceo a grande chacara do Arcediogo da Sé Antonio Pereira da Cunha, que supponho a herdara do seu pae Pereira da Cunha. Em 1734, o Arcediogo fez doação de 20 braças de terrenos da sua chacara, aos irmãos da Irmandade de Santa Anna. Por sua morte, foi a grande chacara retalhada por seus herdeiros, comprando *Paulo Caieiro* 110 braças de frente, onde está hoje uma grande parte do Campo da Acclamação, com fundos até o alto do morro, que de 1750 ficou conhecido pela denominação do Morro de *Paulo Caieiro*, depois morro do Mirante; devidindo no Morro da Providencia, que fazia parte da chacara de Francisco Carneiro Pinto de Miranda; devidindo-se de um lado, com o caminho ou rua de S. Diogo, e pelo outro lado, com os terrenos da chacara de José Xavier da Silva.

Paulo Caieiro, vendeo a sua chacara a Pedro Antonio da Cunha, e por fallecimento deste, passou á seus filhos e herdeiros, em 1790, representados por Francisco de Paula Vasconcellos, os quaes a venderão no mesmo anno de 1790, a Manoel José da Costa. A chacara de Manoel José da Costa, tinha a sua testada na mesma rua de Santa Anna, chamada antes rua de *Paulo Caieiro*, com fundos até á rua de S. Diogo, devidindo-se com Francisco Carneiro Pinto de Almeida, pelos lados da chacara de Paulo Caieiro.

Por morte deste Francisco Carneiro Pinto de Almeida, seus herdeiros venderão a chacara, a Antonio Soares Ferreira, e este depois a vendeo a Manoel José da Costa.

Alexandre Pereira de Farias comprou em 1856, 9 braças de terrenos aos herdeiros de Soares Ferreira; 40 braças a José Monteiro Teixeira Cardoso, viuvo de D. Emerenciana; e 10 braças ao Dr. Andrade Camara, e construiu a grande casa, onde foi collegio dos surdos e mudos e hoje é casa de saude.

Campo de S. Domingos e prolongamento das ruas até ao campo, ordenado pelo conde da Cunha 1764 ou 1765

Em 1702 foi aforado no campo de S. Domingos, ao Dr. João Mendes de Almeida, em perpetuo fateosim, uma porção de terrenos para chacara, da qual fez doação, em 1709, a seu cunhado o capitão Paulo de Carvalho

da Silva, cuja doação foi confirmada pelo senado da camara, em 14 de Novembro de 1710.

Por fallecimento do capitão Paulo Carvalho da Silva, foi essa chacara deixada em legado, á Ordem Terceira do Carmo, como administradora dos bens do Hospital da mesma Ordem. A chacara vinha até a frente do Campo de Santa Anna, e tomava desde á rua dos Escrivães, depois do Sabão e hoje rua do General Camara até a de S. Jorge.

Do lado esquerdo da Igreja de S. Domingos, (isto é da rua de Antonio Vaz Viçoso, hoje de S. Pedro, de 1705 á 1715, e deste anno á 1735, rua do Desembargador Antonio Carneiro, ou de Anna Carneiro, sua viuva, que nella moravão, até ao morro do Livramento, pertencia a grande chacara de Manoel Casado Vianna. Nesta chacara abrirão-se ás ruas Larga de S. Joaquim, a de S. Lourenço, a do Valongo, depois rua da Imperatriz, e parte das ruas do Principe, da Princeza, hoje rua do Barão de S. Felix.

O benemerito conde da Cunha, em 1764 ou 1765, desejando que as ruas continuassem até ao Campo, obrigou á Ordem 3.^a do Carmo, á rasgar a chacara do capitão Paulo Carvalho da Silva, sendo á rua dos Escrivães, hoje do General Camara, formada a custa dos quintaes da rua da Alfandega.

Possuião chacaras, da rua do Fogo para o Campo, entre á rua dos Ciganos até ao lado impar da rua da Alfandega, Simão Nunes, José de Vargas Pizarro e Paulo Carvalho da Silva; e no lado par ou direito tinham chacaras, Antonio Coelho Lobo, Manoel Casado Vianna e Belchior de Aguiar.

O conego Alvaro de Mattos Filgueiras, em 14 de Março de 1702, ractificou o aforamento da grande porção de terras que havia herdado de seu pai Francisco de Mattos Filgueiras, que comprehende, hoje, desde á rua de S. Jorge, até a do Nuncio em largura; e pela do Senhor dos Passos até a dos Escrivães, hoje rua do General Camara. O conego Filgueiras por seu fallecimento, deixou essas terras ás Freiras da Ajuda.

Cemitério de S. Domingos

A Irmandade de S. Domingos, necessitando de terreno para cemitério, onde enterrasse seus irmãos, aforou a João Monteiro Celi, em frente á sua Igreja, desde á rua dos Escrivães ou do Sabão, e hoje do General Camara, até de Antonio Vaz Viçoso, hoje de S. Pedro, a area sufficiente para o seu cemitério, e o cercou para o fim desejado.

Crescendo a povoação, em 1820, el-rei D. João VI, mandou prohibir os enterramentos dos fallecidos irmãos de S. Domingos, no seu antigo cemitério, em frente da Igreja, e deu-lhes terreno fóra da cidade, para

este fim, no Campo dos Urubús, proximo ao Morro de S. Diogo, que elles não acceitarão. O cemitério antigo dos irmãos de S. Domingos, tomava desde a frente do largo da Igreja, até o novo edificio ou Asylo de Caridade, da Ordem 3.^a de N. S. da Conceição da rua do Sabão, instituido e patrimoniado pelo conego Antonio Lopes Xavier, fundador da Igreja, e fallecido em 1790.

No campo de S. Domingos, foi enforcado, e esquartejado, o martyr da Independencia do Brazil alferes Joaquim José da Silva Xavier no dia

24 de Abril de 1792

O Alferes Joaquim José da Silva Xavier, por antonomasia o Tiradentes, principal protagonista da conjuração mineira de 1789, para a Independencia politica do Brazil, com a fórma de republica federativa, sendo sentenciado á ser supliciado na forca, e depois de morto esquartejado, foi ella levantada no campo de S. Domingos da cidade do Rio de Janeiro.

No dia 20 de Abril de 1792, o Desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha, intimou a victima da tyrannia real, o acordão da Relação do Rio de Janeiro, e na mesma occasião leu-lhe o seguinte: — *Justiça, que a Rainha nossa Senhora, manda fazer á este infame réo Joaquim José da Silva Xavier, pelo horroroso crime de rebellião e alta traição, de que se constituiu chefe e cabeça, na capitania de Minas Geraes, com a mais escandalosa temeridade, contra a real soberania, e suprema autoridade da mesma senhora, que DEUS guarde. Mando, que com baraço, e pregão, seja levado pelas ruas publicas desta cidade, ao lugar da forca, e nella morra morte natural, para sempre, e que separada a cabeça do corpo, seja levada a Villa Rica, onde será conservada em poste alto, junto ao lugar da sua habitação, até que o tempo a consuma; que seu corpo, seja dividido em quartos, e pregados em iguaes postes, pela estrada de Minas, nos lugares mais publicos, e principalmente no da Varginha, e Cebolas; que a casa da sua habitação, seja arrasada, e salgada, e no meio das suas ruinas, levantado um padrão, em que se conserve, para a posteridade, a memoria de tão abominavel réo, e delicto, e que ficando infame, para seus filhos, e netos, lhe seja confiados os seus bens para a coroa, e camara real. Rio de Janeiro. 20 de Abril de 1792. Eu o Desembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha, escrevô da commissão, que o subscrevi. — Sebastião Xavier de Vasconcellos Continho.*

Lugar da forca e certidão da execução

Francisco Luiz Alvares da Rocha, Desembargador dos agravos da Relação desta cidade, e escrevô da commissão expedida contra os réos

da conjuração formada em Minas Geraes:—*Certifico, que o réo Joaquim José da Silva Xavier, foi levado ao lugar da forca, levantada no campo de S. Domingos, e nella padeceu morte natural, e lhe foi cortada a cabeça, e o corpo devidido em quatro partes; e do como assim passou na verdade, lavrei a presente certidão, e dou a minha fé. Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1792.*—Francisco Luiz Alvares da Rocha.

Quartel do Campo de Santa Anna, depois Campo da Acclamação

Os frades de S. Bento, sempre incommodados com a vizinhança da tropa de linha, nos quarteis de Bragança, e rua Nova de S. Bento, se obrigaram a dar todo o material para os Quarteis, em outro lugar, que não a vizinhança do Mosteiro; e o governo do Principe regente aceitou a offerta. Escolhido o Campo de Santa Anna, para nelle se construir Quartel sufficiente, para a tropa de linha, Manoel José da Costa Martins Gil, e sua mulher D. Emerenciana Izabel Dantas e Castro, por escriptura de 8 de Março de 1811, doaram 10 braças de frente, e 15 de fundos, ao Principe regente, para este fim; e como fosse doação insufficiente, foi desapropriado o terreno e casa do Imperio do Divino-Espirito Santo, da igreja de Santa Anna, e a parte conveniente da chacara dos Cajueiros, do brigadeiro Domingos José Ferreira, que havia ha poucos mezes aberto a rua de S. Lourenço (1810); sendo ambos os terrenos comprados 8:808\$320; e encarregado o architecto Manoel da Costa, para levantar a planta, dando-se no mesmo anno principio ás obras, sob a direcção do coronel Antonio Lopes de Barros; fornecendo os tijolos e a telha o mosteiro de S. Bento.

No campo de Santa Anna, El-Rei D. João VI mandou crear uma feira, em proveito dos agricultores, e commodidade do povo da cidade. Esta feira não deo resultado, em consequencia das desordens de 1821, e da retirada de El-Rei para Lisboa, no dia 26 de Abril, ás 6 horas e tres quartos da manhã, de 1821.

Quartel pequeno de cavallaria do campo de Santa Anna, e antiga intendencia geral da policia da corte do Rio de Janeiro, 1809 a 1821.

A repartição da intendencia geral da policia de 1809 á 1821, era na propria casa de residencia do intendente geral, o desembargador Paulo Fernandes Vianna, no sobrado que faz esquina com a rua do Conde da Cunha, hoje do Conde d'Eu, da Cidade Nova; sendo a secretaria nas casas terreas contiguas, pela mesma rua. Nessa casa está actualmente

(1880) funcionando o senado da camara, com as suas varias repartições. Necessitando o intendente geral da policia, ter á mão os soldados de cavallaria, quartel para os abrigar, e commodos para os cavallos, Francisco Antonio, e sua mulher Adriana Maria da Conceição, sabendo desse empenho do intendente geral, fizeram doação ao Principe Regente, de 113 palmos de terreno de frente, com 210 de fundos, com um muro de pedra e cal na frente, e mais duas casas terreas, contiguas ao mesmo muro. Esta doação foi feita por escriptura lavrada em 3 de Julho de 1809, sendo logo levantado o quartel, á custa do erario regio, para a cavallaria da guarda real, e da policia, creada por decreto de 13 de Maio de 1809. O terreno que Francisco Antonio e sua mulher doaram ao Principe Regente, para o quartel de cavallaria, no campo de Santa Anna, foi por elles comprado a Antonio José Ribeiro Vaz Guimarães, por escriptura de 3 de Novembro de 1804.

O quartel de cavallaria ficou conhecido pela denominação de *Quartel Pequeno do Campo*, em virtude da presença do quartel grande, que se construiu depois, no mesmo campo, para a tropa de linha. (1).

Paço do Senado

O corpo commercial da Bahia, grato aos beneficios, que o conde dos Arcos lhe fez, dotando-o com uma magnifica casa ou praça, para reunião dos commerciantes, e bem outros beneficios á capital da Bahia, desde 1810 até 1817, que deixou o governo daquella capitania, para occupar o cargo de ministro de Estado, além de outras doações, mandou construir, no Rio de Janeiro, um palacete para sua residencia; e existindo na face occidental do campo de Santa Anna, um antigo sobrado de peitoril, com grande chacara, que ia até á rua Formosa, hoje rua do General Caldwell, mandado construir e a formosear, por Anacleto Elias da Fonseca, para habitação e recreio de sua amante Laureana Rosa, foi este sobrado e chacara comprados a Francisco Ferreira Sampaio, procurador dos herdeiros de Anacleto Elias, o qual sendo demolido, o carpinteiro Luiz de Macedo, e o mestre pedreiro João Maria da Trindade, construirão o palacete, vindo os materiaes para elle da Bahia; e logo que ficou de todo prompto, forão as chaves entregues ao ministro conde dos Arcos, que agradecido ao corpo do commercio da Bahia, as recebeu em seu nome. O conde dos Arcos tendo sido preso nessa casa, pela insubordinada tropa portugueza

(1) Estas noticias as extrahi dos documentos existentes no Thesouro Nacional, que m'os franqueou o illustrado conselheiro Dr. José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

no dia 5 de Junho de 1821, ao cair da noite, nos proprios trajes caseiros, foi conduzido para bordo do brigue de guerra *Trese de Maio* e remetido para Lisboa. (1)

Em 1825, o imperador D. Pedro I mandou comprar os bens do conde dos Arcos, ao seu procurador major João Alves da Silva Porto, pela quantia de 44:568\$, sendo lavrada a escriptura nas notas do tabellião Pedro José de Castro, no dia 8 de Março de 1825, constando os bens, do sobrado e umas casas terreas ao lado, e contiguas ao palacio, em cujas casas entrei, quando nellas morava o velho porteiro do Senado Silverio Antonio de Padua. O palacio que tinha sido do conde dos Arcos, sendo destinado para Paço do Senado brasileiro, foi nelle celebrada a primeira sessão preparatoria no dia 6 de Maio de 1826. Achan-do-se damnificado o edificio, foi encarregado o engenheiro Miguel de Frias e Vasconcellos de o reconstruir, sendo nelle que tem funcionado o Senado desde 1826 até o presente anno de 1880.

Edificio do Museu Nacional

O edificio do Museu Nacional, está edificado em terrenos havidos de João Rodrigues Pereira de Almeida, depois barão de Ubá, em 1819, por influencia do ministro Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, (2) que por ordem de El-rei D. João VI, o mandou construir, vindo as madeiras para as obras das mattas de Itajahy, em Santa Catharina, remetidas por Antonio de Menezes Vasconcellos Drummond, depois nosso ministro e sabio diplomata em varias côrtes da Europa. (Vide a 1ª serie do meu *Brazil Historico* de 1864, a biographia do conselheiro Drummond.)

Primeira residencia Episcopal e o palacio do Morro da Conceição

A residencia dos dous primeiros bispos do Rio de Janeiro D. José de Barros Alarcam, que tomou posse da Diocese no 1º de Junho de 1682, e falleceu á 6 de Abril de 1700; e D. frei Francisco de S. Jeronymo, que tomou posse do Bispado no dia 8 de Junho de 1702, e falleceu no dia 7 de Março de 1721, foi em um sobrado existente na rua

(1) Vide a historia da prisão e soffrimentos do conde dos Arcos, ás paginas 62 e 63 do meu livro o *BRAZIL REINO e BRAZIL IMPERIO*

(2) O retrato a oleo do chanceller do Reino, e ministro do Estado Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, se acha no Museu, alli mandado depositar pelo conselheiro Menezes de Drummond.

da Alfandega, esquina da da Candelaria, onde está o edificio do Banco do Brazil.

Não tendo a casa de residencia dos bispos, as accommodações precisas, D. frei Francisco de S. Jeronymo, construiu no morro da Conceição, junto a Ermida de Nossa Senhora da Conceição, o palacio, para a sua residencia, e a de seus successores, obtendo do governo o adjutorio de 8 mil cruzados. Este bispo, para seu recreio, conseguiu do Reitor do collegio da companhia de Jesus, proprietario da grande fazenda do Rio-Comprido, um terreno, onde edificou uma casa de campo, e chacara, para recreio. Esta casa e bemfeitorias derão motivos, para o bispo D. frei Antonio do Desterro, ficar com a grande fazenda, que em 24 de Agosto de 1721, o reitor do collegio da Companhia, padre Manoel Dias, havia vendido ao sargento-mór Domingos Pinto de Magalhães, por 13 mil cruzados, e depois de uma demanda que o bispo propoz a velha viuva do sargento-mór Pinto de Magalhães, D. Anna Rangel de Macedo, para lhe pagar as bemfeitorias da chacara do bispo S. Jeronymo, (1) ficou com a grande fazenda do Rio-Comprido, por des-encargo de consciencia, pela quantia de quatro mil cruzados, como adiante, se verá.

Edificio da antiga cadeia do Rio de Janeiro, hoje paço da assembléa geral legislativa do Brazil

Mem de Sá, antes de se retirar do Rio de Janeiro, em 1567, nomeou o pessoal da camara, concedeu ao povo e á camara seis leguas de terra de sesmaria sem pensão nem onus, para rocios, lavouras e pastagens de gados; empossou no governo da capitania a Salvador Corrêa de Sá (2),

(1) Aos 6 dias do mez de Abril de 1700, falleceu o Illm. e Exm. Sr. D. José de Barros Alarcam, bispo deste bispado de S. Sebastião do Rio de Janeiro, recebeu os Santos Sacramentos, fez seu testamento, nelle nomeou por seus testamenteiros o Rev. vigário o Dr. Thomé de Freitas da Fonseca, e o Dr. Manoel da Costa Cordeiro, e a mim João de Barcellos Machado. Mandou que seu corpo fosse depositado em a igreja de S. Bento, desta cidade, e que dahi a seu tempo, fosse trasladado para a igreja de Sacavem, termo da Cidade de Lisboa, ao lado onde estavam sepultados seus pais, e deixou legados, com o dito testamento; e por estar o dito testamento em poder do escripturário do ouvidor geral, a quem pertenceo o inventario dos bens do dito Illm. Snr. bispo, não lancei este aqui, de que fix este assento, era ut supra. — JOAO DE BARCELLOS MACHADO.

(2) Vide o 1º tomo da segunda parte, da minha *CHRONOGRAPHIA HISTORICA*.

nomeou os outros fuccionarios civis e judiciarios ; mandou levantar o Pelourinho, e fazer *cadeia*, sendo esta uma pequena casa, junto á do cônselho da camara, no morro de S. Sebastião, depois do Castello, que então era o local da primitiva cidade do Rio de Janeiro.

Nessa casa da cadeia forão recolhidos, por ordem do governador Alfonso de Albuquerque, em 1609, o juiz ordinario Balthazar de Seixas, e o ouvidor Luiz Cabral. Quando a povoação já tinha crescido, e a cidade tomado a planice, entre os morros de Santo Antonio, e o de S. Bento, conheceu-se a necessidade de um espaçoso edificio para a casa da camara e cadeia, e foi entre os annos de 1683 á 1700, que se deo começo ás obras da cadeia do Rio de Janeiro ; porquanto consta da carta regia de 1701, ter El-Rei mandado dar 1:600\$ para as obras da casa da camara e da cadeia do Rio de Janeiro; mas se consignando por outras cartas regias diferentes quantias, foi-se ella construindo, ficando de todo acabada em 1747.

Demais, encontrei no livro 8º de obitos, da igreja da Sé, o lançamento de uma declaração, na qual João Ribeiro Corrêa, deixou em seu testamento, uma quantia em dinheiro, para obras pias, e o seu testamenteiro Miguel de Oliveira Portella, julgou mais acertado applical-a á construcção de uma capella dentro da cadeia, intitulada — de Jesus, — em beneficio espiritual dos presos, a qual foi benzida no dia 22 de Dezembro de 1710, pelo conego Miguel Noronha da Camara.

Em 1808, pela necessidade que havia de commodos para a criadagem real, forão mudados os presos da cadeia publica, para o edificio da cadeia do Aljube, ficando aquella para alojamento da criadagem da casa real.

Examinando os livros antigos da cadeia do Aljube, nada encontrei que me esclarecesse, a respeito das prisões civis do Rio de Janeiro ; porquanto vi que o mais antigo livro existente na casa de correccão é o de 1796, cujo primeiro preso inscripto, foi Manoel Rodrigues da Cruz, entrado no dia 6 de Outubro de 1796, por queixa dada por Manoel Nunes, morador em Iguaçu, por lhe haver furtado um escravo, e o vendido em Minas-Geraes.

Em Dezembro de 1822, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, ministro da fazenda, deo ordem para se preparar casa, para os trabalhos da assembléa geral constituinte legislativa brasileira, que se havia de reunir no dia 3 de Maio de 1823, e o edificio que melhores proporções offerecia era o da antiga cadeia, que se achava desoccupado. José Bonifácio de Andrade e Silva, para auxiliar a seu irmão, na decoracção do edificio, para os trabalhos da assembléa constituinte legislativa, encarregou a Theodoro José Biencardi, para organizar a secretaria da

assembléa constituinte. Biencardi escolheu para local da secretaria o salão, onde existia o alçapão por onde descia e subia os presos.

Quando estava mandando assoalhar a boca do alçapão, de repente vê um homem vestido de preto, ajoelhar-se perto da bocca do alçapão, que se estava fechando, e, unindo as mãos, levanta os olhos para o Céu, e disse estas palavras, que tradicionalmente conservadas, me forão repetidas :

Louvado sejas, meu DEUS : quando em 1792, eu sahi por aqui, para cumprir a sentença que me foi imposta por occasião da conjuração Mineira, não me passou pelo pensamento, que seria eu hoje um dos membros da assembléa geral legislativa constituinte do Brazil !! Louvado seja o Senhor, meu DEUS.

Era José de Rezende Costa, esse homem, que Theodoro José Biencardi via de joelhos e de mãos postas : era o deputado para a primeira assembléa legislativa, que tinha de constituir o Brazil nação livre e independente, que taes palavras proferia, com lagrimas nos olhos.

A' medida que o assoalho se pregava na bocca do alçapão, José de Rezende Costa narrava a Biencardi, os seus soffrimentos, e os de seus companheiros de infortunio (1).

Biencardi foi official maior da secretaria da camara dos deputados, desde 1823 até 1833, em cujo anno falleceu. Biencardi era portuguez ; mas servio com muita dedicacção e lealdade ao Brazil. Eu ainda vi o lugar do alçapão, quando igualmente fui deputado á assembléa geral, na legislatura de 1870 á 1873. O alçapão ficava em frente, e perto á mesa onde escrevia o official maior. O oratorio ou a capella de Jesus, onde esteve a victima da tyrania juridica, e martyr do despotismo real, o homem mais generoso, depois de Jesus Christo, que a historia lembra, o patriarcha da Independencia do Brazil, alferes Joaquim José da Silva Xavier, era onde hoje está o archivo da camara dos deputados. Com os concertos, que se tem feito no interior do edificio da antiga cadeia, tudo está mudado, e apenas o que existia de 1823 a 1870, era o relógio da camara, e uma thesoura que em minha presenca, della fez entrega ao Dr. Veiga, o official maior Garvalho, que se havia aposentado, dizendo-lhe : *Doutor Veiga, como fica em meu lugar, guarde esta tesoura, que recebi das mãos do Sr. Biencardi : guarde-a que é uma preciosa reliquia, conservada desde a fundação desta secretaria.*

(1) Vide o meu livro o Brazil Reino e o Brazil Imperio, e o Processo da Conjuração Mineira no meu Brazil Historico na 1ª serie de 1894, a continuação no 1º e 2º anno da segunda serie de 1896 e 1897.

Cadela do Aljube do Rio de Janeiro 1733

O bispo do Rio de Janeiro D. frei Antonio de Guadalupe, não desejando que os ecclesiasticos criminosos, se misturassem nas prisões civis, com os criminosos seculares, entendeu mandar construir o Aljube, para prisão dos ecclesiasticos; e para cujo empenho seu, comprou o terreno occupado pelo cortume de Domingos Francisco da Silva, obtendo a izenção do fóro, concedida pela camara municipal em 17 de Outubro de 1733, enquanto o terreno fosse occupado pelo edificio do Aljube.

Com o correr do tempo, transferindo-se a Corte portugueza para o Rio de Janeiro, em 1808, foi necessario remover os presos da cadeia publica da cidade para o Aljube, á fim de dar aposentadoria a creada-gem da casa real. Os presos ali se conservarão, até que forão transferidos para o grande edificio da casa da Correção e Penitenciaria.

Accordo para o aforamento da sismaria do povo entre o governador Martin Correa de Sá, e a camara do Rio de Janeiro.—Festa de S. Sebastião padroeiro da cidade 1625

As 6 leguas de terras de sesmaria que Mem de Sá, deo ao povo e a camara do Rio de Janeiro, para rocios, agricultura e pastagem dos gados, foi sem onus e nem pensão alguma em proveito da camara; e tanto que o governador Martin de Sá, e alguns de seus successores, derão a varias pessoas sesmarias de terras dentro mesmo da cidade, e na circumvisinhança della. Este facto é sem contestação.

Como era limitado o rendimento do conselho da camara, que só tinha para as suas despesas 12\$300 do imposto da pescaria, e 66\$ do rendimento da balança do armazem ou Paço do *ver o peso*, ou primitiva alfandega, construido por Aleixo Manoel, o moço, cujo edificio passou a Salvador Corrêa de Sá, e mais tarde a Luiz da Motta Leite, conhecido por Trapiche da cidade; Martin Corrêa de Sá e a camara accordarão, em 1625, em augmentar os rendimentos do conselho, aforando a sismaria do povo. Neste accordo, ficou definitivamente pertencendo o campo de Irajá, ao conselho da camara. Em presença deste accordo, o povo

(1) No cartorio do tabellião Silveira Lobo, que foi o primitivo do Rio de Janeiro, existem ainda os 6 primeiros livros, já muito estragados pelo deileixo, e carcomidos pelos bichos, que conta primitivas escripturas de Sesmarias, sobre os quaes já fiz memoria no 1º t. da segunda parte da minha *Corographia Historica* a pag. 240 e 241, sendo as primeiras lançadas no 1º livro desde 1578 em diante. Se não acudir já mandando traduzir esses livros pela pallographia, ficarão de todo perdidas as tradições do Rio de Janeiro. Em outro lugar fallarei a respeito destes 6 livros Sesmaria do cartorio do Tabellião Silveira Lobo.

que não conhecia a força da carta da doação que lhe foi feita, dirigio-se aos officiaes da camara, para se encarregar da festividade de S. Sebastião, Padroeiro da cidade, visto que a confraria de mesmo santo, não a podia fazer, em vista de sua pobreza. O conselho da camara que já havia abusado, dando aforamentos das terras, a varias pessoas no perimetro das 6 leguas, tomou a si, a festa de S. Sebastião, Padroeiro da cidade, e continuou no aforamento das terras do povo, como propriedade sua, salvas as dadas em Sesmarias aos particulares.

Estabelecimento dos correios no Brazil

O correio é o postilhão, cujo officio é correr a posta, e levar os despachos em diligencias, de um para outro lugar. Os gregos e romanos, tiveram correios a pé, em carro e a cavallo; e Xenephonte, conta, que Cyro tendo examinado o que um cavallo podia correr naturalmente em um dia, estabeleceu cavallarices em certas distancias. Em cada uma destas postas, a chegada do correio, um homem pegava na bolsa, e tomava um cavallo descansado, e havia de levar os despachos á outra parte, onde achava outro homem prompto da mesma sorte; e assim por diante, até chegar á corte.

Julga-se que no Imperio romano, não havião postas regulares antes do reinado de Augusto: na decadencia do Imperio, forão ellas despresadas no Occidente, até que por fim a necessidade as renovou. Em Portugal, El-rei D. João III, em 2 de Agosto de 1525, creou o Correio-Mór, provendo este officio em Luiz Homem, com um regimento que lhe deo. Este estabelecimento tinha a sua conta as postas do reino, e a condução das cartas e correspondencia official.

No Brazil principiou o correio a funcionar em 1663, com um regimento dado em 25 de Janeiro do mesmo anno. Para servir este officio, no Rio de Janeiro, foi provido o alferes João Cavalleiro Cardoso em 19 de Dezembro de 1663; e ainda em 2 de Setembro de 1710, foi ordenado, que se desse execução a nomeação, que D. Izabel de Faro fez, na pessoa do ajudante Antonio Alves da Costa, para servir de correio-mór desta cidade do Rio de Janeiro.

Foi tambem, por algum tempo supprimido este officio; mas depois foi de novo estabelecido a requerimento de Joaquim Antonio de Alber-garia; e por carta regia de 6 de Abril de 1752, mandou el-rei D. José I. informar ao governador, com audiencia da camara, e voto do commercio e nobreza da cidade, não se conseguindo por isso resultado algum.

Extincto o officio do correio-mór do Reino, e dominios ultramarinos por Decreto de 18 de Janeiro, e Alvará de 16 de Março de 1797, foi o correio incorporado a corôa, e principiou por ella, administrado o correio em Lisboa, em 16 de Abril do mesmo anno; e logo depois, se encarregou,

a Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, da expedição das cartas, dando-se-lhe um Regimento provincial no 1º de Abril de 1799; sendo ampliado pelo Decreto de 14 de Março de 1801; e a approvedo o regimento geral, pelo Decreto de 8 de Abril de 1808.

O Príncipe regente, depois, el-rei D. João VI, desejando facilitar as communicações, e estreitar as relações dos longínquos povoados do Brazil, mandou abrir estradas, e estabelecer correios regulares em 1813, entre as diversas capitánias, que partião da corte para S. Paulo, Villa-Rica, S. João d'El-rei, Sabará, Villa do Príncipe, Villa-Bôa de Goyaz etc. Mandou que se estabelecessem correios nas capitánias entre si, e de cada uma com os diversos povoados, pelas novas estradas que estavam feitas e se não abrindo, até ao Maranhão e Pará, e de todas com a corte. Ordenou que se aproveitasse todos os navios que sahissem da corte, e todos os que sahissem dos differentes portos, para levarem as cartas e papeis, em modo á facilitar-se as communicações, apesar das distancias, com a quasi certeza do dia em que chegariam os correios. Em 17 de Fevereiro de 1810 se estipulou a convenção, para o estabelecimento da linha dos paquetes inglezes para o Brazil.

A estação Central do correio no Rio de Janeiro, esteve no pavimento, terreo da casa dos governadores; na secretaria da Marinha e ultramar; na rua da Cadea (hoje da Assembléa); no pavimento terreo da camara dos deputados, (em 1828) onde hoje está o Monte de Soccorro; no edificio antigo da praça do Commercio; no edificio antigo do Banco do Brazil; e depois de construido o edificio actual, entre a rua do Rozario e o becco dos Adelos, se passou para elle, a repartição central dos correios em 1878. O edificio custou perto de 2 mil contos, sendo tão mal construido que, já vai dando de si.

A estação central do Correio da Bahia era na cidade Alta, mui distante do commercio, e o ministro José Clemente Pereira, em Aviso de 16 de Maio de 1828, dirigido ao presidente da provincia José Egidio Gordilho de Barbuda, mandou removê-lo para um dos edificios publicos da cidade Baixa.

Parte do largo da Carioca foi cemiterio dos escravos do convento de Santo Antonio

Estabelecido o convento de Santo Antonio pela piedade do governador Martim de Sá, camara e povo, principiarão os frades a enterrar os escravos na fralda do morro, no lugar onde é hoje o largo da Carioca, e está assentado o hospital dos Terceiros de S. Francisco, e como o lugar era pequeno, a requerimento dos frades, o conselho da camara fez aos mesmos religiosos em 1709, doação de 18 braças de chão, ao pé do outeiro, principiando da ladeira, pela face da rua, com o fundo que achasse até ao alicerce e umbral da capella dos Terceiros, para o cemiterio dos escravos:

«O juiz, vereadores e procurador do senado da camara desta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que servimos o presente anno, na forma da lei de Sua Magestade, que Deus guarde, etc. Fazemos saber aos que a presente nossa carta de doação em forma virem, que, por parte dos religiosos capuchos do convento de Santo Antonio desta cidade, nos foi apresentada uma sua petição, dizendo nella que elles, movidos da caridade e amor fraternal do proximo, desejavão accrescentar o cemiterio, que está ao pé da ladeira do dito convento, onde se enterrão os pretos que morrem nesta cidade, e como elles crescem em numero, fica o dito cemiterio, além de ser pequeno, muito diminuto, pelo que nos pe lião quizessemos, por serviço de Deus, conceder licença para se poder alargar o dito cemiterio, de sorte que possa bastar para se accommodarem os cadaveres dos muitos escravos que morrem nesta cidade, e quadra junto pela parte do alicerce da capella dos Terceiros e receberião mercê: a qual petição, sendo-nos apresentada e por nós vista com a attenção que pede, o fim para que os supplicantes pretendem a dita terra, e caridade fraternal com que é publico se empregão todos no serviço do proximo, attendendo juntamente á falta que ha nesta cidade de lugares competentes em que se sepultem os cadaveres dos mesmos escravos, que morrem, do que se tem seguido, além da falta commum, consequencias prejudiciaes, com escandalo publico; havemos por bem de doar aos ditos religiosos capuchos 18 braças de chão de testada, principiando no fim do muro da ladeira do dito convento, e fazendo face pela rua que principia na propria ladeira, e finda no outeiro de Nossa Senhora da Conceição, com os fundos que se acharem até á capella dos Terceiros, cordeando-se pela parte da base do alicerce da dita capella dos Terceiros, cuja doação havemos outrosim por bem fazer-lhes, sem obrigação, fôro ou pensão alguma.

E para do sobredito constar a todo tempo, lhes mandamos passar a presente neste livro, e por nós assignada, de que se darão aos interessados os traslados necessarios, com esta concertados e sellados com o selo deste senado.

Rio, em camra, 14 de Novembro de 1709 annos. E eu Julião Rangel de Souza o escrevi.—*Diogo Rodrigues de Faria*.—*Salvador Vianna da Rocha*.—*Domingos Ferreira*. »

Chacara da rua da Ajuda para Nossa Senhora do Desterro, que passou para os esmoleres da Terra Santa de Jerusalem, no Rio de Janeiro.

A chacara da rua da Ajuda, para Nossa Senhora do Desterro, depois rua dos Barbonos, que passou aos Esmoleres da Terra Santa de Jerusalem, pertenceu a Manoel Velloso Doria, morador em Guaratiba, e passou á sua mulher D. Anna Catharina de Alarcão, por partilha, em

vista da sentença de divorcio, obtida no juizo ecclesiastico. D. Anna Catharina de Alarcão residia nesta chacara, onde falleceu em 1701, vivendo ainda o marido. A chacara se estendia pela frente da rua, desde os terrenos, á mão direita, do Dr. Luiz da Motta Leite, a intestar com Magdalena de Barros, na esquina, hoje da rua das Marrecas. Esta chacara, onde falleceu D. Anna Catharina de Alarcão, foi dada em partilha a seu filho Antonio da Fonseca Rondon, que a vendeo por escriptura publica, no dia 5 de Abril de 1714, a Antonio Martins Meira, pela quantia de cem mil réis, recebendo á vista quarenta e dous mil réis, e o resto a pagamento com juros. No 1.º de Abril de 1716 recebendo o restante do dinheiro, na importancia de cincoenta e oito mil réis e os juros da lei, passou nova escriptura geral e plena, com quitação de mais nada lhe dever, e poder dispôr della como fosse da sua vontade.

Antonio Martins Meira, em Fevereiro de 1815, fez requerimento ao coaselho da camara, pedindo para cercar a sua chacara, comprada a Antonio da Fonseca Rondon, que intestava com a de Luiz da Motta Leite, porque sendo homem casado nesta cidade, e com varias obrigações a seu cargo, recebia grandes damnos dos moradores, que vivião nas casas de El-Rei, que lhe devassavão a sua chacara, e plantavão varios legumes, que vendião, com prejuizo seu, e por isso requeria licença para cercar os seus terrenos; porque sabia que lhe tomarião os fundos da dita chacara, por dizerem pertencer ás casas de El-Rei. A licença para Meira cercar a sua chacara, foi concedida no dia 22 do mesmo mez de Fevereiro de 1715.

Depois de estar em plena posse da chacara, casando Antonio Martins Meira uma filha com Estevão Nunes, a deu em dote; e como seu genro contrahisse dividas, foi a mencionada chacara penhorada e levada á praça, com duas escravas Mariá e Anna, por Manoel da Silva Leitão, sendo de novo comprada, com as duas escravas, pela quantia de 324\$ pelo sogro Antonio Martins Meira.

Em 7 de Julho de 1827, Antonio Martins Meira e sua mulher Paula Pinta, vendem a mesma chacara da rua da Ajuda, para o Desterro, a Manoel Barbosa Pereira por 350\$000.

Em 25 de Outubro de 1730, Manoel Barbosa Pereira representa ao conselho da camara ter comprado a Antonio Martins Meira e a sua mulher Paula Pinta, a chacara que faz testada pela rua de Nossa Senhora da Ajuda, para Nossa Senhora do Desterro, com limites da chacara de Luiz da Motta Leite, e fundos para os Arcos da Carioca Velhos, como tudo consta dos titulos que offerece, e consta das suas confrontações, e de mesmo modo partião com os seus antecessores; e ficando a camara inteirada, deu-lhe despacho em 2 de Dezembro do mesmo anno de 1730.

Os Esmolleres da Terra Santa de ha muito desejavão fazer casa, e, ou fosse real o que Manoel Barbosa Pereira revelou ou não, em 7 de Outubro de 1733, Manoel Barbosa Pereira declarou ter comprado uma chacara na rua da Ajuda, e caminho do Desterro, que parte de uma banda com os herdeiros do Dr. Luiz da Motta Leite, e da outra com Luiza da Assumpção, com dinheiro que lhe deu Fr. Manoel de Santo Antonio, vice-commissario da Terra Santa de Jerusalém, tendo a chacara 31 braças de testada, e 66 de fundos até os Arcos da Carioca Velhos, compra feita a Antonio Martins Meira, e a sua mulher Paula Pinta, nas notas do tabellião José Ribeiro Salvado, pela quantia de 350\$, com dinheiro das esmollas dadas aos Santos Lugares, e como tinha posto a chacara em seu nome, fazia nova escriptura, restituindo a seus verdadeiros donos os terrenos comprados em seu nome.

As casas ou hospicio só tinha, como ainda hoje, uma porta de entrada; mas foi construido de tal fórma, que as duas janellas lateraes da frente, ficavão com espaço para qualquer obra, que quizessem para o futuro construir; como de facto acontecer; porque serenando as desavenças entre os Esmolleres da Terra Santa, e os frades do convento de Santo Antonio, fizerão no vão correspondente á janella do lado esquerdo, uma capella consagrada a S. Francisco, que dizem alguns, fôra fundada por Fr. Francisco de Borba, com permissão do bispo D. Fr. Antonio do Desterro; e depois a requerimento de Fr. Manoel de Santo Antonio, commissario da Terra Santa, conseguiu licença para a celebração de missas, por provisão de 12 de Abril de 1749, cuja provisão foi apresentada ao desembargador Manoel Monteiro de Vasconcellos, corregedor da comarca, e lavrada por Manoel Marques, escrivão do registro do bispado do Rio de Janeiro.

Com todas estas licenças para a celebração dos officios Divinos, rasgárão porta para a rua; e me disse o venerando e illustre monsenhor Narciso Nepomuceno, de saudosa memoria, que, tendo o vigario de S. José sciencia de que se ia celebrar missa e festa, se dispóz á ir de cruz alçada, e cantando a Ladainha, tomar conta da capella, como filial á matriz; mas sendo avisados os Esmolleres, mesmo de noite mandárão fechar a porta da entrada do templo, com grades de madeira, com largas aberturas, em modo que quando pela manhã o vigario appareceu com a sua procissão, teve de retroceder, por não poder entrar no interior da igreja, por achar impedida a porta principal. Mais tarde, foi substituida a grade de madeira pela de ferro, que ainda existe.

Estando o Hospicio individado em 42:948\$120 em favor do syndico geral Antonio Alves da Silva Pinto, forão pagos aos herdeiros do mesmo, a quantia acima, Fr. Leonardo da Encarnação Sant'Anna, pedindo permissão ao governo imperial para vender a frente da chacara, que faz rua com o Passeio Publico, que estava murada, o que teve lugar

por acto de arrematação em 3 de Dezembro de 1855, conseguindo alcançar 31:000\$, que sendo entregues a Fr. José Damazio de S. Vicente Ferreira também effectuou o pagamento ao syndico Conde da Estrella no dia 7 de Julho de 1858.

Terrenos de Antonio Martins Meira 1716

Antonio Martins Meira também havia comprado a João da Silva Guirões a parte da chacara que havia herdado de sua sogra D. Anna Catharina de Alarcão por 47\$, e requerendo em Março de 1716 para ser aruado o seu terreno, no dia 5 de Março do mesmo anno, no bairro de Nossa Senhora da Ajuda adiante da Igreja o escrivão do senado da camara foi com o arruador e medidor da cidade, Paulo Ribeiro de Magalhães, em presença de Antonio Martins Meira, que apresentada a petição, com o despacho do vereador mais velho, isto é do juiz de fora, pela ordenação o capitão Manoel Azedias, pediu que se arruasse e se marcasse 6 braças de chãos, que disse ser na dita paragem que pertencem de uma banda com casas de Magdalena de Barros, e da outra com chãos dos herdeiros de Manoel Velloso Doria, os quaes declarava ao dito arruador medidor, arruar e medir, mettendo suas balizas na forma do estylo, e de que fiz auto, em que assignou o dito medidor, com Julião Rangel de Souza, que escreveu o auto e assignou.— *Paulo Ribeiro de Magalhães.*—*Julião Rangel de Souza.*

Escriptura

Escriptura de quitação geral e plenaria que dá Antonio da Fonseca Rondon, a Antonio Martins Meira. — Saibão quantos este publico instrumento de escriptura, de quitação geral e plenaria, de hoje para odo sempre virem, que, no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil sete centos e dezeseis (1716) ao primeiro dia do mez de Abril do dito anno, nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em casa de morada de mim tabellião ao diante nomeado, onde appareceu Antonio da Fonseca Rondon, morador em Paitindiba, na fazenda de Antonia Rozada, e ora estante nesta cidade pessoa reconhecida de mim tabellião, pelo mesmo aqui nomeado, e logo por elle me foi dito perante as testemunhas ao diante nomeadas e assignadas, que elle havia feito venda de uns chãos, indo de N. S. da Ajuda para N. S. do Derterro, que lhe couberão por folha de partilha de sua mãe D. Anna Catharina de Alarcão, á Antonio Martins Meira, em preço de cem mil reis, (em 1714) de que logo recebera quarenta e dous mil reis e lhe ficou restando cincoenta e oito mil reis, que tomou sobre si a razão de juro, de que tudo se fizera escriptura, em nota do tabellião João de Carvalho Mattos, em o anno de mil sete centos e quatorze, (1714) e por-

que estava pago e satisfeito, de todo o dito principal, e juros vencidos até o presente, por tudo confessar haver recebido em dinheiro de conta do, da mão do dito Antonio Martins Meira, por tanto disse que lhe dá quitação geral e plena de hoje para todo sempre, por este publico instrumento, para nunca mais lhe ser pedido cousa alguma da dita quantia e juros, e nesta forma pediu a mim tabellião, lhe fizesse este instrumento nesta nota, que acceitou, e se obrigou cumpri-lo, e guardal-o como nelle se contem em nome de quem tocar, como pessoa publica, estipulante e acceitante, e assignou com as testemunhas presentes, Pedro de Mattos e João da Costa, pessoas reconhecidas de mim tabellião Manoel de Vasconcellos Velho, que, o escrevi. — *Antonio da Fonseca Rondon.* — *Pedro de Mattos.* — *João da Cruz.*

Nada mais contem a dita escriptura que eu tabellião ao principio declarado, em razão do meu officio, authoridade judicial, e a pedido da parte a fiz passar por certidão fielmente da propria a que me reporto, em fé do que esta subscrevi e assignei, nesta dita côrte e Imperio do Brazil aos trinta de Janeiro de mil oito centos e trinta: e eu João Caetano de Oliveira Guimarães Tabellião a subscrevi e assignei. — *João Caetano de Oliveira Guimarães.*

Hospicio de Jerusalem do Rio de Janeiro 1731-

Não se pôde precisar o anno em que vierão para o Brazil os primeiros esmoleres da terra Santa de Jerusalem, porque não achei lembrança nos papeis corcomidos e livros antigos do hospicio de Jerusalem; e nem no archivo do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro; e só o que pude colligir de tudo o que encontrei, foi que o convento de Santo Antonio dava hospedagem aos primeiros esmoleres depois de 1677, quando erão poucos; mas vindo para o Rio de Janeiro em 1727 o vice-commissario da Terra Santa, com alguns donatos, não forão recebidos no convento, indo o vice-commissario, para o palacio do bispo, e os donatos para a casa do syndico.

Requerendo o vice-commissario, ao provincial de Santo Antonio, modos para si, e seus companheiros, no convento, em virtude das ordens que trasia, a mesa difinitoria de 21 de Agosto de 1733, consignou para moradia dos esmoleres, o dormitorio novo, que estava por acabar, do lado da rua do Piolho, hoje rua da Carioca, com authorisação para concluir as obras, e acrescentamentos, a custa das esmoladas aos Santos lugares: o vice-commissario aceita a offerta com condições, que não forão admittidas pelo difinitorio em 16 de Outubro do mesmo anno de 1733.

Repplicando o vice-commissario, pediu licença para fazer casas para os esmoleres, e arrecadação das esmoladas; o que lhe foi concedida pelo difinitorio de 17 de Dezembro do mesmo anno; e como tivessem com-

prado uma chacara no caminho da Ajuda, para Nossa Senhora do Desterro, com 31 braças de terreno de frente e 66 de fundos, em Setembro de 1734, depois de obtidas as licenças da camara municipal, derão começo a construcção de um hospicio, com forma de casa secular, encarregando as obras de pedreiro a Francisco Affonso, e a de carpinteiro, a Bento Gonçalves da Silva, cuja obra sendo principiada em fins de Setembro do mesmo anno de 1734, só foi concluida no seguinte de 1735.

Estando as obras do hospicio em andamento, a ambição dos frades franciscanos deu motivos a duvidas entre o difinitorio do convento de Santo Antonio, e os esmoleres da Terra Santa, do Rio de Janeiro, e recorrendo ambos por seus procuradores a El-rei, pedindo aquelle difinitorio a Sua Magestade para que revogasse a provisão de 1730, e mandasse demolir as casas dos esmoleres da Terra Santa: mas ouvido o procurador da corôa, foi este de opinião, que os esmoleres podião ter casas, e armazens, onde se abriguem e recolhão as esmolaz, e resolvidas as duvidas, no dia 7 de Maio de 1735, foi o padre Manoel Preto Coelho, syndico geral da Terra Santa, a secretaria do ultra-mar, e em presença do secretario della Manoel Caetano Lapes de Lavra, assignou termo, em que elles religiosos commissarios da Terra-Santa, em nenhum tempo alterarião as obras das casas, para sua residencia, principiadas no Rio de Janeiro, fóra do mesmo ambito, e estado em que se achavão formadas, sem capella, nem igreja; e que o vice-commissario, que nellas assistir no tempo presente, ou para o futuro, não seja senão leigo, com a comminação da pena, de que faltando a todo o referido neste termo, se mandará demolir as obras, que tivessem feito na dita cidade, a conta delles religiosos, e não serão mais admittidos na dita cidade, e capitania do Rio de Janeiro; e de como assim se obrigarão em nome e como syndico-geral dos ditos religiosos, assignou este termo com Pedro Alexandrino de Abreu Bernardes, official da secretaria do Ultra-mar, em presença do mesmo secretario.

Lisbôa Occidental, 7 de Maio de 1735.—*Pedro Alexandrino de Abreu Bernardes.*—*Manoel Preto Coelho*, syndico geral da Terra Santa.

Alvará

Dom João por graça de DEOS etc. Faço saber a vós governador e capitão-general do Rio de Janeiro, que os religiosos da Terra Santa de Jerusalém, pelo seu syndico, fizeram na secretaria do meu conselho Ultramarino, termo de que se vos remette copia, assignado pelo secretario do dito conselho, para que elle tenha o seu devido effeito, e me pareceu ordenarvos, não consintaes, que transgridão estes religiosos as clausulas do dito termo, o qual para constar a todo o tempo, mandareis registrar nas partes onde vos parecer conveniente. El-rei Nosso Senhor mandou pelos Desembargadores Manoel Fernandes Vargas e Alexandre Metek

de Souza Menezes, conselheiros do seu conselho Ultramarino; e se passou em duas vias. Pedro Alexandrino de Abreu Bernardes, fez em Lisbôa occidental á 13 de Junho de 1735

Escriptura de 1727

Escriptura de venda de uma chacara que fazem Antonio Martins Meira, e sua mulher Paula Pinta, á Manoel Barbosa Pereira, quitação e obrigação: Saibão quantos este publico instrumento de Escriptura de venda de uma chacara de hoje para todo o sempre virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e vinte sete, aos sete dias do mez de Julho do dito anno, nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, empousadas de mim Tabellião ao diante nomeado, apparecerão presentes, partes havidas e contractadas; a saber, de uma banda como vendedores Antonio Martins Meira, e sua mulher Paula Pinta, e da outra, como comprador Manoel Barbosa Pereira, pessoas reconhecidas de mim Tabellião, pelos mesmos aqui nomeados, e pelos ditos vendedores marido e mulher, me foi dito, em presença das Testemunhas ao diante nomeadas e assignadas, que elles entre os mais bens de raiz que têm e possuem, e bem assim uma chacara sita no termo desta cidade que faz testada e caminho pela rua que vai de Nossa Senhora da Ajuda, para Nossa Senhora do Desterro, que de uma banda parte com a chacara dos herdeiros do defunto sargento-mór Luiz da Motta, e da outra com casas e chãos da mesma chacara, delles vendedores, que reservão para si, elles ditos vendedores correndo os fundos até os arcos Velhos da Carioca, que ficão para a parte do mar, que a houverão por titulo da compra que della fizerão a Antonio da Fonseca Rondon, por Escriptura feita nesta mesma Nota, feita pelo Tabellião João de Carvalho e Mattos, e que depois de sua compra, derão em dote as casas della, á um seu genro Estevão Dias, e por dividas que este tinha, lh'as poserão em praça, as quaes casas arrematarão elles ditos vendedores, outra vez á si, e se achão hoje de posse de tudo, como d'antes, e que da dita chacara reservão elles vendedores uma morada de casas, de duas que tem a dita chacara, com os fundos da largura da dita chacara, digo das ditas casas, até donde elles ditos vendedores têm uma valla e cerca de páo a pique, visinha a fronteira das ditas casas, reservadas, e o mais que da dita valla e cerca houver, lhe vendem elles ditos vendedores marido e mulher, com as ditas casas e a chacara acima confrontadas e havidas, pelo dito titulo expreçado á elle dito comprador, por preço e quantia de trescentos e cincoenta mil reis, pagos ao fazer esta Escriptura, em dinheiro de contado, em moedas de ouro e prata, correntes neste Estado, que eu Tabellião dou minha fé, ver contar e receberem os ditos vendedores marido e mulher, sem falta

alguma, de que lhe davão quitação geral e plenaria da dita quantia recebida de tresentos e cincoenta mil reis, preço celebrado da dita venda, a que tudo lhe vendem, elles ditos vendedores, com tudo o que lhe tocar de terras e arvores de espinhos, e todas as mais plantas que ficarem pertencendo as terras da dita chacara, até com quem confrontar, e uma morada de casas; e sómente reservão elles ditos vendedores uma morada para si, com os fundos até chegar a dita estacada aqui declarada, com a largura que tiverem as ditas casas aqui reservadas, e lhe fazião esta venda livre de fôra, e pensão alguma ou hypotheca, e que por este publico instrumento e clausula constitue e havião por mettido de posse della e lhe cedem e traspasão toda a acção, posse, pertença que nellas tem adquirido elles ditos vendedores, para que de hoje em diante as goze elle dito comprador como suas, que lhes fição pertencendo, compradas com o seu dinheiro, e se obrigão por suas pessoas e bens assim moveis, como de raiz, elles ditos vendedores f.zer-lhes boa esta venda de paz pacifica, em todo o tempo e de estar assaz a salvo em toda a opposição de terceiro. E pelo dito comprador foi dito que elle acceitava esta escriptura de venda e compra com todas as clausulas nella declaradas, quitação, posse, acção de dominio, e senhorio e obrigação, e assim havendo-os ajustados, me pedirão lhes passasse nesta nota que acceitarão; e eu Tabellião acceito em nome de quem auzente, digo de quem tocar auzente, o direito delle, como pessoa publica e estipulante e acceitante; e assignarão como testemunhas presentes—Silvestre José Pio, digo Silvestre Rodrigues, João de Abreu Lopes, e por não saber escrever a vendedora, assignou a seu rogo João Francisco de Souza, todas pessoas reconhecidas por mim Tabellião José Ribeiro Salvado que escrevi. Antonio Martins Meira, assigno a rogo da sobre-dita vendedora Paula Pinta, José Francisco de Souza, Manoel Barbosa Pereira, Silvestre Rodrigues, João de Abreu Lopes.

Escriptura da sessão da chacara que fez Barboza aos religiosos da Terra Santa.

Joaquim José de Castro Tabellião Publico do Judicial e Notas, n'esta Côte e cidade do Rio de Janeiro, por Sua Magestade Imperial, que Deos Guarde, etc. Certifico que revendo o livro findo de Registos, numero cincoenta e dous, nelle a folhas cento duas verso, se acha registada a Escriptura que me é pedida por certidão e o seu theor e fôrma é pela maneira seguinte: Registo do Traslado de uma Escriptura de cessão e traspasse, que faz Manoel Barbosa Pereira de uma chacara e casas dos Santos Lugares de Jerusalem, apresentada em 5 de Julho de mil oito centos e trinta. Escriptura de cessão e traspasse que faz Manoel Barbosa Pereira de uma chacara e casas dos Santos Lugares de Jerusalem. Saibão quantos este publico Instrumento de Escriptura de cessão

e traspasse, ou como em direito mais lugar haja virem, que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e trinta e três annos, a sete do mez de Outubro do dito anno, nesta Villa-Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto e nas casas de morada de mim Tabellião, ahi appareceo presente e das testemunhas abaixo assignadas e o outorgante Manoel Barbosa Pereira, morador nesta Villa, pessoa reconhecida de mim Tabellião de que dou fé, e por elle me foi dito que elle assistindo na cidade do Rio de Janeiro, onde tinha negocio, e sendo syndico dos Santos Lugares de Jerusalem, com o dinheiro das esmolas destes, comprou junto com Frei Manoel de Santo Antonio, Vice-commissario dos mesmos lugares, digo dos mesmos Santos Lugares, uma chacara e casas sitas ao caminho que vai de Nossa Senhora da Ajuda, para o Desterro, extramuros da dita cidade do Rio de Janeiro, e parte de uma banda com Luiza da Assumpção, e de outra com os herdeiros do Dr. Antonio da Motta Leite, com 31 braças de testada, pelo caminho, e 66 de fundo até aos Arcos da Carioca velha, tudo na fôrma que consta da escriptura de compra feita a Antonio Martins Meira, em nota de José Ribeiro Salvado, pelo preço de 350\$, por cuja razão, e por haver comprado as ditas casas e chacara, com o dito dinheiro dos Santos Lugares, e o ter posto em seu nome, por este publico instrumento de hoje para todo o sempre, nelles ditos Santos Lugares fazia cessão e traspasse, para que suas ficassem sendo, como já erão, supposto elle outorgante que fizera a dita compra em seu nome, e que os ditos Santos Lugares por seus procuradores e bemfeitores e administradores poderão como suas possuirem a dita chacara e casa, sem constrangimento de pessoa alguma, e que enquanto não tomasse posse por este publico instrumento, e pela clausula constitue os havia por empossados, sem que fosse necessario mais autoridade de justiça. E assim disse o outorgante, deo e ajustou e assim o requereu a mim tabellião que esta lhe fizesse e acceitasse e notasse nesta nota, como pessoa publica e estipulante e acceitante, e que tudo lhe estipulei e acceitei em nome dos ditos Santos Lugares e seu procurador este assignou, sendo presentes por testemunhas Paulo Barbosa, e Manoel Marques, ambos desta villa, que todos assignaram. E eu Manoel de Barros da Rocha, tabellião, o escrevi. — Manoel Barbosa Pereira. — Paulo Barbosa. — Manoel Marques. — E não se continha mais na dita escriptura, a que eu soubreredito tabellião fiz trasladar bem e fielmente do livro de notas, a que me reporto: este conferi, subscreevi de meu signal publico e razo, de que uso nesta dita villa e seu termo. — Manoel de Barros da Rocha, tabellião que a subscreevi e assignei este em publico e razo. Em testemunho de verdade. (Estava o signal publico). — Manoel de Barros da Rocha. — Nada mais se continha na escriptura que